

JØRN
LIER
HORST

MALDADE

«Com *Maldade*, Jørn Lier Horst reivindica o primeiro lugar no pódio dos vencedores... *Maldade* é o romance mais brutal e implacável escrito por Horst até à data.

Uma implacabilidade que Horst nos transmite com elegância...

A interação entre pai e filha, entre o polícia e a jornalista, é mais uma vez retratada de forma brilhante.»

TVEDESTRANDSPOSTEN



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

JÖRN
LIER
HORST

MALDADE

Com o mesmo amor que dedica o tempo a uma
boa causa, dedica o tempo a uma boa
causa. Mas não é uma boa causa.
É uma causa que não tem fim.
E não é uma causa que não tem fim.
É uma causa que não tem fim.
É uma causa que não tem fim.

JOHN L. H. H.

Capa

Ficha Técnica

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

Jørn Lier Horst



MALDADE

Tradução de
Francisco Silva Pereira

Ficha Técnica

Título: Maldade

Título original: Illvilje

(Traduzido a partir da versão inglesa: The Inner Darkness © Anne Bruce, 2020)

Autor: Jørn Lier Horst

Edição: Cecília Andrade

Tradução: Francisco Silva Pereira

Revisão: Clara Boléo

Capa: Rui Garrido

ISBN: 9789722082457

Publicações Dom Quixote

Uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Jørn Lier Horst, 2019

Publicado por acordo com Salomonsson Agency

© Publicações Dom Quixote, 2024

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

www.leya.com



Line ergueu a cabeça e espreitou pela janela de vidro aramado da porta. Podia vê-lo agora ao fundo do corredor. Tom Kerr avançava na sua direção escoltado por guardas prisionais, à frente e atrás.

Ele tinha mudado.

Imediatamente após a sua detenção e durante o julgamento, quatro anos antes, aquela cara havia sido divulgada em todos os meios de comunicação. Escanhoad, olhos escuros e cabelo denso e curto. Bem cuidada, num esforço de criar uma boa impressão. Agora, ele assemelhava-se mais ao homem que realmente era, alguém capaz dos crimes pelos quais estava atrás das grades. Os ombros apresentavam-se mais largos, o peito mais projetado para a frente. Uma cortina de cabelo caía-lhe sobre a testa e a pele pálida revelava imperfeições. Os olhos irados estavam fixos em frente enquanto ele mascava pastilha de boca aberta, espuma de saliva acumulando-se num canto da boca.

Quando chegou à porta que o separava dos polícias que o aguardavam, ouviu-se um tilintar de chaves enquanto Tom Kerr movia a cabeça de um lado para o outro, erguia os ombros e girava-os, como se pretendesse descontraír os músculos rígidos.

Line olhou para Adrian Stiller, que em resposta assentiu com a cabeça.

Ela ergueu a máquina e deu um passo atrás, pronta para filmar.

O guarda prisional abriu a porta, deixando entrar uma corrente de ar frio na sala. A boca de Tom Kerr estendeu-se num sorriso, como se alguém tivesse dito alguma coisa que o divertisse. Quando cruzou a soleira, Line apanhou-o na sua objetiva e começou a gravar. Ele vestia umas calças de ganga, *T-shirt* cinzenta e um casaco de treino escuro.

Adrian Stiller avançou um passo para entrar no enquadramento. Um palmo mais baixo do que o homem à sua frente, tinha uma pasta numa das mãos e um radiotransmissor na outra, impossibilitando assim um aperto de

mão.

– Tom Kerr – disse Stiller num tom artificial e formal. – Aceitou participar numa visita ao local relacionado com o crime. – Olhou para a câmara. – Tudo o que disser será registado e fará parte do seu depoimento legal. No entanto, pode solicitar o conselho do seu advogado e falar com ele durante o processo, sem que isso seja registado.

Line alargou o plano para incluir Claes Thancke na imagem. O advogado de defesa, vestido com um fato escuro, calçava um par de sapatos pretos pouco apropriados para a expedição que se iria seguir.

Ele estivera envolvido em muitos casos polémicos e os seus clientes encontravam-se entre os criminosos mais notórios, aqueles dos quais a sociedade precisava de proteção. Era conhecido como um defensor competente, mas Line nunca gostara da forma como banalizava os seus casos aos olhos dos *media*.

– Sou o responsável pela visita ao local – continuou Stiller. – Estaremos ambos equipados com um microfone e um transmissor para assegurar a gravação do seu depoimento.

Gesticulou com a mão que segurava o transmissor.

– Vou afixá-lo agora na sua pessoa.

Tom Kerr respondeu com um anuir de cabeça. Stiller entregou-lhe o minúsculo microfone para que ele o pudesse inserir sob a *T-shirt* e prender na gola. Depois, contornou-o e passou algum tempo a prender-lhe o transmissor no cinto, atrás.

– Pode dizer alguma coisa para sabermos que está a funcionar?

– Teste, teste – aquiesceu Kerr, falando numa voz áspera e rouca.

Line verificou os níveis de entrada de som na sua câmara e assentiu para Stiller. Tinha-se preparado com uma bateria e capacidade de gravação para doze horas, mais do que conseguira para uma *baby-sitter*.

– Tem alguma coisa consigo? – perguntou Stiller.

– Como assim? – perguntou-lhe por sua vez Kerr.

– Tem alguma coisa consigo? Nos seus bolsos?

– Não.

Stiller tirou um par de luvas de látex do bolso de trás.

– Tenho de verificar – insistiu.

Kerr ergueu as mãos acima da cabeça, claramente um movimento já bem praticado. Stiller passou as mãos pelos bolsos do prisioneiro e pela superfície exterior das calças de ganga.

– Abra!

Tom Kerr deitou a língua de fora e depois encostou-a ao céu da boca para demonstrar que não tinha nada ali escondido.

– Descalce os sapatos – continuou Stiller.

Kerr encostou a biqueira de um dos ténis ao calcanhar do outro, descalçando-o.

– Estou aqui trancado há quatro anos – disse ele, descalçando o outro. –

Acha mesmo que encontrei alguma coisa aqui que quisesse levar lá para fora?

Sem lhe responder, Stiller pegou num dos ténis e ficou parcialmente de costas para a câmara enquanto o examinava.

Line olhou para cima, os seus olhos fixos nas costas de Stiller e nos músculos tensos sob a camisa fina.

– *Okay* – disse este, poisando os ténis à frente do prisioneiro. – Sem contar com o condutor e a operadora de câmara, seremos seis pessoas no miniautocarro, além de si.

Arrancou as luvas de látex e procurou uma lata de lixo, mas não encontrou nenhuma.

– O sargento Gram será o responsável pela segurança durante a operação – acrescentou, apontando para um polícia com fato de proteção.

Line incluiu-o na imagem.

Gram estava a postos com algemas e grilhetas para as pernas, uma precaução adicional ao transportar prisioneiros. Aproximou-se de Kerr e indicou-lhe que devia estender as mãos.

Kerr virou-se para Stiller.

– Também preciso de grilhetas nas pernas? – perguntou, parecendo contrariado.

– É ele quem decide – respondeu-lhe Stiller, apontando para Gram.

Parecia ser uma normal divisão de funções, cabendo ao agente de uniforme quaisquer aspetos de confronto.

– Foi considerado um risco de fuga – afirmou o outro secamente.

O advogado de defesa interveio:

– Vocês são oito contra um, e isto só no interior do veículo. – Acrescentou ainda: – Provavelmente, ainda estarão mais no local. Isto é realmente necessário?

– Não está aberto a discussão – respondeu Gram. – Enviou uma carta de reclamação à Direção Nacional da Polícia e recebeu aprovação para que esta visita ao local fosse efetuada sem que os nossos agentes estivessem armados.

– Sabe muito bem porque é que isso acontece – continuou o advogado. – Dois agentes dispararam durante a anterior detenção, sem qualquer justificação. Só por acaso é que ele não ficou ferido.

Ignorando-o, Gram olhou para Tom Kerr.

– Desaperte o cinto – disse.

Kerr obedeceu. Line manteve o enquadramento da imagem, documentando como Gram introduzia uma corrente com uma argola na ponta pelo interior da perna das calças e depois a prendia no tornozelo. A outra extremidade estava bem presa às algemas.

Havia um perigo real de que Tom Kerr tentasse fugir. Tinha sido condenado a vinte e um anos de prisão, com pena mínima de quinze. Isto queria dizer que, uma vez decorrido este período, a pena poderia ser prorrogada até cinco anos de cada vez, enquanto a Lei considerasse que existia um risco considerável de que ele cometesse mais crimes após a

libertação. Na realidade, era uma sentença que podia implicar prisão perpétua. Ele não tinha nada a perder se tentasse fugir.

– Estamos prontos? – perguntou Stiller.

Com um aceno de cabeça, Gram gritou uma ordem pelo rádio da polícia. Um dos guardas da prisão que os esperavam destrancou a porta de segurança seguinte, deixando-os passar para o miniautocarro estacionado no exterior.

Line mantivera a distância, aproximando-se de Tom Kerr apenas por intermédio das lentes da câmara. Agora, ele caminhava direito a ela. As algemas e as correntes nas pernas faziam com que desse passos pequenos e retardavam-lhe o andar. Ao passar por ela, Kerr virou-se e olhou diretamente para a câmara, tão perto que Line lhe pôde sentir o cheiro. Um odor húmido e rançoso que lembrava o interior de uma casa vazia há muito tempo.



– Ali – disse Hammer, apontando.

Um carro da polícia bloqueava o caminho de saibro. Reduzindo a velocidade, William Wisting ligou o pisca-pisca e parou na berma.

O outro veículo fez inversão de marcha para lhe dar espaço. Uma janela lateral abriu-se e uma agente jovem projetou a cabeça para fora. Era uma das novas recrutas na secção de patrulha, mas ele não se conseguia lembrar do nome dela.

Avançando um pouco, Wisting parou ao lado do outro carro e baixou o vidro da janela. Ocorreu-lhe então que o nome dela era Marlene. Marlene Koht.

– Eles ainda não chegaram – disse-lhe ela.

– Estamos um pouco adiantados – disse ele por sua vez. – Houve algum trânsito?

Marlene Koht abanou a cabeça.

– Estamos aqui estacionados há três horas – respondeu, tirando uma prancheta do colo. Uma folha de papel com uma pequena lista dos nomes das pessoas que tinham entrado ou saído estava ali presa por uma mola de aço. – Estamos a falar de apenas alguns moradores locais – explicou ela.

Hammer inclinou-se para a frente no banco do passageiro e olhou para ela.

– Nada de imprensa? – perguntou.

– Nada de imprensa – assegurou-lhe Marlene Koht.

Wisting agradeceu-lhe. Uma revoada de pedrinhas castigou os guardalamas quando ele arrancou e seguiu em frente.

Os campos negros que flanqueavam o carro tinham sido arados recentemente e o caminho acidentado acabou por levá-los a uma densa floresta de folha caduca. Naquela altura, meados de setembro, algumas

árvores já tinham começado a perder as suas folhas amareladas.

O caminho acompanhava um muro baixo de pedra seca. Aqui e ali, estreitos caminhos de acesso conduziam a uma ocasional cabana de verão. Passados alguns minutos, chegaram a um espaço aberto onde as ruínas de uma antiga serração se erguiam ao lado de um prado.

Wisting virou e estacionou o carro, tendo o cuidado de não bloquear o acesso aos outros quando chegassem.

Eram 10h50.

Abrindo a porta do carro, agarrou-se à estrutura com as duas mãos para se levantar e sair. Era um dia ameno de outono com um sol pleno. Por um ou dois momentos, deixou-se ficar a ouvir o chilrear dos pássaros algures ali perto. Depois, fechou a porta atrás de si, dirigiu-se à dianteira do carro e recostou-se no capô.

Hammer estava ao lado dele com as mãos enfiadas nos bolsos das calças.

– O que é que te parece? – perguntou.

– É possível – respondeu Wisting, semicerrando os olhos na direção da floresta no outro extremo do prado.

Ele e Hammer tinham estado ali quatro dias antes e percorrido muitos daqueles caminhos estreitos. Estavam familiarizados com o terreno. Eftangland era uma península que compreendia cerca de quinhentos hectares de campos ondulantes e cobertos de florestas e terras agrícolas. A leste situava-se uma área pantanosa antes que a estrada em Ulaveien formasse uma fronteira natural. Em todas as restantes direções, a paisagem terminava num litoral que alternava entre rochas lisas e enseadas rasas de areia.

Ela podia estar algures ali.

Taran Norum.

A rapariga tinha dezanove anos e desaparecera quando regressava a casa depois de uma festa com alguns colegas de turma em Bekkelaget, a menos de seiscentos metros do seu bairro. A busca começara por volta das 14h do dia seguinte. Tudo o que fora encontrado tinha sido o seu telemóvel e um sapato.

Nada ligava Tom Kerr ao seu desaparecimento, mas, dois meses antes, Thea Polden tinha desaparecido de forma idêntica numa área residencial em Stovner. Alguém havia apontado as semelhanças, mas as especulações só tinham começado depois de Salwa Haddad desaparecer quando voltava de casa do namorado em Hellerud. Três raparigas da mesma idade desaparecidas em circunstâncias semelhantes. Os cadáveres maltratados de Thea Polden e Salwa Haddad tinham sido encontrados mais tarde perto do lago Nøklevann. Taran Norum fora a segunda a desaparecer, mas, à medida que o caso se fora desenrolando, e posteriormente em tribunal, ela fora referida como «a terceira vítima», aquela que nunca tinha sido encontrada.

– Mas os cães deviam ter detetado alguma coisa quando estiveram aqui – observou Wisting.

Tirando uma saqueta de rapé de debaixo do lábio, Hammer largou-a num monte de serradura cinzenta.

– Isso foi há quase cinco anos – disse ele. – Não sei até que ponto eles são eficientes, para dizer a verdade. Seja como for, não é garantido que a totalidade do corpo se encontre no mesmo lugar. Afinal, os outros tinham sido desmembrados.

Mergulhado nos seus pensamentos, Wisting passou a biqueira do sapato pelo chão. Tinham decorrido cinco dias desde que haviam sido informados de que a terceira vítima de Tom Kerr poderia estar escondida naquele distrito policial. Um companheiro de prisão contactara as autoridades penitenciárias e dissera-lhes que Kerr lhe tinha confessado que assassinara Taran Norum. Confrontado com esta alegação, Kerr admitira surpreendentemente isso mesmo aos investigadores do grupo de Casos Arquivados da Kripas, a Divisão Central de Investigação, e expressara a sua disponibilidade para lhes mostrar onde a tinha enterrado.

– Não sei o que é que o Tom Kerr está a tramar – continuou Hammer. – Mas não acredito inteiramente que queira colaborar com a polícia.

– Estratégia – disse Wisting.

Em troca da sua confissão, Kerr solicitara a transferência da instituição penal onde se encontrava presentemente detido para as condições menos draconianas da prisão de Halden. Isto significaria que seria poupado ao contacto com prisioneiros com doenças mentais e que lhe seriam dadas maiores oportunidades educacionais. Uma confissão completa seria considerada um acerto de contas com o passado e também demonstraria o tipo de mudança de comportamento considerada necessária para uma posterior avaliação de liberdade condicional.

Wisting não estava seguro de que, a longo prazo, isto pudesse ajudar Kerr a sair da prisão. Os crimes daquele homem eram tão brutais e tão permeados de malevolência que seria necessário muito mais do que aquilo para garantir a sua libertação e regresso à sociedade.

As negociações com Kerr tinham envolvido o Diretor-Geral do Ministério Público e a Direção Nacional da Polícia, prolongando-se durante várias semanas. O próprio Wisting nunca tivera qualquer relação com Kerr, visto que fora o Distrito Policial de Oslo a investigar os homicídios. Kerr não tinha nenhuma ligação com o distrito policial de Wisting, mas agora havia referido a serração Refsholt como o ponto de encontro mais apropriado para lhes mostrar o local onde estava enterrada a sua terceira vítima.

Tornava-se óbvio que ele estivera lá, uma vez que fizera uma descrição pormenorizada do prado, da velha serração e dos restos de máquinas ali deixados, mas não lhes soubera explicar por que motivo havia escolhido aquele local específico.

O rádio da polícia preso no cinto de Hammer ganhou vida. O transporte penitenciário com Kerr sob custódia anunciou a sua chegada à estrada principal.

Quando Kerr designara um ponto de encontro, a área em redor da serração fora revistada por cães especializados na deteção de cadáveres, com a

esperança de encontrar alguma coisa antes dele. Isto não produziu resultados, reforçando os argumentos daqueles que consideravam que a própria visita ao local estava a ser usada como disfarce para uma tentativa de fuga. Nas primeiras horas da manhã, um posto de controlo tinha sido montado no final da estrada de acesso e vários veículos sem identificação haviam sido colocados a distâncias estratégicas em todas as estradas circundantes. Eles tinham tomado todas as precauções.



O miniautocarro negro era escoltado por duas patrulhas uniformizadas. Atrás deles, o advogado seguia num Mercedes com vidros escuros.

Um cão-polícia enjaulado começou a ladrar assim que os veículos pararam.

Adrian Stiller foi o primeiro a sair. Não houvera nenhuma investigação ativa sobre o desaparecimento de Taran Norum nos últimos quatro anos. Todas as pedras tinham sido viradas. As pistas tinham arrefecido e os documentos foram transferidos para o grupo de Casos Arquivados da Kripas como uma questão de rotina, dando a Stiller a responsabilidade pela nova investigação.

Wisting e Stiller trocaram um aperto de mão.

– Helicóptero? – perguntou o segundo, erguendo os olhos para o céu azul de outono.

– O novo helicóptero foi redirecionado para uma operação de busca em Kongsvinger – explicou Hammer. – Uma criança de nove anos que desapareceu. Mas eles podem pôr-se aqui em trinta e cinco minutos. O antigo está na revisão. O Gram está ao corrente.

Hammer apontou com a cabeça na direção do polícia corpulento que estava parado junto à porta de correr aberta do miniautocarro, a falar ao telemóvel. Kittil Gram participara nas reuniões preparatórias nas quais as diversas responsabilidades tinham sido divididas. Na expedição propriamente dita, o único papel de Wisting e Hammer seria o de observadores.

– Eu teria organizado um sobrevoo e uma câmara com termodeteção para ver se há alguém na área – disse Stiller.

Dirigiu-se a Gram e, após uma consulta rápida, pareceu que tinham decidido ir em frente. Depois de Gram dar algumas ordens breves, o cão pisteiro foi libertado e o miniautocarro começou a esvaziar-se. Saíram

primeiro dois polícias, seguidos por uma terceira, que Wisting cumprimentou com um aceno de cabeça. Maren Dokken. Quando ela cumprira o seu período probatório no Departamento de Investigação Criminal, revelara-se uma agente impressionante. Senhora de um olhar analítico necessário para captar pequenos pormenores cruciais, um dia havia de dar uma excelente detetive, mas de momento trabalhava na secção de patrulha.

Line surgiu com a sua câmara cinematográfica. Wisting, que detestava a ideia de a ter ali e desaprovava veementemente que Stiller a empregasse para aquele fim, cruzou os braços sobre o peito.

Os seus caminhos profissionais já se tinham cruzado antes: ela como jornalista e ele como detetive. Ambos tinham sido claros quanto aos respetivos papéis e mantido a sua integridade individual, mas ele não gostava de a saber tão perto de um homem como Tom Kerr, tão perto de tamanha maldade.

Mais perspicaz, Line via o quadro geral. Haviam-lhe sido recusados os direitos de uso posterior das gravações num documentário e entrara em contacto com uma produtora interessada na sua ideia. Isto não era difícil de entender. Os crimes que Tom Kerr cometera eram extraordinariamente brutais e o seu julgamento não conseguira obter todas as respostas. Longe disso: Tom Kerr tivera sem qualquer dúvida um colaborador desconhecido, alguém a quem os *media* chamavam «o Outro».

A principal objeção de Wisting era que havia espaço de sobra para que se registasse uma interferência e conflito de papéis num projeto como aquele. Line não podia trabalhar ao mesmo tempo num documentário e para a polícia. Embora consciente de que o seu trabalho para a Kripos teria de terminar formalmente antes de poder prosseguir com o documentário, ela considerava que a sua presença durante a visita ao local permitiria uma abordagem narrativa única. De qualquer forma, isto ainda estava tudo no futuro. Primeiro, o homicídio de Taran Norum tinha de ser esclarecido e Tom Kerr considerado culpado em tribunal. O que poderia demorar anos, mas era um processo que Line fazia questão de seguir.

Wisting recuou para se juntar aos outros, que estavam reunidos em semicírculo em redor do miniautocarro. Tom Kerr apareceu na porta e as grilhetas das pernas tilintaram quando ele desceu do estribo para o chão.

Parando por um momento, primeiro levantou a cabeça para olhar o céu antes de examinar todos os indivíduos cuja presença aquela operação exigia. Os seus olhos poisaram finalmente no seu advogado.

– Temos de falar – disse.

Claes Thancke deu um passo em frente e olhou para Stiller.

– Onde é que o podemos fazer, sem sermos perturbados? – perguntou o advogado.

– Podem voltar para o miniautocarro – sugeriu Stiller.

A expressão de Thancke assumiu um tom cético, como se ele suspeitasse de que o veículo pudesse estar sob escuta.

– Não o podemos fazer no meu carro? – perguntou.

Stiller olhou para Gram, que respondeu:

– Se eu puder ficar com as chaves.

Tirando-as do bolso, Thancke atirou-as ao polícia.

– Tire-me o gravador – insistiu Tom Kerr.

Adrian Stiller avançou para lhe retirar o cabo do microfone e o transmissor enquanto Kittil Gram examinava o interior do carro do advogado.

– Banco de trás – disse ele, mantendo a porta aberta.

Assim que o advogado e o cliente se sentaram lá dentro, os polícias de uniforme montaram guarda à volta do veículo.

Claes Thancke representava a terceira geração de advogados de defesa da sua família e era um dos mais polémicos do país. Wisting cruzara-se com ele em vários casos e tinha-lhe alguma consideração. Polémico e muito criticado, mostrara-se provocador ao expressar o seu apoio à legalização dos narcóticos, por exemplo, à introdução da eutanásia, permissão da prostituição e eliminação da idade mínima para consentimento sexual. Tratava-se de opiniões que desafiavam e ofendiam muitos. Ele fora forçado a suportar ser apelidado de porco chauvinista e misógino, mas Wisting respeitava-o como guardião das opiniões minoritárias e considerava-o um recurso valioso para o Estado de Direito. Porta-voz distinto e destemido, defendia os excluídos mais fracos da sociedade e aceitava os casos menos populares. Sempre imparcial, demonstrava grande cuidado e preocupação com os seus clientes. Muitos deles eram infratores desprezados: pedófilos, violadores, assassinos, racistas e abusadores conjugais.

Tom Kerr era um deles. Agora com quarenta e três anos, Thancke defendera-o pela primeira vez vinte e cinco anos antes. Na altura, tinha sido considerado culpado de sete acusações de voyeurismo e morte de animais de estimação pertencentes a vários dos seus vizinhos. Wisting tinha lido o que se passara: no tribunal, Kerr dera como explicação o facto de encontrar um escape para a sua raiva torturando e matando animais.

Wisting mal era capaz de distinguir os contornos dos dois homens atrás dos vidros escuros do carro. De vez em quando, conseguia detetar algum movimento, como se um deles estivesse a apontar ou a esclarecer alguma coisa.

– Sobre que raio é que eles têm de conversar? – perguntou Hammer, parecendo agitado. – Meu Deus, passaram uma hora juntos na prisão antes de partirem.

Wisting perguntou a si mesmo se devia falar com Line, mas naquele momento as portas do carro abriram-se de novo. Claes Thancke alisou o casaco do fato enquanto Tom Kerr esperava. Stiller aproximou-se para recolocar o microfone e o transmissor e Line colocou os auscultadores.

– Está pronto? – perguntou Stiller.

Assentindo, Kerr cuspiu para o chão antes de levantar as mãos tanto quanto as algemas lho permitiam e apontar para um caminho do outro lado do

prado.

– Vamos por ali – disse.



O caminho em questão era pouco utilizado. Line, em quinto lugar no cortejo, imediatamente atrás de Stiller, via-se continuamente forçada a agarrar os galhos das árvores que ressaltavam para trás depois de os outros passarem.

Conhecera Adrian Stiller por intermédio de dois casos anteriores. O primeiro fora quando ela ainda trabalhava para o jornal *Verdens Gang*, fazendo um *podcast* sobre um caso de sequestro não resolvido na década de 1980. O outro tinha sido no ano anterior, quando ela fora destacada para uma equipa de investigação especial, encarregada de descobrir as origens de uma considerável quantidade de dinheiro encontrada na cabana de verão pertencente a um político recentemente falecido. Ela contribuíra para a resolução de ambos os casos.

Stiller tinha-se revelado um investigador metódico, mas ela também descobrira que ele tinha sempre um motivo oculto em tudo o que fazia.

Esta era a terceira missão que ela realizava para ele e para o grupo de Casos Arquivados. A primeira envolvia a produção de ilustrações para uma publicação interna. A segunda exigia que documentasse uma reconstituição durante a qual um homem confessara um homicídio cometido quase doze anos antes.

Isto, no entanto, era diferente.

Quando ele lhe tinha telefonado, uma semana antes, ela inicialmente pensara que fosse para a convidar para sair. De algum modo, era algo que ficara no ar, e ela já tinha ensaiado como havia de recusar. Embora ele fosse atraente e a diferença de idades não fosse tão significativa – era apenas seis anos mais velho –, ela preferia manter a relação profissional que tinham desenvolvido.

O longo cortejo avançava lentamente ao longo do caminho, sem que ninguém pronunciasse uma palavra.

Line não fazia ideia do que Tom Kerr dissera sobre o homicídio de Taran Norum, mas sabia muito bem o que ele havia feito às outras duas vítimas.

Tratara-se de crimes cruéis e sádicos, com ambas as raparigas mantidas em cativeiro durante vários dias, sujeitas a tortura sexual e, no fim, sofrendo mortes angustiantes. Tinham sido violadas repetidamente, inclusive com vários instrumentos, e alguns deles aquecidos antes de serem usados. Em cada um dos casos, os intestinos e o trato urinário apresentavam-se rasgados e danificados internamente, e as autópsias mostraram que os mamilos haviam sido arrancados com um alicate enquanto as vítimas ainda estavam vivas. Depois de mortas, os seus corpos tinham sido desmembrados e a cabeça, braços e pernas separados do resto do corpo, provavelmente para facilitar o descarte dos cadáveres.

Ela virou-se sem desviar a câmara e reparou que o seu pai era um dos últimos na fila. Parecia velho, pensou ela, os seus movimentos lentos. Se não fosse o facto de Tom Kerr se ver retardado pelas grilhetas, ele provavelmente teria ficado para trás.

Uma árvore derrubada pelo vento bloqueava o caminho e Kerr precisou de ajuda para passar por cima dela.

– Stiller!

Chamou Wisting.

– Sim?

– Uma palavra antes de prosseguirmos?

Adrian Stiller ordenou que o cortejo parasse enquanto Wisting se aproximava. Line ouviu a conversa murmurada pelos auscultadores, transmitida graças ao microfone de Stiller.

– Não gosto disto – disse o pai. – Já estamos há mais de cem metros neste caminho. Não vejo lógica nenhuma nisto.

– O que é que te vai na cabeça? – perguntou Stiller.

– Os outros locais onde ele as enterrou ficavam a menos de vinte metros de onde ele estacionou o carro. Por que raio teria carregado este corpo até tão longe?

Stiller olhou para trás ao longo do caminho antes de se virar e olhar para a frente.

– Falta muito? – perguntou, dirigindo-se agora a Kerr.

Line fechou o enquadramento no prisioneiro e ouviu através dos seus auscultadores enquanto ele estalava os beijos e voltava a cuspir para o chão.

– Não – foi a resposta.

– Quanto, então?

Kerr encolheu os ombros e presenteou-o com uma resposta lenta:

– Umhas centenas de metros. Quando chegarmos a um velho curral de ovelhas no lado direito, com uma abertura. Então, estamos lá.

Stiller deu alguns passos na direção dele.

– Porque é que a trouxe para tão longe da estrada? – perguntou.

– Para que não fosse encontrada – respondeu Kerr. – Resultou, não?

– Eu sei qual é o curral de que ele está a falar – Line ouviu o pai dizer. – Fica pelo menos uns trezentos metros mais à frente.

Gram foi ter com eles.

– E então? – perguntou.

Stiller não teve oportunidade de responder antes de Claes Thancke intervir:

– Lamento que seja um percurso a pé tão grande, mas tem de lhe ser permitido que nos mostre o local exato onde ela pode ser encontrada – disse ele em tom irónico.

– Isto devia ter sido esclarecido antes – disse Gram.

– Ele recusou-se a dar-nos essa informação enquanto não estivéssemos aqui, no local – explicou Stiller. – Não quis especificar a direção que tomaríamos nem quão longe seria.

Correntes chocalharam mais adiante no caminho. As grilhetas faziam com que Tom Kerr tivesse de baixar a cabeça para coçar a testa.

– Continuamos em frente – decidiu Stiller.

Kittil Gram enviou o agente cinotécnico à frente com instruções para avançar até ao curral das ovelhas. Os outros continuaram ao ritmo de Tom Kerr. Passados alguns metros, este tropeçou na raiz de uma árvore. Caiu para a frente e tentou estender as mãos, mas as algemas impediram-no. Ele conseguiu virar-se de lado para que o ombro direito absorvesse o impacto quando caiu no chão.

Dois homens tiveram de o levantar.

– Está bem? – perguntou-lhe Adrian Stiller.

Kerr não respondeu – estava ocupado a sacudir-se numa tentativa de se livrar da terra que ficara na roupa em resultado da queda.

– Estas grilhetas não são apropriadas para uma caminhada pela floresta – protestou Claes Thancke. – É certamente desnecessário expor o meu cliente a este risco. Ele está a colaborar e encontra-se aqui para ajudar a polícia.

– Isto faz parte da colaboração – comentou Kittil Gram, verificando se as algemas ainda estavam no devido lugar. – Continuem.

Seguiram em frente, Tom Kerr ainda determinando a velocidade e as folhas secas do ano anterior farfalhando sob os seus pés. Line passara a câmara para a outra mão e agora levava-a à altura das ancas. Embora não pesasse mais do que alguns quilos, era difícil segurá-la mais alto e parecia pesada e incómoda.

À medida que o caminho se alargava e virava para norte, a floresta circundante assumiu um outro carácter e as densas árvores de folha caduca foram substituídas por outras, mais altas, com troncos tortos e ásperos e galhos retorcidos.

Quando Tom Kerr se virou e olhou para trás, Line ouviu-lhe a respiração pelos auscultadores: irregular e sem fôlego.

Ao virar-se novamente, ele perdeu o equilíbrio e, embora o polícia mais

próximo tentasse agarrá-lo, caiu pesadamente.

Line fechou o plano da câmara. Quando ele foi levantado de novo, reparou que tinha um pequeno corte na face a sangrar.

– Tem aí um arranhão – observou Kittil Gram. – Quer que se trate disso, ou continuamos?

Claes Thancke protestou mais uma vez sobre o uso de algemas e grilhetas, mas não teve resposta.

– Vamos – respondeu Kerr.

Passados dois minutos, uma velha cerca de arame farpado tornou-se visível à direita do caminho. Os pastos do outro lado estavam cobertos de mato e alguns postes tinham apodrecido. Fragmentos quebrados da cerca jaziam na erva alta.

O agente cinotécnico enviado à frente aguardava ao lado do que restava de um portão. A partir dali, o terreno descia em direção a um riacho.

O cortejo parou.

– Descemos por ali – disse-lhes Kerr, inclinando a cabeça para o lado.

– É um terreno muito mais difícil do que aquele que percorremos até agora – salientou Claes Thancke. – Não é de todo aconselhável descê-lo acorrentado. Estão a fazer com que o meu cliente corra o risco de sofrer um ferimento grave.

Enquanto Kittil Gram e Adrian Stiller conversavam com Wisting, Line ajustou os auscultadores. Usá-los deixava-lhe as orelhas suadas, mas manteve-os para ouvir a conversa.

– Ele tem razão – disse Wisting.

Stiller concordou.

Wisting olhou para o prisioneiro e depois para Gram.

– Parece-te bem se tirarmos as grilhetas? – perguntou.

Gram assentiu numa concordância relutante.

– Desde que as algemas fiquem.

– Nesse caso, fazemos o que ambos pretendem – disse Stiller.

Tom Kerr teve de alargar o cinto para depois Gram abrir a argola em redor do tornozelo e, então, passar a corrente pelo interior da perna das calças. Em seguida, Gram desprendeu as grilhetas das algemas e entregou-as a um polícia que tinha uma mochila.

Levando as mãos ao rosto, Kerr passou os dedos pelo ferimento que tinha na face. Ficou com dois dedos sujos de sangue e olhou para eles por um momento antes de os levar à boca e lambê-los.

O cão pisteiro ladrou com impaciência quando Kittil Gram deu ordem para continuarem.

Agora o andamento tornava-se mais fácil para Kerr, mas ele não ia mais depressa. Desceu na diagonal pelo antigo pasto em direção ao ponto onde o riacho emergia das árvores. Parecia haver uma abertura na cerca e um caminho para carroças do outro lado.

Os agentes de uniforme seguiram-no, espalhando-se atrás dele, como se

nenhum deles quisesse aproximar-se demasiado do prisioneiro. Line procurou o seu pai e viu que ele e Nils Hammer estavam na retaguarda. Com as suas solas pouco apropriadas, o advogado também tinha ficado para trás.

De repente, os movimentos de Tom Kerr alteraram-se. O homem fletiu os joelhos e projetou o corpo para a frente. Line ouviu uma inspiração profunda nos seus auscultadores. Então, ele desatou a correr.



Os gritos alertaram Wisting, que seguia mesmo no fim daquele cortejo de catorze pessoas, com os pensamentos já centrados na fase seguinte da operação. Se Tom Kerr fosse capaz de identificar o local onde Taran Norum estava enterrada, ele ficaria responsável por todo o processo de desenterrar os restos mortais e organizar os subsequentes exames forenses. Eles iam ter de libertar o caminho para conseguirem entrar com um veículo de tração às quatro rodas apetrechado com todo o equipamento necessário.

Quando ele ouviu os gritos, Tom Kerr estava a correr na direção do caminho de carroças que atravessava a floresta no outro lado do campo. De alguma forma, conseguira livrar-se de uma das algemas que agora lhe pendia do outro pulso enquanto corria. Já tinha uma boa vantagem de quase dez metros quando atravessou a abertura na cerca.

De repente, um estrondo ensurdecedor. Wisting viu-se cegado por um clarão de luz intensa e atirado ao chão. Cores de padrões grotescos giravam diante dos seus olhos e uma cacofonia de gritos e berros enchia o ar. Uma chuva de terra e areia caiu em seu redor depois de ele ser atingido de todas as direções.

Com os ouvidos a zumbir, estava com dificuldade em respirar e teve de forçar o ar a entrar nos pulmões.

Apoiando-se nos cotovelos e depois pondo-se de gatas num esforço para recuperar, estava a tentar compreender o que havia acontecido. Um jovem polícia rastejava em pânico pelo chão, produzindo barulhos ininteligíveis. Wisting levantou-se, tropeçando nos próprios pés, e avançou. Outro oficial cambaleava de um lado para o outro, os braços rigidamente esticados, as roupas em farrapos, a cara coberta de pó e de sangue, irreconhecível. Levantou a cabeça e olhou para cima antes de cair de joelhos e desfazer-se em soluções incontroláveis.

Wisting abriu bem a boca para desentupir os ouvidos. Alguém gritou, um grito agudo e penetrante, e ele voltou-se para a fonte do barulho. Maren Dokken já corria ao encontro de um colega da sua idade, caído no chão e a contorcer-se com dores. Ela tinha o uniforme rasgado em pedaços e estava a sangrar de vários cortes no rosto. O braço esquerdo apresentava-se hirto e ensanguentado ao lado do corpo.

Dando alguns passos iniciais hesitantes, Wisting examinou a cena e avistou Line esparramada no chão. Correu direito a ela, mas a filha já estava à procura da sua câmara enquanto tentava levantar-se.

– Não saias daqui! – ordenou ele, poisando-lhe uma mão autoritária no ombro. – Não vás a lado nenhum.

Manteve-se naquela posição enquanto fazia por obter uma visão geral dos acontecimentos. Cada músculo estava tenso e a adrenalina bombava-lhe na corrente sanguínea. O pulso martelava-lhe na têmpora e o cheiro a dinamite provocava-lhe um ardor no nariz.

Na entrada do bosque, uma cratera abrira-se no solo, com os restos do curral das ovelhas destruídos. Dois polícias estavam estendidos no chão, contorcendo-se e gritando com a dor e o choque.

– Fica aqui! – repetiu ele à filha.

O agente cinotécnico gritou uma ordem e enviou o lobo-da-alsácia a ladrar na direção em que Tom Kerr havia fugido, antes de ir atrás dele. Kittil Gram tentou chamá-los de volta.

– O caminho pode estar minado! – avisou.

Nesse momento, ouviram-se dois rápidos tiros de pistola entre as árvores e o ladrar do cão foi interrompido de imediato.

Wisting concentrou-se nos polícias feridos. Um deles fizera um esforço para se sentar e estava agora a tossir coágulos de sangue. O outro parecia ter um pé praticamente arrancado. Já não estava a gritar, antes jazendo pálido e inconsciente na erva alta. Hammer chegou e verificou-lhe a respiração e o pulso. Wisting levantou-lhe a perna do pé lesionado para reduzir o fluxo de sangue. Ao desamarrar a bota do homem, tendões e músculos mutilados ficaram pendurados da ferida aberta.

Hammer tirou o casaco e arrancou a camisa, rasgando-a em tiras antes de lha entregar. Wisting enfiou algumas das tiras na ferida aberta antes de enrolar as restantes na perna do polícia, deixando-as bem apertadas.

– Preciso de assistência médica urgente – ouviu Gram transmitir pelo *walkie-talkie*. – Houve uma explosão de granada. Três colegas estão gravemente feridos e pelo menos outros quatro apresentam ferimentos ligeiros.

A central telefónica tinha conhecimento da natureza desta operação e a operadora recebeu a mensagem sem fazer quaisquer perguntas adicionais. Vários dos outros polícias da comitiva tinham sofrido pequenos cortes no rosto e no nariz e estavam a sangrar dos ouvidos. Gram ordenou que dois deles voltassem ao miniautocarro em busca de um estojo de primeiros

socorros e também para retirar as armas ali guardadas. Outro tomou o lugar de Wisting.

O rádio da polícia voltou a fazer-se ouvir e outra voz, mais autoritária, solicitou um relatório da situação.

Kittil Gram olhou para o caminho de carroças onde Tom Kerr havia desaparecido.

– Já não temos a custódia do prisioneiro – disse. – Ele está armado e desloca-se a pé na direção leste-sul.

– Precisamos de bloqueios nas estradas – disse Wisting. – E do helicóptero.

Gram pegou de novo no *walkie-talkie* e, usando os seus conhecimentos do local, pediu que fossem instalados postos de controlo em cruzamentos e outros pontos estratégicos.

– Também precisamos do apoio do Heli 3-0 e que o Uniform 3-0 seja preparado – continuou.

O Uniform 3-0 era o barco da polícia, geralmente atracado nesta altura do ano.

– Entendido – foi a resposta do outro lado.

Stiller, com a cara salpicada de terra e areia, estivera ao telefone. Encerrou a conversa e foi ter com eles.

– Tenho uma equipa sem identificação a controlar as estradas mais próximas – disse ele. – Quatro unidades.

Um transmissor de rádio crepitou.

– Helicóptero-ambulância a caminho – anunciou a operadora. – A equipa médica de emergência está a chegar com um médico e cinco veículos.

Gram acusou a receção destas informações.

Outras chamadas iam sendo transmitidas nas ondas aéreas. Unidades a caminho, comunicando posições e estimando o seu tempo de chegada. Gram respondia e dirigia as equipas.

A situação em redor tornou-se mais clara. Os polícias feridos estavam a ser cuidados e não havia mais nada que se pudesse fazer além de esperar por assistência médica.

Wisting olhou para o homem inconsciente. O tecido da camisa que lhe envolvia o tornozelo estava saturado de sangue, mas o fluxo sanguíneo parecia estancado. Ele aparentava vinte e poucos anos. Tinha o uniforme em farrapos e a cara respingada de sangue.

– Ele vai ficar bem – tranquilizou-o Hammer. – Não tem nenhum outro ferimento externo grave, além do pé.

– Estou mais preocupado com a possibilidade de a explosão ter causado ferimentos internos – disse Stiller, olhando para um polícia que estava sentado a tossir sangue. – De ter danificado os pulmões.

Hammer pegou no seu casaco e vestiu-o.

– O que é que aconteceu? – perguntou, enquanto olhava em redor.

Percorrendo o perímetro da cratera, Wisting estudou o solo e encontrou

o que procurava: uma linha de pesca esticada acima da erva.

– Um detonador – observou Hammer. Agarrou nela e puxou-a, revelando a cavilha de segurança de uma granada de mão pendurada numa das pontas.

– Ele fê-la deflagrar quando passou pela abertura na cerca – disse, apontando.

Wisting olhou para o caminho de carroças por onde Tom Kerr escapara. O agente cinotécnico aproximava-se agora deles, as mãos e o uniforme encharcados com o sangue do cão que jazia algures atrás dele.

O som das sirenes era audível ao longe.

O agente baixou o som do rádio preso ao bolso da camisa e olhou em volta com raiva. Os seus olhos fixaram-se em Claes Thancke, como se tudo aquilo fosse culpa do advogado.

– Ele tinha a porra duma pistola – disse, erguendo as mãos ensanguentadas. – Alguém lhe deixou aqui uma arma.

Os homens que Kittil Gram enviara aos veículos para trazerem estojos de primeiros socorros e armas já tinham regressado. Um deles também trazia um mapa, que tratou de abrir. A posição de Wisting era um pouco periférica no círculo que se formou em torno dele, mas conseguiu orientar-se. Identificou o riacho e a linha pontilhada que indicava o caminho de carroças por onde Tom Kerr havia fugido. Levava a uma estrada particular que permitia o acesso a um conjunto de cabanas de verão na costa e a alguns ilhéus adjacentes.

– *Okay* – disse Gram, endireitando-se. – Três homens.

Apontou para o agente cinotécnico e para dois dos mais velhos e experientes que ainda estavam em condições para serviço ativo.

– Quero uma busca ao longo daquele caminho, até à beira da água.

Os três encarregados da tarefa armaram-se e o agente cinotécnico foi nomeado responsável.

Gram estava prestes a acrescentar mais alguma coisa, mas foi interrompido por uma chamada da central telefónica:

– A chefe de polícia convocou uma reunião de emergência com pessoal-chave. Ela deu as seguintes ordens preliminares: *Não pode ser permitido que o Tom Kerr abandone a área. Ele tem de ser detido por todos os meios necessários.*

– Entendido – respondeu Gram, examinando os rostos à sua volta para se certificar de que todos haviam captado a mesma mensagem.

Claes Thancke, que se mantivera calado, manifestou-se:

– Por todos os meios necessários – reiterou, a voz mais instável do que o normal. – O que é que ela quer dizer com isso?

Não teve nenhuma resposta.

Ouviu-se o som de metal contra metal quando o agente cinotécnico puxou a correição e ficou com a arma pronta para disparar. Os dois homens ao seu lado seguiram-lhe o exemplo e partiram.



A câmara estivera sempre a filmar.

Os primeiros paramédicos, com o respetivo equipamento às costas, surgiram no caminho em passo de corrida. Um deles levava uma maca. Line seguiu-os com a câmara até ao local do incidente.

Era impressionante a rapidez e eficiência com que a situação tinha sido controlada. Nos primeiros minutos após a explosão, reinara o caos total. Os gritos de dor do polícia cujo pé ficara desfeito pela explosão eram angustiantes. Um homem com um braço ferido parecia completamente atordado.

Coubera a Kittil Gram assumir o comando das operações. As circunstâncias eram complexas e confusas, mas ele rapidamente percebeu a extensão dos danos, distribuiu as tarefas e providenciou os primeiros socorros necessários. Feito isto, concentrou-se no prisioneiro a monte.

Tinha uma vasta área para se esconder. Dez anos antes, quando trabalhava como repórter no jornal local, Line estivera ali em ligação com uma operação de busca de uma criança perdida de seis anos. Voluntários e pessoal da Cruz Vermelha tinham passado o terreno a pente fino, usando também cães e um helicóptero. Mesmo assim, haviam sido necessárias mais de vinte e quatro horas para encontrar o menino. Exausto e gelado até aos ossos, mas em relativa boa forma, tinha rastejado de debaixo de uma cabana ao ouvir vozes nas proximidades.

Line fechou o plano no seu pai, que se encontrava a cerca de quinze metros dela. O rosto dele mostrava-se tenso. A gravidade da situação era clara nas linhas gravadas em redor dos olhos escuros e acima do nariz. Através do microfone de Stiller, ela podia ouvi-lo a falar sobre a área circundante.

Cerca de trezentos residentes permanentes tinham casa ali. No verão, a população multiplicava-se muitas vezes com os turistas, mas poucos deles se

encontravam lá agora, já no fim da temporada. Havia centenas de cabanas de férias vazias, caso Tom Kerr estivesse à procura de um lugar para se esconder, mas provavelmente tentaria obter um carro ou um barco para conseguir escapar. Isto queria dizer que todos os que viviam na área estavam em perigo. Tom Kerr conduzia a polícia a uma armadilha e estava em fuga, armado com uma pistola. Persegui-lo poderia facilmente provocar situações em que ele recorresse a ameaças para obter um veículo ou até, em última instância, fizesse reféns.

Virando-se para ela, Wisting olhou diretamente para a câmara, como se acabasse de perceber que ela estava a filmar. Stiller fez o mesmo. Trocaram olhares antes de se dirigirem a ela.

Line baixou a câmara, mas não interrompeu a gravação.

– Conseguiu filmar o que aconteceu? – perguntou-lhe o pai.

– Acho que sim – respondeu Line. – Estava a tentar ficar com o Kerr sempre no centro da imagem, mas não sei o que é que, na realidade, aconteceu. Vou ter de ver as imagens para perceber o que tenho.

– Quando é que me podes enviar o ficheiro? – quis saber Stiller.

– Assim que chegar a casa.

Stiller assentiu com a cabeça.

– Podes guardar a câmara agora.

– Algum problema se eu continuar a filmar? – perguntou ela.

Stiller pareceu pensar um pouco antes de apontar para a câmara.

– Só tens de ter presente que todo o filme é propriedade da polícia – respondeu. – Não podes usar nada disso sem a nossa aprovação.

– Claro – respondeu ela, levantando a câmara mais uma vez.



O barulho de um helicóptero podia ser ouvido a leste. Wisting consultou o relógio. Era demasiado cedo para que fosse o helicóptero da polícia e, de qualquer forma, aproximava-se pelo lado errado. Devia ser o helicóptero-ambulância. Olhou para as copas das árvores, mas não conseguiu vê-lo.

O telemóvel de Stiller tocou. Ele ouviu uma mensagem breve antes de retirar o minúsculo microfone e puxar o cabo por baixo da camisa.

– Vais ter de vir comigo – disse ele a Wisting.

– Aonde é que vais?

Stiller não lhe respondeu. Soltando o transmissor do cinto, entregou-o a Line juntamente com o microfone.

– Não me sigas – disse-lhe.

– Aonde é que vocês vão? – quis ela saber.

Sem lhe responder também, Stiller voltou-se de novo para Wisting.

– Preciso do teu conhecimento local – disse-lhe, usando a cabeça para indicar a direção dos veículos estacionados.

O helicóptero-ambulância surgiu agora sobre as suas cabeças. Ao aproximar-se das árvores, ficou a pairar no ar enquanto a erva se acachapava por baixo dele. Depois, pousou cautelosamente num terreno nivelado perto do riacho. O rotor desacelerou e uma porta abriu-se. Dois homens de fato-macaco vermelho desceram e avançaram, curvados, sob as pás do rotor.

Wisting estabeleceu contacto visual com Hammer, dando-lhe a saber por meio de gestos que ia sair com Stiller.

– O que é que estás a fazer? – perguntou depois, voltando-se para Stiller.

– Ele está aqui algures – respondeu Stiller. A sua voz mal podia ser ouvida acima do barulho do helicóptero. – Esta pode ser a nossa hipótese de o encontrar.

Wisting examinou os arredores. Ele não estava a falar de Tom Kerr, mas

do «Outro», o cúmplice de Kerr.

Encontraram vários paramédicos no caminho de regresso aos carros. No espaço aberto ao lado da antiga serração, os veículos tinham sido deixados o mais perto possível do caminho.

Uma encardida carrinha de entregas branca estava estacionada atrás do miniautocarro em que Tom Kerr havia chegado. Wisting reconheceu-a imediatamente como a carrinha usada para operações especiais. A última vez que estivera no seu interior, estava equipada com matrículas lituanas e com o logótipo publicitário de uma empresa de construção fictícia. Agora, era completamente anónima.

Stiller abriu as portas e deixou Wisting entrar à sua frente. Um homem, sentado diante de uma parede de ecrãs de computador, estendeu a mão a Wisting.

– Ove Hidle – apresentou-se ele, sem referir um título profissional ou local de trabalho.

Stiller fechou a porta atrás de si.

Ove Hidle foi direto ao assunto:

– Segui-o pela floresta até ao caminho de saibro – disse, apontando para um mapa no ecrã maior.

Wisting não teve dificuldade em orientar-se. Reconheceu as pastagens que desciam até ao riacho e o local onde a granada explodira.

Ove Hidle consultou o relógio.

– Ele esteve em movimento até há catorze minutos – disse.

– Onde é que está agora?

– Aqui.

Hidle apontou para um aglomerado de construções no extremo de um caminho, quase à beira da água. Um ponto vermelho era visível acima de uma delas.

– Coloquei um transmissor nos sapatos dele antes de sairmos da prisão – explicou Stiller. – Só para jogar pelo seguro.

– Então é ali que o Tom Kerr está? – perguntou-lhe Wisting, apontando para o ecrã.

Ove Hidle entregou-lhe um pacote de toalhitas desinfetantes.

– Temo-lo sob estrita vigilância – assegurou-lhes, passando do mapa para uma imagem de satélite da mesma área e depois ampliando.

Wisting estudou a imagem enquanto limpava as manchas de sangue das mãos. Havia seis cabanas de verão com anexos e outras construções adjacentes, doze unidades ao todo. O ponto vermelho indicava que Tom Kerr estava no interior de um anexo da casa de um capitão da marinha, pintada de branco. Cinquenta metros abaixo, havia um cais e um barco à vela ao lado.

– Ele já está ali há um quarto de hora – acrescentou Hidle.

Wisting sentou-se num assento vago. Estimou que se haviam passado trinta e três minutos desde a explosão. Kerr demorara dezoito minutos a chegar às cabanas mais próximas. Depois, decidira não dar nas vistas.

– Então, vocês dois acham que ele está à espera de alguém – disse Wisting, virando-se para Stiller. – Que ele está à espera do Outro.

– Ele vai ficar quietinho até que tudo acalme – disse Stiller. – Até que a polícia se vá embora. Então, o cúmplice vem buscá-lo.

– Mas de certeza que a polícia não abandona a área enquanto todas as propriedades não forem revistadas – objetou Wisting.

– Eu sei isso – concordou Stiller. – Preciso da tua ajuda para convencer a chefe de polícia e as chefias a cancelarem a operação aqui.

Um cético Wisting mordeu o lábio. Ouviu-se uma sucessão de mensagens no rádio *walkie-talkie* de Stiller. Uma voz ofegante anunciou que um par de algemas tinha sido encontrado no local onde o caminho de carroças terminava, numa estrada que conduzia às cabanas onde agora Tom Kerr aparentava estar.

– Podemos optar por apanhá-lo já, imediatamente. Ou podemos esperar até que o Outro chegue e apanhar os dois – continuou Stiller. – Mas é preciso tomar uma decisão antes que as equipas de busca o encontrem.

– Vou telefonar à Kiil – disse Wisting, sacando do seu telemóvel.

Agnes Kiil tinha sido nomeada Chefe de Polícia do novo e alargado distrito policial após a reorganização que incorporara as regiões de Telemark, Vestfold e Buskerud. Wisting estava satisfeito com a escolha e a nomeação. Ela era uma mulher com visão e também com uma boa noção do papel do investigador profissional.

– Wisting – disse ela ao atender a chamada. – Estou numa reunião de emergência com os meus colegas. O que é que nos podes dizer?

Mentalmente, Wisting visualizou os vários responsáveis reunidos para aconselhar nas decisões estratégicas que teriam de ser tomadas em casos excecionais como aquele.

– A fuga foi cuidadosamente planeada – começou ele. – Tudo indica que o Kerr teve ajuda. Temos razões para acreditar que o chamado Outro é a pessoa que lhe prestou assistência.

– Vou passar para alta-voz – informou Kiil.

O que Wisting lhe ia sugerir era extremamente delicado.

– Quem está aí contigo? – perguntou, para ter a certeza de que nenhum estranho estava presente.

Agnes Kiil debitou os nomes dos membros destacados para a comissão de emergência e Wisting prosseguiu:

– Localizámos o Tom Kerr por intermédio de um rastreador eletrónico – disse, explicando como aquilo tinha sido feito.

Ninguém no outro lado da linha fez qualquer comentário sobre o que, estritamente falando, era um exemplo de vigilância ilegal.

– Acreditamos que ele esteja à espera de mais ajuda para abandonar a área – continuou Wisting.

– O que é que isso quer dizer?

– Que ele está à espera de que a polícia se retire da área para que o

cúmplice que lhe organizou a fuga o possa vir buscar.

– O que é que estás realmente a sugerir? – perguntou Agnes Kiil.

– Que alteremos isto, de uma operação de busca para uma missão de vigilância. Sabemos onde está o Tom Kerr. Podemos esperar até que a visita apareça.

O polícia encarregado dos pormenores operacionais da ação interrompeu:

– Então, onde é que está o Tom Kerr, exatamente?

– Numa cabana de verão – esclareceu Wisting. – Trata-se de uma posição bastante aberta, mas o terreno e a vegetação circundante permitem uma observação em pontos escondidos. Há uma estrada que leva até lá, mas a abordagem mais eficaz seria pelo mar. São cerca de cinquenta metros desde a cabana até a um cais. Posso enviar as coordenadas.

Lá fora, um helicóptero passou por cima da carrinha. O polícia ferido com mais gravidade estava a caminho do hospital.

– O que está a sugerir exige uma operação secreta – disse o oficial responsável. – Não podemos simplesmente avançar sem mais nada. Temos de ser capazes de demonstrar alguma atividade na área durante as próximas horas.

– Isto também implica que, na prática, vamos enganar deliberadamente os meios de comunicação social – interveio outra voz. Wisting presumiu que pertencesse ao oficial responsável pela informação e comunicação.

A chefe de polícia voltou a fazer-se ouvir:

– Dêem-nos algum tempo para discutir melhor a questão – disse. – Eu depois ligo.



Wisting olhou para o marcador vermelho no ecrã, esperando que ele se movesse a qualquer instante.

– Vai haver uma investigação sobre isto – disse ele. – Um inquérito interno.

– A responsabilidade era vossa – disse Stiller.

Wisting olhou para ele. Não estava interessado em atribuir culpas, mas sabia que Stiller tinha razão. O seu distrito policial ficara com a responsabilidade pelas medidas de segurança relativas à condução da visita ao local. Os pormenores práticos haviam sido atribuídos a Kittil Gram, que preparara um plano abrangente, mas o uso de armas não tinha sido aprovado.

– Não estou a culpar ninguém – continuou Stiller. – Só te estou a dizer quem vai ser o alvo dos Assuntos Internos.

– Atravessamos essa ponte quando lá chegarmos – disse-lhe Wisting. – Mas, para dizer a verdade, isto nunca deveria ter sido possível. Desde o momento em que foi decidido tirar o Tom Kerr da penitenciária, deviam ter verificado todas as comunicações dele. Nunca lhe devia ter sido dada qualquer hipótese de descobrir em que dia pretendiam levá-lo. Assim, não teria tido a oportunidade de planejar nada.

– Isso não era viável – explicou Stiller. – Tínhamos de o fazer num dia que também fosse conveniente para o advogado dele.

– Mas os telefonemas e as cartas deviam ter sido monitorizados, fazendo com que lhe fosse impossível comunicar com alguém de fora sem ser intercetado.

– Nós *fizemos* isso – assegurou-lhe Stiller. – Mas não conseguimos supervisionar as visitas.

– Quem é que o visitou?

– Uma mulher a quem ele escreve, o irmão e um «amigo» da Cruz

Vermelha.

– Uma mulher? – repetiu Wisting. – Alguma espécie de admiradora?

– Parece que sim, pelas cartas deles – respondeu Stiller. – Poderia ter sido ela quem levou informações e instruções para dentro e fora da prisão.

– Quem é ela?

Ove Hidle pegou numa pasta.

– Lone Mellberg – disse ele, sem a abrir. – Quarenta e três anos. Vive num apartamento de cave em Hokksund. Divorciada, com uma filha de dezoito anos, mas não tem a guarda. Trabalha numa mercearia. Cadastro imaculado.

– Há quanto tempo dura essa troca de cartas? – perguntou Wisting.

– Há quase três anos.

– Eles conheciam-se anteriormente?

– Não.

– Quando é que ela o visitou pela última vez?

– Ontem.

Passando a mão pelo cabelo, Wisting percebeu que estava cheio de terra e areia da explosão.

– As visitas deviam ter sido recusadas até que a deslocação ao local estivesse despachada – comentou.

Stiller encolheu os ombros de um modo que dava a entender que era fácil falar depois do acontecimento.

– Isto não tem necessariamente alguma coisa a ver com o Outro – acrescentou Wisting. – Ele podê-la-ia ter convencido a ajudá-lo. Explicar-lhe como obter uma arma e uma granada de mão e depois instalar aquele cabo.

– Talvez – admitiu Stiller, apontando para Ove Hidle, que mudou a imagem do mapa no ecrã.

– Também a temos sob vigilância – disse ele.

Uma fotografia de satélite de Hokksund apresentava uma mistura de casas e áreas industriais ao lado do rio Drammen. Um marcador vermelho era visível no meio de um grande estacionamento.

– Ela está no trabalho – esclareceu Hidle, aproximando a imagem no ecrã. – Isto é o supermercado Kiwi. Temos um rastreador no carro dela. Está no estacionamento dos clientes.

– Além disso, temos vigilância visual dela – acrescentou Stiller. – Um carro sem identificação com dois agentes.

– Há quanto tempo estão a vigiá-la? – perguntou Wisting.

– Desde o princípio desta manhã.

– Então, ela poderia ter estado aqui ontem ou ontem à noite e feito os preparativos para a fuga?

– Isso é teoricamente possível – admitiu Stiller. – Estamos à espera de informações da Via Verde sobre os veículos que passaram nas portagens.

– Também estão a vigiar o irmão dele e o tal amigo? – perguntou Wisting.

Abanando a cabeça, Stiller explicou que não fora possível por falta de recursos.

– Optámos por assestar as baterias na Lone Mellberg. Ela parece a mais influenciável. Alguém fácil de persuadir, mas é perfeitamente possível que o Tom Kerr esteja a comunicar com alguém de fora, a fazer passar cartas para dentro e para fora por intermédio de visitas de outro recluso, ou mesmo de um funcionário. Já aconteceu e ele teve muito tempo para fazer planos.

No exterior, ouviram o barulho de um veículo pesado e a seguir o bater de portas de carro. Depois, ordens gritadas. O compartimento de carga onde se encontravam não tinha janelas, mas um ecrã mostrava-lhes o que estava a acontecer por meio de câmaras externas. Um grupo de oito homens da Unidade de Emergência estava a descarregar material e a equipar-se.

O telemóvel de Wisting tocou, mas ele deixou-o ficar na mão.

– Já previas que ia acontecer alguma coisa – disse ele, fixando os olhos em Stiller. – Que ele ia planear uma fuga com ajuda exterior. Nunca se tratou de encontrar a Taran Norum. Foi sempre uma questão de atrair o Outro.

Stiller absteve-se de responder, mas lançou um olhar ao telemóvel de Wisting, que continuava a tocar. O visor mostrava que a chamada era da chefe de polícia Kiil.

Wisting atendeu sem tirar os olhos de Stiller.

– Vamos fazer o que sugeres – disse Kiil numa voz de aço. – Apanhemos os dois.



O helicóptero da polícia tinha chegado e agora descrevia círculos acima do prado antes de pousar no lado sul da antiga serração.

Wisting estava a postos para os receber. O rugido das pás do rotor vibrava-lhe por todo o corpo enquanto a deslocação do ar fazia com que as árvores abanassem e a erva ondulante se espalmasse.

A porta da cabina abriu-se. O líder da Unidade de Emergência de Oslo tirou os auscultadores e poisou-os no assento antes de se dirigir a Wisting. Atrás dele, os restantes saltaram e começaram a organizar o equipamento.

– Stenberg – disse ele, aceitando a mão estendida de Wisting. – Disseram-me que tem informações para mim.

– Venha comigo – disse Wisting, fazendo-lhe um sinal com a cabeça.

Conduziu-o à carrinha de entregas onde Stiller acompanhava os movimentos de Tom Kerr. O responsável pela unidade local, Robert Vinje, também lá estava. Fora encarregado da operação, substituindo Kittil Gram. Wisting procedeu a uma breve apresentação antes de ir direito ao assunto:

– Antes de o Tom Kerr ser retirado da prisão, foi-lhe colocado um rastreador eletrónico no interior de um dos sapatos – explicou. – Isto quer dizer que agora sabemos que ele se encontra numa cabana de verão a cerca de 1,7 quilómetros daqui.

Deu tempo aos recém-chegados para estudarem as imagens de satélite no ecrã.

– Ele teve ajuda para fugir – continuou. – Talvez do mesmo tipo que o ajudou a cometer os homicídios pelos quais foi condenado.

– O Outro – disse Robert Vinje.

Wisting assentiu em resposta.

– A nossa avaliação é que o Kerr está escondido à espera de ajuda mais tarde – acrescentou. – Por outras palavras, a pessoa que o ajudou nos

preparativos para a fuga vem buscá-lo. A chefe de polícia e a sua equipa de emergência querem que façamos uma retirada simulada, abandonando a área no decorrer da tarde, após aquilo que aparentará ser uma operação de busca infrutífera.

O líder da Unidade de Emergência aproximou-se do ecrã com a imagem de satélite e assentiu, como se aprovasse o plano.

– Temos três homens que se encontram nas proximidades – continuou Wisting. – Receberam ordens para não se aproximarem do edifício.

– Ele poderia ter encontrado o rastreador? – perguntou Stenberg, sem tirar os olhos do ecrã. – Isto poderia ser um sinal falso?

Wisting deixou Stiller responder.

– Ele tem dois dispositivos com ele – explicou o outro, algo que era uma novidade para Wisting. – Um no sapato direito e o outro no cós traseiro das calças.

– Como é que conseguiram colocá-los sem que ele desse por isso?

– Na revista corporal antes de sair da prisão – explicou Stiller. – Para gravar tudo o que ele dissesse durante a visita ao local, ele foi equipado com um microfone e um transmissor preso ao cinto nas costas. A segunda unidade de rastreio foi instalada nessa altura. Não são maiores do que a cabeça de um daqueles alfinetes de sinalização.

Ove Hidle lançou outra imagem de ecrã, idêntica à anterior. O transmissor no cós e o rastreador dentro do sapato continuavam no mesmo lugar.

– Temos de assegurar a captura do prisioneiro – disse o chefe de operações local.

Hidle desviou-se para dar espaço à frente dos ecrãs aos dois homens responsáveis pela implementação prática da operação. Ambos discutiram o terreno, estratégias alternativas, locais onde poderiam estabelecer postos de observação e possibilidades de interceptar qualquer fuga futura, fosse de carro ou de barco a partir do cais.

Stenberg emitiu uma série de instruções no seu *walkie-talkie* e recebeu respostas por meio de um auricular. Cada movimento que fazia e cada palavra que pronunciava transmitiam autoridade.

Precisaram de menos de cinco minutos para chegar a acordo quanto a um plano de ação.

– *Okay* – disse Stenberg, dirigindo-se para a porta de correr. – Vamos montar um posto de comando aqui fora. O Vinje fica lá. – Olhou para o colega antes de se virar para Stiller. – Vocês todos vão ter de estar acessíveis.

Adrian Stiller assentiu.

– O helicóptero vai voltar para reabastecer dentro de cerca de meia hora – continuou Stenberg. – Depois, regressa e fica aqui mais duas horas. O mais importante é que o barco da polícia fique de sobreaviso até que tudo isto acabe. Os nossos homens estarão a par de tudo, mas, fora isso, mantemos isto estritamente confidencial.

– Muito bem – concordou Wisting.

– Então, vamos avançar – disse Stenberg, encerrando a conversa enquanto abria a porta.

Ele e Robert Vinje saíram. Os seus homens estavam prontos e à espera, e duas patrulhas caninas também haviam chegado. Wisting procurou Nils Hammer, mas provavelmente ainda estava junto ao curral de ovelhas com Line. Hammer era o seu segundo em comando e, como tal, queria que ele estivesse perfeitamente a par da situação. Pegou no telemóvel para lhe ligar, mas esperou antes de marcar o número. Algo em Stiller lhe dizia que ele, Wisting, ainda não estava a par de tudo.

– Há mais alguma coisa que eu deva saber? – perguntou.

Adrian Stiller hesitou.

– Não no que a isto diz respeito – acabou por responder.

– Permite-me que seja eu a decidir isso – disse Wisting.

Stiller fechou a porta da carrinha e hesitou de novo antes de se lançar numa explicação:

– Acreditamos que este ajudante começou a agir por conta própria – confidenciou.

Quando Wisting já estava sentado, Adrian Stiller deu-lhe um nome:

– Nanna Thomle.

Wisting reconheceu o nome dos *media*. O caso estava sob a jurisdição do Distrito Policial de Øst. Ela tinha desaparecido numa noite de sábado, em meados de julho, depois de uma noite no centro da cidade de Oslo. Apanhara o comboio para casa em Lillestrøm e o último avistamento confirmado era de uma imagem de CCTV₁ na estação ferroviária. Ela morava a cerca de quinhentos metros dali e em algum ponto daquele percurso tinha desaparecido. Três semanas depois, um homem encontrara o braço direito dela na floresta de Svartskog, a sul de Oslo. Uma busca na área resultara na descoberta do resto do corpo numa campa rasa. Os animais tinham-na escavado entretanto e desenterrado várias partes.

Era o mesmo *modus operandi* que Tom Kerr e o seu cúmplice haviam usado. Raptar mulheres novas sozinhas que tinham saído à noite. Desmembravam os corpos antes de se livrarem deles.

– As partes do corpo dela tinham sido encharcadas em lixívia – acrescentou Stiller.

Este também era o método preferido de Tom Kerr. Desmembrara as suas vítimas para conseguir acondicionar os corpos numa banheira que depois enchia com uma solução de cloro líquido. Algumas das lesões nos intestinos e no trato urinário tinham lugar quando ele usava a mesma solução para limpar as vítimas internamente. Isto era feito antes do desmembramento, enquanto as vítimas ainda estavam vivas.

– Era um método eficaz para eliminar evidências biológicas – comentou Wisting. – Outro criminoso podia ter adotado o mesmo *modus operandi*.

– Ela foi maltratada da mesma maneira – contrapôs Stiller. – Os

mamilos foram arrancados com um alicate. Foram usados os mesmos nós para lhe amarrar os pulsos e os tornozelos.

As vítimas de Kerr tinham sido amarradas a uma cama em casa dele enquanto o abuso tinha lugar. Muito provavelmente, aqueles nós apenas teriam sido desfeitos depois de elas morrerem.

– Um lais de guia com um nó volta do fiel como segurança – elaborou Stiller.

Este era um pormenor do caso de que Wisting não se lembrava.

– Entendo – disse ele.

– Agora, o Outro já operou sozinho uma vez – continuou Stiller. – Aachamos que é apenas uma questão de tempo até que volte a acontecer. Passaram-se dois meses desde que levaram a Thea Polden e que a Taran Norum desapareceu, mas apenas quatro semanas até que a Salwa Haddad foi raptada.

– Então vocês criaram uma oportunidade para que o Tom Kerr tentasse fugir? – perguntou Wisting. – Para atrair o Outro?

– Considerámos essa possibilidade – admitiu Stiller.

– Quase custou a vida de três polícias.

– Nenhum dos nossos cenários previstos tinha em conta que algo como isto pudesse acontecer – disse Stiller. – Pensámos que talvez ele pudesse aparecer num carro. Era por isso que tínhamos veículos sem identificação em todas as estradas próximas. Nunca imaginámos nada assim.

Wisting não tinha a certeza até onde Stiller estaria disposto a ir. Da forma como a situação se encontrava agora, podia parecer que tudo tinha corrido conforme planeado.

– Arriscámos muito – continuou Stiller. – Esperamos que o plano ainda venha a produzir resultados.

Wisting olhou novamente para o marcador vermelho no ecrã. Enquanto o fazia, o ponto fez um movimento quase impercetível, como se Tom Kerr estivesse a andar de um lado para o outro na casa.

Pegou no telemóvel e ligou a Hammer.

– Tenho de falar contigo – disse.



Seguindo Hammer, Line regressara à área aberta ao lado da antiga serração. Tornara-se um ponto de encontro tanto para os serviços de resgate como para as equipas de resposta. No caminho, cruzara-se com equipas especialmente treinadas da Unidade de Emergência e agentes cinotécnicos com os seus cães. O helicóptero da polícia pairava no alto em círculos cada vez maiores.

Os polícias feridos foram retirados e transportados, enquanto três ambulâncias se mantinham a postos no pasto de verão juntamente com outros veículos de emergência. O ar fremia com o crepitar dos rádios *walkie-talkie*, o zunzum das conversas e toques de telemóveis. Ela levantou a câmara para registar a desolação, a ansiedade e a perplexidade.

Tinha-se passado uma hora e dezassete minutos desde a explosão. Os primeiros jornalistas haviam aparecido entretanto e agora encontravam-se amontoados na estrada, depois de se verem escoltados para longe da barreira do perímetro externo. Para os mais ansiosos, a alternativa teria provavelmente sido abrir caminho por sua conta pelo meio da floresta. Line reconheceu vários deles. Eram os que tinham uma distância mais curta a percorrer, representando os jornais locais de Sandefjord e Larvik, além de um repórter e de um operador de câmara da delegação provincial da *NRK* em Tønsberg. Também avistou alguns fotógrafos que presumiu serem *freelancers*.

Pegou no telemóvel para verificar que tipo de informação tinha transpirado. A história era a manchete do seu antigo jornal, *VG*. Pelo menos três agentes haviam ficado feridos em ligação com uma operação. Um dos responsáveis no terreno confirmava uma explosão, mas não podia dizer mais nada sobre o que acontecera. Um segmento de um mapa ilustrava aproximadamente onde a explosão tivera lugar. O *VG* também dava a saber que se registava uma grande atividade policial na área e que vários bloqueios

rodoviários haviam sido montados. Todo o tráfego de saída da localidade estava a ser verificado e todo o de entrada tinha sido interrompido.

Morten Pludowski apareceu entre os outros jornalistas, com o seu cartão de imprensa do *VG* pendurado ao pescoço. Era um dos colegas com quem ela mais tinha aprendido e com quem melhor trabalhara aquando da sua passagem pelo *VG*, mas também um daqueles com quem discordava com mais frequência e que mais a faziam perder a calma.

Ela não tinha grande vontade de se deixar ver, visto que isso a colocaria numa posição difícil. Ele estaria certamente em ânsias para saber o que tinha acontecido, mas ela assinara uma declaração de confidencialidade e não podia adiantar nada.

No entanto, era tarde demais. Ele acenou-lhe – qualquer tentativa de o evitar agora seria uma tolice.

Dirigindo-se a ele, deu-lhe um abraço amistoso e apontou para os outros membros da imprensa com um inclinar de cabeça.

– Chegaste depressa – disse ela.

– Tive sorte – respondeu Morten P. com um sorriso. – Estava em Tønsberg noutro trabalho quando chegou esta mensagem.

Afastou-se alguns passos dos outros, e Line acompanhou-o.

– O que é que estás a fazer aqui? – quis ele saber.

– *Freelancer* – respondeu Line. – Trabalho de documentação para a polícia.

– O que é que isso quer dizer? – perguntou Morten P. – O que é que se passa aqui, realmente?

– A minha boca é um túmulo – respondeu-lhe Line. – Se eu te disser alguma coisa, nunca mais trabalho para eles.

Morten P. assentiu em sinal de compreensão. Era um homem magro e desajeitado, com cerca de quarenta anos, mas os seus olhos eram atentos e curiosos.

– Entendo – disse ele. – Prometeram-nos uma declaração à imprensa à uma da tarde.

Line consultou o relógio. Faltava mais de um quarto de hora.

– Mas uma explosão – prosseguiu Morten P., recuando um passo para a examinar com atenção. – Estavas lá quando aconteceu?

Line olhou para as suas roupas, salpicadas de terra e com manchas de erva. Ficara com o braço esquerdo sujo com sangue do pai depois de este ter ajudado um dos polícias feridos.

– Tenho tudo gravado – respondeu ela, apontando para a câmara. – Mas a gravação pertence à polícia – acrescentou, percebendo que já tinha falado demais. Assim que o jornal soubesse da existência de uma gravação, o editor e a sua equipa jurídica batalhariam incansavelmente pela oportunidade de a utilizar.

Line deixou-se ficar ali com os outros jornalistas, mas manteve-se firme no interior da fita do local do crime que delimitava uma extensa área. Se a

cruzasse, provavelmente ser-lhe-ia difícil voltar a entrar.

Incapaz de ver o pai ou Adrian Stiller, concluiu que provavelmente estariam no interior da carrinha de entregas branca na qual vira Nils Hammer desaparecer.

O repórter da *NRK* estava a transmitir em direto. Descreveu o cordão policial pelo qual haviam tido de passar para chegar à sua localização atual, mas não tinha nada de novo a acrescentar sobre o incidente propriamente dito. O *Dagbladet* e a TV2 apareceram no local, seguidos pouco depois por um repórter de rádio do canal P4.

O helicóptero da polícia que ocasionalmente pairara acima deles partiu na direção norte. Já era quase uma da tarde. Chegaram mais alguns jornalistas. Line perguntou a si mesma quem seria o porta-voz da polícia; certamente Stiller, uma vez que toda a operação fora iniciativa dele.

No entanto, foi o seu pai quem se apresentou.

Avançou com passos largos em direção ao corpo de imprensa ali reunido. De alguma forma, conseguira uma camisa e um casaco que não estavam sujos de sangue nem de terra. Tanto a camisa como o casaco eram um tamanho abaixo e ele parecia desconfortável com a tarefa que lhe coubera, mas Line sabia que, no fundo, ele sentia que informar a imprensa equivalia a informar o público. E o público tinha sempre o direito de saber, pelo menos de acontecimentos como aquele.

Line distanciou-se do grupo de imprensa e filmou os jornalistas em vez do pai. Podia sempre consultar uma gravação da declaração dele mais tarde. O que ela queria era a reação quando ele comesse a falar sobre Tom Kerr.

Ela estava sozinha. Não era como uma daquelas conferências de imprensa nos Estados Unidos, onde todas as autoridades relevantes se reuniam atrás de um porta-voz, como que para garantir uma documentação visível de que faziam parte de uma notícia importante ou de um incidente dramático.

– Vou ser breve. – Começou o pai dela por dizer, sem consultar quaisquer notas: – Ainda estamos envolvidos numa operação em curso.

Os jornalistas ocuparam os seus lugares quase como se estivessem num exercício. As equipas de filmagem e os que estavam a transmitir em direto ficaram com as melhores posições e foram rodeados pela restante imprensa com diversos tipos de aparelhos de gravação. Os fotógrafos com as objetivas mais potentes ficaram atrás.

Line verificou a bateria. Podia continuar durante mais meia hora antes de ter de a trocar.

– O meu nome é William Wisting – continuou o pai. – Encontro-me aqui na qualidade de inspetor-chefe do Departamento de Investigação Criminal da esquadra de polícia de Larvik. – Fez uma breve pausa antes de prosseguir: – O grupo de Casos Arquivados da Kripos pretendia hoje tomar novas medidas na investigação de uma pessoa desaparecida, um caso já com cinco anos. O assassino condenado, Tom Kerr, expressara a sua disponibilidade para nos

indicar onde tinha enterrado a Taran Norum. – Os obturadores das câmaras clicavam sem cessar. – Durante esta visita ao local, o Tom Kerr conseguiu escapar às medidas de segurança que tinham sido implementadas. Está armado e deve ser considerado perigoso.

Um dos jornalistas interrompeu o *briefing*:

– Então, o Tom Kerr fugiu?

– Fugiu daqui às 11h23 – confirmou o pai. – Vestia uma *T-shirt* cinzenta, um blusão Adidas escuro, calças de ganga e ténis cinzentos. Serão divulgadas fotografias dele tiradas na semana passada.

Morten P. foi a voz mais sonora naquele grupo à frente de Wisting:

– As mensagens que recebemos diziam que vários polícias ficaram feridos numa explosão.

O pai de Line assentiu.

– Foram usados explosivos durante a fuga – admitiu. – Três polícias foram levados para o hospital. Vários outros foram tratados no local em virtude de ferimentos ligeiros.

Ignorou as perguntas que começaram a chover.

– Ser-nos-á certamente permitido que adiemos a divulgação de quaisquer pormenores adicionais sobre o que aconteceu. Deixem-me apenas repetir, para concluir, que Tom Kerr é perigoso e está armado. Os residentes da área devem ficar em casa e manter as portas trancadas. Se alguém avistar o Tom Kerr, pedimos que não estabeleça qualquer contacto físico nem verbal, mas que a polícia seja notificada imediatamente. Obrigado.

Girou nos calcanhares e refez os seus passos, abrigando-se atrás dos carros da polícia ali estacionados.



Line manteve a câmara focada no grupo de jornalistas. Estava a sentir-se bastante cínica: era uma sensação que a assombrava com alguma frequência quando trabalhava como jornalista e a sua única tarefa num acidente ou tragédia consistia em reportar. Tinha concluído o seu trabalho para Stiller e agora estava a filmar apenas com a ideia de usar as gravações num documentário sobre Tom Kerr e o Outro. A já bizarra história acabara de sofrer uma reviravolta dramática e ela tinha material único em seu poder.

Deixou a câmara varrer lentamente a área circundante.

Claes Thancke, o advogado, estava a falar com Stiller e com o pai dela, fora da vista dos repórteres. Abanou a cabeça quase melodramaticamente antes de arrancar para o seu carro. Alguns jornalistas avistaram-no e gritaram o nome dele. Thancke ergueu a mão com desdém ao entrar no veículo, partindo enquanto as câmaras o seguiam.

Line foi ter com Stiller e com o pai.

– Onde é que está o teu carro? – perguntou-lhe este último.

– Está na sede da Kripos em Oslo – respondeu Line, apontando com a cabeça na direção de Stiller. – Eu devia voltar para lá assim que o Kerr estivesse de novo em segurança na prisão.

– Leva o meu – disse-lhe o pai, tirando as chaves. – Temos de ver as imagens do que aconteceu.

Line estava desejosa de ficar.

– Podem ver na câmara – sugeriu. – Agora mesmo.

Stiller abanou a cabeça.

– Não somos os únicos interessados nelas – disse ele. – Vais ter de as transferir para um servidor ou qualquer coisa assim, para que a chefe de polícia e as chefias da Kripos também possam dar uma olhadela.

Line suspirou. Se se tivesse lembrado de levar o seu portátil, poderia ter

feito aquilo agora, ali mesmo.

– Gostava de ficar aqui até que isto acabe – disse ela.

– Não vai acontecer nada por aqui nas próximas horas – disse-lhe Stiller.

– Como é que podes ter tanta certeza disso? – perguntou-lhe ela. – Já o apanharam?

Stiller não respondeu.

– Avisas-me assim que tiveres um *link* para as gravações de vídeo? – perguntou antes.

Line assentiu.

– Não as dês a ninguém além de mim – insistiu ele. – Eu depois reencaminho-as.

Ele deu meia-volta e dirigiu-se à carrinha de entregas. O pai dela tirou a chave do carro do chaveiro e entregou-lha.

– Ele tem razão – disse. – Não adianta ficares aqui. Ainda vamos ter de esperar um pouco.

Line pegou na chave com uma expressão que deixava claro o quanto estava contrariada com a situação.

– Okay – disse ela, acrescentando em tom desafiador: – Ele foi-se embora com o meu microfone e o transmissor. Avisa-me se os encontrares. Foram caros.

A caminho do carro, desligou a câmara antes de se instalar atrás do volante. Um galho arranhou o lado da carroçaria enquanto ela seguia pelo caminho. O rádio estava sintonizado na P2, que não era a sua estação preferida. Line desligou-o e olhou para o retrovisor. A poeira do caminho rodopiava atrás dela.

O trecho que atravessava a floresta não passava de um par de marcas irregulares de rodas com folhagem espessa de ambos os lados. A certa altura, ela reparou numa qualquer espécie de alfaia agrícola enferrujada na berma.

Reduziu a velocidade e parou. Tirou a câmara do banco do passageiro e ligou-a de novo, pronta para filmar as barreiras policiais na estrada principal.

Detetou uma sombra no espelho, como se alguém se tivesse movido atrás do carro. Quando se virou no banco, tudo o que conseguiu ver foi um pássaro a levantar voo de um galho, como se alguma coisa o tivesse assustado.

Uma sensação desagradável tomou conta dela. Não havia nada ali fora, mas um medo repentino e irracional levou-a a trancar as portas. Os pneus derraparam no solo quando arrancou.

Em breve, a paisagem abriu-se diante dela e os bosques foram substituídos por campos recém-arados. Na estrada principal, estavam estacionados dois carros da polícia, um deles com uma luz azul a piscar. Um velho Ford azul tinha sido mandado parar e a polícia abrira o porta-bagagens.

Line parou mais uma vez e ergueu a câmara. A tampa do porta-bagagens foi fechada e o Ford recebeu ordens para seguir. Apareceu outro carro, desta feita um pequeno Toyota. Pela lente da câmara, ela pôde ver duas mulheres

sentadas no interior. O veículo também foi mandado parar e a polícia verificou os documentos da condutora, abriu as portas traseiras e verificou a bagageira antes que o carro pudesse partir.

Uma agente já vira Line e agora a sua colega também se virou. A mulher segurava com força a arma suspensa por uma alça sobre o peito. Line poisou a câmara e avançou com o carro. Parou ao sinal delas, baixou o vidro da janela lateral e tirou a carta de condução. A agente posicionou-se junto à porta.

– Estamos à procura deste homem – disse ela, estendendo um telemóvel com uma fotografia de Tom Kerr no visor. – Viu-o?

Não havia necessidade de Line explicar o seu envolvimento.

– Tom Kerr – foi tudo o que ela disse. – Não.

– Importa-se de abrir o seu porta-bagagens?

Uma agente verificou se estava vazio e fechou a tampa. A outra devolveu-lhe a carta de condução.

– Não pare se o vir – avisou. – Conduza com segurança.

Os olhos de Line escrutinavam o terreno em ambos os lados da estrada enquanto ela conduzia, mantendo uma velocidade reduzida. Um cão ladrrou quando ela passou por uma casa à beira da estrada. Ela viu alguns cavalos num campo e uma mulher de idade num pátio de quinta, a recolher roupa.

Na estrada principal havia outro posto de controlo. Line colocou a câmara no painel e deixou-a a filmar.

Vários veículos foram autorizados a entrar na área controlada, enquanto outros eram retidos. Provavelmente curiosos e outros que não tinham um bom motivo para estar ali ou que não moravam na área.

O carro à sua frente foi verificado da mesma forma que no posto de controlo anterior. Line baixou o vidro da janela, preparando-se para quando chegasse a sua altura.

Mais uma vez, mostraram-lhe a fotografia de Tom Kerr antes de lhe pedirem que abrisse o porta-bagagens, e o seu carro foi examinado.

Vinte e cinco minutos depois, estava a entrar em sua casa em Stavern. Foi direita à cave, onde instalara um escritório. Ligou a televisão. O último canal que tinha visto era a CNN e ela mudou para o canal de notícias norueguês. Anúncios.

Retirando o cartão de memória da máquina de filmar, descarregou as gravações. A câmara estivera a filmar praticamente sem interrupções. Ela limitara-se a parar e recomeçar para não ficar com ficheiros demasiado grandes e pouco convenientes para transportar.

Era complicado transferir os ficheiros para um servidor encriptado para que os pudesse partilhar. Stiller havia de querer o material intacto. Não havia necessidade de editar nada. Ela enviou-lhe um *email* com um *link* para os ficheiros e uma palavra-passe gerada automaticamente. Um dos ficheiros em questão era uma gravação que começava no momento em que o miniautocarro estacionara na antiga serração e durava até cerca de meia hora após a explosão e a fuga. Enviou o nome do ficheiro a Stiller e sentou-se para o visualizar.

Havia uma boa dose de movimentação antes de o cortejo se pôr em marcha. Além das filmagens, ela tinha uma gravação sonora da conversa entre Stiller e Hammer a respeito do helicóptero que não tinha aparecido. Eles estavam à espera do agente cinotécnico, e Kerr e o seu advogado conversaram dentro do carro antes de partirem.

Ela olhou para o televisor na parede. O canal de notícias estava a transmitir em direto de Eftang. Não parecia ter havido qualquer desenvolvimento. Baixou o som e concentrou-se no ecrã do computador, onde Tom Kerr e a sua comitiva caminhavam pela floresta. Ela captara o momento em que ele tropeçava e caía. Line parou a gravação, recuou um pouco e passou-a outra vez. Kerr gemeu ao cair no chão. Levantaram-no e disseram-lhe que prosseguisse, enquanto o seu advogado protestava ruidosamente. Só depois da queda seguinte é que lhe haviam retirado as grilhetas das pernas, mas esta era uma parte da razão.

Ela voltou a ver a sequência em velocidade reduzida. Não havia nenhum motivo óbvio para ele cair. Sem dúvida, um dos pés ficara preso na raiz de uma árvore no caminho, mas a queda em si parecia artificial.

A gravação continuou. Quando Kerr voltou a cair, a queda foi mais dramática. Os pés não estavam incluídos no enquadramento, pelo que era impossível ver onde ele teria tropeçado, mas depois de perceber que também devia fazer parte do plano para levar a polícia a tirar-lhe as grilhetas das pernas, também aquela queda parecia forçada.

A presença da corrente significava que a capacidade de Kerr se resguardar estendendo as mãos se encontrava consideravelmente limitada. Quando ele foi novamente levantado, tinha a face arranhada.

O cortejo seguiu em frente. Ao chegar ao declive no pasto, Claes Thancke protestou e a discussão que se seguiu terminou num acordo para que as grilhetas fossem removidas das pernas.

Quando a argola em redor do tornozelo foi aberta e a corrente retirada, Kerr olhou diretamente para a câmara. Já sem a argola, levou as mãos à cara e limpou o sangue do corte. Então, disse qualquer coisa antes de levar os dedos ensanguentados à boca, lambendo-os até os limpar.

Line voltou atrás, aumentou o som e concentrou-se em ouvir o que ele tinha dito. Era apenas um sussurro baixo. Ela teve de reproduzir a gravação mais uma vez com o som ainda mais alto.

– Até logo – era o que parecia.

Ela reproduziu aquele trecho de novo. Kerr olhava diretamente para a câmara enquanto falava, como se quisesse transmitir uma mensagem. Desta vez soou ainda mais como um «Até logo», a sua intenção de fuga envolta numa ameaça.



Os ecrãs dos computadores e todo o equipamento técnico que enchia a traseira da carrinha tornavam o ar denso e abafado. Wisting ainda estava com a camisa de Ove Hidle e o tecido leve colava-se-lhe às costas.

O monitor maior apresentava as gravações que Line havia feito, com Tom Kerr a descer o campo inclinado. De repente, ele desatou a correr e ouviram-se gritos dos polícias que o rodeavam.

Respirando fundo, Wisting ficou à espera do que se seguia. A explosão encheu o ecrã com uma luz branca e brilhante e os altifalantes troaram. A câmara acabou tombada de lado na erva alta, mas eles podiam ver e ouvir a terra e as pedrinhas que choviam de todas as direções.

Ninguém disse nada.

A câmara retomou a sua posição normal e varreu a área, captando os polícias feridos e a sangrar enquanto se ouvia Wisting perguntar se a sua filha estava ilesa. Em seguida, o vídeo focava-se no caminho por onde Tom Kerr tinha fugido. O cinotécnico largou o cão atrás dele e seguiu-o com um outro agente, mais novo. A câmara girou novamente, registando enquanto os polícias feridos com mais gravidade recebiam os primeiros socorros. Ouviram-se dois sonoros disparos de pistola no áudio e a câmara girou rapidamente mais uma vez.

Nils Hammer afastava-se do ecrã com um gemido alto e usava as costas da mão para limpar uma gota de suor da testa.

– Que raio de ideia foi esta? – perguntou ele, sem qualquer tentativa de esconder a sua raiva e irritação.

– Este desfecho nunca fez parte dos planos – tentou Stiller explicar.

– Vocês prepararam isto e agora deu tudo para o torto – rosnou Hammer. Algumas gotas de saliva acertaram em Stiller.

– O plano era que ele nos mostrasse o lugar onde tinha escondido a

Taran Norum – disse Stiller, sereno. – Mas é claro que tínhamos um plano alternativo. Tentámos prever todas as eventualidades.

Hammer estava a abanar a cabeça.

– Nunca acreditaram que a Taran Norum estivesse aqui – murmurou.

– Tinha de ser verificado – objetou Stiller.

– Um jovem agente podia ter perdido a perna – lembrou-lhe Hammer.

– Não nos cabia proteger a área – observou Stiller, virando ligeiramente a cabeça na direção de Wisting.

Quando se levantou, Hammer bateu com a cabeça no tejadilho.

– Cristo, é que nem te atrevas a ir por aí – disse ele, de dedo em riste. – Não ponhas as culpas em cima de nós. Toda esta operação foi organizada para provocar uma tentativa de fuga. A responsabilidade é tua e somente tua.

– Com quem é que posso falar sobre o Outro? – perguntou Wisting, num esforço para encerrar a discussão. – Quem é que tem mais informação sobre ele?

– Idar Semmelmann – respondeu-lhe Stiller. – Era o investigador-chefe.

Wisting não se lembrava daquele nome nas anotações do caso.

– Ele foi chamado depois de o Kerr ser preso – explicou Stiller – e nomeado para liderar o grupo encarregado de tentar encontrar o cúmplice. Agora, é o único que sobrou desse grupo.

– Falaram com ele?

– Não sobre o que aconteceu hoje, mas foi informado de que íamos levar o Kerr numa visita ao local.

– Tens o número dele?

Com um aceno de cabeça, Stiller pegou no telemóvel e leu em voz alta. Wisting marcou cada um dos dígitos, debruçando-se na cadeira e olhando para o chão enquanto esperava uma resposta.

– Semmelmann.

– William Wisting, Larvik. Sabe o que aconteceu aqui?

– Ouvi no noticiário – confirmou o ex-investigador-chefe. – Já o encontraram?

– Temos muitos homens em campo – respondeu Wisting. – Será difícil ele escapar à rede.

– Não o podem deixar – advertiu Semmelmann. – Ele volta a fazê-lo. Não restem dúvidas, ele volta a matar.

Wisting endireitou as costas.

– Até onde é que chegou na busca do Outro? – perguntou.

Seguiu-se um silêncio prolongado do outro lado da linha antes que Semmelmann respondesse:

– Está a par da rapariga Thomle?

– Nanna Thomle – respondeu Wisting. – A nova rapariga que desapareceu neste verão. O Stiller contou-me tudo.

– Tive de recorrer a tudo o que tinha sobre o Outro quando encontraram partes do corpo dela – continuou Semmelmann. – Mas sabemos tão pouco

agora quanto sabíamos na altura.

– Não há suspeitos?

Outro silêncio.

– O mais simples seria eu pegar no que tenho e ir ter consigo.

– Quando é que pode estar aqui?

– Pelas sete, digamos.

– Muito bem – respondeu Wisting. – No meu escritório, então.

Alguém puxou pela porta, mas estava trancada. Wisting era o que estava mais perto, pelo que abriu uma frincha e viu Stenberg, da Unidade de Emergência, com um par de algemas num saco de plástico para provas.

Wisting abriu a porta e deu espaço para ele entrar.

– Um agente cinotécnico encontrou-as a cerca de cinquenta metros do local onde o cão foi abatido.

Estendeu o saco a Wisting, que reparou numa chave na fechadura antes de o entregar a Hammer.

– Onde é que ele conseguiu a chave? – perguntou.

– É uma chave padrão – observou Stiller. – Todas as algemas utilizadas pela força policial norueguesa podem ser abertas com a mesma chave. Provavelmente, também é o mesmo fornecedor em muitos outros países. Não há restrições à sua compra e venda. Também podem ser encomendadas pela Internet, garantidamente.

– Já chega – resmungou Hammer. – Mas onde é que o Tom Kerr conseguiu a chave? Afinal, revistaste-o antes de ele sair da prisão, não foi?

– No mesmo lugar que a arma? – sugeriu Stenberg. – Provavelmente, alguém lhe terá deixado as coisas algures.

Wisting abanou a cabeça.

– Ele já tinha aberto a algaema antes de arrancar – disse ele, apontando para o monitor no qual a filmagem da explosão ainda estava a ser reproduzida. – Estava pendurada num dos pulsos.

– Ele tropeçou e caiu – lembrou-lhes Stiller. – Duas vezes. Isso fazia parte do plano para nos convencer a tirar-lhe as grilhetas. A chave pode ter sido deixada algures ao longo do caminho. Ele podê-la-ia ter apanhado quando caiu.

Com um suspiro, Hammer amaldiçoou de novo toda a situação.

– Movimento – anunciou Ove Hidle de repente, sentado à frente da fiada de ecrãs de computador.

Wisting olhou para um deles. O marcador que mostrava a localização do carro de Lone Mellberg estava em movimento. Tinha abandonado o estacionamento à frente do supermercado Kiwi em Hokksund e seguia para leste, em direção a Drammen.

– São três e cinco – comentou Stiller. – Ela largou o trabalho.

Stenberg atendeu um telefonema. Foi breve, recebeu uma mensagem e desligou.

– O pessoal à paisana vai atrás dela – disse-lhes.

Todos seguiram os movimentos no ecrã. Passados seis minutos, o carro saiu da estrada principal e entrou numa área residencial.

– Ela vai para casa – decidiu Stiller, apontando onde ela morava.

O movimento parou.

– Seja como for, é demasiado cedo para qualquer ação – comentou Stenberg. – Só estará escuro daqui a cinco horas.



Line reproduzira o vídeo dos momentos anteriores à explosão da granada três vezes e tinha visto como Kerr de repente desatara a correr e rapidamente conseguira um avanço de dez metros. Uma das suas mãos estava livre das algemas e os braços mostravam-se em movimento enquanto ele corria, como um atleta de velocidade.

Quando era pequena, Line costumava brincar com as algemas do pai e sabia que, se não estivessem bem apertadas, conseguia livrar-se delas se dobrasse a mão e a sacudisse ligeiramente.

Voltou atrás numa tentativa de ver como as algemas estavam presas e parou a imagem onde ele levava as mãos ao rosto, lambendo o sangue dos dedos. As mãos eram grandes e rudes, e as algemas estavam bem apertadas, com apenas alguns milímetros de folga. Como um relógio de pulso.

– Até logo – disse Line, repetindo as palavras que Tom Kerr usara.

As imagens estáticas retiradas de vídeos raramente eram boas, mas a qualidade destas era excelente e continham muitos elementos que as convertiam em retratos icónicos do criminoso. O sangue, as algemas, o sorriso e as trevas naqueles olhos.

Parecia que ele também tinha qualquer coisa na boca. Uma coisa brilhante.

Ela avançou a gravação alguns fotogramas até ao ponto em que a boca de Tom Kerr estava mais aberta. Imobilizando a imagem, ampliou-a, inclinou a cabeça e soltou um grito ao vê-la.

Era uma chave. Uma chave de algemas.

De onde tinha vindo?

Enviou a imagem para o seu telemóvel, redigiu uma mensagem sobre a descoberta e encaminhou-a para Stiller e para o pai.

Tudo o resto naquela fuga parecia planeado ao mais ínfimo pormenor,

pelo que não era uma surpresa para ela que Kerr também tivesse obtido uma chave de algemas. Mas de onde tinha vindo?

Claro que ele a podia ter levado da prisão. Alguém que tivesse feito uma visita podê-la-ia ter introduzido, mas Stiller tinha-o revistado antes de partir e até lhe pedira que abrisse a boca e pusesse a língua de fora.

Ela deixou o vídeo avançar e tentou encontrar o ponto onde Kerr teria aberto as algemas, mas era difícil perceber, porque ele caminhava de costas para a câmara.

Ela recebeu uma mensagem no telemóvel – Stiller acusava a receção da fotografia.

O vídeo continuou. O som da explosão estava distorcido pelos minialtifalantes. Seguiram-se gritos de espanto e de dor. A câmara caiu no chão. Uma vez devolvida à sua posição normal, uma agente a sangrar passou apressada, correndo em socorro de um colega ferido.

Não era difícil perceber o que tinha acontecido. Alguém havia montado uma armadilha que prendia um cabo à cavilha de segurança da granada, esticando o dito cabo ao longo do caminho para que Tom Kerr o arrastasse consigo e provocasse a explosão ao correr.

No canal de notícias, o apresentador em estúdio passou em revista os principais pontos da investigação sobre os homicídios dos quais Tom Kerr fora considerado culpado. Seguiram-se fotografias relacionadas com a sua dramática detenção.

Freja Bengtson por pouco não tinha sido a quarta vítima de Tom Kerr. Seis semanas depois do desaparecimento de Salwa Haddad em Hellerud, um homem com um capacete de motociclista tentara arrastar Freja para o interior de uma carrinha.

Durante anos, Freja Bengtson treinara ativamente como *kickboxer* em Gotemburgo. Havia-se sagrado vice-campeã no Campeonato Nacional Sueco, mas uma lesão forçara-a a desistir de uma carreira profissional. Mudara-se então para Oslo e trabalhava lá como empregada de bar. O ataque tivera lugar quando ela voltava para o seu apartamento em Lambertseter. Ela resistira furiosamente e conseguira libertar-se, mas tinha acabado por ser apanhada e arrastada na direção do veículo.

Apercebendo-se do que estava a acontecer, um taxista tinha buzinado e feito sinal com os faróis. No entanto, isto não impedira o atacante de continuar. No momento em que Freja Bengtson estava prestes a ser largada no interior, o taxista tinha acelerado, direito à traseira da carrinha. Freja acabara esparramada no chão. O homem com o capacete de motociclista tentara voltar para a carrinha, mas um dos passageiros do táxi saltara e tentara agarrá-lo. Outro passageiro no banco de trás tinha filmado tudo com o telemóvel. Agora, o canal de notícias mostrava de novo as imagens antigas. O homem com o capacete era Tom Kerr.

Tinha fugido para um jardim e saltado por cima de uma sebe, entranhando-se na vizinhança. A carrinha arrancara a alta velocidade. O

condutor era o Outro, o cúmplice desconhecido que nunca tinha sido encontrado.

As imagens seguintes mostravam o grande contingente policial convocado e o helicóptero da polícia aos círculos sobre a área com um potente holofote.

Danificado na colisão, o táxi permaneceu no local do crime e via-se um lenço branco no chão. Durante o julgamento, foi apurado que tinha sido mergulhado numa solução caseira de acetona e cloro, uma combinação que produzia um efeito anestésico, mas não tivera tempo de fazer efeito em Freja Bengtson.

As imagens de arquivo eram boas. O caso era suficientemente recente para que as gravações fossem de qualidade HD. A produtora com a qual Line estava a trabalhar tinha algumas daquelas fotografias. Ela não era a única que se mostrara interessada em fazer um documentário sobre o caso de Tom Kerr e o Outro. Para ser bem-sucedida neste projeto, seria naturalmente fundamental ter boas imagens. Se ela tivesse a oportunidade de usar também a gravação daquele dia, seria um ponto de partida excepcional. Mas o aspeto mais importante para concretizar os seus planos seria a aprovação dos familiares e sobreviventes, e isso era algo que ela já conseguira obter. Freja Bengtson também tinha assinado um contrato no qual concordava em colaborar com ela e com a produtora num esforço para apanhar o Outro. A única pessoa que não aceitara participar era Johannes Norum, pai de Taran Norum.

Novas imagens apareceram no ecrã do televisor. O repórter descreveu como Tom Kerr invadira uma casa, na qual encontrara umas chaves e depois roubara um carro, mas acabara por ser descoberto no momento em que se sentava atrás do volante. Existiam filmagens da dramática perseguição automóvel que se seguira. Kerr fora forçado a sair da estrada e caíra numa vala. Quando tinha tentado fugir a pé, um polícia disparara um tiro de advertência. Isto não impedira Kerr de continuar a correr, pelo que dois polícias haviam disparado contra ele, mas falhado. Depois disso, Kerr desaparecera num bosque. Por fim, um cão pisteiro havia-o encontrado e atacado, prendendo-o ao chão. Assim, a polícia podia concentrar-se na busca do Outro, uma perseguição que se revelara inútil. Tom Kerr tinha mantido o silêncio e nenhuma evidência forense tinha sido descoberta.

A reportagem mostrava agora dois edifícios em chamas. Uma casa de quinta e um celeiro – propriedade de Tom Kerr a leste de Oslo.

O relatório do incêndio chegara menos de uma hora depois de Kerr ter sido detido. Neste ponto, ele nem sequer tinha dado o seu nome. A sua identidade fora revelada pela primeira vez por meio de uma análise de impressões digitais.

No interior do celeiro incendiado, os investigadores tinham encontrado os restos do veículo de fuga em que o Outro abandonara o local do crime. O incêndio fora obviamente provocado para eliminar todos e quaisquer vestígios

de Thea Polden, Salwa Haddad e Taran Norum, ali mantidas em cativeiro e mortas, bem como outras evidências que pudessem permitir aos investigadores identificar o Outro.

Uma semana depois do incêndio, a polícia encontrara o primeiro enterramento. Na floresta, a quase seiscentos metros da propriedade, um cão pisteiro indicara um local numa área pantanosa onde parecia que a camada superior de erva tinha sido removida e repostada. O corpo desmembrado que encontraram era o de Salwa Haddad. No dia seguinte, Thea Polden foi encontrada em circunstâncias idênticas.

O noticiário televisivo passou a mostrar imagens do local de trabalho de Tom Kerr enquanto o repórter descrevia como a sua atividade numa empresa que criava, fabricava e fornecia produtos para o funcionamento e manutenção de piscinas lhe permitia um fácil acesso a grandes quantidades de cloro líquido, usado para desinfetar e eliminar todos os vestígios de evidências biológicas dos cadáveres.

O pivô em estúdio reapareceu no ecrã e passou a transmissão ao repórter que estava no terreno em Eftang, perguntando-lhe se havia alguma novidade.

– A busca do assassino condenado Tom Kerr continua com consideráveis forças posicionadas aqui no local – começou ele, explicando que fora prometida aos jornalistas ali reunidos uma nova comunicação à imprensa às cinco da tarde.

Line consultou o relógio. Ainda faltava uma hora e meia. Ela tinha mesmo de ir a casa do pai, encontrar uma camisa lavada e, depois, levar-lha.



Um pássaro preto de bico amarelo debicava qualquer coisa no caminho. Levantou voo e afastou-se assim que Wisting se aproximou.

O inspetor estava tomado de uma inquietação tão intensa que quase se tornava dolorosa. Aquela sensação que lhe assolava o corpo deixara-o irritadiço e com uma necessidade imperiosa de fugir daquele espaço abafado na traseira do veículo de comando.

Os técnicos do local do crime já trabalhavam na área da explosão há algumas horas. Em breve deveriam ser capazes de dizer alguma coisa quanto à existência de evidências forenses. Se conseguiriam descobrir que tipo de granada tinha sido usada e de onde ela poderia ter vindo. Ou se fora encontrada mais alguma coisa que indicasse quem tinha ajudado Tom Kerr a fugir.

Ao longo das horas anteriores, o caminho tinha sido bastante percorrido. Wisting foi até ao local onde Tom Kerr tropeçara pela primeira vez. Partes da raiz retorcida de uma árvore destacavam-se ligeiramente da terra compactada. Wisting deu-lhe um pontapé. Seria fácil tropeçar, mas também era tão evidente que, querendo escolher um lugar para simular uma queda, seria aquele o eleito.

Seguiu em frente e localizou o segundo local onde Kerr tinha caído. Também ali uma raiz se projetava ligeiramente do solo nivelado.

Em seu redor, a folhagem era densa. Wisting inclinou a cabeça para trás e avistou o céu azul acima das árvores frondosas. Pássaros cantavam algures nas copas, mas todos os sons da atividade policial em curso estavam silenciados.

Uma das árvores mais próximas do caminho havia perdido parte da casca. Parecia que tinha sido raspada, como quando um proprietário florestal marca as árvores que pretende que os madeireiros abatam.

Wisting aproximou-se. Era uma área retangular com cerca de três centímetros de largura e dez de comprimento. Algumas gotas de seiva fresca eram visíveis no interior do corte, e na erva junto à árvore pôde ver a tira de casca que se enrolara e agora formava uma pequena bola.

Pegando no seu telemóvel, tirou uma fotografia do corte na árvore e também da casca cinzenta caída no chão. Depois, percorreu de novo o caminho. Dois metros adiante da raiz que fizera Kerr tropeçar, havia uma pedra plana, sensivelmente com o mesmo formato e tamanho do telemóvel que ele tinha na mão, com um pouco de musgo verde-claro nela.

Wisting virou-a com a biqueira. Não havia nada por baixo. Nem insetos rastejantes nem bolores que indicassem que estaria ali há muito tempo.

A pedra podia fazer parte da fuga cuidadosamente planeada. Coubera a Tom Kerr procurar uma árvore marcada. Tinha de tropeçar ali e encontrar uma chave para as algemas debaixo de uma pedra plana. Teria sido simples retirá-la e escondê-la na mão sem que ninguém desse por isso.

Antes de prosseguir, Wisting tirou uma fotografia da pedra, mas teria de chamar um dos técnicos para a proteger e ao pedaço de casca.

No local da explosão, três homens de fato-macaco branco estavam ocupados a trabalhar. Wisting dirigiu-se àquele que conhecia melhor, Espen Mortensen. Anteriormente, o escritório permanente e o pequeno laboratório deste último estavam localizados na esquadra da polícia local em Larvik. No entanto, como resultado da reorganização dos distritos policiais, todos os técnicos do local do crime encontravam-se agora reunidos numa única unidade mais a norte na região. Isto implicava que já não tinham contacto diário com os investigadores, mas dava-lhes um ambiente profissional melhorado e permitia uma melhor aplicação dos seus conhecimentos.

Mortensen baixou a máscara e cumprimentou Wisting com um aceno de cabeça.

– O que é que conseguiste? – perguntou-lhe Wisting.

Mortensen levou-o até uma bancada portátil instalada no local. Os itens encontrados pelos examinadores do local do crime estavam ali dispostos em sacos transparentes para provas.

– Encontrámos fragmentos da granada – respondeu Mortensen. Ergueu um saco que continha uma lasca preta com o tamanho da unha de um dedo mínimo. – Não há dúvida de que era uma granada detonante de atordoamento – continuou ele, entregando o saco a Wisting. – Isto aqui faz parte do material impregnado de asfalto do invólucro.

Vários sacos com conteúdo semelhante estavam dispostos na bancada. Algumas das partículas apresentavam vestígios de tinta amarela.

– Uma granada de atordoamento? – repetiu Wisting.

– Contém apenas explosivos, não estilhaços – continuou Mortensen. – As lesões ocorrem quando és atingido por outros objetos soltos projetados pela explosão. Neste caso: galhos e pedras. Além disso, a pressão da própria explosão pode danificar órgãos internos. Mas, acima de tudo, o objetivo é

paralisar o adversário.

Wisting devolveu o saco ao seu lugar.

– De onde é que veio?

– É demasiado cedo para dizer. Ainda não sei que tipo de granada é, mas houve vários roubos em arsenais militares.

– Mais alguma coisa? – perguntou Wisting, olhando para lá da bancada.

– Encontrámos dois cartuchos vazios – respondeu Mortensen, localizando o respetivo saco de provas. – Nove milímetros.

– O calibre mais comum do mundo – comentou Wisting.

Mortensen virou-se ligeiramente, na direção da orla da floresta atrás deles.

– Estavam caídos no caminho – disse ele. – As algemas também foram encontradas lá, mas penso que já tas trouxeram, certo?

Wisting assentiu.

– E pegadas?

– Ainda não encontrámos nenhuma – respondeu Mortensen. – Quem esteve aqui terá provavelmente estacionado o carro no mesmo lugar que todos vocês e andado pelo mesmo caminho. Provavelmente, não foi há mais de vinte e quatro horas, mas seria inútil procurar rastos de pneus ou pegadas agora. Seja como for, a terra no caminho não é suficientemente macia para nos dar impressões adequadas.

– Entendo – respondeu Wisting, dirigindo-se para o trilho onde Tom Kerr havia desaparecido. – Podes vir comigo até meio do caminho?

– O que é que tens em mente? – perguntou-lhe Mortensen, arrancando as luvas de látex.

– A pistola deve ter-lhe sido deixada aqui – respondeu Wisting. – Encontrei o local exato? – Mortensen abanou a cabeça.

Enquanto avançavam juntos, lado a lado, Mortensen apontou o lugar onde o cabo da granada havia sido esticado.

– Há um desfasamento de dois a três segundos no mecanismo de detonação – explicou ele. – Isto significa que o Kerr poderia avançar para uma distância segura enquanto aqueles que vinham atrás dele eram atingidos com a força total.

Wisting lançou um olhar para trás antes de prosseguirem. Pouco mais de cinquenta metros adiante, encontrou o que procurava: um tronco de árvore cinzento ao qual faltava um pedaço de casca.

Falou a Mortensen na árvore do outro lado do pasto das ovelhas que estava marcada da mesma maneira.

– Isso parece bater certo – disse Mortensen. – Os cartuchos vazios foram encontrados cerca de cem metros mais adiante.

Wisting refez os seus passos até à árvore. Junto ao tronco viam-se dois galhos frondosos que tinham sido arrancados de um arbusto. Embora não fossem grandes, poderiam facilmente ter escondido uma arma.

– Vou buscar a máquina fotográfica – disse Mortensen, virando-se.

Wisting foi atrás dele. A inquietação tinha voltado. Durante as horas seguintes, não poderiam fazer mais nada além de esperar pelo momento certo para capturar Tom Kerr e o seu cúmplice. Algo dentro dele resistia fortemente a este jogo de espera como estratégia para lidar com o caso. As pistas já estavam a arrefecer.



Line escolheu a camisa azul que lhe tinha oferecido no Natal. Ficaria bem com o blusão escuro com padrão de favos de mel.

A camisa tinha sido lavada e pendurada no guarda-roupa, mas estava machucada. Ela abriu a tábua de engomar à frente do televisor da sala para poder ver o noticiário. Enquanto esperava que o ferro aquecesse, telefonou a Sofie para saber como estava a filha, Amalie.

Recorria sempre a Sofie quando precisava de uma *babysitter*, visto que ela tinha uma filha apenas alguns meses mais velha do que Amalie e as duas gostavam de brincar uma com a outra, além de estarem na mesma creche. Assim sendo, tinham combinado que Sofie levasse as duas para casa naquele dia.

Estavam numa loja quando Line telefonou.

– Vamos jantar peixe – explicou Sofie. – Massa cremosa com salmão e ervilhas. Foi uma receita que encontrei num folheto.

– Parece-me bom – disse Line.

O ferro já estava quente e ela começou a engomar a camisa enquanto trocavam algumas palavras sobre as crianças.

– Não sei muito bem quando é que posso ir buscá-la – disse Line. – Já sabes que o Tom Kerr fugiu?

– Sim.

– Era nisso que eu estava a trabalhar – explicou Line.

– Não! O que é que aconteceu, afinal?

– Posso contar-te tudo quando for buscar a Amalie, só não sei é quando é que isso vai ser. Acabei de chegar a casa para transferir todas as gravações, mas vou ter de sair outra vez. Deixei o carro estacionado em Oslo, imagina.

– Filmaste o que se passou? – quis saber Sofie.

– Conto-te depois – prometeu Line.

– A Amalie pode passar cá a noite se ficar muito tarde para ti – assegurou-lhe Sofie.

– Obrigada. És o máximo.

Pendurou a camisa do pai num cabide e pegou nalgumas outras peças para engomar enquanto o ferro ainda estava quente. O canal de notícias conseguira uma entrevista com Johannes Norum, pai da vítima cujo local de enterramento Tom Kerr prometera mostrar à polícia.

Line largou o ferro e olhou para o homem que se havia deslocado a Larvik e estava agora à frente do cordão policial do perímetro externo com os braços cruzados. Ela conhecera-o quinze dias antes para o pôr ao corrente do projeto do documentário. Ele estava convencido de que Kerr tinha assassinado a sua filha e mostrava-se extremamente crítico em relação à investigação policial, mas não queria participar no documentário. Line suspeitava que tivesse alguma relação com o seu passado, que incluía uma condenação por violação e uma passagem pela cadeia. A filha havia-se distanciado completamente dele. No entanto, ali estava ele, na TV.

– Sabia que o Tom Kerr admitiu ter matado a sua filha? – perguntou-lhe o repórter.

– Eles telefonaram da Kripas para me dizer isso – confirmou Johannes Norum. – Eu disse-lhes que queria estar presente quando a fossem buscar, mas não me foi permitido.

Apontou com a cabeça na direção da barreira atrás dele.

– Se eu estivesse lá hoje, isto nunca teria acontecido – disse. – Ele não teria fugido.

Estava a fazer algumas afirmações pesadas que normalmente não teriam sido aprovadas no processo de edição – a entrevista parecia não ter passado pela mesa de montagem.

– O que é que pensa do que aconteceu? – perguntou o repórter.

– É um escândalo – foi a resposta de Norum. – Todo o caso tem sido um escândalo.

– Como assim?

Os olhos de Johannes Norum piscaram e ele parecia inseguro agora que se via colocado numa situação difícil e na necessidade de prestar mais esclarecimentos.

– Bem, ele já tinha escapado da última vez – retrucou. – Veja bem, eles nunca o condenaram pelo que fez à Taran. Agora, escapou de novo por entre as malhas da rede. Agora, quando estávamos prestes a conseguir algumas respostas.

O repórter tinha mais algumas perguntas sobre como tinha sido a sua vida desde o homicídio da filha até ao presente. A resposta de Norum enfatizou o quão difícil aquilo tinha sido, dando a impressão de que ele e a mãe de Taran ainda estavam juntos. Na realidade, haviam-se divorciado quando Taran tinha apenas dois anos e ele estivera ausente durante a maior parte da educação da filha.

A notícia acabou. Line desligou a televisão e levou as roupas do pai para o carro. Para ser honesta, sabia que aquilo era simplesmente uma desculpa para voltar ao local.

Havia uma fila antes do bloqueio na estrada. Dois dos veículos à frente dela foram forçados a voltar para trás. Line tirou o documento de registo do veículo e a sua carta de condução e manteve-os a postos para quando chegasse a sua vez.

– Sou filha do William Wisting – disse, mostrando a carta. – Este carro é dele. Trouxe-lhe algumas roupas lavadas para a conferência de imprensa.

Isto bastou. Com um assentimento de cabeça, o agente na barreira fez-lhe sinal para passar.

– Mantenha as portas trancadas – disse-lhe enquanto lhe fazia sinal para avançar. – Não faça paragens desnecessárias.

Line trancou as portas e seguiu em frente. Encontrou um grupo de busca, mas fora isso não havia nenhum outro trânsito na estrada.

Os guardas na barreira interna tinham mudado de turno. Line mostrou a documentação e recitou mais uma vez a sua explicação.

Já depois de entrar no bosque, deu com um carro da polícia e teve de fazer marcha-atrás e encostar para o deixar passar.

O carro do pai tinha apenas alguns anos e incluía sensores na traseira que foram ativados pela vegetação ao longo das bordas do caminho enquanto ela recuava. Davam sinal a intervalos cada vez mais frequentes, mas ela tinha de encostar o carro o mais possível para que o veículo policial, maior, pudesse passar. Ouviu o farfalhar dos arbustos ao longo do lado do carro até que o som nauseante de metal contra metal lhe assaltou os ouvidos.

Line pisou o travão a fundo assim que o carro da polícia passou. Esperou até que ele desaparecesse antes de avançar um pouco e sair para investigar onde teria batido.

O carro tinha um risco na traseira. Uma barra de ferro projetava-se dos arbustos. Pareciam os restos de um antigo irrigador.

Praguejando, ela assentou-lhe um pontapé e usou o pé para o empurrar ainda mais para dentro. Então, baixou-se para inspecionar mais de perto os danos no carro. Passou o polegar pela chapa. O risco, demasiado fundo para ser removido, estava marcado até ao metal e a reparação ainda custaria alguns milhares de coroas.

Levantou-se, poisou as mãos nas ancas e virou-se de costas para as árvores, olhando para o risco. Não podia contar ao pai. Não hoje.

Uma rajada de vento varreu as árvores em redor. Line olhou à sua volta. A irritação com o que acabara de acontecer foi abruptamente substituída por uma sensação de desconforto. O motor ainda estava a trabalhar e ela correu a sentar-se atrás do volante. Claramente perturbada, trancou as portas e arrancou.



O tempo estava a mudar: viam-se nuvens e o vento aumentara.

Wisting bateu na porta de correr da carrinha branca de entregas. Adrian Stiller abriu-a e deixou-o entrar.

– Alguma novidade? – perguntou, olhando para o ecrã de computador, onde nada parecia ter mudado.

– Temos vigilância da casa de quatro ângulos diferentes – explicou Stenberg, empunhando o telemóvel com fotografias tiradas de um dos postos de observação.

– Algum movimento?

– Não. As cortinas estão todas fechadas.

– Sabemos como é que ele entrou? Algum sinal de entrada forçada?

Stenberg assentiu, percorrendo as imagens no telemóvel, e mostrou-lhe uma fotografia tirada nas traseiras da cabana.

– Há sinais recentes de arrombamento na porta da cozinha – disse ele.

As marcas deixadas na porta e na respetiva ombreira eram pouco visíveis.

– É uma cabana velha – explicou Stenberg. – Não seria preciso muito para criares alguma folga entre a porta e a ombreira e conseguires entrar.

Stenberg mostrou-lhe outra fotografia, de uma pá, apropriada para forçar a porta, encostada à parede ao lado dos degraus.

– Ele trancou a porta atrás de si – continuou. – Os estragos não foram suficientemente grandes para impedir que a porta e a fechadura funcionem normalmente.

– Mandaram alguém avançar até à cabana?

– Temos uma patrulha a ir de porta em porta. Havia de dar nas vistas para o tipo que está lá dentro se não verificássemos as outras também.

– Quem é o dono da cabana?

– Um revendedor de automóveis de Drammen – respondeu Stenberg. – As equipas de bloqueio rodoviário foram informadas, para garantir que não o deixam entrar na área caso tenha a ideia repentina de vir até cá.

Wisting sentou-se e falou-lhes nas marcas feitas nos locais onde a pistola e a chave haviam sido deixadas.

– Ele também podia ter deitado a mão a um telemóvel – observou Nils Hammer, antes de perguntar a Stiller: – É possível rastrear telecomunicações na área?

–O Hidle está a tratar disso – respondeu Stiller, com um sinal de cabeça na direção do colega diante dos ecrãs de computador.

– Estamos a obter dados das últimas setenta e duas horas – disse-lhes Hidle. – Pode ser interessante ver quem esteve na área ontem à noite. Todavia, é mais difícil ter acesso aos dados em tempo real quando não temos um número específico para rastrear.

Wisting recebeu uma mensagem. Line dizia que tinha voltado com roupas para ele. O telemóvel tocou enquanto ele ainda o tinha na mão, desta vez era Torunn Borg. Instalada na esquadra, ela estava a coordenar as denúncias telefónicas e investigações sobre Tom Kerr e não havia sido posta a par da situação atual.

– Tens alguma coisa para nós? – perguntou-lhe Wisting.

– Nada de específico. Verificámos alguns endereços e acabámos de mandar parar um autocarro na E18 depois de alguém insistir que o Tom Kerr estava a bordo, mas não deu em nada.

Wisting passou a mão pelo cabelo. Esta estratégia de espera tinha consequências, colocando uma carga adicional tanto sobre a força policial como sobre o público.

– Há uma coisa que talvez deversem ver – continuou Torunn Borg. – Recebemos relatos de duas observações independentes de um barco a toda a velocidade rumo a norte. É claro que há sempre algum tráfego na água, mas a hora e o local batem certo.

– Quando é que foi isso?

– Entre as 12h15 e as 12h45. Não tenho uma descrição pormenorizada, mas era um barco aberto com consola central e com cerca de cinco metros.

– Entendo – disse Wisting.

Desligou e virou-se para os outros para lhes transmitir as informações de Torunn Borg.

– Podemos usar isso – sugeriu Stiller. – Podemos referi-lo na comunicação à imprensa e dizer que o Tom Kerr provavelmente abandonou a área. Poderia muito bem apressar as coisas.

– Não devíamos considerar a possibilidade de ele ter realmente abandonado a área? – interrompeu Hammer. – Tudo o resto relacionado com a fuga foi cuidadosamente planeado. Ele pode ter-vos topado e dado sumiço aos rastreadores e transmissores.

Wisting sentiu náuseas. Tratava-se certamente de uma ideia indesejável.

– Vimos pequenos movimentos que sugerem que ele está a deslocar-se entre as divisões da casa – tranquilizou-os Hidle. – Ele está lá. Temos isto controlado.

Bateram à porta.

– Tenho de sair – disse Wisting, agarrando no puxador. – É a Line. Trouxe-me roupa lavada.



– Despe-te – disse Line, pendurando a camisa limpa num dos encostos dos assentos do miniautocarro.

– Não precisavas de fazer isto – protestou o pai. – Eu arranjava-me com esta.

Parecia desconfortável com o regresso da filha.

– Bem, já cá estou – disse ela.

Wisting lançou um olhar pela janela antes de começar a despir-se.

– Alguma novidade? – perguntou Line.

– Na verdade, não – respondeu o pai, com dificuldades em livrar-se do casaco entre as filas de bancos. – O Mortensen encontrou projéteis e restos da granada. Mas ainda não vamos divulgar.

– O que foi aquilo que disseste a respeito de não acontecer nada durante umas horas? – quis ela saber. – Como é que podes ter tanta certeza disso?

O sorriso dele enrugou-lhe a testa e os cantos dos olhos.

– Conto-te mais tarde – respondeu. – Quando estiver tudo acabado.

Line recusou-se a ceder.

– Isto é por causa do Outro? – perguntou.

Wisting, sem camisa, estava agora diante dela. A pele pendia-lhe no corpo e ela de repente foi atingida pela noção de que ele tinha envelhecido.

– De momento, isto é tudo por causa do Tom Kerr – respondeu ele enquanto pegava na camisa lavada.

Os lábios comprimiram-se enquanto ele se vestia, e não fazia sentido tentar convencê-lo a dizer mais alguma coisa.

– Posso voltar ao local da explosão? – perguntou.

O pai abanou a cabeça.

– O teu trabalho acabou – foi a resposta. – Não te posso deixar a passear por aqui. – Dirigiu-se para a porta do miniautocarro. – Lamento –

acrescentou. – É melhor ir para casa.

Line endireitou-lhe o colarinho da camisa e ficou a olhar enquanto ele se afastava. Havia qualquer coisa que a deixava curiosa naquela carrinha de entregas branca na qual ele e Stiller passavam tanto tempo. Não estava ali quando tinham chegado com Tom Kerr.

Ao procurar o número de matrícula, descobriu que as informações do proprietário não estavam disponíveis.

Pegando na sua câmara, dirigiu-se à velha serração em ruínas e sentou-se num dos rolos enferrujados. Alguns paramédicos de sobreaviso conversavam junto aos seus veículos. A uma pequena distância deles, três polícias estavam a descansar. Ninguém se deu conta quando ela apontou a lente da câmara para a porta lateral da carrinha e usou o *zoom*. Faltavam quinze minutos para a próxima conferência de imprensa. As portas de correr não haviam de demorar a abrir, permitindo-lhe ver o que se passava ali dentro.

A câmara estava ligada e ela tapou a luz vermelha com a palma da mão. Para todos os restantes, havia de parecer que estava a rever as filmagens daquele dia.

Passados dez minutos, a porta abriu-se e o pai dela saiu, acompanhado de Nils Hammer e Adrian Stiller. O volume dos três preenchia a maior parte da abertura. De qualquer forma, o visor da câmara era demasiado pequeno para lhe permitir distinguir quaisquer pormenores, mas o que ela podia ver lembrava-lhe o interior do veículo de exteriores de uma estação de TV.

Então, a porta fechou-se novamente. Os três homens conversaram em voz baixa antes que o seu pai se afastasse para ir falar com a imprensa.



Começou a chover durante a segunda conferência de imprensa. Um chuvisco ligeiro que ensopou a folha de papel onde Wisting havia anotado algumas palavras-chave sobre o que queria transmitir.

Antes de mais nada, anunciou que a caça a Tom Kerr ainda estava em curso, forneceu alguns números e factos sobre as forças e unidades envolvidas e acrescentou algumas informações sobre o estado dos polícias que tinham ficado feridos.

– É evidente que o Tom Kerr teve ajuda na sua fuga – continuou. – A operação foi bem planeada: por exemplo, uma arma foi deixada antecipadamente aqui no terreno. Como tal, pedimos a qualquer pessoa que tenha visto algo fora do normal nesta área durante as últimas quarenta e oito horas que entre em contacto com a polícia.

– Estão à procura do Outro, então? – interrompeu-o um dos jornalistas.

– É uma pergunta natural – respondeu Wisting. – Mas até agora não temos informações concretas quanto a quem o terá ajudado com os preparativos para a fuga.

Deu o número de telefone que o público devia usar para quaisquer contactos e avançou rapidamente para evitar perguntas mais pormenorizadas.

– A busca continuará durante mais algumas horas e será alargada. No entanto, o Tom Kerr pode já ter abandonado a área. Foram-nos comunicados vários avistamentos de pequenos barcos nas proximidades e solicitamos a todos que estiveram hoje ao longo da costa de Eftangland que entrem em contacto connosco.

Concluiu repetindo o seu apelo para que qualquer pessoa que visse Tom Kerr não o abordasse, mas que os contactasse pela linha telefónica de emergência da polícia.

Uma série de mãos ergueu-se no ar. As perguntas eram principalmente

sobre o Outro e como tinha sido possível planejar a fuga e pô-la em prática. Wisting evitou-as referindo que não havia participado na investigação original sobre Tom Kerr e o seu cúmplice e não poderia responder a nada que não dissesse respeito à operação em curso.

Enquanto a chuva aumentava de intensidade, Wisting encerrou a sessão e voltou para junto de Stiller e dos restantes. Line refugiara-se no banco do passageiro do seu carro. As janelas estavam a ficar embaciadas com a condensação. Ele passou por ela sem parar para mais conversas.

– Excelente – disse Stiller quando ele entrou na carrinha.

Um dos ecrãs laterais exibia imagens do canal de notícias que transmitira o *briefing* em direto.

– Não devias ter usado a Line nisto – disse Wisting, sentando-se.

– Ela é inteligente – objetou Stiller. – Já a usámos antes. Ela sabe do que precisamos.

– Sabias o que podia acontecer – insistiu Wisting. – Não uma *freelancer* civil. Não é assim tão difícil filmar um tipo que nos vai mostrar onde enterrou alguém.

– Mas ela tem um interesse especial nisto – lembrou-lhe Stiller. – Precisa das filmagens para um documentário.

Wisting suspirou.

– Podias ir agora lá fora mandá-la para casa. – Apontou com a cabeça na direção da porta. – Ela está sentada no carro à espera de que aconteça alguma coisa. Diz-lhe que o trabalho dela acabou.

Havia relutância no olhar de Stiller.

– Eu só estava a tentar ajudá-la – disse ele, levantando-se.

Wisting permaneceu em silêncio e olhou a direito, para além dele. O marcador vermelho no mapa de Hokksund desapareceu. Foi menos de um segundo, antes de reaparecer na estrada.

– Ela está a conduzir – disse ele, apontando para o ecrã. O marcador movia-se ao longo da estrada principal, descendo em direção a Drammen. A amiga com quem Tom Kerr se correspondia na prisão estava em movimento e dirigia-se para eles.

O telemóvel de Ove Hidle tocou.

– Demos por isso – confirmou ele após uma breve troca de palavras. A conversa terminou e Hidle ligou um ecrã de computador que não tinha sido usado até então.

– A transmissão IP está ativa – explicou ele, digitando o seu nome de utilizador e palavra-passe numa caixa de diálogo.

Uma rua movimentada apareceu no ecrã.

– Da câmara do painel no veículo sem identificação – esclareceu Stenberg. – Imagens em direto.

– Estamos a gravar isto também? – perguntou Stiller.

– Enquanto a imagem estiver em movimento, está a ser guardada – confirmou Stenberg.

Wisting sentou-se direito na sua cadeira. Nunca estivera envolvido numa operação secreta com transmissão em direto. Estava acostumado a agentes à paisana que transmitiam as suas posições pelo rádio da polícia enquanto ele ficava sentado com um mapa a acompanhar-lhes os movimentos. Nos últimos anos, os desenvolvimentos tecnológicos na metodologia policial tinham avançado a uma velocidade vertiginosa. Toda a força estava a ser transformada. Em muitos aspetos, tinham-se tornado uma força policial melhorada e mais moderna, mas nas áreas da abertura, transparência e escrutínio público tinham sido feitos poucos progressos.

– Ela está dois carros à frente – disse Stenberg, apontando para um velho Ford cinzento.

As imagens eram tão nítidas que Wisting conseguia ler a matrícula do carro mais próximo.

Stenberg premiu uma tecla para abrir uma saída de altifalante. Agora, podiam ouvir música no rádio do carro e o barulho regular do trânsito em fundo.

– Comuniquem, por favor – pediu ele.

A música do rádio do carro calou-se.

– Estamos aqui – disse uma voz de mulher.

– Alguma coisa a relatar?

– Recebemos informações da Via Verde – respondeu a detetive à paisana. – O carro não passou por nenhuma portagem na vossa região durante a última semana.

Stenberg virou-se para Wisting.

– Ela não tem carro próprio – disse. – O que está a conduzir agora está registado em nome do pai. Não sabemos se ela tem acesso a outros veículos.

– Mas não há nada que sugira que veio cá ontem à noite para preparar as coisas? – perguntou-lhe Wisting.

Stiller aquiesceu.

– Ela foi a última pessoa a visitar o Tom Kerr na prisão – lembrou ele a todos. – Ela podia facilmente ser uma intermediária entre o Kerr e o Outro e passar informações para dentro e para fora da prisão. Nem precisa de saber no que esteve envolvida.

O carro sem identificação atravessou uma rotunda e abandonou os limites do distrito em direção a Nedre Eiker.

– Se ela estiver a vir para cá, chega dentro de uma hora e meia – estimou Wisting. – Quando anoitecer.

Continuaram sentados, a ver as imagens em tempo real. Parecia improdutivo e a inquietação de Wisting tinha voltado. Ele tinha de ir à esquadra para poder sentar-se a uma secretária, ter uma visão geral da situação e desenvolver o trabalho tático.

A viagem continuou ao longo do rio Drammen, passando por Møndalen e entrando no túnel de Strømsås. Pouco mais de um quarto de hora depois, todo o grupo entrou na E18, seguindo para sul.

– Para cá – comentou Stiller.

Wisting verificou as horas. O ex-investigador-chefe do caso contra Tom Kerr chegaria em breve e, de qualquer forma, ele tinha de fazer outra coisa.

– Vou voltar para a esquadra – disse, olhando para Stiller. – O Semmelmann já não deve demorar. Preciso de todas as informações que tens sobre os visitantes do Tom Kerr na prisão.

Stiller entregou-lhe uma pasta. Wisting levantou-se e abriu a porta de correr.

– Fazemos a próxima conferência de imprensa na esquadra – disse ele. – Assim, tiramos os jornalistas desta área.

– Vou contigo – disse Hammer.

Stiller assentiu.

– E a Line?

Quando Wisting saiu, a chuva atingiu-o no rosto.

– Não penses mais nela – disse. – Vou levá-la a casa.



As gotas de chuva haviam-se depositado no para-brisas, obscurecendo tudo lá fora. Line esticou-se até ao volante, ligou o motor, os limpa-para-brisas e o aquecedor. O rádio acendeu-se automaticamente.

Nada acontecia à sua volta e aquela ausência de atividade estava a deixá-la impaciente.

Quinze minutos antes, chegara um carro com comida e garrafas de bebidas quentes. Fora isso, não se registara nenhum movimento.

Ela aproveitava para passar estes momentos ociosos ao telefone, mas as páginas de notícias *online* também não continham nada que adiantasse alguma coisa.

A inquietação que sentia fê-la bater o pé. Dali a cerca de uma hora estaria escuro. Perguntou a si mesma se devia dar uma volta até encontrar uma patrulha policial e filmar os esforços de busca de Tom Kerr. O *VG* acabara de publicar uma fotografia de dois polícias ao lado de uma casa de barcos em Viksfjord. Ela havia de dar com o caminho até lá com bastante facilidade.

Quando já se preparava para sair e instalar-se no lugar do condutor, a porta da carrinha branca abriu-se e o pai dela saiu com Nils Hammer. Aproximaram-se e entraram no carro, com Wisting no lugar do condutor.

– Alguma novidade? – perguntou ela pela enésima vez.

O pai abanou a cabeça.

– Eu e o Hammer vamos voltar para a esquadra e trabalhar a partir de lá – respondeu ele. – Mas, primeiro, vou-te levar a casa.

O carro oscilou sobre tufos de erva quando ele arrancou.

– Podemos ir buscar o teu carro amanhã à sede da Kripos – continuou Wisting. – De qualquer maneira, tenho de ir a Ila, para revistar a cela do Kerr e falar com o pessoal de lá.

Line apertou o cinto de segurança.

– Muito bem – limitou-se a dizer.

Ninguém falou enquanto estavam na floresta. O carro passou pelas duas barreiras sem que o porta-bagagem fosse verificado.

– Achas que ele poderá ter fugido? – perguntou Line quando já se aproximavam da cidade.

Olhando para o espelho, o pai dela encontrou o olhar de Hammer.

– Afinal, tudo o resto foi tão bem planeado – acrescentou ela. – Certamente não seria exagero pensar que havia um carro ou um barco pronto e à espera dele?

– Isso é mera especulação – respondeu o pai.

Line mudou ligeiramente de posição no seu assento.

– O que é que ele faria se fosse esse o caso? – continuou ela, insistente. – Para onde é que ia? Onde é que se poderia esconder?

– Não faço ideia – admitiu o pai. – Ainda não sei.

– A polícia nunca suspeitou da identidade do Outro?

O pai estava a respirar pesadamente agora.

– Vou-me encontrar com o ex-investigador-chefe hoje, mais tarde – respondeu. – Mas não me parece que tenha nomes para me dar.

Ela recebeu uma mensagem de texto de Adrian Stiller.

As minhas desculpas pelo fim repentino do teu trabalho hoje e por não termos tido tempo para discutir o teu projeto de documentário, escreveu ele. Teremos de fazer isso noutra altura. Vou ver se te posso ajudar com mais material.

Era como se houvesse algo por trás destas frases simples, alguma espécie de convite.

O que é que se está a passar, realmente?, escreveu ela, tentando sacar informações com esta sua mensagem, mas não teve resposta.

O carro parou na rua à frente da casa dela.

– E a Amalie? – perguntou-lhe o pai.

– Vou tratar disso. Obrigada pela boleia.

Hammer passou para o banco da frente enquanto Line dava meia-volta e se dirigia para casa antes que o pai arrancasse. Ela devia ter ido buscar a filha. Ainda não era demasiado tarde para ir de bicicleta até casa de Sofie, mas primeiro tinha de pôr as ideias em ordem. Sentiu-se forçada a descer à sua sala de trabalho, sentar-se diante do material preparatório de pesquisa e tentar encontrar um novo ângulo para lhe pegar.



O corredor do hospital estava surpreendentemente silencioso. A forte luz do teto refletia-se no pavimento de linóleo recém-encerado. Um paciente idoso, com uma bata azul-clara, estava curvado sobre um andarrilho. Um homem de uniforme encontrava-se sentado à frente da sala de serviço. Frank Kvastmo. Era o responsável pela agora Secção de Patrulhamento, renomeada após as reformas mais recentes, e era o superior direto dos agentes feridos.

Levantou-se quando viu Wisting e Hammer.

– Como é que eles estão? – perguntou-lhe o primeiro.

– O Tore Bergstrand está no Hospital Ullevål, em Oslo – respondeu Kvastmo. – Está a ser operado neste preciso momento. Eles acham que lhe conseguem salvar a perna. Vou lá amanhã.

– E quanto aos outros?

– O Jensen, o Ranvik, o Otnes e o Ramsland tiveram alta com ferimentos ligeiros. Haverá um *debriefing* esta noite, pelo que eles devem voltar ao trabalho amanhã. O Emil Soffer e a Maren Dokken estão cá. A mulher do Soffer está de visita agora. Estou à espera de que ela saia. Ele tem ferimentos internos e vão mantê-lo cá durante alguns dias.

– E a Maren Dokken?

– Rompeu alguns ligamentos do ombro – explicou Kvastmo. – Já a operaram, mas ela tem um longo período de fisioterapia pela frente.

– Onde é que ela está? – perguntou Wisting, olhando para o corredor.

– Na sala de recobro. Eles acham que pode receber alta amanhã.

– Conheci o avô dela, sabia? – disse Wisting. – O Ove Dokken. Ele era inspetor-chefe aqui quando comecei na polícia.

– Já ouvi o nome – disse Kvastmo.

– Ela tem família cá agora?

– Os pais estão indicados como parentes mais próximos. Já foram

informados, mas ainda têm dois dias de férias em Singapura. Ficam lá até ao fim.

Uma enfermeira saiu de uma sala ao lado e passou por eles apressada.

– Há alguma novidade do Kerr? – perguntou Kvastmo. – Ou do cúmplice?

Quando Wisting abanou a cabeça, Kvastmo olhou na direção do quarto do paciente mais próximo.

– Nada que eu possa transmitir? – perguntou.

– Ainda não – respondeu Wisting.



Um homem de cinquenta e poucos anos, com cabelo e barba grisalhos e densos, estava de pé à frente da esquadra com um cigarro na boca.

Wisting saiu da estrada e estacionou ao lado de um velho Passat coberto de mossas e riscos: um carro sem identificação usado pela polícia.

O homem pegou no cigarro e apertou a ponta brilhante entre o polegar e o indicador.

– Estão fechados? – perguntou.

– A entrada pública fecha às três – respondeu-lhe Wisting, estendendo a mão para o cumprimentar. – Semmelmann?

O desconhecido assentiu.

– Vamos por aqui – disse-lhe Wisting, indicando o caminho para a entrada de serviço no lado do edifício.

Abrindo o porta-bagagens do carro, Idar Semmelmann pendurou uma pasta de computador ao ombro e tirou uma caixa de cartão. Um comprido rolo de papel projetava-se de um dos cantos. Levou estes itens consigo para a esquadra, onde subiram até à espaçosa sala de reuniões.

Wisting ligou a máquina de café enquanto fazia um rápido resumo de como Tom Kerr conseguira fugir. Dirigindo-se à porta, examinou o corredor antes de a fechar.

– A Kripos conseguiu colocar-lhe dois transmissores ocultos antes da visita ao local – acrescentou. – Um no sapato e outro no cinto. Sabemos onde ele está.

Semmelmann alçou uma sobranceira.

– Numa cabana do outro lado da península – explicou Wisting. – Teve ajuda para escapar e acreditamos que agora esteja à espera de ajuda para abandonar a área.

– Então, acham que ele está à espera do Outro – presumiu Semmelmann.

Wisting encheu uma chávena de café e entregou-lha.

– Não gosto de esperar – disse ele, apontando para a caixa com os documentos do caso que Semmelmann havia poisado na mesa. – Estou inquieto para saber quem é o cúmplice – acrescentou. – Quero conhecer a identidade dele agora.

Nils Hammer tinha-se ligado ao computador da sala, que por sua vez estava ligado a um grande ecrã de TV. Tendo obtido o endereço IP da câmara do veículo de vigilância, digitou a palavra-passe para permitir o acesso à transmissão encriptada.

– Lone Mellberg é um nome que conheças dos arquivos do caso? – perguntou.

Semmelmann abanou a cabeça enquanto olhava para o grande ecrã plano.

– Quem é? – perguntou.

– A última pessoa a visitar o Tom Kerr na prisão – esclareceu Wisting.

Ele reconheceu as imagens no televisor. A equipa que seguia Mellberg acabara de passar por Tønsberg.

– Ela está a vir para cá – explicou Hammer, indicando o Ford cinzento da mulher. – Estamos a segui-la.

– Não é um nome do qual me lembre – disse Semmelmann.

Tirando o rolo de papel da caixa, abriu-o e poisou as chávenas de café, uma em cada canto, para o manter direito.

No centro do diagrama havia uma fotografia de Tom Kerr com outras, mais pequenas e com nomes por baixo, dispostas em redor. Tratava-se de um diagrama de relações, no qual figuravam todas as pessoas que tinham algum tipo de ligação com Tom Kerr, quase como asteroides em órbita à volta de um planeta. As mais próximas da fotografia de Tom Kerr eram as que tinham contacto mais próximo. As mais afastadas, na periferia, não incluíam fotografia e eram apenas nomes em letras pequenas.

– Isto foi feito há quase quatro anos – disse-lhes Semmelmann. – Contém cerca de setecentos nomes de pessoas com alguma espécie de relacionamento com o Tom Kerr. Família, todos os colegas de trabalho anteriores, vizinhos nos locais onde morou, pessoas com quem estudou, amigos de infância, outros criminosos com quem conviveu na prisão. Todos os que conseguimos identificar estão aqui. – Pegou num portátil. – Temo-los todos numa base de dados – acrescentou. – Vou procurá-la lá.

Wisting estudou o diagrama de relações, ponderando com quantas pessoas Kerr se teria cruzado ou tido alguma espécie de relacionamento e se seria possível fazer uma reconstrução abrangente no caso dele. Provavelmente, não.

A fotografia mais próxima de Tom Kerr era a do irmão, Jon Kerr. Ao lado via-se a de um homem careca chamado Stig Skarven.

– Quem é este? – perguntou Wisting, poisando o dedo na imagem.

– Um colega de trabalho na Pool Partner – respondeu Semmelmann. –

Eles trabalharam juntos no serviço e manutenção de piscinas. Durante muito tempo, foi o nosso principal enfoque. Antes de começar a trabalhar para a Pool Partner, tinha trabalhado como gerente de manutenção de três piscinas públicas em Bærum, mas teve de sair por atentado ao pudor. Estava sempre a arranjar desculpas para visitar os vestiários femininos quando estavam a ser usados. Conseguimos confirmar-lhe um álibi na noite em que o Tom Kerr foi preso e a casa da quinta foi incendiada. O registo de dados do *router* mostrava que ele tinha estado em casa, em Asker.

– Então, todas estas pessoas foram verificadas? – perguntou Wisting, passando a mão por cima do diagrama.

– Revelou ser uma tarefa quase impossível, mas falámos com todas – respondeu Semmelmann. – Embora isso não nos tenha deixado mais perto do Outro. – Concentrou-se no ecrã do portátil. – A Lone Mellberg não está aqui – disse.

– Eles começaram a trocar correspondência há cerca de três anos – referiu Hammer. – Depois de este diagrama ter sido feito.

Semmelmann assentiu. Adicionou o nome dela à base de dados e atribuiu-lhe um número de índice, situando-a assim no círculo mais íntimo de Kerr.

– Há mais alguém aí chamado Mellberg? – perguntou-lhe Wisting.

A base de dados produziu uma resposta negativa.

– Temos uma pessoa que vive na mesma cidade que ela – continuou Semmelmann. – Runa Ness, de Hokksund. Ele e o Kerr eram da mesma turma na escola primária. Podem encontrá-lo no perímetro do mapa.

Wisting pegou na pasta com os documentos do caso que recebera de Stiller.

– Tenho aqui outro nome – disse, folheando os documentos. – Floyd Thue, um visitante da Cruz Vermelha. Apenas ele, o irmão do Kerr e a Lone Mellberg o visitaram na prisão.

Semmelmann digitou o nome.

– Tenho alguém chamado Floyd, mas o apelido não é Thue.

Wisting sentou-se e olhou para o ecrã. O carro dos detetives à paisana estava agora a passar pela saída de Sandefjord.

– Eles estão a aproximar-se – comentou Hammer.



Semmelmann poisou quatro dossiês na mesa, um para cada vítima de Tom Kerr. Os dois homicídios pelos quais tinha sido condenado: Thea Polden e Salwa Haddad; a vítima que nunca fora encontrada, Taran Norum; e outro com aquela que conseguira fugir, Freja Bengtson. Cada um deles estava marcado com a data e hora do crime.

– A forma como trabalhámos foi mapear os movimentos do Tom Kerr antes de cada crime para descobrir onde ele tinha estado e com quem poderia ter entrado em contacto – explicou o ex-investigador-chefe. – Teria de haver em algum lugar um ponto de interseção com o cúmplice. Isto deu-nos muitos nomes, mas nenhuma ligação.

– E quanto a contactos telefónicos? – perguntou Hammer.

– Telefone, *email* e outras comunicações eletrónicas foram obviamente incluídos neste exercício – disse Semmelmann. – Não havia nada digno de nota.

– Ele podia ter um telefone especial para esse tipo de uso – sugeriu Hammer.

Semmelmann concordou.

– Presumimos que a comunicação entre o Kerr e o seu ajudante se deu em telemóveis separados – disse ele. – O Kerr morava num local bastante isolado. Em princípio, havia apenas duas estações pelas quais as conversas da sua pequena propriedade podiam passar. Fizemos um *download* em massa de todas as conversas nos três dias anteriores a cada sequestro. – Bateu com o dedo no portátil, como se indicasse que a informação estava ali guardada. – Os dados foram analisados, mas não conseguimos descobrir qual o serviço que ele assinava, se era assim que contactavam.

– Posso ter acesso? – perguntou-lhe Wisting, apontando para o portátil.

– Vou enviar um *link* e uma palavra-passe.

– Ela está a sair – avisou-os Hammer.

Wisting olhou para o ecrã. O carro de Lone Mellberg estava agora a sair da E18, em direção a Larvik. Os detetives seguiam-na, o primeiro carro imediatamente atrás dela. Mellberg conduzia como se soubesse para onde ia, passando por duas rotundas e saindo por Elveveien em direção a Lågen.

Hammer virou-se para os outros dois.

– Ela vai ter com ele – disse.

Wisting telefonou a Stiller.

– Estás a ver o mesmo que nós? – perguntou.

– Ela está a vir para cá – confirmou Stiller.

– Como é que pretendes tratar disto?

– Os agentes nas barreiras têm instruções para a interrogar se ela aparecer – respondeu Stiller. – Dizem-lhe que a estrada está fechada até às nove da noite. Até lá, só temos de a seguir e ver o que anda a fazer.

Discutiram algumas questões práticas relacionadas com a próxima conferência de imprensa, enquanto Wisting acompanhava a transmissão em direto das imagens de vigilância. Depois de Lågen, a viagem continuou pela ponte Gloppe e em seguida para leste em direção a Sandefjord e Eftang.

Ele terminou a chamada e voltou-se novamente para Semmelmann.

– E o carro que eles usaram? – perguntou. – Aquele para o qual tentaram arrastar a Freja Bengtson?

– Completamente queimado – respondeu Semmelmann, abrindo uma pasta com fotografias. – O veículo estava incluído quando o Tom Kerr herdou a pequena propriedade do tio. Nunca foi registado de novo, mas tinha matrículas roubadas de outro semelhante.

Abriu outra pasta e folheou o conteúdo até encontrar uma folha impressa.

– Temos informações da Via Verde sobre as várias portagens por onde passou. É provável que usassem matrículas novas sempre que saíam. Tínhamos um projeto inteiro a analisar isso. Matrículas do mesmo tipo de veículo foram roubadas em duas circunstâncias, em locais próximos de onde o Tom Kerr tinha trabalhado em piscinas.

Os detetives em perseguição deixaram que um carro se introduzisse entre eles e Lone Mellberg e agora continuavam pela antiga estrada costeira em direção a Sandefjord.

– Ela vai chegar à barreira externa dentro de cinco minutos – disse Wisting.

Semmelmann sentou-se de novo. Ninguém na sala disse uma palavra. Todos os olhos estavam fixos nas imagens do televisor.

Agora, havia uma fila de trânsito. O Ford cinzento saiu da estrada costeira e estava à frente do bloqueio rodoviário. Com um carro entre os dois, a visão deles estava obstruída. Quando chegou a sua vez, Mellberg passou muito mais tempo do que o carro anterior a falar com os polícias antes de finalmente dar meia-volta. Quando passou pelo veículo de vigilância, viram-

na ao volante. Cara redonda com franja.

– Eles vão deixá-la ir? – perguntou Semmelmann ao ver que o outro carro continuava parado na fila.

– Eles também têm um rastreador eletrônico no carro dela – explicou Hammer. – Já a apanham.

Wisting debruçou-se mais uma vez sobre o impressionante diagrama de relacionamentos.

– Qual destes é o teu candidato preferido? – perguntou.

Semmelmann virou a cabeça de um lado para o outro.

– A verdade é que não há candidatos óbvios – respondeu. – Mas há uma pessoa de interesse que não está aqui incluída.

– O que é que isso quer dizer?

– Quando o Tom Kerr ficou com a pequena propriedade, parecia que vivia lá um europeu de leste. É verdade que já faz um bom tempo, mas temos informações de três fontes diferentes. A última vez que ele foi visto foi cerca de dezoito meses antes do desaparecimento da Thea Polden, quando um novo contador de eletricidade foi instalado no edifício principal. Foi um estrangeiro quem abriu a porta ao instalador.

– Vocês não divulgaram os pormenores dele?

– Pensámos nisso. Tentámos obter um retrato-robô, mas as descrições eram muito vagas. Nenhuma das três pessoas que o viram pensava ser capaz de o reconhecer novamente. Nem sabemos de que nacionalidade estamos a falar.

– Não há europeus de leste aqui? – perguntou Wisting, olhando para o diagrama.

– Por acaso, são vinte e dois – respondeu Semmelmann. – Principalmente homens que ele conheceu na prisão. Foram todos verificados. Nenhum se enquadra na cronologia como possível colaborador do Kerr. Eles ainda estavam na prisão, no estrangeiro ou tinham outro álibi qualquer. E nenhum deles esteve em casa do Kerr.

– O que é que o próprio disse sobre isso? Durante os interrogatórios?

– Negou tudo. Disse que não é verdade.

O telemóvel de Wisting tocou. Era Stiller outra vez:

– A Lone Mellberg acabou de ser parada no bloqueio – disse-lhe ele.

Wisting olhou para o ecrã. As imagens de vigilância estavam em movimento, mas ele já não conseguia ver o Ford cinzento de Lone Mellberg.

– Ela não tinha nenhuma razão plausível para estar ali – continuou Stiller. – Limitou-se a dizer que tinha ido dar uma volta de carro, pelo que a mandaram embora. Negou qualquer relacionamento ou que conhecia o Tom Kerr quando lhe perguntaram e mostraram uma foto dele.

– Então, ela mentiu?

– Pelo menos evitou dizer-lhes que o visitou na prisão.

– Onde é que ela está agora?

– Numa bomba de gasolina no limite do distrito de Sandefjord.

Disseram-lhe que a estrada será reaberta ao trânsito às nove da noite de hoje.

Wisting regressou aos dossiês que Semmelmann havia levado. O mais interessante era o caso da rapariga que conseguira fugir, Freja Bengtson. Tinha levado à detenção de Tom Kerr. Numa pasta separada, havia um conjunto de informações sobre a pequena propriedade em Østmarka: mapas, plantas e fotografias do incêndio que destruíra por completo o celeiro e a casa da quinta.

As chamas haviam tido tempo de sobra para fazer estragos. O incêndio foi comunicado tarde e a ausência da normal grade de gado no estreito acesso da quinta dificultou a entrada dos bombeiros. Em seu lugar, estes depararam-se com uma vala profunda que só puderam transpor depois de a cobrirem com pranchas de madeira. As fotografias mostravam como uma corrente tinha sido presa a uma das barras de metal da grade, arrastando-a por mais de duzentos metros até ao celeiro.

– Parece cuidadosamente pensado – disse Wisting. – Bem planeado, na verdade, assim como a fuga de hoje.

– Foram encontrados restos de doze latas de gasolina nas ruínas depois do incêndio – concordou Semmelmann. – Além disso, encontraram dinamite escondida em vários pontos da casa e do celeiro. O incendiário tinha obviamente pensado que havia de chegar uma altura em que seria necessário eliminar todos os vestígios.

Puxou a pasta para si e abriu-a numa página com fotografias de uma divisão carbonizada, na cave da casa da quinta, que parecia ter sido originalmente usada como lavandaria. Agora, estava pejada de telhas e de outros restos de materiais de construção. Um fogão a lenha de ferro fundido também caíra do andar de cima.

– Achamos que era aqui que as raparigas raptadas eram mantidas em cativeiro – disse Semmelmann, passando à página seguinte.

O espaço da cave havia sido limpo. Uma máquina de lavar num canto e a carcaça de uma cama de ferro eram tudo o que restava. Nas fotografias seguintes viam-se segmentos de algemas, correntes e cadeados, todos enegrecidos pelas chamas. Serras, facas e outras ferramentas de corte estavam espalhadas em redor.

– Ficou tudo destruído no incêndio? – perguntou Wisting. – Não sobrou nenhum vestígio?

– Havia evidências do sangue das vítimas – respondeu Semmelmann, passando a uma fotografia que mostrava um ralo no chão da cave.

– Mas nada que aponte para o Outro?

– Ele podia ter abandonado a propriedade numa moto – explicou Semmelmann. – Foram encontradas marcas de pneus num trajeto que ele deve ter usado para evitar a grade de gado.

Tentou em vão encontrar as fotografias apropriadas.

– Está tudo na base de dados do projeto – disse ele, apontando para o portátil. – Podem ver ali.

Discutiram vários aspetos do caso: teorias, possibilidades, análises e hipóteses, todas foram testadas.

– Penso que também tentaram encontrar um psiquiatra para obter um perfil criminal – perguntou Hammer.

– Sim, também tentámos isso – admitiu Semmelmann. – Não deu em nada, além do óbvio: um homem com autoestima extremamente elevada e falta de empatia. Esse tipo de coisa.

– Um psicopata, por outras palavras? – sugeriu Hammer.

Semmelmann abanou a cabeça.

– Não. Para dizer a verdade, é o contrário. Os psicopatas são regidos pelos impulsos. As suas ações são motivadas por ideias repentinas e caprichos. Eles só conseguem ver o benefício ou a gratificação imediata naquilo que fazem. Em contraste, os psiquiatras definiram o cúmplice como alguém estratégico e criativo, com um elevado nível de inteligência que lhe dá a capacidade de tomar em consideração as consequências a longo prazo.

– E não há ninguém assim aqui? – perguntou Wisting, olhando para o diagrama de relacionamentos.

– Acho que há alguns – respondeu Semmelmann. – O mais interessante é um com quem o Kerr cresceu. Reino Lystad. – Debruçou-se sobre o diagrama para procurar o nome na secção intermédia, mas não conseguiu encontrá-lo. – O Reino Lystad já foi campeão nacional de xadrez – continuou. – Mas a relação entre os dois nunca foi positiva. O Tom Kerr torturou e matou-lhe o gato quando ele tinha doze anos.

Wisting localizou o nome. Reino Lystad era agora um homem adulto com grandes entradas e cabelo ralo. A fotografia parecia ter sido tirada num torneio de xadrez.

Levantando-se, consultou o relógio.

– Tenho de ligar à chefe de polícia – disse ele, desculpando-se. Foi para o seu gabinete, telefonou a Agnes Kiil e pô-la a par dos últimos progressos.

– Acabámos de receber informações do Stenberg, da Unidade de Emergência – disse-lhe ela. – Se não houver novos desenvolvimentos durante a noite, a equipa dele avança ao amanhecer.

– Às seis da manhã, então – disse Wisting.

– Provavelmente terá acontecido alguma coisa muito antes disso, mas temos de definir um prazo para acabar com isto. Os nossos homens precisam de descansar e de uma mudança de turno.

– E quanto à Lone Mellberg?

– Vamos trazê-la ao mesmo tempo.

Acordaram os aspetos que ele deveria enfatizar na próxima conferência de imprensa. Wisting também seria o responsável. Era uma questão de continuidade, insistiu a chefe de polícia. Na realidade, tratava-se de atribuir culpas e responsabilidades. Um erro tinha sido cometido. Tom Kerr conseguira fugir. Aquele era um caso sobre o qual ninguém no Ministério Público queria enfrentar a imprensa e falar. No entanto, se Kerr já tivesse sido

recapturado, muito provavelmente teria sido um dos advogados da polícia a aparecer diante das câmaras. Se conseguissem deter o Outro, o mais provável era que fosse a própria chefe de polícia a anunciar o facto aos *media*.

Às nove e meia, Wisting desceu as escadas até ao átrio da esquadra para receber os jornalistas. Avistou alguns dos mesmos rostos que encontrara em Eftang, mas também alguns recém-chegados.

Tinham-se passado dez horas desde a fuga de Tom Kerr. Wisting começou por anunciar que o prisioneiro ainda não havia sido recapturado.

– Estamos prestes a pôr um fim à caça ao homem naquela que tem sido a nossa principal área de busca até agora – continuou ele. – Trata-se de um terreno naturalmente circunscrito pelo mar a norte, sul e oeste, e pela estrada principal a leste. Examinámos todas as garagens, anexos, casas de barcos e outros edifícios, falámos com todos os residentes permanentes e utilizámos equipamento termodetector. Este trabalho não produziu nenhum resultado, infelizmente. Temos motivos para acreditar que o Tom Kerr pode ter abandonado a área antes mesmo de este esforço policial abrangente ter sido lançado. Os bloqueios de estrada e as barreiras policiais foram agora levantados e estamos a entrar numa fase nova e menos exaustiva das nossas operações.

Ele nunca tinha enganado a imprensa daquela forma, e isso incomodava-o, mas continuou com a declaração acordada. Deu a entender que estavam agora a seguir uma via baseada em informações e investigação, explicou que uma granada detonante de atordoamento havia sido usada para facilitar a fuga e terminou repetindo o aviso de que Tom Kerr era perigoso e estava armado.

As primeiras perguntas foram a respeito do local da busca de Tom Kerr. Wisting pediu compreensão, uma vez que se tratava de informação que não podia ser divulgada aos *media*. Em vez disso, prestou informações adicionais sobre como a explosão da granada tinha sido preparada e acrescentou que estavam a receber assistência do grupo que originalmente perseguira o Outro. Depois, agradeceu a presença de todos e abandonou o átrio.

Agora, era apenas um jogo de espera.



A meia-noite chegou e passou. Tinham decorrido três horas desde que a polícia se retirara oficialmente da área. O veículo de vigilância especialmente equipado encontrava-se estacionado nas traseiras e Adrian Stiller e Ove Hidle tinham entrado.

A última hora fora passada a observar o progresso de Lone Mellberg. O marcador no ecrã do computador deslocava-se continuamente, num padrão peculiar – para a frente e para trás no mesmo trecho da estrada.

A inquietação de Wisting forçara-o a andar de um lado para o outro algumas vezes. A adrenalina abandonara-lhe o corpo e agora os pensamentos estavam lentos. Ele sabia que devia tirar algumas horas de sono, porque o dia seguinte ia ser longo e árduo, independentemente dos resultados daquela noite.

Mais uma hora se passou sem qualquer ação. Semmelmann passara-a à procura de um quarto de hotel e Hammer a dormir numa cadeira. Quando já passava das duas da manhã, Wisting anunciou que ia tentar dormir um pouco. Saiu para o corredor e entrou no escritório atribuído a Christine Thiis. Os gabinetes dos procuradores da polícia eram maiores do que os dos investigadores e contavam com uma modesta área de estar. Ele já tinha usado aquela antes e sabia como tirar o melhor partido dos pequenos sofás.

Mas o sono recusava-se a chegar. Wisting ficou atento a qualquer atividade na sala próxima. Todavia, devia ter adormecido a dada altura e, quando acordou, tinha o corpo hirto e precisou de algum tempo para se levantar.

Ainda estava escuro lá fora e passava pouco das seis da manhã. Ouviu vozes vindas da sala de reuniões e foi ter com os outros.

Stiller virou-se para ele quando o viu entrar.

– Ela entrou na área – disse-lhe, apontando para o ecrã.

Havia agora três marcadores vermelhos no mesmo mapa: um duplo para os dois transmissores de Tom Kerr e outro para o carro pertencente à sua amiga por correspondência na prisão. Este último estava em movimento, seguindo uma faixa estreita e delineada: o caminho de saibro que terminava no aglomerado de cabanas de férias no lado sul de Eftangland, onde Kerr estava à espera.

– O pessoal do Stenberg está pronto? – perguntou Wisting.

– Sim – respondeu Stiller. – Teremos imagem daqui a pouco.

O carro de Lone Mellberg passaria em breve pelo terreno ao lado da antiga serração. Depois, o caminho dividia-se em dois, o da direita seguindo diretamente até Kerr.

Ninguém na sala disse uma palavra. O marcador parou no cruzamento e ali ficou durante meio minuto antes de continuar para a direita.

Stiller ligou a Stenberg.

– Vão ter contacto visual em breve – disse-lhe.

– *Recebido* – foi a resposta, seguindo-se ordens que impunham o silêncio via rádio.

Hidle abriu um novo programa e dividiu o ecrã em dois. Apareceram duas imagens de câmara indistintas no lado direito. Tudo o que Wisting conseguia ver eram sombras e vários tons de preto e cinzento.

– *Bodycam* – explicou Hidle, tocando no peito para demonstrar onde as câmaras estavam montadas.

Em breve, apareceram dois faróis numa das imagens. A vegetação obscurecia partes da lente da câmara, mas tudo o resto se ia tornando mais nítido à medida que o veículo se aproximava. Roseiras bravas ao longo do caminho ganhavam definição enquanto o homem que usava a câmara se movia e a visão melhorava. Agora, podiam ver uma cerca branca e várias construções dispersas.

Wisting verificou o mapa para se orientar. Hidle tinha ampliado a imagem. O carro de Lone Mellberg passou pela cabana de férias onde Kerr estava instalado. Os pontos vermelhos no interior piscaram ligeiramente.

As imagens em direto mostraram o carro a descer até ao cais e a virar. Então, ficou parado com o motor a trabalhar e a luz dos faróis projetada no caminho.

– Quando é que eles avançam? – quis saber Wisting.

– Assim que houver contacto – respondeu-lhe Stiller.

– E se eles fugirem naquele carro?

– Temos um veículo a caminho. Eles não conseguem passar por ele.

Wisting coçou o canto do olho. Enquanto olhava para o ecrã, ficou com a boca seca.

A luz interior do carro acendeu-se quando a porta do condutor se abriu. A distância era demasiado grande para distinguir qualquer coisa além dos contornos de um rosto. A pessoa saiu e foi envolvida pela escuridão.

– O que é que se passa? – perguntou Hammer atrás dele.

Surgiu um pequeno ponto de luz.

– Parece que ela está a fumar – comentou Hidle.

Quase dois minutos se passaram antes que a porta do carro se abrisse de novo e o velho Ford cinzento avançasse lentamente.

O silêncio foi interrompido no rádio:

– *Objeto Bravo em movimento.*

O marcador do carro avançou enquanto os dois pontos vermelhos dentro da cabana permaneciam imóveis.

– *Sozinho?* – foi a pergunta seguinte.

– *Objeto Bravo está sozinho* – chegou a confirmação.

O veículo passou pela cabana de verão e continuou em frente. Mais uma vez, um movimento ínfimo foi detetado no interior, mas nada mais.

Stiller ligou para o carro de vigilância. Este estava pronto para a seguir assim que ela entrasse na estrada principal, mas, no ponto onde o caminho se dividia em dois quando ela chegara, Lone fez uma curva fechada à direita e seguiu o trajeto alternativo.

Continuou até ao fim do caminho, virou, voltou para trás e encontrou outro desvio. Manteve este padrão, percorrendo os caminhos da área que a polícia havia vasculhado em busca de Tom Kerr.

– Talvez esteja à procura dele – sugeriu Hammer.

Wisting foi até à janela.

– Daqui a pouco é dia – disse. – Vamos de carro até lá.



Wisting e Stiller seguiam na traseira da carrinha de entregas enquanto Hammer conduzia. Podiam ver que Lone Mellberg estava a afastar-se cada vez mais do esconderijo de Tom Kerr até que, por fim, entrou de novo na estrada principal.

– Vamos cruzar-nos com ela – disse Hidle. – Está a voltar para casa.

Stiller bebeu água de uma garrafa.

– Não percebo – disse ele. – Se o combinado era que ela o fosse buscar, então, deve ter havido algum problema de comunicação entre eles.

– Sabemos alguma coisa sobre o tráfego telefónico na área? – perguntou Wisting.

– Vamos ter uma análise dentro de algumas horas – respondeu Hidle. – Mas não conseguimos monitorizar as conversas em tempo real.

Uma escotilha na parede divisória entre a zona de carga e a cabina do condutor permitia ver a estrada, onde havia poucos veículos. Cruzaram-se com um camião e um táxi antes de passarem pelo pequeno Ford cinzento que Lone Mellberg conduzia. Duzentos metros mais atrás deste, avistaram o carro com os agentes à paisana. Stiller ligou-lhes com instruções para a seguirem:

– Ela deve ser trazida assim que prendermos o Tom Kerr – concluiu.

O veículo deles começou aos solavancos quando entraram no caminho de saibro. Com a luz da manhã, a paisagem circundante adquiria uma tonalidade acinzentada. O tempo estava bom, mas chovera um pouco durante a noite. As depressões no caminho estavam cheias de água castanha.

Pararam na última curva, fora da vista da casa onde Tom Kerr estava escondido. O líder da Unidade de Emergência emergiu de trás de uma cabana de verão. Quando Stiller abriu a porta lateral, Stenberg apareceu na abertura.

– Qual é o plano? – perguntou-lhe Wisting.

– Queremos que ele saia para que o possamos prender cá fora –

respondeu Stenberg.

– Como é que o vão convencer a sair?

– Da maneira habitual. Primeiro, um megafone e, se não resultar, usamos gás lacrimogénico para o obrigar a sair.

– Quando é que isso vai acontecer? – quis saber Stiller.

– Já estamos prontos – respondeu Stenberg. – Entramos em ação assim que chegar o veículo de comando.

– Onde é que podemos estacionar? – perguntou Wisting.

– Podem ficar com o posto de observação no lado norte – respondeu Stenberg, apontando para uma colina com um mastro de bandeira.

O som de aproximação de um veículo pesado fez com que eles se virassem e olhassem para trás, ao longo do caminho. O veículo blindado da Unidade de Emergência avançava direito a eles, seguido pela patrulha canina e por uma ambulância com uma equipa de paramédicos prontos para entrar em ação.

Stenberg deu ordens para que a sua unidade se posicionasse. Ove Hidle deixou-se ficar no interior da carrinha e Wisting, Stiller e Hammer dirigiram-se a pé até ao ponto de observação indicado por Stenberg. Deitaram-se na encosta despida e espreitaram por cima da borda. A distância até à cabana onde Tom Kerr se encontrava era de cerca de quarenta metros. Encontrava-se rodeada por um grande jardim e uma cerca branca. O caminho passava ao lado e seguia até ao pequeno cais junto à água.

O cheiro forte a maresia era trazido por uma brisa suave. Wisting inspirou aquele ar salgado enquanto observava o mar adiante. Apresentava-se cinzento, com manchas escuras onde as nuvens ocultavam o sol. Avançando para a costa, ondas ganhavam espuma ao rolar sobre as rochas lisas.

Era uma propriedade cara, com banheira de hidromassagem num dos terraços e uma área de churrasqueira equipada com forno de pizzas e capaz de sentar um grupo grande. Havia um trampolim no jardim e um baloiço pendurado numa das velhas árvores de fruto. Alguns galhos obscureciam parte da vista, mas eles podiam ver a entrada principal na frente e partes das paredes onde se situava a porta lateral pela qual Kerr havia entrado.

À medida que o veículo blindado avançava, três agentes fortemente armados faziam o mesmo sob a proteção do seu flanco. Outros três homens, com escudos à prova de balas, surgiram do outro lado e posicionaram-se perto da porta lateral.

Adrian Stiller pegou numa câmara de vídeo, suficientemente pequena para ser transportada no bolso do casaco, do tipo normalmente usado pelos entusiastas de desportos radicais. Ativou a função de gravação e poisou-a na base do mastro.

Um ligeiro silvo partiu do altifalante exterior do veículo de comando. Uma voz autoritária dirigiu-se a Tom Kerr, anunciando que a polícia armada tinha cercado a propriedade e ordenando-lhe que saísse. As palavras ricochetearam nos afloramentos rochosos mais próximos, mas não produziram

qualquer reação imediata.

Passou-se meio minuto.

– *Tom Kerr!* – gritou o altifalante mais uma vez.

A ordem foi repetida, agora com o aviso de que, caso ele não a acatasse, seria usado gás lacrimogéneo.

O rádio da polícia crepitou. Stenberg queria saber se havia algum sinal de atividade nas janelas da cabana. Os vários postos de observação responderam negativamente.

– *Temos algum movimento digital?* – perguntou ele.

– *Uma alteração muito ligeira no interior* – foi a resposta de Ove Hidle.

Kerr foi chamado pela terceira vez e avisado de que o gás lacrimogéneo seria disparado dentro apenas de dois minutos.

Com as asas bem abertas, uma gaivota mosqueada de cinzento aproximou-se acima das suas cabeças. Ficou a pairar por um momento antes de pousar na cumeeira.

O aviso sobre o uso iminente de gás lacrimogéneo foi reiterado passado um minuto, seguido de um aviso final de que faltavam apenas trinta segundos.

A gaivota levantou voo e partiu para longe.

Uma mensagem abrupta foi transmitida pelo rádio da polícia:

– *Fogo!*

Ouviram um estrondo abafado e depois o som de vidro a partir-se. Três granadas de gás lacrimogéneo foram lançadas de três locais diferentes.

Passaram quinze segundos. Stiller verificou se a câmara ainda estava a funcionar.

– *Nenhum movimento* – comunicou Hidle.

Stiller mudou de posição, inquieto. Outros quinze segundos se passaram antes que Stenberg repetisse a ordem. Mais três granadas foram disparadas. Os agentes atrás da barreira de escudos colocaram as suas máscaras de gás. Pouco depois, Wisting sentiu que o vento trazia um cheiro de produtos químicos que lhe ardeu no nariz e nos olhos.

– Algumas pessoas não reagem ao gás lacrimogéneo – observou Hammer.

Quase cinco minutos se passaram sem qualquer atividade perceptível. Então, ordens foram gritadas na área abaixo deles, à frente da cabana. Uma equipa de seis agentes avançou até à porta da frente, todos armados com metralhadoras e protegidos com pesados coletes à prova de bala, máscaras de gás e capacetes com viseira. Um deles levava um pé-de-cabra. Inseriu-o na frincha entre a porta e a ombreira e forçou a entrada. Uma granada de atordoamento foi lançada antes que aqueles homens especialmente treinados entrassem na cabana.

As ordens gritadas no interior eram audíveis. Os agentes que haviam permanecido camuflados nas proximidades avançaram para a cabana e assumiram posições junto à parede ao lado das janelas.

– *Alguma coisa está mal* – disse Hammer. – *Há qualquer coisa que não*

bate certo.

Ainda podiam sentir o cheiro do gás lacrimogéneo enquanto observavam. Os olhos de Wisting começaram a lacrimejar. Ele pestanejou para afastar as lágrimas, mas não tirou os olhos da cabana.

– *Tudo limpo* – soou no rádio da polícia.

Dois dos agentes especiais saíram da cabana e arrancaram as máscaras de gás.

– *Objeto apreendido?* – perguntou Stenberg.

– *Negativo* – foi a resposta. – *Não está aqui. A cabana está vazia.*

Wisting levantou-se com dificuldade, esfregou as pernas das calças e ergueu-se em toda a sua altura. Stiller continuava estendido no chão. O plano saíra-lhe pela culatra. Ele precisava de tempo para digerir aquilo.



Havia uma mudança perceptível no ar, que estava mais frio e mais limpo. A temperatura descera e uma névoa cinzenta, húmida e fria, vinha do mar.

Wisting desceu do topo da colina. Stiller e Hammer seguiram-no até à cabana. O persistente gás lacrimogénico ainda lhe ardia nos olhos.

Ove Hidle levava a carrinha com o equipamento de vigilância até lá.

– Há qualquer coisa aqui que não bate certo – disse ele. – Ainda estamos a captar sinais no interior.

Stenberg deu ordens para que os membros da unidade posicionados em redor da cabana permanecessem nos seus postos e enviou uma nova equipa para uma nova revista à cabana.

– Desta vez, dentro dos armários e por baixo das camas – ordenou.

Todas as portas e janelas foram abertas para dispersar o gás lacrimogénico. Um agente cinotécnico chegou com um ruidoso lobo-dalsácia, mas recebeu ordens para esperar no exterior até que a busca manual fosse concluída.

Hammer cuspiu e praguejou furiosamente.

– Foste enganado – disse ele, dirigindo a sua ira para Stiller. – Desde o princípio, quando lhe puseste aqueles transmissores e te convenceste de que ele não deu por nada. Ele não está aqui. Durante todo este tempo que estivemos à espera para entrar em ação, ele só se afastou ainda mais.

Stiller não reagiu. Dirigiu-se à porta e entrou na cabana.

– O plano do Kerr era melhor do que o teu! – gritou-lhe Hammer antes de se virar para Hidle: – Deixaram escapar um criminoso perigoso – disse. – Deixaram-no voltar à sociedade.

Wisting deu alguns passos em direção à cabana e ao terraço situado à frente da entrada.

– Parece que há uma cave aqui algures – disse ele, inclinando a cabeça. –

Uma caixa de ar por baixo, pelo menos. – Virou-se para Stenberg. – Já procuraram?

Stenberg retransmitiu a pergunta. Recebeu duas respostas em simultâneo, mas Wisting percebeu que ninguém se lembrara de procurar sob as tábuas do pavimento.

– Temos as fundações – disse Stenberg. – Mas não existe um acesso e nenhuma garantia de que haja alguma coisa lá em baixo.

Hammer começou a contornar a cabana.

– Há sempre alguma espécie de escotilha – disse ele. – Estes espaços são necessários para ventilação. Além disso, existem canos de água e de esgoto cujo acesso tem de ser assegurado.

A escotilha situava-se a meio da parede virada a leste, parcialmente escondida atrás de uma roseira. O alçapão estava pintado com a mesma cor cinzenta da parede. A terra no canteiro ao lado estava húmida e cheia de uma variedade de ervas daninhas: nada indicava que a escotilha tivesse sido usada recentemente.

Hammer abriu-a com um pontapé sem esperar pela luz verde. Uma baforada de ar estagnado subiu direita a eles, saturada de mofo ou humidade. Um homem chegou com uma lanterna potente e entregou-a a Hammer enquanto apontava a arma para a abertura.

Partículas de poeira rodopiavam e dançavam diante do feixe de luz. Havia cerca de meio metro entre o solo e as vigas do pavimento. Tapetes de isolamento tinham sido afixados entre as fiadas de vigas, um cabo elétrico estendendo-se em torno deles e canos de água cruzando-se abaixo. Uma série de paredes de suporte impossibilitava a visualização do espaço na sua totalidade.

Stenberg chamou a patrulha canina. O grande lobo-da-alsácia estava agora deitado diante da escotilha, a bater com a cauda no chão enquanto esperava uma ordem.

O homem com a arma apontada para a abertura gritou um aviso e instou Tom Kerr a apresentar-se.

Wisting abanou a cabeça. Não acreditava nem por um minuto que Kerr estivesse ali.

– Pelo menos, não entrou por aqui – disse ele, pensando na camada cinzenta de sujidade e pó acumulado que agora cobria o chão.

O cão foi enviado, deixando marcas distintas no solo. Percorreu a cave no sentido dos ponteiros do relógio e desapareceu atrás de uma parede de tijolo, mas logo reapareceu do outro lado.

Adrian Stiller juntou-se a eles para assistir à busca inútil.

– Empresta-me a tua lanterna – pediu Wisting.

Hammer entregou-lhe a sua.

Wisting apontou a luz para a parede de tijolo, aproximadamente no centro daquele espaço apertado. Algo se soltou e caiu das vigas de madeira secas e ele ouviu as tábuas acima rangerem enquanto alguém andava.

– Isto era originalmente a casa de um capitão da marinha – disse ele, lançando um olhar às paredes pintadas de branco. – Era normal haver uma adega ou cave de serviço à cozinha.

Endireitou-se e percorreu os restantes com o olhar antes de dar meia-volta e se dirigir à porta da cozinha, no outro lado da cabana. Os colegas seguiram-no. Os vapores químicos do gás lacrimogénico que ainda pairava no ar faziam-no tossir e engasgar-se.

A cozinha pintada de azul estava equipada com uma ampla bancada, prateleiras para pratos e uma lareira de canto. No centro do espaço havia uma longa mesa caída com um banco corrido ao longo da parede e cadeiras de espaldar alto com almofadas em redor. Dois coloridos tapetes de trapos cobriam o chão, um deles com uma prega no meio.

As tábuas do pavimento cederam ligeiramente quando Wisting foi até ao outro lado da cozinha, onde usou a biqueira do sapato para afastar um dos tapetes de trapos. Por baixo, surgiu um quadrado inconfundível no chão, um alçapão.

Stenberg afastou o tapete para expor uma argola de metal numa das bordas da escotilha.

Para dizer a verdade, seria possível descer por ali e segurar ao mesmo tempo o alçapão e a argola, de forma a que o tapete ainda cobrisse a escotilha quando esta fosse fechada por baixo.

Stenberg acenou com a cabeça para os homens armados e com equipamento protetor. Wisting recuou alguns passos e Hammer fez o mesmo. Stiller voltou a ligar a câmara.

Um dos homens abriu a escotilha enquanto outros dois aguardavam com as armas engatilhadas. A madeira bateu sonoramente no chão, mas não houve qualquer resposta na cave abaixo.

O homem que abria o alçapão usou uma haste telescópica com espelho e luz para inspecionar a cave sem se expor a qualquer perigo. Ia torcendo e girando o bastão para abranger todo o espaço da cave. No fim, abanou a cabeça e recolheu a haste.

– Vazio – declarou ele.

Ainda com a lanterna em punho, Wisting aproximou-se da abertura no chão. Uma escada conduzia a uma cave de pedra fria, um espaço aberto com cerca de três metros quadrados. As paredes estavam repletas de prateleiras com potes e garrafas de vidro vazias, tudo coberto de poeira. No meio do chão via-se um monte de roupa e um par de sapatos, como se tivessem sido ali largados.

Ele entregou a lanterna a Stiller e deu um passo para o lado para que os colegas espreitassem.

– Aquilo são as roupas dele – concluiu Hammer, virando-se para Stiller. – Os teus transmissores também estão ali em baixo. Estiveram ali este tempo todo. O Kerr limitou-se a trocar de roupa e seguiu em frente.

Um membro da equipa da Unidade de Emergência tirou o capacete,

poisou a metralhadora e arrancou o pesado equipamento de proteção antes de descer à cave da cozinha e recolher as roupas, colocando-as numa variedade de sacos de plástico para provas.

Stiller ligou a Ove Hidle, que continuava sentado na carrinha de vigilância, e pediu-lhe que fosse ter com eles. Então, voltou-se para o líder da Unidade de Emergência:

– Poderia ter fugido no carro da Lone Mellberg? Quando ela esteve aqui ontem à noite? A coberto da escuridão?

Stenberg abanou a cabeça.

– Montámos os postos de observação às 00h45 – disse ele. – O Kerr só pode ter saído antes disso.

Quando Hidle apareceu, puseram-no a par da situação. O polícia que descera à cave apareceu com as roupas e poisou os sacos na mesa da cozinha. Um deles continha o microfone e o transmissor pertencente a Line que Kerr usava.

Stiller verificou o sapato e encontrou o transmissor sem fios. O minúsculo dispositivo não era maior do que uma unha.

– Mas o transmissor estava a mover-se no interior da cabana – disse Wisting. – Eu vi.

– Houve apenas pequenos desvios – disse Hidle calmamente. – Nós interpretámo-los como se fosse ele a andar dentro da cabana. Mas eu verifiquei e parece que pode ter sido uma mudança de satélite ou uma interferência de outros sinais eletrónicos. Tem havido muitos rádios da polícia diferentes em uso na área.

Praguejando, Hammer saiu da cozinha. Wisting fechou os olhos num esforço para se recompor.

– Onde é que está a Lone Mellberg agora? – perguntou.

– Ainda no carro, a caminho de casa – respondeu Hidle. – Já passou por Drammen.

– Tragam-na cá – disse Wisting.

Stiller ligou aos detetives à paisana e transmitiu-lhes a mensagem.

Hammer veio da sala e largou uma fotografia emoldurada na mesa. Tinha sido tirada perto do cais e mostrava um homem de cerca de quarenta anos com um adolescente a bordo de um barco.

– Ele levou o barco – disse. – Foi assim que fugiu. Ele encontrou as chaves aqui.

– Não tem de... – começou Stiller.

Hammer interrompeu-o:

– Não está lá nenhum barco atracado agora – disse ele, estendendo a mão na direção do cais. – Recebemos uma denúncia a esse respeito. Até falámos em dois barcos. Mesmo assim, deixámo-nos ficar sentados, à espera.

O telemóvel de Wisting vibrou no bolso das calças. Ao tirá-lo, viu que a chamada era da chefe de polícia. Saiu e voltou-se para o mar antes de atender. Tinha sido ele a propor-lhe aquela estratégia de espera. Agora, tinha de lhe

dizer que corra tudo mal.



Line foi acordada por um barulho repentino, mas não conseguiu perceber se este tinha vindo do exterior ou de algures do interior da casa.

Deixou-se ficar à escuta. Os movimentos em sua casa eram constantes e ela já se tinha habituado aos diferentes sons de rangidos e estalidos, mas aquilo era diferente. Ela tinha instalado um alarme um ano antes, mas nem sempre tinha o cuidado de o ligar. Nem mesmo quando saía.

O peso na consciência apenas aumentou enquanto continuava deitada sob a colcha. Devia ter ido buscar Amalie na noite anterior e trazido a filha para casa, para a sua própria cama. Em vez disso, deixara-se ficar absorta no trabalho e apenas fizera uma pausa para ver o último noticiário.

Pegando no telemóvel que ainda estava na mesa de cabeceira, viu que eram quase sete e meia, o que a fez levantar-se. Queria saber as notícias mais recentes e ver se havia alguma evolução na busca de Tom Kerr.

As roupas que usara na noite anterior estavam amontoadas ao lado da cama. Vestiu a *T-shirt* e foi descalça até à sala para ligar a televisão. Depois, foi à cozinha e inseriu uma cápsula na máquina de café. Da janela, podia ver a casa do pai, mas o carro dele não estava lá. Se tivesse dormido em casa na noite anterior, já tinha voltado a sair.

Limpou um pouco a bancada e apanhou alguns brinquedos do chão enquanto esperava que a máquina de café terminasse o seu trabalho.

Não era a primeira vez que Amalie passava a noite fora. Ela e Maja dormiam em casa uma da outra de vez em quando. Da última vez, fora Maja quem dormira em casa de Amalie, e Line levava-as à creche no dia seguinte, assim como Sofie ia fazer naquele dia.

Ela e Sofie tinham muitas coisas em comum. Ambas eram mães solteiras e tinham vivido em Oslo, mas haviam-se afastado de antigos amigos e colegas. Agora, Line considerava Sofie a sua melhor amiga, a pessoa com

quem partilhava tudo.

Assim que as últimas gotas escorreram da máquina de café, ela levou a chávena para a sala e deixou-se ficar à frente do televisor. O rosto de Tom Kerr apareceu no início do noticiário.

– A polícia informa que implementou uma grande operação na madrugada desta manhã na área examinada ontem em busca do prisioneiro fugitivo, mas Tom Kerr ainda não foi detido.

A notícia era ilustrada com imagens da véspera. Line mudou de canal, mas o NRK também não tinha novas imagens, apenas as mesmas informações que acompanhavam o apelo policial, pedindo aos cidadãos que entrassem em contacto caso alguém avistasse o prisioneiro desaparecido.

Line bebeu um pouco de café. Tinha de ter a certeza de que estava presente quando Tom Kerr fosse detido. Queria fotografias dele algemado.



– E o helicóptero? – perguntou Hammer enquanto se deixava cair numa cadeira na sala de reuniões. – Ele sobrevoou a cabana com uma câmara de termodeteção. De certeza que teriam percebido que estava vazia?

– A tecnologia de imagem térmica não penetra paredes e telhados – explicou Hidle. – Não havia motivos para acreditar que ele não estava lá.

Torunn Borg entrou na sala e remexeu em alguns papéis. Ainda parecia indignada por não ter sido informada sobre a operação secreta.

– Falei com o proprietário da cabana de verão e pu-lo a par da atividade policial – disse ela. – Ele é advogado corporativo numa empresa de investimentos e está a caminho para avaliar os estragos. – Sentou-se. – Ele disse-me que a família tem uma lancha Yamarin de cinco metros que normalmente está atracada no cais. A chave ficava pendurada num gancho no corredor.

– Isso coincide com a observação comunicada em Kjerringvik – disse Hammer. – Um barco aberto com consola central.

– Ele conseguiu adiantar-me mais do que isso – continuou Torunn Borg. – Algo que tem sido motivo de muita discussão na família.

– O quê?

Torunn Borg soltou um suspiro resignado.

– Há quase cinco anos, eles instalaram um jacúzi exterior – disse ela. – Foi fornecido pela Pool Partner.

– O patrão do Tom Kerr – interrompeu Hammer. – Então, ele já esteve lá antes. Conhece a área.

– Ele esteve lá uma semana antes de ser apanhado – concordou Torunn Borg. – Quando o Tom Kerr foi detido e as fotos dele apareceram nos *media*, eles reconheceram-no. Mais tarde, a Pool Partner também foi mencionada na imprensa, a respeito de ele remover todas as evidências dos corpos com o

cloro líquido usado no seu local de trabalho.

– Qual é o nome do dono da cabana? – perguntou Idar Semmelmann.

– Frank Lewy – respondeu Torunn Borg.

Semmelmann digitou a informação e teve uma resposta.

– Está na base de dados – disse ele. – O Kerr estava lá com o Stig Skarven. Foi um dos últimos trabalhos que ele teve antes de ser detido.

Levantou-se e debruçou-se sobre o enorme diagrama de relacionamentos ainda aberto na mesa de reuniões.

– Está aqui – disse ele, apontando para um homem no quinto círculo em volta de Tom Kerr.

Wisting olhou para a fotografia: um homem de colarinho e gravata e cabelo cortado à escovinha.

– Porque é que está tão perto do centro? – perguntou. – Eles tinham mais do que um relacionamento de fornecedor-cliente?

Semmelmann voltou ao computador.

– Ele foi a tribunal duas vezes por assédio sexual – esclareceu. – Qualquer pessoa que tivesse revelado alguma espécie de conduta sexualmente desviante recebia automaticamente uma pontuação mais alta no nosso índice.

– Então, o Lewy poderia muito bem ser o Outro? – perguntou Hammer.

Semmelmann abanou a cabeça.

– Não há nada que aponte nesse sentido. Eles não têm nenhuma outra ligação.

Torunn Borg falou novamente:

– Eu participei do desaparecimento do barco – continuou ela. – Tem um motor externo de quarenta cavalos de potência. O depósito de combustível é de vinte e cinco litros e, aparentemente, estava quase cheio. Ele poderia ter ido bem longe no Fiorde de Oslo, ou mesmo até Østfold.

– Mas não é provável que tenha atravessado o Fiorde de Oslo – observou Semmelmann. – O Kerr não tem muita experiência com barcos.

– O barco da polícia saiu para o ir procurar – disse-lhes Torunn Borg. – Eles estão a receber assistência de dois barcos de resgate, mas é uma área com um litoral bem extenso.

O telemóvel de Stiller tocou. Trocou algumas palavras com quem estava em linha, agradeceu e desligou.

– Era a equipa de vigilância – explicou. – Localizámos o irmão, Jon Kerr. Vive em Jessheim e trabalha numa fábrica de betão em Skedsmo.

– Que tipo de vigilância estão a usar? – perguntou Hammer.

– Montámos uma monitorização secreta – explicou Stiller. – Outros membros da família também estão a ser acompanhados.

– A quem mais poderia o Kerr recorrer para pedir ajuda? – perguntou Wisting.

– Stig Skarven – sugeriu Semmelmann. – O colega de trabalho na empresa de piscinas.

– Ele está na lista de pessoas que contactámos – acrescentou Hidle. – O

mesmo se aplica àquele amigo da Cruz Vermelha, Floyd Thue.

Bateram à porta e um jovem polícia de uniforme espreitou, estabelecendo contacto visual com Wisting.

– Vão trazer a Lone Mellberg agora – disse ele.



A nova sala de interrogatórios estava mobilada com simplicidade: duas cadeiras com uma pequena mesa entre elas e uma câmara na parede.

Wisting aproximou a sua cadeira da mesa.

– Fale-me do Tom Kerr – pediu.

– Não sei onde está – respondeu a mulher à sua frente.

O rosto da mulher gorda apresentava-se pálido e ceroso. Ela parecia confusa e assustada enquanto os seus olhos percorriam toda a sala.

– Como é que o conhece? – perguntou Wisting.

– Não o conheço – protestou Lone Mellberg. – Não propriamente.

Wisting estava à procura das palavras certas para dar andamento à conversa.

– Como é que o contactou, então? – insistiu.

A mulher à sua frente hesitou.

– Escrevi-lhe – explicou.

– Para a prisão?

Ela assentiu.

– Toda a gente precisa de alguém – respondeu. – Alguém que não nos condene por aquilo que fizemos. Eu ofereci-me para o apoiar, como amiga.

– Mas não o conhecia antes?

– Não.

Wisting não queria provocá-la e absteve-se de pedir qualquer explicação adicional quanto ao motivo que a levava a contactar Kerr. Ele sabia de outros prisioneiros condenados por homicídio que haviam sido alvo de uma lisonjeira atenção de mulheres desconhecidas. As razões podiam ser complicadas e complexas. Algumas eram cristãs com ânsias de curar ou converter, outras, mulheres que queriam desempenhar um papel de mãe, e algumas ainda até escreviam o que só poderia ser descrito como cartas de

amor. A remetente tinha geralmente uma vida emocional desequilibrada, mas a atenção absoluta que podiam receber de um prisioneiro de longa duração dava-lhes uma muito desejada sensação de controlo.

– Mas também o visitou – salientou ele.

A mulher assentiu.

– Quando é que o visitou pela última vez? – tentou Wisting, embora soubesse a resposta.

– Na segunda-feira.

– Há dois dias, por outras palavras?

Lone Mellberg assentiu novamente.

– Fale-me dessa visita – pediu Wisting.

Ela encolheu os ombros.

– Foi como sempre.

– O que é que isso quer dizer?

– Ele perguntou-me como estava. O que tinha feito desde a última vez.

Wisting manteve o silêncio enquanto esperava que ela dissesse mais alguma coisa.

– Ele interessava-se por esse tipo de coisas. Mostrava-se preocupado. Perguntava sempre pelo meu pai e como é que estava a minha filha. O meu pai teve um AVC neste verão. Foi para uma casa de repouso.

– Falou-lhe na sua filha? – perguntou Wisting, sentindo uma pontada de irritação.

– Ela está no último ano do liceu – respondeu Lone Mellberg. – Não tem sido muito fácil em termos de amigos e assim por diante. Ele está preocupado com ela. Eu também, e é bom poder falar com alguém que sabemos que não vai falar com mais ninguém.

Wisting decidiu não prosseguir com este tema.

– Ele contou-lhe alguma coisa sobre si mesmo? – perguntou, mudando de rumo.

– Só falávamos de coisas do dia a dia. Sobre uma série de TV que ambos estávamos a acompanhar e sobre um livro que ele tinha lido.

– Ele disse-lhe que também confessou ter matado a Taran Norum? – prosseguiu Wisting.

Lone Mellberg engoliu em seco enquanto enrolava uma das mãos em torno do copo de água que estava na mesa, mas não bebeu.

– Não – respondeu.

– Sabia que ele ia sair da prisão ontem para uma visita ao local?

– Nunca falávamos sobre coisas dessas – respondeu Mellberg.

Wisting continuou nesta linha, indo buscar mais pormenores sobre as suas conversas e encontros na prisão. Nada do que Lone Mellberg lhe contou tinha relevância para o caso e ele decidiu passar à frente.

– O que é que estava a fazer em Larvik ontem à noite? – perguntou, num tom um pouco mais áspero.

– O que é que quer dizer com isso?

– Saiu de casa ontem às 17h23 – explicou-lhe Wisting. – Às 18h56, tentou entrar na área onde o Tom Kerr foi visto pela última vez, mas foi impedida na barreira rodoviária. Passou a noite inteira ao volante na localidade onde tínhamos motivos para acreditar que ele estava escondido.

Usou as horas exatas para criar a impressão de que tinham um conhecimento mais pormenorizado do que na realidade tinham. Isto faria com que uma resposta evasiva se tornasse mais difícil.

– Estava à procura dele – admitiu ela.

– Como assim?

– Ouvi no noticiário que ele tinha fugido. Como tal, fui até ao lugar onde tinha acontecido.

– Porque é que fez isso?

– Para o procurar – repetiu Lone Mellberg. – A polícia... está a ver, vocês já tinham disparado contra ele. Não sei... Achei que, se o encontrasse e conseguisse falar com ele, acabava tudo em bem. Sem mais problemas.

– Já estive nesta área antes? – perguntou Wisting.

Ela abanou a cabeça.

– Não. Usei o telemóvel para me orientar.

Wisting pediu-lhe que repetisse tudo o que tinha dito. Como ficara a saber da fuga de Tom Kerr pela rádio, como decidira tentar ajudá-lo e passara a noite toda a conduzir. Ela parecia tão ingénua que a explicação talvez fosse credível. Ele pressionou-a até a deixar encurralada, exatamente onde ele a queria quando lhe fizesse as perguntas importantes.

– O Tom Kerr alguma vez lhe pediu algum favor para ele?

– Que espécie de favor?

– Alguma vez trouxe ou levou cartas ou qualquer outro tipo de mensagem dele ou para ele na prisão?

Lone Mellberg não respondeu e Wisting interpretou o silêncio como uma espécie de admissão.

– Que tipo de mensagem? – perguntou.

– Só uma vez – respondeu ela.

– O que era?

– Uma carta.

– Quando foi isso?

Ela não respondeu a esta pergunta direta.

– Era uma carta privada – disse antes. – Ele não queria que os guardas ou qualquer outra pessoa a lesse.

– A quem estava endereçada?

– Um amigo. – Ela engoliu em seco. – Alguém que tinha sido um bom amigo dele há muito tempo. Ele tinha a esperança de que ele fosse visitá-lo. Era uma carta grossa. Ele tinha escrito várias páginas.

– Lembra-se do nome dele?

Lone Mellberg assentiu.

– Foram duas vezes – disse ela em voz baixa. – A primeira há um mês e

de novo na semana passada.

– E lembra-se do nome?

Ela anuiu.

– O nome dele era Theo. Tomei nota do nome e do endereço antes de a pôr no correio. Tenho-os em casa. Achei que depois podia entrar em contacto com ele e dizer-lhe como é que o Tom estava. Que ele precisava de uma visita.

– Theo – repetiu Wisting. – E que mais?

– Não era um nome norueguês – explicou Lone Mellberg. – Parecia alemão. Mas ele vive em Oslo. Tenho uma nota com isso na minha cozinha.



Estavam sentados à volta da mesa de reuniões depois de verem o vídeo do interrogatório de Lone Mellberg. Wisting ocupava a cabeceira. A investigação de Kerr excedia os limites de vários distritos policiais, mas fora-lhe atribuída a tarefa de coordenar e liderar o trabalho de localização. Tom Kerr tinha fugido sob sua responsabilidade.

– Não há ninguém chamado Theo ou Teo na base de dados – disse Semmelmann. – Experimentei várias grafias.

– Ela disse que o apelido dele parecia alemão ou qualquer coisa assim – observou Hammer. – Pode ser o vosso suspeito. O europeu de leste que nunca conseguiram localizar.

Wisting examinou com atenção o abrangente diagrama de relacionamentos.

– Em breve teremos o nome completo e o endereço – disse. – Devíamos preparar-nos para isso.

Virou-se para Christine Thiis.

– Vamos precisar de uma decisão para irmos lá.

A promotora da polícia concordou.

– Não será um problema.

Wisting pegou no seu telemóvel para avisar com antecedência a sede em Oslo.

– Até onde chegaram os detetives à paisana? – perguntou, enquanto procurava o número.

Os homens que tinham acompanhado os movimentos de Lone Mellberg nas vinte e quatro horas anteriores estavam agora de regresso a Hokksund para entrar no apartamento e procurar o bilhete que ela dizia ter escrito, com o nome e endereço da pessoa com quem Tom Kerr teria comunicado.

– Não hão de estar longe – disse Stiller.

Estava sentado com o telemóvel na mão, como se esperasse uma resposta a qualquer momento.

Empurrando a cadeira, Wisting afastou-se dos outros para poder falar com o responsável em Oslo. Depois de uma breve apresentação, explicou a situação e recebeu o número direto do chefe da equipa que lhes daria assistência quando estivessem prontos para entrar no apartamento.

Torunn Borg entrou na sala de reuniões e fechou a porta atrás dela.

– Encontraram o barco – anunciou. – Estava debaixo de água perto de Ringhaugstranda, nos arredores de Tønsberg.

– Ele afundou-o, então – disse Hammer.

– Foi um dos barcos de resgate que o localizou – continuou Torunn Borg. – O barco da polícia está a caminho agora. Tenho as coordenadas.

Ove Hidle, já ligado ao computador de grande ecrã, tomou nota e digitou a localização. Levou-os para o lado ocidental do Fiorde de Oslo, entre Tønsberg e Åsgårdstrand. O mapa em si não lhes dizia nada, e Hidle passou para uma imagem de satélite da mesma zona. Esta apresentava o que parecia ser uma costa rochosa e uma floresta densa mais para o interior.

– Não há construções – comentou Stiller.

– Ele deve ter atirado o barco contra as rochas e aberto um buraco no fundo – disse Hammer.

Ove Hidle moveu o cursor no ecrã.

– Há um caminho aqui – disse ele, traçando uma linha entre as árvores. – Quase até ao fiorde.

– Ele podia ter um carro à espera lá, ou alguém – sugeriu Stiller. – Podemos obter os dados das portagens mais próximas.

Wisting assentiu.

– Reduz o *zoom* – pediu, para situar o local da descoberta em relação a Eftang.

Hidle assim fez e viram que ficava poucos quilómetros a sul da refinaria de petróleo de Slagentangen. Hammer calculou que seriam umas trinta milhas náuticas dali até Eftang.

– Ele terá levado cerca de uma hora e meia – calculou.

O telemóvel de Adrian Stiller tocou.

– Theo Dermann – leu ele em voz alta.

Ergueu o ecrã do telemóvel que mostrava uma fotografia do *Post-it* no qual Lone Mellberg tinha escrito o nome e o endereço:

Theo Dermann
Rua Anton Brekkes 72
0041 OSLO

Hidle mudou o ecrã para os registos criminais e digitou o nome, mas não obteve nenhum resultado. Abriu o censo da população, mas o nome também

não constava lá.

– Estrangeiro – comentou Hammer. – Sem cadastro, pelo menos na Noruega.

Hidle tentou o registo do serviço de informações, mas também não teve sucesso.

Semmelmann tentou o apelido na base de dados:

– Não há nenhum Dermann aqui – disse.

– Verifiquem o endereço – pediu Wisting. – Descubram quem mais mora lá.

– Esse código postal 0041 deve ser algures em Sagene – disse Semmelmann. – Há muitos arranha-céus por lá.

O endereço não produziu resultados.

– O código postal 0041 não está atribuído – informou-os Hidle enquanto premia mais algumas teclas: – Há uma rua Anton Brekkes em Fredrikstad. É o único lugar na Noruega onde existe uma, mas o número de porta não chega a este valor.

– Que merda de confusão! – exclamou Hammer. – Tentem encontrá-lo no Google ou experimentem o Facebook.

Ove Hidle copiou o nome do ecrã para o Google. O resultado com mais correspondências era um livro infantil alemão chamado *Theo und der Mann im Ohr. Theo e o Homem no Seu Ouvido*.

Hammer gemeu.

– Mas que raio? Não há ninguém no mundo inteiro cujo nome seja Theo Dermann?

– Verifiquem com o serviço postal – disse Wisting. – Eles devem ter alguma coisa. Afinal, entregaram-lhe duas cartas.

Assentindo, Hammer tomou nota.

– Se acreditarmos na Lone Mellberg – acrescentou.

Discutiram uma série de tarefas e dividiram outras antes de Wisting encerrar a reunião.

As cadeiras rasparam no chão quando todos se levantaram e foram à sua vida. Adrian Stiller guardou os papéis e o portátil numa pasta, pendurou-a ao ombro e dirigiu-se a Wisting.

– Vou contigo à prisão – disse.

Wisting aceitou a oferta.

– Só preciso de ir a casa e apanhar a Line primeiro – disse ele. – Tenho de lhe dar uma boleia. O carro dela ficou estacionado na Kripes, lembra-te?



Tinha recommençado a chover e Line estava sentada no seu escritório na cave, a ouvir a água gorgolejar nos algerozes do telhado.

Ocorreu-lhe que Amalie estava a precisar de umas botas de borracha novas. As que tinha já lhe estavam pequenas, e o impermeável também começava a ficar justo.

Um carro buzinou lá fora e ela soube que devia ser o pai. Quinze minutos antes, ele enviara-lhe uma mensagem na qual lhe dizia que se preparasse para sair.

Desligou o computador, subiu e espreitou pela janela da cozinha. Viu que Adrian Stiller também estava no carro.

O pai buzinou outra vez, impaciente.

Vestindo o casaco, Line saiu e entrou para o banco de trás.

– Olá! – disse ela aos dois homens na frente.

Stiller virou-se para ela e sorriu. O pai olhou-a pelo espelho retrovisor.

– Lembraste-te de trazer as chaves do carro? – perguntou.

Ela assentiu, mas verificou a mala para se certificar.

– Alguma novidade? – perguntou.

Wisting abanou a cabeça.

– O que foi aquilo que eu ouvi sobre uma ação que teve lugar esta manhã?

– Entrámos numa cabana de verão no lado sul de Eftangland – explicou o pai. – Mas ele não estava lá.

– Mas encontrámos o teu equipamento de som – acrescentou Stiller. – O microfone e o transmissor. Não tarda, já os tens de volta.

– Então, ele estava escondido numa cabana lá em baixo – disse Line. – Há quanto tempo?

– Não muito.

– O que é que isso quer dizer?

– Ele fugiu num barco roubado, provavelmente antes mesmo de o helicóptero ser chamado – respondeu Stiller. – O barco foi encontrado perto de Tønsberg. Todos os vestígios dele acabam aí.

Stiller estava mais disposto a conversar do que o pai, o que lhe agradou. Fazia-a sentir-se incluída.

– Então, o que é que vão fazer agora? – perguntou Line.

– Acompanhamento de denúncias – foi a resposta do pai.

Line desviou o olhar para a janela. Aquela resposta irritou-a. Não lhe dizia nada e era daquele tipo que os jornalistas na primeira fila de uma conferência de imprensa estavam habituados a receber.

– Verificaram as pessoas que ele contactou na prisão? – perguntou ela depois de uma pausa. – Visitantes e que tais?

– Estamos a trabalhar nisso – foi a resposta.

Line mudou de posição no assento.

– Então, conseguiram falar com o investigador-chefe ontem? – perguntou.

– Sim.

– O que é que ele disse?

Wisting seguiu para a E18 e acelerou.

– Ele pôs-me a par do trabalho que desenvolveram para encontrar o cúmplice – respondeu.

– E eles têm algum suspeito?

O pai encontrou-lhe o olhar no espelho de novo.

– Estamos a meio de um caso ativo, Line – respondeu. – Só tens de segurar os teus cavalinhos e esperar até que esteja tudo acabado.

Com um suspiro, Line levou a mão à testa.

– Já não sou jornalista – disse, inclinando-se para a frente. – Estou a perguntar porque isto me afeta. Eu estava lá quando o Tom Kerr fugiu. Ainda me dói a cabeça por causa da explosão. Não posso simplesmente esperar que acabe. Não vou ter descanso enquanto ele não estiver de volta na prisão.

Nenhum dos homens disse mais nada e o pai aumentou o volume do rádio do carro. Enquanto os limpa-para-brisas dançavam no vidro, Line abanou a cabeça e deixou-se cair no assento.

– Onde é que fica essa cabana que estão a investigar, então? – perguntou.

– De certeza que não pode ser segredo. Como é que se chama o dono?

Adrian Stiller virou-se parcialmente para ela.

– Temos imagens da operação desta manhã – respondeu. – Posso tentar que sejam divulgadas. – Sorriu. – Quando isto estiver acabado – acrescentou.



A fechadura zumbiu. Wisting abriu a porta gradeada e atravessou o perímetro externo da prisão até ao enorme edifício de tijolo.

Alguém gritou algo de uma das janelas do segundo andar, uma espécie de mensagem confusa sobre direitos e justiça.

O diretor da prisão estava no topo da íngreme escadaria de pedra, à espera para os cumprimentar. Um guarda prisional registou os nomes e eles entregaram os seus crachás policiais em troca de passes de visitante. Então, seguiram para o gabinete do diretor da prisão.

– Encerrámos toda a secção quando soubemos que o Kerr tinha fugido – disse ele. – É claro que os reclusos ficaram a saber por intermédio da televisão e da rádio, mas não tiveram oportunidade de conversar uns com os outros a esse respeito.

– Há alguém que possa saber alguma coisa?

– O Tommy Hornland ainda está cá – respondeu o diretor da prisão.

– Foi ele que pôs isto tudo a andar, se bem se lembram.

– O informador?

– Sim. E é provavelmente aquele com maior probabilidade de ter alguma coisa a dizer. Já falaram com ele antes?

Wisting abanou a cabeça. Stiller também não o conhecia, apenas lera os relatórios nos quais ele descrevia o que Tom Kerr lhe confienciara sobre o homicídio de Taran Norum.

– A propósito, não reparem no olho dele – alertou-os o diretor. – Há mais coisas avariadas dentro daquela cabeça do que fora dela.

– O que é que se passa com o olho dele?

– Ele nasceu com a órbita ocular vazia. Costumava usar um olho de vidro, mas agora já não.

– Também temos de falar com o guarda de contacto do Kerr – disse

Wisting.

– Molander. Esteve de baixa uns dias, mas agora já voltou ao trabalho. E está cá hoje.

O diretor da prisão debruçou-se sobre o sistema de intercomunicação para solicitar a presença de Fredrik Molander para uma reunião no seu gabinete.

– O Molander pode acompanhar-vos – disse em seguida.

Um homem de trinta e poucos anos, com uma camisa de uniforme amarrutada, apareceu à porta. O diretor da prisão apresentou-lhe Wisting e Stiller e pediu-lhe que respondesse a quaisquer perguntas que pudessem ter.

– Eles querem ver a cela do Kerr – concluiu. – Podes levá-los lá, por favor?

– Com certeza.

O guarda pegou num molho de chaves e abriu caminho até à secção de detenção.

Wisting podia sentir uma intensa impressão de privação de liberdade enquanto caminhavam. Portas de metal que eram destrancadas e trancadas de novo, lâmpadas de luz fluorescente e corredores longos e cinzentos.

– Há quanto tempo é o guarda de contacto do Tom Kerr? – perguntou-lhe Wisting.

Molander virou a cabeça e olhou para trás.

– Desde que ele veio para cá – respondeu. – Mais de quatro anos.

– Conhecem-se bem, então?

– A ideia é essa – respondeu Molander. – As boas relações entre os reclusos e os guardas têm um efeito positivo no que diz respeito à segurança e reduzem o nível de conflito.

Atravessaram uma sala comum com áreas de estar e uma *kitchenette* e entraram noutra corredor.

– Pretende ser um ponto de contacto estável para os prisioneiros durante a sua estadia aqui – prosseguiu Molander. – Ser um apoio e alguém com quem conversar.

Havia um tom de sermão na sua maneira de falar, mas Wisting ignorou-o.

– Falavam de quê? – perguntou.

– Principalmente, pormenores práticos da passagem por cá. Orientação. Ajuda com diversas candidaturas. Inscrevê-lo numa série de cursos e programas. Planear-lhe o futuro.

– E que planos tinha o Kerr para o seu futuro?

Fredrik Molander parou diante da porta de uma cela sem identificação.

– Não importa pelo que foram condenados, ou quanto tempo falta para serem libertados, temos de trabalhar no sentido da sua reabilitação e transformação – disse ele enquanto inseria a chave na fechadura.

Alguns metros adiante no corredor, alguém gritou qualquer coisa de uma das celas, mas foi impossível decifrar o quê.

– A minha tarefa mais importante é estar presente – continuou Molander, girando a chave lentamente. – Tentar ser um fator positivo na vida diária deles.

O ferrolho saltou para trás e a pesada porta de metal abriu-se.

O espaço interior media cerca de dois por cinco metros e continha uma cama, secretária, estantes cheias de dossiês, um armário, lavatório, televisor e um quadro de avisos de cortiça.

Ao entrar, Wisting foi até à janela e espreitou por entre as grades. O pátio de exercício agora deserto era cercado por um muro periférico com sete metros de altura, atrás do qual se estendia uma paisagem de floresta viçosa sob um céu cinzento-azulado.

Stiller leu uma citação numa das notas no quadro de avisos: *«As leis são como postes telegráficos: não podes saltar por cima deles, mas podes contorná-los.»*

Wisting aproximou-se da secretária, na qual se via uma pilha de livros diferentes: filosofia, psicologia, um livro com factos sobre direito penal e alguns títulos de autoajuda.

Sentou-se e calçou um par de luvas de látex antes de abrir a gaveta de cima. Continha alguns CD, material de escrita, envelopes e selos. Uma pasta continha uma carta dos Serviços Correccionais Noruegueses relacionada com a sua pena de prisão, enquanto outra continha correspondência com outros organismos públicos.

Wisting guardou as pastas e ergueu o bloco de notas. Não havia nada ali, mas ele conseguia ver os contornos do que havia sido escrito na folha anterior. Empunhou o bloco em ângulo na direção da luz da janela para ver melhor. Parecia uma carta formal. Identificou as marcas dos endereços de remetente e destinatário, e o nome Tom Kerr era perfeitamente claro. O destinatário parecia ser a Prisão de Ila. A carta em si começava com um título sublinhado com bastante força.

Ele pôs o bloco de parte para depois levar consigo.

Na gaveta ao lado havia um maço de cartas presas com um elástico. Ele tirou-o e olhou para a de cima. Era de Lone Mellberg e datada de três semanas antes. Ela agradecia-lhe a visita e escrevia que entendia o quanto podia ser difícil falar dos seus sentimentos.

Durante a maior parte da minha vida não estive emocionalmente presente [ela escrevia em letras redondas]. Como tal, sei como é. Eu também não fui criada para saber mostrar os meus sentimentos. Mas quando reténs os teus sentimentos durante tempo suficiente, eles acabam por transbordar. Espero que possa ser eu a fazer com que a tua barragem rebente...

Continuava no mesmo tom. Nada na correspondência entre Tom Kerr e

Lone Mellberg poderia ser interpretado como preparativos de uma tentativa de fuga.

– Aqui! – exclamou Adrian Stiller. Estava a revistar o armário e encontrara um bilhete.

– *Theo Dermann* – leu ele enquanto o entregava a Wisting.

Eram o mesmo nome e endereço que estavam nas cartas que Lone Mellberg admitira ter levado para fora da prisão.

Wisting voltou-se para o guarda de contacto, que estava encostado à ombreira da porta.

– Reconhece este nome? – perguntou. – *Theo Dermann*?

Fredrik Molander abanou a cabeça. Wisting espreitou o armário onde o bilhete fora encontrado.

– Mais alguma coisa? – perguntou.

– Só isto – respondeu Stiller, colocando o bilhete num saco de provas.

Wisting dedicou novamente a sua atenção à secretária e depositou o maço de cartas de Lone Mellberg num saco idêntico.

A terceira gaveta continha artigos comprados na loja da prisão: sacos de guloseimas, pacotes de bolachas, batatas fritas, chocolate, amendoins e cacau em pó.

A prateleira por cima da secretária estava cheia de dossiês repletos de documentos dos processos criminais movidos contra Kerr e cartas do seu advogado. A última era uma cópia de uma carta enviada a uma companhia de seguros a respeito do não pagamento de uma indemnização pelo incêndio na sua pequena propriedade em Østmarka.

A lata de lixo por baixo da secretária estava vazia. Não havia nada atrás do quadro de avisos na parede nem do espelho acima do lavatório. Eles viraram a cama, folhearam revistas e também os livros. A busca foi infrutífera.

Wisting virou-se para Molander:

– Houve alguma coisa que ele disse ou fez que, em retrospectiva, possa ser relevante para a sua fuga?

Molander abanou a cabeça.

– Nem por isso. Discutimos a possibilidade de formação teórica e liberdade condicional quando o período mínimo de pena terminar. Fui honesto com ele, disse-lhe o que pensava e também que, se ele não demonstrasse uma mudança pessoal, provavelmente veria a pena prorrogada. Acho que isso o levou a acreditar que devia confessar o terceiro homicídio. Que seria importante para que ele pudesse seguir em frente.

Wisting agachou-se e espreitou para baixo da cama. Tudo o que conseguia ver era um par de chinelos. Puxou-os e verificou se não havia nada dentro deles. Então, levantou-se de novo e olhou para Molander.

– Fale-me das rotinas telefónicas – pediu.

– Como assim?

– Se o Tom Kerr quisesse fazer uma chamada para alguém de fora, como

é que isso se processava?

– Ele pode telefonar a quem quiser, mas só tem vinte minutos de telefone por semana, de segunda a sexta. Tem de usar um telefone instalado ao lado da sala da guarda. Todas as conversas privadas são monitorizadas. Também havia vigilância nas cartas.

Wisting assentiu.

– Todos os guardas sabiam isso? – perguntou.

– Claro – respondeu Molander num tom autoconfiante, quase desdenhoso.

– E este regime de telefone? – perguntou por sua vez Stiller. – Era observado rigorosamente?

Fredrik Molander evitou a pergunta:

– As conversas com a polícia ou com o advogado não estão incluídas no tempo de telefone – explicou – e também não são monitorizadas.

– Mas é possível que os reclusos obtenham tempo suplementar de telefone, por exemplo, quando se encontram com uma assistente social ou assim? Ele conseguiria permissão para usar o telefone do escritório, por exemplo?

Molander abanou a cabeça.

– Não para conversas pessoais, não.

– Mas a fuga foi bem planeada – insistiu Stiller. – Ele deve ter comunicado com alguém a esse respeito.

– Visitantes – sugeriu Molander. – Diretamente ou por intermédio de alguém que levasse mensagens para dentro e para fora.

Wisting aproximou-se novamente da janela. A chuva formara poças lá fora, no pátio de exercícios.

Eles sabiam que Lone Mellberg havia levado duas cartas, mas o nível de pormenor do plano de fuga exigia uma comunicação bidirecional. Até então, ela negara ter levado qualquer coisa para a prisão.

– Quem vocês deviam verificar era aquele advogado dele – continuou Molander.

– Claes Thancke?

– Não seria a primeira vez que ele excedia o seu papel enquanto advogado de defesa – respondeu Molander.

Wisting não comentou esta tréplica. Se o advogado de defesa tivesse agido como mensageiro, Tom Kerr não teria precisado de usar Lone Mellberg para enviar quaisquer cartas dele.

– Acabámos – disse ele, dando uma última vista de olhos à cela. – Podemos falar com o informador?

– Tommy Hornland – respondeu Molander, abanando a cabeça. – Ele está a passar por uma fase complicada.

Wisting saiu da cela com Stiller logo atrás.

– O que é que quer dizer com isso?

– Está praticamente psicótico, mas o médico não lhe quer aumentar a

medicação. Não para já, pelo menos.

Fechou a porta da cela e trancou-a com cuidado.

– Podem esperar na sala das visitas.

Parecia um desperdício de tempo ir a Oslo para apenas se meter no carro e voltar para casa. Enquanto abandonava o pátio traseiro do edifício da Kripos, Line procurou o número de Ingar Holm, diretor de desenvolvimento da Septemberfilm e também o seu contacto para o projeto do documentário. Eles tinham falado várias vezes na noite anterior. Tendo visto as imagens que ela tinha, Ingar estava desejoso de a conhecer pessoalmente. Cancelara outro compromisso e assegurara uma sala de edição para que pudessem ver a gravação juntos.

Quinze minutos depois, Line estava a estacionar em Nydalen. Holm foi ter com ela à receção. Era cerca de dez anos mais velho e tinha trabalhado em inúmeras produções televisivas, desde *reality shows* a grandes séries dramáticas.

– A Nina Gullow vem ter connosco – disse ele, conduzindo-a até um corredor. – Ela não viu as imagens.

Line só falara com Nina Gullow uma vez no passado. Era a pessoa que, na Septemberfilm, teria a responsabilidade administrativa assim que fosse tomada uma decisão final quanto à produção. Ela já estava sentada na sala de edição e praticamente saltou da cadeira quando entraram.

– Um grande desenvolvimento – disse, apertando a mão a Line. Tinha uma voz baixa e rouca, mas transmitia autoridade. – Quando é que podemos ter acesso oficial ao material?

– Pode demorar algum tempo – respondeu-lhe Line enquanto se sentava. – O acordo era que seria possível assim que fosse proferida uma sentença judicial contra o Tom Kerr. E isso ainda pode levar um pouco. Primeiro, eles vão ter de o encontrar.

Nina Gullow pareceu pouco satisfeita com esta resposta.

– Tenho um bom relacionamento com o responsável pela investigação

da Kripos – continuou Line. – O Adrian Stiller. Ele prometeu-me imagens da operação gorada desta manhã.

Ingar Holm reproduziu a gravação da chegada a Eftang. Era a sexta vez que Line a via.

– Haverá algum problema de imparcialidade em relação ao seu pai? – perguntou-lhe Gullow. – Afinal, ele está fortemente envolvido no caso.

Line abanou a cabeça enfaticamente.

– O problema é que ele não me conta nada – respondeu. – Penso que está a acontecer muito mais do que aquilo que chega às notícias.

– Como por exemplo?

– Qualquer coisa relacionada com o Outro, que deve ser a pessoa por trás disto tudo e que organizou toda a fuga.

Gullow assentiu pensativamente.

– O Tom Kerr funcionou como um isco – continuou Line. – Tirá-lo da prisão poderá muito bem ter levado o Outro a agir. Não sei se a polícia tinha contado com isso nos seus cálculos, mas há definitivamente mais qualquer coisa a acontecer nos bastidores.

No ecrã, viram Tom Kerr cair pela primeira vez. Nenhum deles falou quando ele se levantou e seguiu em frente. Quando voltou a cair, Line pediu que as imagens fossem reproduzidas em câmara lenta. Viram Kerr limpar o sangue de um corte no rosto e lambê-lo dos dedos.

– Ali! – exclamou ela, apontando para a pequena chave no interior da boca.

– Genial! – comentou Gullow. – O que é que a polícia está a fazer hoje? Há alguma novidade?

– Eles trouxeram o investigador-chefe dos dois casos pelos quais o Kerr já foi condenado – respondeu Line. – Neste momento, estão na prisão a falar com os guardas e outros reclusos.

– É fundamental que continues em cima do acontecimento – disse-lhe Gullow. – Documenta tudo e reúne o máximo de informação que te for possível.

– É agora! – exclamou Ingar Holm.

Tom Kerr começara a correr. Nina Gullow concentrou-se no ecrã, à espera da explosão. O clarão de luz arrancou-lhe uma imprecisão.

A câmara caiu no chão enquanto chovia terra e areia. A polícia loira apareceu na imagem. Ouviram a voz de Wisting perguntar se Line estava ferida antes de lhe ordenar que permanecesse no local, enquanto a câmara mostrava a agente obviamente ferida a ajudar um colega.

– Quem é a rapariga? – quis saber Nina Gullow.

– Não sei – respondeu Line. – Não tem um posto permanente há muito tempo. Falei com ela no miniautocarro quando saímos da prisão.

No ecrã, o cão-polícia seguia agora o rasto de Tom Kerr até à floresta.

– Volta atrás! – pediu Nina Gullow. – Para a rapariga.

Ingar Holm obedeceu e parou a imagem quando a polícia estava mais

próxima da câmara. Tinha o longo cabelo preso numa trança grossa sobre um ombro. A cara estava suja e apresentava uma série de cortes e arranhões.

– Ela é atraente – comentou Nina Gullow. – Descubram quem é. Se alguém vai falar para a câmara sobre o que aconteceu, então, que seja ela.



Wisting estava de pé junto à janela da sala de visitas a ver a chuva. Um corvo passeava-se no pátio de exercício, debicando o chão. Eles estavam à espera de Tommy Hornland há dez minutos. O telemóvel de Wisting ainda se encontrava com o guarda na entrada. Se houvesse algum desenvolvimento no caso, só saberiam quando voltassem a sair.

A porta abriu-se e Wisting virou-se. Tommy Hornland era um homem alto e magro, com nariz adunco e cabelo despenteado. Esfaqueara a mãe até à morte e também tinha sido considerado culpado pela tentativa de homicídio do pai e da irmã.

Fredrik Molander sentou-se numa cadeira de madeira junto à porta enquanto o prisioneiro se deixava cair no sofá. Mirou-os com o seu único olho e havia algo de desconfiado, mas ao mesmo tempo distante, naquele olhar. No espaço onde devia estar o outro olho, a pálpebra pendia e a pele em redor apresentava-se enrugada.

– Estamos bem – disse Wisting, dirigindo-se ao guarda da prisão. – Pode esperar lá fora.

Parecia que o outro estava a considerar protestar, mas levantou-se e saiu.

Wisting explicou quem eram. O sofá de couro rangeu enquanto Hornland se remexia.

– Eu sabia – disse ele, e começou a baloiçar-se para a frente e para trás.

Wisting olhou para Stiller, que encolheu os ombros. Tommy Hornland encontrava-se agora num estado mental claramente diferente do que quando os investigadores do grupo de Casos Arquivados tinham falado com ele.

– Eu sempre soube – acrescentou.

– O quê? – perguntou-lhe Stiller.

– Vocês deviam ter percebido que ele ia dar à sola – respondeu ele com um som semelhante a uma fungadela. – Toda a gente sabia.

– Tomámos todas as precauções – observou Stiller.

– Toda a gente sabe que um leão faminto vai atacar – disse Hornland. – Toda a gente sabia que o Tom Kerr ia fugir.

– Foi muito bem planeado – continuou Stiller. – Só pode ter recebido ajuda.

Tommy Hornland cruzou os braços sobre o peito.

– Sim, do Outro – disse. – O tipo que sempre o ajudou.

– Ele alguma vez falou consigo sobre esse ajudante?

– Ninguém sabe quem é – disse Hornland, sem realmente responder à pergunta de Wisting. Cruzou uma perna sobre a outra e inclinou-se para o lado no sofá. – Ele usou-vos, tal como me usou a mim – disse, abanando o pé. – Eu devia ter topado isso antes. A confissão dele foi falsa. Não falsa no sentido de não ser verdade, porque ele matou mesmo aquela rapariga, mas a razão pela qual ele começou a falar comigo sobre isso foi porque queria fugir.

Tommy Hornland bateu com a ponta do dedo na testa, como se quisesse dizer que tinha descoberto como tudo se encaixava.

– Ele não falou apenas comigo sobre isso, mas com uns quantos aqui dentro. Toda a gente, para ser franco. Calculou que alguém acabaria por contar aos guardas. Acontece que fui eu. Vocês não teriam alinhado se ele vos tivesse procurado diretamente e de repente confessado; portanto, usou-me. E vocês morderam o isco. Tiraram-no daqui para uma caça aos gambozinos.

Embora estivesse a falar quase sem respirar, havia algo de racional e lógico no seu raciocínio. Stiller disse qualquer coisa a respeito da facilidade de sermos sábios depois do acontecimento e repetiu o seu mantra de que a fuga tinha sido bem planeada.

– Ele passou muito tempo a preparar isto – disse Hornland. – Anos, na verdade.

– Como é que o pode ter feito no interior da prisão? – perguntou-lhe Wisting. – Ele deve ter falado com alguém de fora. Recebido ajuda.

Tommy Hornland olhou para a porta com o seu único olho.

– O Outro – repetiu. – O amiguinho dele, que sempre o ajudou. Em tudo.

– Como é que o faria se quisesse comunicar com alguém lá fora? – perguntou Stiller. – Sem que os guardas descobrissem?

– Eu? Enviava mensagens – respondeu Hornland, olhando novamente para a porta, como se estivesse desesperado para sair daquela sala. – É mais fácil para alguns do que para outros. Muito mais fácil.

– Para quem é que é mais fácil?

– Montes de gente.

– Quem, então?

Tommy Hornland virou a cabeça e fixou o seu único olho em Wisting.

– É mais fácil para quem tem advogado – respondeu. – Os advogados entram e saem sem qualquer impedimento. Sempre a entrar e sair. Eu não tenho advogado. Faz doze anos que não tenho um. Também não tenho namorada, nem irmão. Tenho uma irmã, mas ela não vem cá.

Wisting assumiu uma expressão pensativa. Assentiu com simpatia e tentou orientar a conversa para algo que pudesse fornecer-lhes informações relevantes, mas as respostas de Tommy Hornland tornaram-se cada vez mais vagas. Por fim, Wisting levantou-se e bateu na porta para indicar que o interrogatório tinha terminado.

Tommy Hornland ficou na sala dos visitantes enquanto Wisting e Stiller eram escoltados de regresso à entrada principal, onde lhes devolveram os distintivos policiais e telemóveis.

Wisting tinha onze chamadas perdidas, duas delas de Semmelmann e outras duas da chefe de polícia. As restantes eram de números que ele não tinha na memória, muito provavelmente de jornalistas.

Ligou para a chefe de polícia enquanto se dirigiam ao carro sob a chuva forte.

– Alguma novidade? – perguntou ela.

– Nada – respondeu ele, explicando que acabara de sair da prisão.

– Os Assuntos Internos querem falar contigo – disse a chefe de polícia. –
Vão enviar um investigador para Larvik. Tens de te mostrar disponível.



– Devíamos falar com o Floyd Thue – disse Stiller assim que se apanharam sentados no carro. – Aquele «amigo» da Cruz Vermelha. Ele vive perto de Bekkestua.

Wisting olhou para o imponente edifício da prisão antes de abandonar o estacionamento.

– Achas que estará em casa agora? – perguntou.

– De acordo com a papelada, ele é investidor e trabalha em casa. Elabora análises financeiras. Compra e vende ações na Internet. Podemos tentar.

Encontrou o endereço e digitou-o no navegador. Ficava praticamente no caminho de regresso a Vestfold.

Seguiram para sul, contornando um campo de golfe. As casas eram poucas, mas foram-se tornando gradualmente mais numerosas e eles não demoraram a dar por si numa área residencial de grandes *villas* com extensos jardins. O GPS levou-os a uma rua sem saída.

– Número 32 – disse Stiller, apontando para uma casa independente, pintada de branco e com telhas vidradas.

O portão curvo de ferro forjado estava aberto de par em par e Wisting entrou para o pátio pavimentado. Não se via nenhum carro estacionado no exterior, mas parecia haver uma grande garagem por baixo da casa.

– Ele vive sozinho – disse Stiller. – Nunca foi casado. Não tem filhos.

Wisting deixou-se ficar sentado ao volante enquanto olhava para a imponente residência. Pilares altos e cilíndricos erguiam-se de cada lado da entrada.

– Por que raio alguém que vive aqui visitaria um assassino condenado na prisão? – perguntou.

– Vamos ver se ele nos diz – sugeriu Stiller, saindo.

As portas duplas da entrada estavam pintadas de preto e não deixavam

de ser impressionantes. A campanha soou como um carrilhão e Wisting quase esperou que uma empregada ou um mordomo lhes abrisse a porta.

O homem que se materializou diante deles tinha trinta e poucos anos e tanto as suas roupas como a sua aparência não combinavam de todo com o estilo da casa. O cabelo fino e pegajoso parecia escorrer sobre a cabeça acima de uma pele pálida, o queixo pontiagudo era ligeiramente torto e via-se uma verruga grande e duas mais pequenas na face esquerda.

– Floyd Thue? – perguntou Wisting.

– Sim, sou eu.

Wisting imaginara um homem de fato, mas Floyd Thue vestia umas calças de treino bem gastas e uma *T-shirt* com manchas de café.

– Somos da polícia – explicou Stiller. – É sobre o Tom Kerr.

– Entendo – respondeu Thue, dizendo em seguida que tinha visto Wisting no noticiário da TV. – Já estava à vossa espera, para dizer a verdade.

Foram conduzidos a uma sala de trabalho no lado oposto da casa. Uma enorme secretária com a forma de uma ferradura estava coberta de computadores, dois dos quais ligados, e os ecrãs exibiam números da bolsa de valores em constante mudança. Uma réstia de luz diurna entrava por uma abertura nas cortinas.

Não havia cadeiras para visitas junto à secretária, pelo que Thue teve de ir buscar algumas a uma sala de jantar contígua.

– Faz parte da lista de visitantes do Tom Kerr – começou Wisting. – Com que frequência o visita?

– Uma ou duas vezes por mês – respondeu Thue.

– Há quanto tempo é que isso acontece?

– Há quase cinco anos. Tenho três prisioneiros que visito regularmente. Demoro um quarto de hora para chegar lá.

Stiller inclinou-se um pouco para a frente.

– Posso perguntar-lhe o que é que o leva a fazer isso?

Recostando-se na sua cadeira, Floyd Thue começou a mexer distraidamente na maior das três verrugas que tinha na cara.

– A intenção é fazer algo de útil pela sociedade – respondeu. – O que faço aqui é apenas uma questão de números e dinheiro. – Acenou com a mão na direção dos ecrãs de computador. – As pessoas com que me cruzo estão todas na mesma profissão. Falamos sobre as mesmas coisas. Na qualidade de amigo visitante, estou exposto a ideias diferentes. Uma perspetiva completamente diferente da vida.

– Falam sobre o quê?

– Isso varia, mas muitas vezes sobre filosofia e questões éticas. Sobre a liberdade, por exemplo.

– Liberdade?

Thue sorriu.

– No início, os seres humanos são livres para escolher – respondeu ele. – Podemos até optar por cometer ilegalidades que violam as normas e regras da

sociedade, mas também devemos assumir as consequências das escolhas que fizemos. E não podemos evitar essas consequências. Muitos dos reclusos que se encontram em Ila estão lá porque fizeram escolhas erradas, mas será que o ser humano tem realmente livre-arbítrio?

Deixou a pergunta no ar, como se quisesse ouvir a opinião dos dois policiais sobre o assunto. Então, abanou a cabeça e disse-lhes o que ele próprio pensava a esse respeito:

– Aquilo que podemos acreditar serem escolhas independentes são, na verdade, resultados inevitáveis de eventos anteriores – disse. – Assim como podemos prever que um leão faminto vai caçar a sua presa, também podemos prever o que um ser humano vai escolher se estivermos familiarizados com toda a sua história anterior.

Wisting reconheceu a referência ao leão.

– Também visita o Tommy Hornland? – perguntou.

– Então, também falaram com ele? – perguntou-lhe por sua vez Thue, com um sorriso.

– Acabámos de estar em Ila – respondeu Wisting.

– A liberdade pode ser encarada sob vários ângulos – prosseguiu Thue. – A liberdade de ação é geralmente considerada como a oportunidade de fazermos o que quisermos. Mas quanto maior for a nossa liberdade de ação, maior será também a responsabilidade que teremos de assumir. Como tal, é possível virar isto ao contrário e dizer que liberdade absoluta significa estarmos totalmente desprovidos de responsabilidade, incapacitados. Vista dessa perspectiva, a liberdade também pode ser experienciada mesmo quando estamos imobilizados, presos numa cama em Ila. Quem está ali deitado, amarrado, não tem hipótese de escolha. Não tem uma responsabilidade a assumir. Só pode ficar ali, imobilizado. Completamente submisso. Para o Tommy Hornland, essa é a melhor forma de liberdade.

A ideia de como Tom Kerr e o seu cúmplice acorrentavam as suas vítimas passou pela cabeça de Wisting, mas ele não fez nenhum comentário.

– Os reclusos, claro, nunca terão a mesma liberdade económica ou liberdade de ação que eu. Mas a sua experiência da liberdade será diferente e muito maior do que qualquer coisa que eu alguma vez possa experienciar, um tipo de liberdade que só as pessoas que foram mantidas em cativeiro podem conhecer. Nesse aspeto, até os poderíamos invejar.

Pareceu pensar que se estava a expressar mal. Sorriu e tentou explicar-se melhor:

– Quanto mais pensamos na liberdade como um termo, mais difícil se torna – disse. – Nos nossos pensamentos, pode ter um grande alcance, porque os nossos pensamentos são livres, não são? Mesmo que todas as religiões insistam que devemos evitar pensamentos pecaminosos. Isso faz com que seja mais fácil restringir a nossa liberdade. Criamos a nossa própria prisão. Tento deixar os meus pensamentos seguirem o seu curso livremente, ser um livre-pensador de todas as maneiras possíveis. Mas muitas vezes acabo com

declarações desajeitadas.

– Falava com o Kerr sobre o que ele tinha feito? – perguntou Stiller.

– Não, mas não era como se eu não soubesse. Afinal, acompanhei o processo judicial. – Olhou de Stiller para Wisting. – Foi por acaso que fui designado como amigo do Kerr – explicou. – Não foi a meu pedido, só para que fique claro. Como amigo, temos de ter um caráter imaculado. De certeza que já esquadrinharam o meu passado. Provavelmente, também sabem do meu pai. – Wisting abanou a cabeça. – O meu pai esteve preso em Ila – explicou Thue. – Nunca tive permissão para o visitar quando era pequeno. Podem achar estranho que eu agora visite outros presos naquele sítio. Posso ver que sim, mas é assim que as coisas são.

Endireitando-se, lançou um olhar a uns quantos números vermelhos num dos ecrãs.

– O que *posso* dizer é que o Kerr e eu tivemos algumas conversas interessantes, mas ele nunca falou comigo sobre qualquer tentativa de fuga.

– Quando é que estive lá pela última vez?

– Na semana passada.

– Falaram de quê, então?

– Bem, falámos de expiação e reconciliação, entre outras coisas, mas nada do que ele disse me deu qualquer indicação de que planeava fugir.

– E alguma vez lhe pediu que lhe fizesse algum favor?

– O Kerr? Não. Outros prisioneiros que visito pedem-me para lhes levar comida do McDonald's ou da Peppe's Pizza. É praticamente a única coisa permitida. Mas o Kerr nunca me pediu nada.

– Ele nunca lhe pediu para trazer alguma coisa da prisão?

– Não.

– O nome Theo Dermann foi mencionado alguma vez?

Thue coçou novamente as verrugas, mas isto dificilmente poderia ser interpretado como reconhecimento do nome. Acabou por abanar a cabeça.

– Quem é? – perguntou.

– Apenas um nome que veio à baila.

– Estou a ver... ninguém que eu conheça, de qualquer maneira.

Fizeram-lhe uma série de outras perguntas antes de pedir que lhes descrevesse os seus movimentos nos últimos dias. Estivera quase sempre em casa: contava com os serviços de uma empresa de limpeza ao domicílio e recebera algumas entregas de comida, mas, fora isso, apenas os seus computadores lhe poderiam fornecer um álbi.

– Lamento não poder ajudar-vos – disse, levantando-se. – Espero que o encontrem.

Acompanhou-os à porta. Ainda estava a chover. Uma fina névoa de condensação cobria o interior do para-brisas quando entraram no carro e Wisting ligou o ventilador no máximo, livrando-se do casaco enquanto se instalava atrás do volante.

– O que é que te parece? – perguntou, com os olhos postos no homem

que estava no topo da escada.

– Acho que o devíamos colocar sob vigilância.



O telemóvel tocou no sistema de mãos livres. Uma voz lançou-se num prolixo preâmbulo antes de se apresentar como Terje Nordbo, Inspetor-Chefe dos Assuntos Internos.

Wisting sabia quem ele era. Haviam-se conhecido em circunstâncias desfavoráveis, vários anos antes, quando ele dera por si acusado de forjar provas num caso de homicídio. Naquela altura, parecia que Nordbo tinha decidido antecipadamente que Wisting era culpado, mas fora este quem saíra do caso com a cabeça erguida.

– Trata-se da evasão à justiça por parte do Tom Kerr e de um possível caso de má conduta policial – continuou o investigador interno num tom formal. – A sua chefe de polícia diz-me que estará disponível para prestar declarações.

Wisting olhou para Stiller, mas não revelou que não estava sozinho.

– Muito bem – respondeu. – Talvez o possa ver no fim desta semana.

– Estamos em Larvik agora e preferíamos que isto fosse agilizado hoje – disse Nordbo. – Pensava que a sua chefe de polícia já o tivesse posto ao corrente...

– Entendo – respondeu Wisting.

Ele poderia estar de volta a Larvik dentro de hora e meia, mas não tinha vontade de se apressar, uma vez que tinha outras prioridades.

– Estou em Bærum de momento, ocupado com diversos assuntos, mas devo ser capaz de estar consigo às quatro.

Isto dava-lhe algumas horas.

– Então, fica marcado – respondeu Nordbo. – Estamos hospedados no Hotel Farris Bad.

Wisting encerrou a conversa e olhou novamente para Stiller.

– Eles contactaram-te? – perguntou.

– Não, mas provavelmente sou eu quem deviam culpar – respondeu Stiller. – Vão recolher outros depoimentos primeiro e deixam-me para último. Tácticas-padrão da polícia.

O telemóvel tocou outra vez. Desta feita era Semmelmann.

– Estou a caminho de uma reunião com o grupo de investigação responsável pelo homicídio da Nanna Thomle – disse ele. – Acho que seria útil se estivessem lá também.

– Onde e quando? – perguntou Wisting.

– Esquadra de polícia de Lillestrøm – respondeu Semmelmann. – Duas da tarde.

Wisting olhou interrogativamente para Stiller. Este anuiu, indicando que também estava interessado em comparecer.

– Então, vemo-nos lá – disse Wisting, terminando a chamada.

Tinham de atravessar Oslo para chegar ao outro lado da cidade e encontraram trânsito antes de Wisting entrar na circular. Quando finalmente estacionaram à frente da esquadra, já estavam quinze minutos atrasados. Um polícia na receção acompanhou-os a um dos andares superiores, onde seis investigadores estavam sentados à volta de uma enorme mesa de reuniões, à espera deles. Uma mulher na casa dos quarenta levantou-se na ponta da mesa.

– Reidun Koksvik – disse ela, apresentando-se como responsável pela investigação.

Wisting sentou-se num lugar vago ao lado de Semmelmann e Stiller instalou-se no lado oposto. Seguiu-se uma breve ronda de apresentações antes de Wisting fazer um relato do seu caso. Evitou referir o fracasso da vigilância de Tom Kerr e apenas disse que haviam encontrado uma cabana de verão onde ele tinha trocado de roupa e roubado as chaves de um barco.

– Têm alguma sugestão quanto a quem o terá ajudado? – perguntou Koksvik.

Wisting falou-lhe das cartas que Lone Mellberg tinha trazido para o exterior.

– Theo Dermann – repetiu um dos investigadores. – Isso soa a nome falso.

Wisting inclinou a cabeça.

– O que é que disse? – perguntou.

O jovem investigador tinha um sotaque norueguês ocidental. Wisting ouvira o que ele tinha dito, mas qualquer coisa naquelas palavras fê-lo pensar.

– Isso deve ser alguma espécie de pseudónimo – explicou o investigador. – Mesmo que o nome não conste do censo populacional, pode muito bem figurar numa caixa de correio algures.

– O endereço também não é verdadeiro – disse Wisting. – Não existe nenhuma rua Anton Brekkes em Oslo.

Tomou nota para perguntar a Hammer quão longe haviam chegado nas averiguações junto dos serviços postais.

Reidun Koksvik agradeceu-lhe as informações e prosseguiu com os

dados sobre o caso do homicídio de Nanna Thomle.

– Apresenta semelhanças significativas com os homicídios pelos quais o Kerr foi condenado e, até certo ponto, também com o desaparecimento da Taran Norum – disse ela. – O que nos levou a considerar a possibilidade de que o Outro esteja por trás disto.

Mostrou uma fotografia da vítima de homicídio no grande ecrã na parede. Wisting reconheceu-a pela extensa cobertura nos *media*: cabelo loiro em volta de um rosto oval com olhos azuis, sardas e lábios carnudos.

– Nanna Thomle, vinte e dois anos – disse Koksvik. – Trabalhava num café-bar na Universitetsgata, em Oslo. Vivia com a mãe.

A imagem seguinte tinha sido tirada de uma câmara de CCTV na estação ferroviária. O carimbo temporal visível no canto indicava o dia 14 de julho à 01h47.

– Esta é a última imagem que temos dela – disse Koksvik.

Deixou esta informação no ar por um momento enquanto passava para uma fotografia de satélite. O apartamento de Nanna Thomle estava assinalado e uma linha pontilhada mostrava o seu percurso a pé mais provável. A distância à estação ferroviária era de 732 metros, mas em linha reta era menor.

– Não temos nenhum avistamento depois disto que seja relevante para o caso – prosseguiu Koksvik. – Verificámos as movimentações e o tráfego de veículos na área, analisámos o tráfego telefónico e recolhemos todas as imagens de CCTV disponíveis. O que não se traduziu em nenhum progresso.

Olhou para os colegas em redor da mesa, como se quisesse verificar se algum dos seus investigadores tinha algum comentário a fazer.

– Há seis semanas, foi encontrado um braço direito decepado numa floresta em Oppegård, entre o lago Gjersjø e Bunnefjord.

Estas palavras foram ilustradas com um mapa no ecrã.

– Foram empreendidas buscas adicionais e mais partes de corpo foram encontradas e, por fim, também o local onde essas partes de corpo tinham sido enterradas. Algumas estavam danificadas por terem sido desenterradas e arrastadas por animais.

Seguiram-se várias fotografias, incluindo fragmentos de corda em volta dos tornozelos e pulsos. Os grandes planos mostravam o mesmo nó usado em todas as cordas.

– Foram encontradas cordas com nós idênticos nos dois corpos na floresta atrás da propriedade do Tom Kerr – continuou Reidun Koksvik. – Nenhum vestígio biológico foi encontrado. As partes do corpo tinham sido limpas com cloro líquido. Interna e externamente.

Stiller já havia posto Wisting a par de todas as informações fornecidas pela chefe da investigação. No entanto, era a primeira vez que Wisting via aquelas fotografias.

– O que é que são essas marcas na coxa? – perguntou, apontando para a imagem no ecrã.

Ao longo de uma coxa, eram visíveis duas linhas diagonais onde a pele

se apresentava mais escura do que o resto.

Reidun Koksvik assentiu, como se entendesse aquela observação.

– Existem marcas idênticas noutras partes do corpo – respondeu. – Os técnicos acreditam que, após o desmembramento, as partes do corpo foram colocadas em caixas de plástico com sulcos na base, que depois foram preenchidos pelo cloro. As partes que ficaram no fundo revelam várias marcas desses sulcos.

– Conseguiram identificar o tipo de caixas de armazenamento que foram usadas?

– Provavelmente são de um fabricante sueco chamado Smartstore – respondeu Koksvik. – Na Noruega, são vendidas nas lojas de desconto Europris, bem como noutros pontos de venda. A distância entre os sulcos sugere que terão sido utilizadas caixas de setenta litros.

– Ele deve ter usado pelo menos duas ou três – acrescentou o investigador com sotaque norueguês ocidental. – Temos um projeto em curso no qual estamos a identificar todos aqueles que compraram estas caixas nos últimos doze meses, mas isso depende de serem membros de um programa de fidelização de clientes ou de pagarem com algum cartão bancário.

Wisting assentiu enquanto folheava as suas notas.

– Há uma coisa neste local de descoberta que é diferente da forma como a Thea Polden e a Salwa Haddad foram enterradas – comentou Semmelmann. – Elas foram enterradas bem fundo no solo, quase a um metro, em terreno pantanoso. Neste caso, as partes do corpo foram enterradas numa cova tão superficial que os animais conseguiram retirá-las.

Um dos investigadores, até então silencioso, falou:

– A terra aqui é muito mais dura do que em Svartskog – explicou –, com muitas raízes. É muito mais difícil abrir uma cova funda, e desta vez ele estava sozinho. Além disso, o risco seria mínimo, mesmo que ela fosse encontrada. Ele sabia que o tratamento com cloro resultava. Não havia razão para temer que a polícia isolasse o ADN se o corpo fosse encontrado.

– Procuraram outros corpos na área? – perguntou Wisting.

Reidun Koksvik lançou-lhe um olhar interrogativo.

– Estou a pensar na Taran Norum – explicou Wisting. – Ela nunca foi encontrada – lembrou-lhes. – Se for o mesmo assassino, pode muito bem tê-la escondido na mesma área.

– Foi efetuada uma busca de vestígios evidenciais com cães pisteiros nas terras em redor do local da descoberta, mas não produziu resultados.

A discussão continuou à volta da mesa, os investigadores conversando com entusiasmo e apresentando sugestões variadas. Wisting não tirava os olhos do relógio. Tinha de deixar Stiller na sede da Kripas antes de voltar para Larvik, para a sua reunião com os Assuntos Internos.

A reunião foi encerrada com um acordo de partilha de quaisquer informações e progressos alcançados.

A chuva tinha parado quando saíram, mas nuvens cinzentas ainda

pairavam no céu.

– Vais faltar ao teu encontro com os Assuntos Internos – observou Stiller quando se sentaram no carro.

– Eles podem esperar – foi a resposta curta de Wisting.



Na rádio, a principal notícia era que Tom Kerr continuava a monte. Um dos polícias feridos ainda estava no hospital, mas os restantes já tinham recebido alta.

Line reduziu a velocidade. Um carro passou sob a chuva quando ela abandonou a autoestrada para entrar numa área de piquenique.

Ela precisava de uma fonte dentro da polícia, alguém que não o seu pai, alguém que pudesse falar um pouco mais abertamente. Também não podia ser Adrian Stiller. Alguém como aquela polícia que tinha ficado ferida, para dizer a verdade.

Não sabia o nome dela. Adrian Stiller apresentara Line aos outros polícias e explicara-lhes o seu papel ali, mas eles não se haviam apresentado. Ela também não se lembrava de o nome ter sido mencionado no miniautocarro no dia anterior. Ela podia rever todo o vídeo para tentar descobrir, mas ocorreu-lhe outra ideia.

A agente desconhecida tinha referido uma colocação anterior em Larvik durante o seu ano de estágio. Terminados os estudos, ela trabalhara no norte da Noruega durante alguns anos. Agora, tinha um posto temporário em Larvik.

Line pegou no seu telemóvel e fez uma busca no jornal *Østlands-Posten*. Todos os outonos, o jornal local publicava uma história sobre a nova contratação de polícias, geralmente reunidos para uma fotografia de grupo à frente da esquadra.

Ao encontrar a fotografia que procurava, ampliou cada uma das caras em todas as fiadas de alunos. Na terceira, em quarto lugar a partir da esquerda, encontrou o rosto que procurava. Já tinham passado alguns anos, mas não obstante a jovem recruta era inconfundível. A legenda apresentava o seu nome como Maren Dokken.

Uma nova pesquisa, desta vez na lista telefónica, produziu um resultado: Maren Dokken, residente em Hammerdalen. Line conhecia o endereço, um edifício de apartamentos apenas a algumas centenas de metros da esquadra.

Line enviou-lhe uma mensagem de texto explicando quem era e desejando-lhe que estivesse a recuperar bem, antes de dizer que tinha um vídeo do ocorrido. Se Maren achasse bem, Line poderia visitá-la para que ela o visse.

Não teve resposta.

Line ligou o motor e voltou para a estrada. A chuva caía torrencialmente, castigando o para-brisas e reduzindo a visibilidade. Ao sair da estrada em direção a Larvik, o telemóvel deu sinal. Olhando para ele, viu que tinha uma mensagem de Maren Dokken, curta e sucinta. *Estou de baixa médica. Pode passar por cá.* Ela tinha adicionado o endereço.

Dez minutos, respondeu Line.

O edifício de apartamentos tinha cinco andares e o painel do intercomunicador dizia que Maren Dokken morava no terceiro. A fechadura emitiu um zumbido eletrónico quando Line foi autorizada a entrar. Maren estava parada à porta, à espera dela. Parecia exausta. O seu rosto pálido apresentava dois grandes pensos e estava coberto de pequenas crostas. Mantinha o braço esquerdo apertado contra o corpo.

– Como é que isso vai? – perguntou-lhe Line.

– Tive sorte – respondeu a jovem polícia. – Rasguei alguns tendões no ombro, mas eles trataram disso. Recebi alta esta manhã.

– Eu tive ainda mais sorte – disse Line. – Só alguns hematomas.

Espreitou o interior do apartamento. Embora fosse pequeno, o mobiliário era prático.

– Está sozinha?

– De momento – respondeu Maren, fazendo-a entrar.

Havia flores frescas numa jarra, e uma barra de chocolate e um ramo ainda por desembulhar estavam em cima da bancada. Line lamentou ter-se esquecido de levar alguma coisa.

– Os meus pais estão no estrangeiro – continuou Maren. – Só voltam daqui a alguns dias. Acabei de receber a visita de alguns colegas.

– Eles disseram alguma coisa sobre o Kerr? – quis saber Line.

– Só que toda a gente está à procura dele.

– Ele fugiu num barco – disse Line. – Encontraram-no em Tønsberg.

– Ouvi dizer isso – disse Maren. – William Wisting é seu pai, não é?

– Isso mesmo – confirmou Line. – Eu devia ter dito no miniautocarro.

– Posso oferecer-lhe alguma coisa? – perguntou Maren, sugerindo chá ou café.

– Não, obrigada; por favor, não se preocupe comigo – respondeu Line. Sentaram-se num sofá e Line pegou no seu portátil. – Viu alguma coisa? – perguntou. – Envie os ficheiros para a polícia.

Maren abanou a cabeça.

– Vai haver outra conferência de imprensa na sexta-feira – respondeu. – Talvez eles mostrem alguma coisa nessa altura.

Line poisou o portátil na mesinha de centro e falou-lhe do seu projeto para o documentário.

– O combinado é que eu possa usar as imagens quando o processo judicial terminar – disse ela.

– As minhas também?

– Excluímos qualquer pessoa que não queira aparecer – continuou Line, mas evitou perguntar-lhe se consideraria participar. Era demasiado cedo para isso. – Está pronta? – perguntou enquanto levava o cursor até ao ícone «play».

Maren pegou numa almofada com a mão ilesa, poisou-a no colo e respondeu com um anuir de cabeça.

A gravação começava com Tom Kerr a sair do miniautocarro alugado com as mãos e os pés algemados.

– Escrevi a minha dissertação sobre pessoas como ele – disse Maren. – Criminosos movidos pelo mal. Sádicos que sentem prazer na dor que infligem aos outros.

Correu uma cortina para evitar reflexos no ecrã. Viram Tom Kerr erguer o queixo e semicerrar os olhos para o céu.

– Não há muitos como ele – continuou Maren Dokken. – Pessoas que não têm qualquer espécie de consciência.

– Conhece o caso dele? – perguntou-lhe Line.

– Acompanhei o julgamento – respondeu Maren. – Quando estava a escrever a minha dissertação, entrei em contacto com um dos psiquiatras forenses que o examinaram.

– *Temos de falar* – ouviram Kerr dizer ao advogado.

Seguiu-se uma discussão que terminou com Tom Kerr e o seu advogado sentados no banco de trás do Mercedes deste último.

– Tive acesso ao relatório dele – continuou Maren. – Contém muito mais do que aquilo que veio a lume durante o julgamento. Certa vez, ele amarrou uma rapariga que era vizinha dele, quando tinham uns dez ou doze anos, tirou-lhe a roupa, enfiou-lhe um saco na cabeça e fez-lhe toda a espécie de coisas pervertidas.

Line tinha ouvido falar da forma como Tom Kerr atormentava os animais de estimação na sua vizinhança, mas esta história era uma novidade para ela.

– Havia também outros sinais de que algo estava gravemente errado com ele, mas ninguém fez nada a esse respeito – acrescentou Maren.

– Como por exemplo?

– No liceu, enviou fotos dele todo nu a algumas raparigas da turma, com o rosto obscurecido.

– *Dick-pics* – comentou Line.

Maren assentiu.

– Claro que isso foi antes de toda a gente ter telemóvel, pelo que eram

fotos reveladas e depois impressas em papel. Fotos dele a cortar o prepúcio com uma faca afiada ou a queimar-se com um isqueiro. Ele enviava-as com fotos que tinha tirado às raparigas sem elas saberem.

Line fez uma careta.

– Sinistro.

– Ele devia ter sido examinado quando ainda era um adolescente – disse Maren Dokken. – Ter recebido tratamento na unidade de saúde mental infantojuvenil. A necessidade de diagnóstico precoce e intervenção em problemas de desenvolvimento foi uma das coisas sobre as quais escrevi.

– Qual foi o psiquiatra forense que a ajudou com a sua dissertação? – inquiriu Line.

– Elias Wallberg. Exerce em Tønsberg.

Line tomou nota do nome. Maren estava a olhar para o ecrã.

– Pergunto a mim mesma qual seria o tema da conversa – disse.

A gravação mostrava o Mercedes de Claes Thancke, com ele e Tom Kerr sentados no banco de trás, a falar por trás dos vidros escuros. O veículo estava rodeado por agentes uniformizados. Maren Dokken encontrava-se em pé à frente do carro e podia vê-los pelo para-brisas.

– O que é que viu? – perguntou-lhe Line.

– Não era fácil perceber fosse o que fosse – respondeu Maren. – Eles estavam sentados no banco de trás, como sabe. O Kerr folheou alguns papéis que o advogado tinha tirado de um envelope. O advogado tinha a cabeça virada, como se aquilo fosse privado. Depois, mostrou-lhe qualquer coisa no telemóvel.

O interesse de Line aumentou.

– O Kerr *usou* o telemóvel do advogado?

Maren abanou a cabeça.

– Eu teria intervindo se o tivesse feito – respondeu. – Eles estavam só a ver alguma coisa.

No ecrã do portátil, as portas do carro abriram-se e Kerr saiu. Em breve tinha o transmissor consigo e elas puderam ouvir-lhe a respiração esforçada quando começou a andar.

Viram-no tropeçar. Na segunda vez que caiu, Line suspendeu a reprodução das imagens e explicou que Kerr tinha a chave das alças escondida na boca.

– Recue um pouco – pediu Maren.

Line assim fez. A imagem da câmara oscilou quando ela passou o aparelho de um ombro para o outro.

– Ali! – exclamou Maren. Line imobilizou a imagem. – Veja aquela árvore – disse Maren, apontando. – Parece que uma parte da casca foi raspada.

Line já tinha visto aquelas imagens muitas vezes. Não tinha reparado naquilo antes, mas teve de concordar que Maren tinha razão.

– Pode ser um sinal – disse ela. – Uma marca.

– Para que ele soubesse onde cair e apanhar a chave – concluiu Maren.

Line olhou para ela. Tratava-se de uma inferência rápida e bem pensada. Perguntou a si mesma se Adrian Stiller e o seu pai teriam reparado naquilo e tomou nota do minuto em que a imagem surgia para depois lhes enviar uma captura de ecrã.

A gravação seguiu em frente. Com aquele ângulo de câmara, era impossível ver se Kerr tinha apanhado alguma coisa.

A respiração de Maren acelerou quando o cortejo chegou ao cercado das ovelhas e ao pasto. Ela ficou imóvel, observando atentamente, sobressaltando-se apenas quando se deu a explosão. Não fez nenhum comentário quando se viu no ecrã.

A filmagem durou mais vinte e três minutos. Line tinha várias gravações do caos que se seguira à explosão, incluindo algumas de Maren Dokken a ser depositada numa maca e levada, mas não se ofereceu para as mostrar. Ainda tinha de ir buscar Amalie à creche e queria fazer algumas compras primeiro.

– Obrigada – disse Maren. – Foi-me útil ver isso. Tinha tantas imagens confusas na minha cabeça. Agora, sei exatamente como é que aconteceu.

Line guardou o seu portátil e preparou-se para sair. Não teve coragem de perguntar a Maren se aceitaria participar no documentário. Não era a altura certa. Era como uma entrevista, ou um interrogatório – havia um momento certo para tudo.

– Posso ler a dissertação? – optou antes por perguntar.

Maren sorriu.

– Posso enviar-lha – respondeu. – Valeu-me um A.

Line levantou-se e entregou-lhe um cartão de visita com o número de telefone e endereço eletrónico.

– Espero que eles o apanhem – disse. – O mais depressa possível.

Maren Dokken foi até à bancada da cozinha e tirou um analgésico de uma caixa. Uma rajada de vento atirou uma bâtega de chuva contra a janela.

– Eu também – disse, virando-se para olhar pela janela. – Não gosto nada de pensar que ele anda por aí.



O telemóvel tocou assim que Wisting estacionou à frente do hotel, um número desconhecido, e ele calculou que fosse uma chamada dos Assuntos Internos. Estava quase uma hora atrasado para o seu compromisso.

– Wisting – respondeu, deixando-se ficar no carro para se proteger da chuva.

– Fala Tim Skage – disse o seu interlocutor. – Departamento de Investigação Criminal, Oslo Vest. Tem cinco minutos?

Wisting inclinou-se para a frente, prevendo que a chamada estaria relacionada com Tom Kerr.

– O que é que me pode dizer? – perguntou.

– Tenho aqui uma morte suspeita – explicou o investigador. – Chris Paust Backe, trinta e sete anos, encontrado morto há três semanas num apartamento incendiado.

– Homicídio?

– Bem, nem a causa do incêndio nem a causa da morte são claras. Encontraram monóxido de carbono na traqueia e nos pulmões, e é óbvio que ele morreu por inalação de fumo, mas o relatório toxicológico acabou de chegar. Foram detetados vestígios de acetona e de outros solventes no sangue.

– Consumidor de substâncias?

– Sim. De longa data, com muitas outras coisas no seu histórico. Claro que ele mesmo podia ter cheirado para apanhar uma moca – disse Skage. – Seja como for, isso sugere que ele estava inconsciente quando o incêndio começou.

Fez uma pequena pausa e Wisting olhou para a entrada do hotel.

– No início, foi considerado uma deflagração clássica – continuou Skage. – Ele tinha um fogão antigo com placas de cerâmica. A investigação do incêndio indicou que um dos botões estava no máximo e havia uma

frigideira numa das placas. De qualquer forma, o fogo alastrou extremamente depressa. Agora, foi comprovado que havia vestígios de líquido inflamável em vários pontos do local e os técnicos estão prestes a concluir que o incêndio teve mão criminosa. Podemos somar dois mais dois e ter como resultado um homicídio.

– Mas... porque é que me está a telefonar?

– Quando vimos que não podíamos registar o caso como acidente, começámos a conversar com pessoas que conheciam a vítima – explicou Skage. – Há dois depoimentos de testemunhas de particular interesse. Ambas dizem a mesma coisa: dias antes da morte deste Chris Paust Backe, ele tentou obter uma arma e uma granada de mão.

Wisting alçou as sobrancelhas e olhou para o seu reflexo no espelho retrovisor.

– O que aconteceu ontem na sua região virou o nosso caso de pernas para o ar – continuou Skage. – De repente, o assassino que procuramos pode ser a pessoa que ajudou o Tom Kerr a fugir. Pode ser que tenhamos interesses comuns aqui.

– Sabe mais alguma coisa? – perguntou Wisting. – Existe alguém que nos possa dizer o que é que ele tencionava fazer com uma granada de mão? E se ele sempre conseguiu deitar a mão a uma?

– Bem, não há assim muitos conhecidos do Backe que estejam dispostos a falar, mas parece que não era para uso próprio. Nem a granada nem a pistola. Eram para outra pessoa.

– Não sabe para quem?

– Não, mas sabemos que ele as *obteve*. Uma namorada viu a granada em casa dele e temos algumas informações quanto a onde ele a obteve.

– Onde, então?

– Temos um nome. Tallak Gleich. Criminoso conhecido por estas bandas. Vive em Billingstad. Estamos a preparar uma rusga e contamos tê-lo detido ainda esta noite. Estaria interessado em ir connosco?

Quando Wisting fechou os olhos, sentiu um nervo começar a latejar na testa.

Tinha passado por Billingstad uma hora antes e levaria o mesmo tempo para voltar. De qualquer modo, a reunião com os Assuntos Internos não devia durar mais de uma hora.

– Posso estar aí dentro de duas horas – respondeu enquanto abria a porta do carro para sair.

– Então, até logo – disse Skage.



Os Assuntos Internos estavam instalados numa sala de reuniões na cave do hotel. Wisting parou à porta para terminar uma conversa telefónica com Nils Hammer, depois de o pôr ao corrente do homem com a granada e de lhe pedir que o acompanhasse a Billingstad.

– Consegues estar pronto dentro de uma hora? – perguntou, fechando a porta atrás de si.

– Sim – confirmou Hammer.

Terje Nordbo ergueu os olhos do seu portátil de grande ecrã.

– Peço desculpa – disse Wisting, fazendo um gesto apologético com o telemóvel antes de o guardar no bolso.

Nordbo levantou-se. Vestia um fato novo com um talhe mais elegante, mas fora isso não tinha mudado muito desde a última vez que se haviam encontrado, cinco anos antes. Nordbo liderara a investigação contra Wisting quando este tinha sido acusado de plantar provas falsas num caso de homicídio. Este descobrira que, mesmo antes da entrevista, Nordbo já tinha chegado à conclusão de que Wisting era culpado. Todo o inquérito dos Assuntos Internos se desenvolvera no sentido de confirmar esta teoria. Mais pareciam cães de caça, com um alvo em vista: apanhá-lo. Durante a investigação, ele vira-se suspenso e forçado a provar a sua inocência fora da força policial.

Trocaram um aperto de mão. Uma câmara de vídeo estava apontada para uma cadeira vazia e Nordbo convidou Wisting a sentar-se.

– Estava a pensar em telefonar à sua chefe de polícia – disse ele.

Wisting puxou a cadeira para perto da mesa. Podia sentir as vagas de hostilidade que aquele homem emanava.

– Porquê? – perguntou.

Nordbo verificou o ângulo da câmara.

– É lamentável, para dizer o mínimo, que tenha tentado protelar este nosso encontro – respondeu ele. – É vital que fique perfeitamente claro o que realmente aconteceu ontem.

Wisting abanou a cabeça, como que a dizer que não houvera qualquer intenção de atrasar a questão.

– Surgiu uma coisa, só isso – disse, enquanto a luz da câmara se acendia.
– Receio ter de sair em breve.

Nordbo brindou-o com um olhar avaliador antes de dedicar bastante tempo às formalidades respeitantes à prestação de um depoimento aos Assuntos Internos. Em seguida, pediu que Wisting descrevesse o curso dos acontecimentos do dia anterior e os resumisse em linhas gerais. Não tomava notas, mas ocasionalmente olhava para a câmara, verificando se estava a funcionar corretamente.

– Foi tudo filmado – concluiu Wisting. – O vídeo dá uma boa ideia do que aconteceu. Viu-o?

Nordbo não lhe respondeu.

– Quem liderou a visita ao local? – perguntou antes.

– A responsabilidade foi partilhada – respondeu Wisting. – O objetivo da visita ao local era que o Tom Kerr nos mostrasse onde o corpo da Taran Norum está enterrado. Formalmente, ainda continua a ser um caso de desaparecimento sob a jurisdição do distrito policial de Oslo, mas foi transferido para o grupo de Casos Arquivados da Kripos. O Adrian Stiller liderou os aspetos táticos. Foi ele quem dialogou com o Kerr. No entanto, a visita ao local devia ter lugar no distrito policial sudeste, pelo que eu tinha o conhecimento da zona e designei o sargento Kittil Gram como líder operacional naquele dia.

– Designou um líder operacional – repetiu Nordbo. – Ou seja, delegou essa tarefa.

Wisting assentiu.

– Entreguei-a a alguém mais competente do que eu.

– Mas quando estamos numa posição em que delegamos algo, isso não quer dizer que tínhamos a responsabilidade maior? – perguntou-lhe Nordbo.

– Sim – respondeu Wisting. – Eu era responsável pelos aspetos locais no terreno.

– O que é que isso implicava?

– Bem, eu tinha de fazer os preparativos e organizar a visita ao local – explicou Wisting.

– O que é que isso envolvia, mais especificamente?

– Como já disse, designar um líder operacional, mas também destacar os efetivos que ele considerasse necessários. Além disso, estive em discussão com a Kripos e conduzi o reconhecimento e levantamento da área em questão.

Um canto da boca de Nordbo contraiu-se num sorriso, fazendo Wisting sentir que se tinha deixado apanhar numa armadilha.

– Quando é que procedeu a esse reconhecimento? – perguntou Nordbo.

– Sexta-feira.

Nordbo verificou as suas anotações.

– Sexta-feira, 11 de setembro – disse. – Quatro dias antes da visita ao local, portanto.

Wisting percebeu aonde ele queria chegar com aquilo.

– Isso mesmo – confirmou.

– Não teria sido mais apropriado fazê-lo no dia anterior? – quis saber Nordbo. – Quatro dias é muito tempo. Tempo de sobra para preparar uma arma e uma granada de mão.

– O objetivo do reconhecimento era familiarizarmo-nos com a área, e não descobrir uma possível tentativa de fuga. Em princípio, ninguém devia saber onde nem quando a visita ao local teria lugar. Não contávamos que alguém pudesse planejar uma fuga.

– Os factos falam por si – interveio Terje Nordbo.

Wisting optou por não comentar enquanto o outro passava a outra página de anotações.

– Que medidas foram tomadas para evitar uma fuga? – perguntou.

– Éramos superiores em número – respondeu Wisting. – E, também, os movimentos de Kerr estavam limitados. Ele tinha algemas e grilhetas nas pernas.

– Então, uma fuga não era apenas uma possibilidade hipotética? – perguntou Nordbo. – Embora ninguém soubesse da operação, achou por bem tomar uma série de precauções?

– Claro que sim – concordou Wisting. – Podemos fazer um seguro, mas não estamos à espera de que a casa pegue fogo.

– Porque é que não estavam armados?

Wisting recostou-se na cadeira e viu as horas.

– Essa foi uma pré-condição estabelecida pelo Kerr e pelo seu advogado – respondeu, explicando como a questão havia sido encaminhada para a Direção de Polícia para uma decisão formal.

– Mas você aceitou? – perguntou-lhe Nordbo.

– Em consulta com Stiller e com o chefe de operações – concordou Wisting.

– Estaria dentro da sua esfera de responsabilidade dar a palavra final sobre o assunto?

– Estaria, sim – respondeu Wisting. – Mas as orientações da direção eram claras. Kerr foi baleado durante a sua anterior detenção. Se tivéssemos insistido em estar armados, a visita ao local não teria ido em frente.

– Então, foi um risco que correu?

Wisting sentou-se muito direito na cadeira.

– Tenho todo o gosto em prestar um depoimento sobre o curso dos acontecimentos e respetivas responsabilidades – disse. – Outros poderão muito bem julgar as minhas decisões. Estou acostumado. Certificar-me-ei de uma investigação quanto a todos os aspetos da visita ao local, mas isso terá de

esperar. Por enquanto, a minha prioridade é encontrar o Tom Kerr.

Uma leve contração na boca deu-lhe a entender que Terje Nordbo não ficara satisfeito com esta resposta.

– Quem decidiu retirar as grilhetas das pernas? – perguntou.

Wisting demorou pouco a responder. Tinha sido uma decisão conjunta, mas a palavra final coubera a Kittil Gram.

– Era um terreno difícil – explicou ele. – O Kerr já tinha caído duas vezes. Achámos mais prático tirá-las.

– Mas quem é que tomou a decisão final?

– O Kittil Gram.

– Não foi uma sugestão sua?

Wisting hesitou novamente. Não tinha a certeza de quais haviam sido as palavras exatas e de quem dissera o quê.

– Foi o advogado quem fez o pedido inicial – acabou por dizer. – Ele queria que retirássemos as algemas e as grilhetas. Eu sugeri que podíamos tirar as grilhetas apenas para que o Kerr caminhasse com mais facilidade, mas o Kittil Gram era o líder operacional. A decisão final foi dele.

– Mas designado por si, não? – disse Nordbo. – Você era o seu oficial superior. Ele teria ignorado a sua decisão?

– Sim – respondeu Wisting com firmeza.

– Mas é dez anos mais velho do que ele – objetou Nordbo. – Tem a antiguidade e a autoridade do seu lado.

– Mas o Kittil Gram tinha o conhecimento e a experiência operacional – retorquiu Wisting. – De qualquer forma, acredito que foi absolutamente a decisão certa e não tenho nenhum problema em assumir a responsabilidade por ela.

Continuaram nesta linha. Nordbo tinha várias perguntas sobre a forma como Wisting reagira e se comportara após a explosão.

– Fale-me do rastreador eletrónico – pediu.

– É-me difícil entrar em pormenores – disse Wisting. – Só depois da fuga é que tomei conhecimento da existência de quaisquer dispositivos de rastreamento no detido. As permissões necessárias e os pormenores práticos estavam a cargo do Stiller.

– Mas isso levou-o a acreditar que o Tom Kerr esteve sempre naquela área? – perguntou Nordbo.

– Ele foi localizado numa cabana de verão – respondeu Wisting. – Postos de observação foram montados e foram feitos preparativos para uma rusga.

– Foi considerada uma ação imediata?

– Sim, mas chegámos à decisão de que seria taticamente sensato esperar. Era óbvio que o Kerr tinha recebido ajuda para fugir. Ele também ia precisar de ajuda para continuar, pelo que decidimos esperar para apanhar os dois.

– Para que pudessem apreender o chamado Outro?

– Foi a oportunidade que vimos – confirmou Wisting.

Terje Nordbo reorganizou os seus papéis.

– O Outro é um homem procurado há cinco anos – disse ele. – Uma possível detenção poderia ter influenciado os fundamentos da sua decisão?

– O que é que isso quer dizer?

– A possibilidade de deter o cúmplice podê-lo-ia ter cegado e levado a tomar a decisão errada?

– Qual decisão errada?

– Bem – começou o investigador dos Assuntos Internos. – Afinal, o Tom Kerr não estava na cabana de verão. Tinha seguido viagem de imediato. O Outro nunca apareceu. Decidir esperar por ele simplesmente deu uma vantagem ainda maior ao Kerr.

– Segundo a informação que tínhamos naquele momento, não foi uma decisão errada – insistiu Wisting. – Além disso, a decisão não foi minha, de todo.

– Quem é que tomou essa decisão?

– A chefe de polícia.

– Mas foi você quem lhe propôs isto, não foi?

Wisting anuiu. Esperar pelo Outro fora ideia de Stiller. O facto de a visita ao local ter culminado numa fuga parecia cada vez mais uma alternativa que Stiller havia imaginado e para a qual fizera planos. Se alguém ficara cego com a possibilidade de prender o Outro, esse alguém tinha sido Stiller.

– A Agnes Kiil é minha chefe de polícia – respondeu ele, sem referir o papel de Stiller. – Era natural que fosse eu a apresentar-lhe essa possibilidade. Ela e as chefias consideraram-na e concordaram com este plano de ação.

Nordbo deixou-se ficar em silêncio, com os olhos fixos nas suas notas preparatórias. Wisting não resistiu à vontade de consultar o relógio. Eram quase seis da tarde.

– Tenho um compromisso em Asker daqui a três quartos de hora... – começou.

Nordbo ergueu os olhos.

– Acha que poderia ter feito as coisas de outra maneira?

Wisting, que não gostava de apreciações *a posteriori*, abanou a cabeça.

– Como já expliquei, haverá uma reavaliação de todo o incidente – respondeu.

Terje Nordbo assentiu e regressou às circunstâncias que Wisting já havia delineado, fazendo as mesmas perguntas de uma maneira diferente. Meia hora depois, declarou a entrevista encerrada.

Wisting empurrou a cadeira para trás. Era muito o que tinha corrido mal na visita de Tom Kerr ao local, mas isso não queria dizer necessariamente que tivesse havido qualquer má conduta envolvida. Ninguém se comportara de maneira censurável ou contra o que considerava ser o melhor procedimento. Não havia motivos para uma investigação interna, mas Wisting já tinha percebido. Aquilo era uma espécie de vingança. Terje Nordbo fizera por desviar o caso e abria o inquérito dos Assuntos Internos para que Wisting

recebesse uma reprimenda.

– Sabe, não há necessidade de criar um bode expiatório – disse Wisting.

– Tem razão – concordou Nordbo enquanto desligava a câmara. –
Conseguiu fazê-lo sozinho.



O ponto de encontro previamente combinado era o estacionamento à frente da escola de Billingstad. Três polícias uniformizados e dois detetives à paisana já lá se encontravam quando Wisting e Hammer chegaram. Tinha parado de chover, mas a escuridão começava a aumentar.

Wisting verificou o telemóvel antes de sair do carro. Tinha recebido uma mensagem de Line, com uma imagem extraída de um dos seus vídeos. Era difícil de decifrar, mas Wisting já tinha visto aquilo. A imagem mostrava um tronco de árvore com uma parte da casca raspada.

Viste isto?, perguntava a mensagem. *No caminho, onde o Kerr tropeçou.*

Um homem de calças de ganga e camisola cinzenta com capuz aproximou-se do carro e Wisting saiu, sem responder à mensagem.

O homem em questão apresentou-se como Tim Skage, responsável pela investigação local. Wisting apresentou-lhe Nils Hammer e pediu desculpa pelo atraso.

– Sem problemas – respondeu Skage. – A Nina e o pessoal dela também se atrasaram, mas agora estamos prontos.

Uma mulher de uniforme e cabelo curto assentiu brevemente e pegou num iPad.

– Este é o Tallak Gleich – explicou ela, mostrando-lhes a imagem do registo fotográfico de um homem careca, com olhos escuros e pera. – As condenações anteriores incluem, entre outras, ofensas corporais graves e violação das leis sobre o porte de armas.

Certificando-se de que todos tinham visto a fotografia, descartou-a com uma passagem do dedo e abriu uma imagem de satélite de uma casa num local isolado, ao fundo de um caminho de saibro e rodeada por um terreno aberto.

– Ele vive sozinho – explicou. – A maioria de nós já lá esteve e conhece a peça.

Depois de olhar para todos os outros policiais uniformizados, passou a um resumo da ação iminente:

– O Gleich é acusado de ter fornecido uma arma e uma granada de mão ao Chris Paust Backe pouco antes de este morrer. Esta morte está a ser investigada como suspeita. A arma e a granada podem ter sido usadas na fuga do Tom Kerr. Temos permissão para usar armas, mas vamos fazer por ser discretos. Manter a coisa simples. Levamos a ramona. Dois homens saem e tocam à campainha. O resto fica à espera na traseira da carrinha.

Indicou o grande veículo negro da polícia com um movimento de cabeça.

– Perguntas?

Toda a equipa abanou a cabeça.

– O resto fica à espera atrás desta curva aqui – disse ela, dirigindo-se a Skage e apontando para o mapa. – Completamente fora da vista.

Cinco minutos depois estavam a caminho, com Wisting e Hammer na retaguarda. A escuridão instalara-se entretanto. Quando pararam no local designado, Wisting desligou o motor para evitar que as luzes revelassem a sua presença. Hammer vasculhou a consola central à procura de um minibinóculo antes de irem ter com Skage.

As luzes da ramona incidiram na casa, que ficava cerca de duzentos metros à frente. Era composta por dois pisos com entrada pela cave de alvenaria de tijolo e voltada para um campo junto a um bosque.

– Sabem se ele está em casa? – perguntou Hammer, levando o binóculo aos olhos.

Skage abanou a cabeça.

– Vamos entrar de qualquer maneira – respondeu.

Quando a carrinha da polícia passava à frente da casa, as luzes dos travões acenderam-se e o veículo parou, bloqueando assim a visão da entrada.

Hammer resmungou, contrariado.

O condutor apeou-se, contornou a carrinha e desapareceu.

O rádio da polícia de Skage ganhou vida:

– *Tocámos à campainha.*

Wisting observava as janelas, algumas das quais estavam iluminadas, mas não detetou qualquer sinal de movimento.

Passou-se meio minuto.

– *Vamos tentar outra vez* – anunciou uma voz no rádio da polícia.

Uma rajada de vento agitou as árvores em redor.

– Ele está a fugir! – gritou Hammer de repente, empurrando o binóculo contra o peito de Wisting antes de desatar a correr.

Detetaram movimento à esquerda da casa, na orla da floresta, fora da vista daqueles que estavam à frente.

Wisting levou o binóculo aos olhos e viu as costas de um homem de camisola azul desaparecerem entre as árvores.

Skage pegou no rádio da polícia e chamou a líder da operação:

– Temos movimento no lado oeste da casa.

Embora não tivesse recebido resposta, a porta lateral da ramona abriu-se e saíram quatro polícias.

Tim Skage praguejou sonoramente.

– Ela devia ter colocado alguém na porta das traseiras – disse ele.

O carro da polícia mais próximo arrancou, espalhando o saibro com a aceleração. Skage saltou para o lado de Wisting. Quando chegaram à casa, a maior parte da equipa já tinha dispersado para revirar o terreno em redor.

A porta da frente abriu-se de repente: um agente tinha-a destrancado por dentro.

– A porta das traseiras estava aberta – explicou ele.

Wisting ficou à espera no exterior até que a casa fosse revistada e declarada vazia antes de entrar com Skage.

A cave era composta por cinco divisões, uma das quais equipada com bar. Noutra viam-se dois colchões no chão, enquanto as restantes continham caixas e caixotes com coisas que pareciam estar meramente ali guardadas.

Ouvia-se o som de vozes no andar superior. A televisão estava ligada na sala, apresentando um programa sobre garimpeiros no Alasca. Uma lata de refrigerante e uma piza parcialmente comida encontravam-se na mesa de centro, e o cheiro a comida ainda pairava no ar.

Também se podia ver um aspirador, mas tornava-se óbvio que não era usado há muito tempo. Garrafas vazias, pratos com restos de comida e roupa suja estavam espalhados pela sala.

Pelo rádio da polícia podiam ouvir como estava a ser organizada a busca do traficante de armas. A equipa seguiu um caminho pela floresta e tinha chegado a uma zona residencial. Carros-patrolha foram desviados para a localidade e cães pisteiros requisitados.

Hammer voltou para a casa.

– Não deu em nada – declarou.

Dividiram-se em equipas para revistar a casa. Sala por sala, procuraram armas, granadas ou qualquer outra coisa que ligasse Gleich ao falecido Chris Paust Backe.

Num armário da cozinha encontraram mais de cem gramas de anfetaminas e equipamento para pesagem e embalagem. Quantidades menores de haxixe e vários comprimidos foram apreendidos como prova, mas foi Hammer quem finalmente encontrou aquilo que realmente procuravam: uma caixa de madeira com três granadas de mão, escondida no fundo de um guarda-roupa no quarto maior. Hammer tirou-a de lá e poisou-a na cama.

– Excelente – disse Skage. – Já as encontrámos. Vou chamar a unidade antibomba para as desativar.

Wisting usou o telemóvel para tirar uma fotografia. As granadas pareciam corresponder aos fragmentos encontrados em Eftang. Eram verdes com letras amarelas. *Granada Ofensiva MK3A2 – TNT*. Por baixo, um número de lote impresso permitir-lhes-ia apurar onde as granadas tinham sido

produzidas.

Enviou a fotografia a Mortensen para que este pudesse confirmar se eram do mesmo tipo. Foram precisos apenas alguns segundos até que o técnico do local do crime lhe ligasse:

– Onde é que estás? – perguntou.

Wisting explicou-lhe a situação, perguntando logo em seguida:

– É o mesmo tipo de granada que foi usado na fuga?

– Sim – confirmou Mortensen. – Fabricado nos EUA. Encontrámos parte de um número de lote num dos fragmentos. Corresponde ao que estou a ver na tua fotografia. Assim sendo, as granadas provavelmente vieram de um roubo num armazém da NATO em Trøndelag há quase quatro anos.

Wisting agradeceu-lhe e terminou a conversa antes de se virar para Skage. Mortensen dera-lhes um fio que eles agora podiam seguir.

– Alguma notícia do fugitivo? – perguntou, com um aceno de cabeça para o rádio da polícia no cinto de Skage, que abanou a cabeça.

– Ainda não, mas vamos encontrá-lo.

Wisting assentiu.

– Avise-me imediatamente – disse, dirigindo-se para a porta.



A dissertação de Maren Dokken era uma leitura interessante. *Malevolência: o mal como motivo.*

Line estava sentada, absorta, à mesa da cozinha. Ali, podia ver o outro lado da rua até à casa do pai e saber quando ele voltasse para casa.

O trabalho era teórico, baseado em conhecimentos e teorias existentes, mas contendo igualmente reflexão pessoal e uma excelente discussão. Além disso, o material estava bem organizado e a linguagem era de fácil assimilação.

A exposição encontrava-se claramente definida. Alguns crimes podiam ser tão cruéis e horríveis que se tornava difícil caracterizá-los como outra coisa senão pura maldade, mas a dissertação não tratava de tais perpetradores. Em vez disso, examinava a malevolência, o desejo de praticar o mal e as pessoas que sentiam prazer em infligir dor e sofrimento às suas vítimas.

Era material que Line poderia usar no seu projeto de documentário. Em conclusão, levantava questões sobre a possibilidade de a malevolência ser um instinto animal latente em todos os seres humanos. Se era ela que fazia com que um gato brincasse com um rato antes de finalmente lhe tirar a vida, ou o motivo pelo qual as bestiais lutas de gladiadores de outros tempos conseguiam alimentar o prazer das massas.

Levantou-se e tirou os pratos e chávenas da mesa. A luz de um par de faróis de carro encheu a cozinha e Line espreitou pela janela. Era o pai, e ela viu-o virar para o jardim da frente, sair do carro e dirigir-se a casa. Então, parecendo mudar de ideias, deu meia-volta e desceu a rua na direção dela.

Line foi até à porta para que ele não tivesse de tocar à campainha.

– Vi-te chegar – disse-lhe ela enquanto o deixava entrar.

– Como é que isso vai? – perguntou ele.

– Tudo bem – respondeu ela sem qualquer hesitação. – Viste a foto que

te mandei? Da casca?

Ele assentiu.

– Há uma marca semelhante mais adiante no caminho – respondeu. – Possivelmente, onde a arma estava escondida.

– Sabes mais alguma coisa? – perguntou ela, embora não tivesse grandes esperanças de ter novidades.

– Nada de específico.

Foi atrás dele até à sala de estar.

– Queres alguma coisa?

– Não, obrigado. Estava a pensar se poderíamos ver o filme.

– Nesse caso, temos de ir lá para baixo. – Apontou para a porta da cave.

– Estás à procura de alguma coisa em particular? – perguntou, passando-lhe à frente.

– Gostava essencialmente de ouvir – respondeu o pai. – Perceber quem disse o quê.

Ela parou ao fundo da escada e lançou-lhe um olhar interrogativo.

– Fui falar com os Assuntos Internos – explicou ele. – Eles estão a especular sobre quem decidiu retirar as grilhetas, entre outras coisas.

Line já tinha visto aquelas imagens várias vezes. Lembrou-se de uma discussão entre o pai, Adrian Stiller, e o líder da operação, mas não exatamente do que havia sido dito.

– Eles não podem simplesmente ver o vídeo? – perguntou.

– Provavelmente já o fizeram – respondeu o pai. – Acreditam que a decisão foi minha, mas não é assim que me lembro das coisas.

Sentaram-se à secretária e Line ligou o computador. Tomara nota do momento em que Kerr limpava o sangue do arranhão na cara e lambia os dedos. As grilhetas das pernas já lhe tinham sido retiradas. Ela recuou dois minutos e iniciou a reprodução.

Kerr e o resto da comitiva caminhavam ao longo da velha cerca das ovelhas e pararam junto ao portão.

– *Descemos por ali* – disse Kerr.

A câmara girou ligeiramente na direção que ele indicou com a cabeça. O terreno descia até um pequeno riacho e eles puderam ver a abertura na floresta para onde Kerr tinha fugido, o local onde a granada armadilhada tinha sido colocada.

– *É um terreno muito mais difícil do que aquele que percorremos até agora* – ouviram Claes Thancke dizer.

Kerr estava de novo no centro da imagem, ao lado do seu advogado.

– *Não é de todo aconselhável descê-lo acorrentado* – continuou este último. – *Estão a fazer com que o meu cliente corra o risco de sofrer um ferimento grave.*

Wisting inclinou-se para a frente, voltando o ouvido esquerdo para o altifalante. Line aumentou o volume.

– *Ele tem razão* – disse Wisting no ecrã.

– *Podemos segurá-lo* – sugeriu Gram. – *Um homem em cada braço.*

– *Isso é muito pouco prático* – comentou Stiller.

Wisting virou-se para falar com Kittil Gram:

– *Parece-te bem se tirarmos as grilhetas?*

Gram assentiu e respondeu:

– *Desde que as algemas fiquem.*

– *Nesse caso, fazemos o que ambos pretendem* – disse Stiller.

Kittil Gram pegou nas chaves e pediu a Kerr que desapertasse o cinto. Depois de o prisioneiro obedecer, Gram abriu a argola em volta do tornozelo, puxou a corrente pela perna das calças e retirou-a das algemas.

– *Toca a andar!* – ordenou.

Tom Kerr avançou.

Line interrompeu a gravação e olhou para o pai.

– Lembras-te das coisas assim? – perguntou.

Ele assentiu.

– Sugestão minha, mas a decisão foi do Kittil Gram.

– Acho que o Stiller já estava à espera do que ia acontecer – disse Line.

– Que o Kerr ia fugir?

– Pelo menos que haveria uma investigação se acontecesse qualquer coisa deste género – respondeu Line. – Certificou-se de que ficava bem no retrato.

Ela puxou um pouco para trás. O advogado disse que não era aconselhável que Kerr descesse por ali e pediu que as grilhetas fossem retiradas das pernas. O pai dela virou-se para os outros dois polícias.

– *Ele tem razão* – disse.

– *Podemos segurá-lo* – sugeriu Gram. – *Um homem em cada braço.*

– *Isso é muito pouco prático* – comentou Stiller.

Line parou a gravação e recuou cinco segundos.

– *Isso é muito pouco prático* – disse Stiller novamente, embora fosse impossível descobrir até que ponto apoiava a sugestão de Gram ou achava que era melhor retirar as grilhetas.

Line trocou um olhar com o pai. Ele tinha tirado a mesma conclusão.

Haviam perguntado a Gram se lhe parecia bem que tirassem as grilhetas das pernas.

– *Desde que fiquem as algemas* – tinha sido a resposta.

Stiller ergueu ligeiramente a mão direita, como num aviso cauteloso.

– *Nesse caso, fazemos o que ambos pretendem* – disse ele, olhando diretamente para a lente da câmara, como se quisesse ter a certeza de que a sua abdicação de responsabilidade tinha ficado registada.

Line parou a reprodução novamente. Não lhe agradara muito o que tinha acabado de ouvir. Servia para confirmar que Stiller não era de confiança e que ela estava dependente de ele cumprir as suas promessas no que respeitava ao projeto do documentário.

O pai passou a mão pelo cabelo. Ela estudou-lhe a expressão

preocupada.

– Mesmo assim, eles não te podem culpar pela fuga do Kerr, certo? – perguntou.

– O Terje Nordbo ficou com o caso – foi a resposta.

Line suspirou.

– Mas que raio tem ele contra ti?

– Um rancor antigo – respondeu Wisting.

Line estava a par da situação. Nordbo conduzira a investigação na altura em que o seu pai se vira esparramado na primeira página da *VG* e acusado de fabricar provas num antigo caso de homicídio. Tratara-se de um inquérito no qual a justiça e a honestidade haviam sido ofuscadas pela sede de vitória de Nordbo. Pelo empenho em ver o pai dela condenado.

– Não devia ser outra pessoa a tratar disso? – perguntou ela.

Wisting encolheu os ombros.

– Não posso pôr-me a pensar nisso também – respondeu. – Já tenho mais do que o suficiente.

Line voltou-se para o ecrã. A reprodução estava parada numa imagem em que Maren Dokken era a pessoa mais próxima de Tom Kerr.

– Queres ver mais um pouco?

O pai abanou a cabeça e preparou-se para se levantar.

– Fui visitar a Maren Dokken hoje – disse Line, apontando para o ecrã.

– Foste?

– Falei um bom bocado com ela no miniautocarro, quando saímos da prisão. Queria saber como é que ela está.

– Eu devia ter ido vê-la – disse o pai.

Os cantos da boca de Line ergueram-se num sorriso.

– Alguns dos colegas de trabalho já lá tinham estado – disse ela. – Não podes dar conta de tudo.

– Como é que ela estava?

– Apanhou-lhe alguns tendões do braço. Ela não o conseguia usar e deu para perceber que era doloroso, mas acho que ela está essencialmente incomodada com a ideia de ter deixado o Tom Kerr escapar.

– Não lhe podem pôr as culpas disso – atalhou o pai enquanto se levantava. – Ninguém podia ter previsto o que aconteceu.

– Penso que, mesmo assim, aquilo não lhe saía da ideia, o que realmente aconteceu. Mostrei-lhe o vídeo. Acho que lhe fez bem ver. – Ocorreu-lhe qualquer coisa. – Espera um minuto – disse. – Tenho uma coisa que quero que vejas.

Wisting continuou de pé enquanto Line recuava até ao ponto em que Tom Kerr e o seu advogado estavam sentados no banco de trás do carro.

– A Maren disse que o advogado lhe mostrou qualquer coisa no telemóvel – explicou. – Ela viu através do para-brisas.

Wisting agarrou-se ao espaldar da cadeira com ambas as mãos e olhou para o ecrã.

– Tens isso gravado? – perguntou.

Line abanou a cabeça.

– Ele não falou na altura – apressou-se ela a esclarecer. – O advogado tirou uns papéis de um envelope e mostrou-lhe qualquer coisa no telemóvel.

Ela podia ver que isto deixara o pai pensativo; ele estava a matutar num possível significado.

– Achas que o advogado dele pode ter sido cúmplice? – perguntou. – Que ele podia estar a passar informações ao Kerr?

– Vou pedir à Maren que escreva um relatório sobre isso.

Line precisou de alguns minutos para perceber as implicações da possibilidade que acabara de surgir.

– Isso respondia a muitas perguntas, não? – perguntou. – A entrada e saída de comunicações.

– O que aconteceu no carro pode perfeitamente ter sido legítimo – disse Wisting, tirando as mãos do encosto da cadeira. – Mas obrigado por me teres dito.

Virou-se e dirigiu-se para as escadas. Ela percebeu que lhe dera algo em que pensar, algo que o ia manter acordado naquela noite.



Cinco pessoas encontravam-se à volta da mesa para a reunião matinal e para uma análise do caso. Wisting sentara-se à cabeceira e Nils Hammer, Torunn Borg, Christine Thiis e Espen Mortensen haviam ocupado os seus lugares habituais.

– O Tore Bergstrand foi operado ontem – começou Wisting. – Um músculo da perna ficou gravemente danificado. É uma lesão complicada. Ele vai ter de se submeter a várias outras operações e ainda existe o risco de ser necessário amputar. A Maren Dokken está de baixa médica durante as próximas duas semanas. Os restantes estarão de volta ao trabalho até ao fim desta semana. Vamos reuni-los para um *debriefing* amanhã. O Hammer e eu também vamos lá estar.

Hammer afastou a cadeira da mesa e semicerrou os olhos na direção da janela antes de se levantar.

– O sol – resmungou enquanto dava a volta à mesa para ajustar uma das persianas.

Wisting fez um breve resumo do que surgira no dia anterior.

– Há muita atividade – concluiu. – Mas ainda não temos nada de concreto.

Bateram à porta e esta abriu-se imediatamente, embora ninguém tivesse respondido. Adrian Stiller espreitou, como se quisesse certificar-se de que estava na sala certa, antes de fechar a porta atrás de si.

– Posso participar? – perguntou, apontando para uma cadeira vazia.

– Não estávamos a contar contigo hoje – disse-lhe Wisting.

– Tenho uma reunião com os Assuntos Internos ao meio-dia – explicou ele enquanto se sentava. – Em muitos aspetos, fomos nós, no grupo dos Casos Arquivados, que pusemos isto tudo em andamento. Quem tem a culpa, para dizer a verdade; como tal, eu gostava de acompanhar a situação. Se pudermos

ajudar com alguma coisa, terei todo o gosto.

– Têm algum resultado da vigilância? – perguntou-lhe Hammer.

Stiller abanou a cabeça.

– A Lone Mellberg recebeu a visita de uma amiga ontem à noite e hoje foi trabalhar tarde.

– E quanto ao Floyd Thue?

– Não saiu de casa. A única coisa que temos é que ele recebeu uma entrega de comida ontem à tarde. Não é dado a socializar, mas é bastante respeitado nos círculos financeiros. É uma espécie de filantropo anónimo: ganha uma fortuna na bolsa de valores, mas também gasta muito no financiamento do empreendedorismo social e na doação de quantias substanciais para fins não lucrativos.

– O pai dele era pedófilo – interrompeu Hammer, sacando da sua caixa de rapé.

Os outros olharam para ele, desconcertados.

– Também andei a fazer umas pesquisas – explicou ele. – O homem foi condenado diversas vezes. A primeira por incesto. Abuso sexual do filho.

Stiller assentiu em confirmação, mas Wisting ficou sem saber se aquilo significava que estava a par dos mesmos pormenores que Hammer.

– Ele morreu na prisão de Ila – acrescentou Hammer. – Enforcou-se numa das celas.

Stiller assentiu novamente.

– Temos observado os movimentos dele mais de perto nestes últimos dias e estamos a tentar encontrar alguém que o conheça e que nos possa dizer mais qualquer coisa.

– Ele tem uma piscina na cave – interrompeu Hammer. – Talvez o Kerr tenha lá estado.

– Como é que sabes isso? – perguntou-lhe Wisting.

– Google. Encontrei um prospecto antigo na Internet. Ele comprou aquela casa há oito anos. O preço estimado na altura era de dezanove milhões.

– Vou transmitir isso ao Semmelmann – disse Wisting. – O Thue não está listado como tendo qualquer ligação com o Tom Kerr, mas vale a pena verificar de novo. – Retomou o fio à meada: – Esta é uma investigação fragmentada que atravessa vários limites distritais. A nós, cabe-nos encontrar o Tom Kerr. Isto cruza-se com a busca do Idar Semmelmann e da Polícia de Oslo, que estão à procura do Outro. O distrito policial de Øst suspeita do cúmplice no homicídio da Nanna Thomle e Oslo Vest está a tratar do homicídio do Chris Paust Backe.

– Quem é esse? – perguntou Stiller.

Wisting explicou-lhe como tinham descoberto a origem da granada.

– De acordo com uma amiga do Backe, ele obteve a granada de um homem metido no mundo das drogas, Tallak Gleich – continuou, relatando os desenvolvimentos da noite anterior. – O Gleich é um homem procurado. Seremos notificados assim que for detido.

Stiller puxou o jarro de água que estava no meio da mesa e encheu um copo.

– Paralelamente a tudo isto, os Assuntos Internos abriram um inquérito – continuou Wisting, olhando para os colegas. – No nosso departamento, isto afeta-me apenas a mim e ao Hammer.

Foi a vez de Mortensen. Tinha preparado uma apresentação visual do trabalho efetuado no local do crime e descreveu o que haviam descoberto. Todavia, nada se traduzia num progresso efetivo.

Hammer estivera ocupado a examinar o tráfego telefónico em Eftang, mas, até ao momento, o trabalho não produzira nenhum resultado.

– E este Theo Dermann? – perguntou Wisting. – Algum progresso com ele?

– Apenas para descobrir que Dermann é um apelido alemão da Vestfália.

Torunn Borg tinha uma lista de denúncias. Uma série de possíveis avistamentos de Tom Kerr tinha sido investigada.

– Não temos nenhuma operação ativa de momento – disse-lhes ela. – Nenhuma dica ou denúncia sobre possíveis esconderijos.

Passaram os dez minutos seguintes a elaborar o planeamento futuro. Tradicionalmente, uma investigação consistia em procurar provas que, no fim, conduzissem a um criminoso. A tarefa que agora tinham pela frente era diferente. Todos sabiam quem era Tom Kerr e o que ele tinha feito. Era simplesmente uma questão de o encontrar, mas não tinham muito em que se basear. Qualquer progresso adicional dependeria de informações fornecidas pelo público, de Tom Kerr ser visto ou encontrado por intermédio do Outro.

A reunião tinha terminado e Wisting afastou a cadeira da mesa. Voltando-se para Stiller, lançou-lhe um olhar avaliador.

– Temos de conversar – disse-lhe –, no meu escritório.



Wisting deixou-se ficar junto à porta do seu gabinete, esperando até que Stiller se sentasse antes de a fechar e instalar-se atrás da secretária.

– Será que o Claes Thancke esteve envolvido? – perguntou.

Stiller cruzou as pernas. Vestia um fato e a sua imaculada camisa branca tinha sido engomada há pouco tempo.

– O advogado? – perguntou-lhe ele por sua vez, com um sorriso. – O que é que te leva a pensar que sim?

– O guarda da prisão deu a entender isso mesmo – respondeu Wisting. – A maneira mais fácil de enviar mensagens para dentro ou para fora de uma prisão é por intermédio de um advogado quando ele tem reuniões com o seu cliente.

– Mas então não foi a namorada do Kerr que levou as cartas? – objetou Stiller.

– Isso podia ter sido apenas uma tentativa de nos enganar – contrapôs Wisting. – Aquele endereço não existia.

Adrian Stiller parecia absorto nos seus pensamentos.

– O Thancke visitou o Kerr na prisão dez vezes nos últimos dois meses – disse Wisting, folheando as informações recebidas da prisão.

– O Kerr estava prestes a tomar uma decisão importante – observou Stiller. – Ia confessar outro homicídio. Eles tinham muito que conversar.

Wisting concordou. As visitas tinham sido frequentes, tanto antes como depois de Kerr começar a contar a história do terceiro homicídio a outro recluso, mas havia uma explicação válida para elas.

– E também tenho isto – continuou ele.

Entregou a Stiller o relatório que pedira a Maren Dokken. Era mais pormenorizado do que a descrição de Line. Tom Kerr recebera papéis de um grande envelope que Thancke tinha aberto no banco de trás do seu carro.

Stiller franziu a testa enquanto lia.

– Estavas a pensar falar com ele? – perguntou.

– Bem, seria a coisa lógica a fazer – respondeu Wisting. – Afinal, foi ele quem teve mais contacto com o Kerr nos últimos tempos.

Stiller abanou a cabeça.

– Está tudo protegido pela confidencialidade entre advogado e cliente – disse. – Ele não te vai dar nada. Estamos a falar do Claes Thancke.

Wisting estudou-o, perguntando-se se devia confrontá-lo com o que havia sido dito e deixado por dizer quando as grilhetas de Tom Kerr tinham sido retiradas, mas chegou à conclusão de que devia deixar as coisas como estavam. Por enquanto.

– Já pedi uma reunião – explicou Wisting. – Às vezes, é uma questão de ouvirmos o que não nos é dito.

– Então, é melhor que tenhas um plano. E dos bons.

– E tenho.

– Quando é que vais falar com ele?

– Onze da manhã, no escritório dele.

Stiller abanou o braço, revelando um relógio com um grande mostrador.

– Então, temos de sair agora – disse ele.

– Temos? – repetiu Wisting. – Não tens uma reunião com os Assuntos Internos?

– Eles podem esperar.



A sala de espera do escritório de advogados Thancke & Co. estava fria e silenciosa. A rececionista que os deixara entrar atendia ocasionalmente o telefone. Encaminhava chamadas ou prometia deixar uma mensagem. De vez em quando, as suas unhas faziam-se ouvir no teclado. Alguns membros da equipa jurídica entravam e saíam com pastas debaixo do braço.

A rececionista tinha servido um copo de água a cada um deles.

Stiller bebeu um gole do seu. Passaram-se dez minutos. A rececionista levantou-se, tendo obviamente recebido uma mensagem no ecrã.

– Podem entrar agora – disse ela, conduzindo-os a um escritório no outro extremo do corredor. Abrindo a porta, indicou-lhes que podiam entrar com um movimento da mão.

Era um escritório de canto sem grande vista. Tudo o que conseguiam ver era os telhados dos edifícios circundantes, cobertos por geradores e tubos de ventilação. Claes Thancke estava sentado atrás de uma secretária no meio da sala. Quando entraram, levantou-se e avançou para os cumprimentar.

– Alguma novidade? – perguntou, apertando a mão a cada um.

– Receio que não saibamos onde está o Tom Kerr – respondeu Wisting.

Os lábios de Thancke contraíram-se numa expressão pensativa.

– Tudo isto é extremamente lamentável – disse ele, voltando a sentar-se atrás da secretária. – Mas receio que haja muito pouco que eu possa fazer. Mesmo se soubesse de alguma coisa, não seria capaz de vos ajudar. Entendo que têm de vir cá, mas estamos a falar do meu cliente. O dever de confidencialidade sobrepõe-se ao dever de prestar depoimento.

Wisting e Stiller sentaram-se.

– Isso quer dizer que aconselhou o Kerr no que respeita à fuga? – perguntou-lhe Wisting.

Thancke lançou-lhe um olhar perplexo.

– Claro que não! Como é que pode sugerir qualquer coisa desse género?
– O dever de confidencialidade aplica-se apenas às informações que tenha recebido num contexto de aconselhamento e assistência jurídica – referiu Wisting.

Claes Thancke abanou a cabeça em sinal de discordância.

– As informações às quais tenho acesso também devem ser tratadas como confidenciais – disse ele, olhando para o grosso volume de legislação norueguesa em cima da secretária. – Mesmo assim, nem constitui um problema. Não tenho nada para vos dizer.

A rececionista entrou com uma bandeja com garrafas de água e copos e deixou-a em cima da secretária. Wisting esperou até que ela saísse.

– Então, não me pode dizer do que é que falaram no banco de trás do seu carro, antes de partirmos? – perguntou então.

– Isso seria extremamente incorreto da minha parte.

– Temos informações de que permitiu que o Tom Kerr acesse ao seu telemóvel enquanto estavam lá sentados – continuou Wisting.

A maçã de adão de Claes Thancke subiu e desceu.

– Não está a perceber – disse ele, tentando sorrir. – Isso tinha a ver com um caso completamente diferente. Toda a conversa foi a respeito de algo em nada relacionado com isto.

– Deixou o Kerr usar o seu telemóvel? – perguntou-lhe Wisting.

Thancke poisou as mãos abertas na secretária.

– Tínhamos uma câmara a filmar – interpôs Stiller antes que o advogado tivesse hipótese de responder. – Mesmo que não tivéssemos um microfone no Kerr.

Thancke abanou a cabeça brandamente, como se não acreditasse que algo do que se havia passado na traseira do veículo tivesse sido filmado.

– Foi uma surpresa para mim – começou, puxando um dos copos para si. – O Kerr disse que queria falar comigo em particular antes de começarmos, mas não tinha nada a ver com a visita ao local ou com a Taran Norum.

Verteu um pouco de água com gás no copo e deixou-se ficar com ele na mão.

– Há já muito tempo que tento chegar a um acordo com a seguradora dele – continuou. – A quinta ardeu por completo quando ele foi detido. Foi apurado que se tratava de incêndio criminoso e a seguradora insiste que se trata de um sinistro fraudulento. O Kerr já estava sob custódia quando o incêndio começou, mas a companhia continuava a não querer pagar. Antes de sairmos da prisão, eu disse-lhe que, finalmente, tinha recebido uma oferta. Era sobre isso que ele queria falar. Eu tinha recebido um *email* e passei-lhe o telemóvel para que ele o lesse.

Wisting manteve o contacto visual.

– Veja – disse Thancke, pegando no telemóvel. – Posso mostrar-lhe.

O seu dedo indicador deslizou pelo ecrã. Abriu a conta de *email*, encontrou o que procurava e abriu um anexo. Wisting reconheceu o logótipo

da companhia de seguros Gjensidige Forsikring, mas o texto era demasiado pequeno para o conseguir ler.

– Posso obter os dados de tráfego da minha companhia telefónica – sugeriu Thancke. – Poderá verificar que o meu telemóvel não foi usado na altura para chamadas nem para mensagens de texto.

– Isso seria útil – disse Wisting.

– Então, fiquei espantado ao ver que o Kerr não se mostrava nem um pouco incomodado com o que estávamos prestes a fazer, mas vocês estão no caminho errado.

Os olhos de Wisting não se desviaram dele.

– E o envelope que lhe entregou?

Thancke levou o copo à boca e bebeu até quase o esvaziar.

– Isso foi praticamente a mesma coisa – respondeu. – Tive uma longa conversa com ele na prisão, na manhã de terça-feira, antes de vocês o levarem no miniautocarro. Teve pouca ou nenhuma relação com a expedição. Ele estava preocupado com o dinheiro da indemnização. Eu disse-lhe que tinha uma cópia da última carta que enviara à seguradora, mas que estava lá fora, no meu carro, juntamente com os anexos. Ele sempre fez questão de ter cópias de toda a correspondência. Estava em ânsias para ver tudo antes de partirmos. Tanto a minha carta para a companhia quanto a oferta que tinha recebido por *email*.

A explicação do advogado batia certo com o que Wisting tinha visto na cela de Kerr. Ele parecia obcecado com o caso do seguro e tinha cópias e duplicados dos documentos. A conversa no banco de trás poderia muito bem ter sido a esse respeito, mas também poderia ser uma mentira bem urdida.

– Quem é o Theo Dermann? – decidiu antes perguntar.

Estava preparado para não receber uma resposta e concentrou-se antes em ler a linguagem corporal do advogado. Um músculo no canto do olho contraiu-se quando Wisting mencionou o nome.

Thancke estava acostumado a manter uma cara séria. Aquele semblante nunca traía os seus verdadeiros pensamentos quando ele estava à frente de uma câmara a falar sobre um cliente ou sobre um processo judicial em curso. Durante um segundo fugaz, porém, a sua expressão facial pareceu prestes a ceder, deixando escapar uma emoção genuína. Alguma espécie de ansiedade.

– Quem? – perguntou.

Wisting repetiu o nome e o advogado abanou a cabeça.

– Não o posso ajudar – foi tudo o que disse.

Stiller inclinou-se para a frente.

– Isso porque nunca ouviu o nome ou há outros motivos pelos quais não nos pode ajudar? – perguntou.

– Não sei quem é Theo Dermann – respondeu o advogado.

– Mas já ouviu este nome? – insistiu Stiller.

– Aonde é que o foram buscar? – perguntou Claes Thancke, evitando a pergunta novamente.

Wisting estudou-o atentamente. Era óbvio que reconhecia o nome e, o que era mais importante, que ouvi-lo o deixara preocupado.

– Veio à baila em ligação com a nossa investigação – respondeu Stiller.

– De que maneira?

– Era alguém com quem o Kerr tinha comunicado na prisão – respondeu Wisting, mas evitou dar mais pormenores.

Thancke afastou a cadeira da secretária e levantou-se. Dirigiu-se à janela e ficou a olhar para o exterior. Os olhos haviam-se tornado distantes, como se ele estivesse a preparar-se para dizer algo importante e tivesse de medir as palavras com cuidado.

– Ele esteve aqui – acabou por dizer, virando-se para os encarar.

O seu olhar estava direcionado para a cadeira ocupada por Wisting. Nenhum dos dois polícias disse nada, limitando-se a esperar que o advogado continuasse.

– Foi há quatro semanas, em meados de agosto – disse ele. – Ele tinha levado a *Trude*.

– Quem é a *Trude*?

Thancke sentou-se de novo.

– A minha sobrinha... – respondeu, passando o dedo pelo interior do colarinho da camisa.

Wisting endireitou-se na cadeira, atento.

– A gata da minha sobrinha desapareceu durante o verão – explicou Thancke. – Chamava-se *Trude*. Um nome patético para uma gata, eu sei, mas era o nome dela. A minha sobrinha chama-se Nora. Um homem telefonou e disse que queria uma reunião. Estava relacionado com a *Trude* e a Nora, disse ele. Não sabia se a *Trude* ainda estava viva, mas queria falar comigo sobre isso.

Folheou uma agenda de secretária. As páginas estavam bastante preenchidas e ele acabou por descobrir que aquilo devia ter acontecido numa quinta-feira, 20 de agosto.

– Fiquei com uma sensação desconfortável – continuou. – Realmente horrível. A Nora só tem oito anos... – abanou a cabeça. – Duas horas depois, ele apareceu aqui.

– O que é que ele queria?

– Mostrou-me uma fotografia da gata. Estava morta. Mutilada. Da pior maneira possível. – Fez uma pausa antes de continuar: – Aquilo era uma espécie de ameaça, obviamente. A respeito do que podia acontecer à Nora. Ele queria que eu entregasse uma carta ao Kerr na prisão. Estava selada. Não faço ideia do conteúdo, mas, retrospectivamente, é fácil imaginar que contivesse instruções pormenorizadas, talvez até fotografias, para facilitar a fuga.

Wisting nem sabia por onde começar.

– Theo Dermann não é um nome verdadeiro – disse. – Ninguém na Noruega tem esse nome.

– Ele não se apresentou, mas foi esse o nome que deu na recepção.

– Como é que ele era?

Claes Thancke soltou um suspiro profundo.

– Francamente, não sei dizer – respondeu.

– Não sabe dizer!?! – exclamou Wisting. – Ele esteve aqui sentado, não esteve?

– Tinha trinta e poucos anos e tinha barba – explicou Thancke. – Mas acho que era pintada. Também acho que a tinha deixado crescer para a ocasião. Como disfarce. Ele tinha uma série de pensos e óculos com lentes amarelas. E usava um boné.

– Já o tinha visto antes?

– Nunca.

– Como é que ele falava?

– Em inglês. Inglês muito mau, mas provavelmente também era fingido.

– Quanto tempo esteve ele aqui?

– Não muito. Cinco minutos, talvez. Foi uma conversa curta.

– Viu-o mais do que uma vez?

– Só essa, mas depois apareceu outra carta. Desta feita em minha casa, na caixa de correio. Um envelope dentro de outro envelope com o meu nome no de fora e o nome do Kerr no de dentro. O remetente era apenas Trude, uma dica que eu devia entender.

– Quando é que foi isso?

– Quarta-feira da semana passada. Entreguei-a no dia seguinte.

Thancke endireitou-se.

– Vai contra as diretrizes do Código da Execução das Penas, mas não é estritamente ilegal – sublinhou.

Wisting quis objetar e dizer-lhe que provavelmente ajudara Kerr a fugir, mas decidiu não o fazer.

– Falou com o Kerr sobre isso?

– Não. Ele aceitou as cartas, pô-las de parte e não as abriu enquanto eu estava com ele.

– Recebeu dele alguma carta para trazer cá para fora?

– Não, foi uma comunicação unilateral.

– Alguém mais neste escritório o viu ou falou com ele?

– A Janne. – Thancke indicou com a cabeça os copos e garrafas que a secretária tinha levado. – Quase toda a gente estava no tribunal ou em reuniões – acrescentou. – A Janne passou a chamada e registou-o quando ele chegou. Eu verifiquei o registo do telefone. Ele ligou de uma dependência da segurança social em Sagene, de um telefone que pode ser usado por quem procura emprego. Até fui lá. É quase como uma cabina telefónica antiquada. Qualquer um a pode usar e fazer um telefonema dali. Sem qualquer supervisão. Sem câmaras.

– Têm alguma espécie de vigilância aqui? – perguntou-lhe Stiller.

Claes Thancke abanou a cabeça.

– Não posso dizer que os meus clientes apreciem esse tipo de coisa. Temos câmaras no interfone da entrada, mas nada de gravações.

– Então e a carta no carro? Também era do Theo Dermann?

– Não. Essa estava relacionada com o caso do seguro. – O advogado abanou a cabeça. – Eu não fazia ideia de que ele ia fugir durante a visita ao local.

– O que é que acha que essas cartas continham? – perguntou Stiller. – De quem pensa que eram?

– Presumi que fossem do Outro.

Stiller olhou para Wisting e para a cadeira que ele ocupava.

– Então, quer dizer que o Outro esteve aqui? No seu escritório?

– Não era necessariamente ele – respondeu Thancke. – Não em pessoa. Provavelmente, não. É mais provável que fosse apenas um mensageiro, mas o conteúdo era dele. Penso que o Tom Kerr estava a dizer a verdade no julgamento quando negou ter qualquer coisa a ver com o homicídio da Taran Norum. Acredito que esteja inocente, mas ele percebeu que tinha de assumir a culpa e confessar para ter alguma hipótese de sair da prisão onde estava detido. Já lhe tinha sido aplicado o castigo mais pesado. Não tinha nada a perder se confessasse outro homicídio. Pelo contrário. Optar por confessar mostraria que ele tinha mudado e, a longo prazo, poder-lhe-ia permitir a liberdade condicional. Mas, para isso, ele precisava de informações. Tinha de saber como é que o Outro matara a Taran Norum e onde tinha enterrado o corpo. Presumi que as cartas continham aquilo de que ele precisava para confessar. Para ser sincero, eu tinha assumido um papel quase impossível como advogado de defesa, já que, na verdade, o melhor para o meu cliente seria apresentar uma confissão falsa.

Wisting ficou a pensar nesta linha de raciocínio.

– Agora, tudo parece ter sido uma simulação – continuou Thancke. – Desde o princípio, quando ele começou a falar com outro recluso. Mas a partir daí a situação evoluiu depressa. Um pouco depressa demais, provavelmente. Ele pediu-me para adiar a visita ao local. A carta a solicitar a ausência de polícia armada fazia parte disto. Como resultado, ele ganhou tempo para obter todas as informações de que precisava.

– Isso sugere que ele terá iniciado a correspondência com o Outro – resumiu Stiller. – Que ele contactou o seu cúmplice de dentro da prisão. Então, como é que isso se processou?

Thancke parecia perplexo.

– Não sei. Ele tem algumas visitas regulares. Uma amiga por correspondência, por exemplo. Mas isso é mera especulação.

– Tem alguma sugestão para conseguirmos identificar e encontrar este mensageiro?

Thancke abanou a cabeça.

– Não sei mais do que aquilo que já vos disse – respondeu. – E até uma parte disso não passa de suposições.

Passaram tudo em revista mais uma vez, fizeram algumas perguntas adicionais, anotaram um depoimento mais pormenorizado sobre a visita de Theo Dermann e discutiram a possibilidade de um artista policial desenhar um retrato-robô.

– Esteve aí sentado com ele à sua frente – disse Wisting. – Falou com ele. É um bom ponto de partida para um esboço.

– Já vi esboços desses – respondeu Thancke. – Raramente se revelam úteis, mas claro que estou disposto a tentar.

Wisting preparou-se para partir.

– Faz ideia ou tem alguma teoria sobre onde o Tom Kerr possa estar agora?

O advogado apertou os lábios novamente.

– Não. Sinceramente, teria optado por vos dizer se tivesse.



– Não consigo unir os pontos nisto – disse Stiller enquanto se dirigiam para o carro. – O Thancke levou cartas ao Kerr, enquanto a Lone Mellberg as trouxe cá para fora.

Wisting limitou-se a assentir.

– Vou pedir ao Semmelmann que investigue aquela dependência da segurança social em Sagene – disse. – É a pista mais tangível que temos, o lugar de onde ele ligou para marcar aquela reunião.

– Temos de falar com a secretária dele também – disse Stiller. – Para que ela confirme o que o patrão nos disse e nos dê uma descrição.

Tinham chegado ao carro. Wisting havia registado o estacionamento numa aplicação do telemóvel e, quando o tirou do bolso para concluir a transação, deu com duas chamadas perdidas de Hammer enquanto tinham estado com o advogado.

– Acabei de receber uma informação interessante dos serviços postais – disse-lhe ele quando Wisting ligou.

– O Theo Dermann?

– Eles também não conseguem localizar o endereço fornecido e disseram que qualquer carta enviada para lá teria ido parar ao departamento das cartas mortas.

– Cartas mortas?

– A correspondência que eles não conseguem entregar no endereço fornecido ou que é devolvida ao remetente é recolhida no terminal de Østland para rastreamento. É lá que vão parar todos os presentes de Natal com endereços errados.

Wisting percebeu. Tinha lido um artigo algures sobre funcionários descritos como detetives postais.

– Em alguns casos, as cartas são abertas para ver se conseguem

encontrar o nome do remetente no interior.

– Então, as cartas para o Theo Dermann podem ter ido lá parar? – perguntou Wisting.

– A pessoa com quem falei achava que era provável – respondeu Hammer.

Wisting ligou o motor.

– Onde é que fica esse terminal?

– Em Lørenskog.

– Nesse caso, estou apenas a meia hora de distância – disse Wisting. – Envia-me o endereço.

Ao desligar, pôs Stiller a par do que acabara de saber.

– Também vou – disse o outro.

Seguiram para norte, abandonando o centro da cidade. Passados os limites de Oslo, deram por si atrás de um camião articulado verde da transportadora Bring. Continuaram atrás dele até a uma área industrial, onde pararam à frente do edifício dos serviços postais.

Stiller abriu a porta do carro, mas Wisting deixou-se ficar sentado com as mãos no volante.

– O que é que se passa? – perguntou Stiller.

Wisting abanou a cabeça. Ocorrera-lhe uma ideia enquanto conduzia, mas parecia-lhe tão conspiratória que teria de a digerir antes de a conseguir verbalizar. Saiu e fechou a porta lentamente enquanto punha os pensamentos em ordem.

– Ele deve ter tido uma razão para fazer isto – disse ele. – Para mandar cartas para um endereço que não existe. – Permaneceu ao lado do carro. – Tudo o resto foi bem planeado. E se o plano fosse que as cartas viessem parar aqui?

Stiller ficou a olhar para ele antes de perceber o que queria dizer.

– Talvez tenha alguém ali dentro a ajudá-lo? – perguntou, apontando para o edifício diante deles. – No tal departamento da correspondência que não foi entregue?

– Eu só queria dizer isto – disse Wisting –, como uma possibilidade.

– Queres dizer que o Outro até pode trabalhar aqui?

– Não necessariamente ele, mas alguém disposto a reencaminhar a carta, pelo menos, para o seu destino pretendido.

– Então, o que é que fazemos?

Wisting começou a andar.

– Entramos, conforme planeado – respondeu. – Para começar, descobrimos se as cartas estão aqui. Depois, podemos fazer uma lista das pessoas que tiveram acesso a elas, caso não estejam aqui.

Depois de se identificarem na receção, foram encaminhados para um homem corpulento que tinha a seu cargo quaisquer investigações policiais. De acordo com a placa na porta, era o gerente de qualidade e segurança. Wisting explicou que estavam a tentar encontrar duas cartas enviadas para um

endereço errado.

– Isso está ligado ao Tom Kerr? – perguntou o homem atrás da secretária. – Eu vi-o a si no noticiário.

– É apenas uma das muitas pistas que estamos a seguir – respondeu Wisting. – Estamos à procura de dois envelopes A4, com endereço de uma rua de Oslo que não existe.

– C4 – corrigiu-o o homem corpulento. – Os envelopes destinados a folhas A4 chamam-se C4.

Wisting sorriu.

– Gostaríamos de perceber se vieram parar ao departamento das cartas mortas.

– Estou a ver – respondeu o homem. Abriu uma gaveta e começou a vasculhar um monte de papéis.

– Há quanto tempo foi isso?

– Dez dias e quatro semanas atrás, respetivamente.

– Então, podem muito bem ter vindo cá parar – concordou o homem, fechando a gaveta novamente. – Preencheram um formulário de investigação?

– É urgente – disse Wisting. – Quero que nos acompanhe ao departamento para que possamos resolver isto com o pessoal que trabalha lá. Se localizarmos as cartas, queremos levá-las connosco ainda hoje.

O responsável pela segurança ficou a olhar para ele, como se estivesse a ponderar se aquele pedido não infringia alguma regra.

Por fim, levantou-se.

– Entendo – acabou por dizer. – Podem vir comigo, então.

Acompanhou-os por um corredor, desceu uma escada em espiral e seguiu por outro corredor que terminava numa porta de aço cinzento, sem qualquer identificação. No interior, viam-se prateleiras cheias de caixas vermelhas a transbordar com cartas e encomendas.

Um homem e uma mulher ocupavam estações de trabalho no extremo oposto da sala retangular. O gerente de segurança fez sinal à mulher e explicou-lhe a situação.

Wisting comentou a grande quantidade de correspondência incorretamente endereçada.

– A fusão de várias autoridades locais deixou-nos a braços com uns quantos desafios – explicou a mulher. – Muitos dos novos grandes distritos alteraram os nomes das suas ruas, pelo que agora apenas existe, por exemplo, uma Storgata em cada um deles. A intenção é facilitar a chegada do correio ao seu destino, mas durante o período de transição é uma barafunda. As pessoas não têm grande cuidado em avisar os seus contactos quando toca a eventuais mudanças de endereço.

Wisting examinou as prateleiras cheias de correspondência não entregue. Na caixa mais próxima havia uma carta com letra ilegível e uma encomenda sem endereço do destinatário. Ambas apresentavam o mesmo rótulo: *Endereço Desconhecido*. A caixa tinha *Post-its* amarelos com datas e algo que devia ser

um sistema de numeração interno e parecia ser primitivo e complexo.

– Estamos à procura de uma carta endereçada a Theo Dermann na rua Anton Brekkes em Oslo – disse Wisting. – Esse endereço não existe, assim como não existe ninguém com esse nome no censo da população – acrescentou.

– Deve estar algures no sistema – disse a mulher enquanto voltava para a sua estação de trabalho, com os outros atrás dela.

Sentou-se e abriu um programa no computador. Enquanto Wisting soletrava o nome, o colega ao lado observava com curiosidade.

– Tenho dois resultados – disse a mulher ao mesmo tempo que se virava para o colega. – Foste tu que os registaste, Morgan.

O homem levantou-se.

– Posso tentar encontrá-los, então – disse ele.

A mulher deu-lhe um número de referência para a primeira carta. O homem foi a coxear até uma prateleira, tirou de lá uma caixa e começou a vasculhar o conteúdo. Wisting e Stiller trocaram olhares.

– Um envelope C4 – esclareceu o gerente de segurança.

O colega sacou um envelope pardo e acenou-lhes com ele.

– Cá está!

A mulher atrás do computador deu-lhe outro número e o homem localizou um envelope idêntico e levou-o. Tinham os dois uma espessura idêntica e nenhum havia sido aberto. O nome e endereço do destinatário estavam escritos à mão com letras inclinadas. Toda uma variedade de selos fora afixada no canto superior direito.

– Theo Dermann – disse o homem, entregando os envelopes.

– Precisamos de uma decisão formal do Ministério Público para os entregar oficialmente – disse o responsável pela segurança.

Stiller começou a argumentar que talvez não fosse necessário. Wisting pegou no telemóvel.

– Eu trato disso – disse ele enquanto marcava o número de Christine Thiis. – De qualquer forma, também precisamos de uma decisão para os abrir.

O gerente de segurança levou as duas cartas enquanto Wisting explicava a situação à promotora da polícia.

– Têm um aparelho de fax aqui? – perguntou ele.

O gerente de segurança abanou a cabeça.

– Apenas *email*.

Wisting pediu-lhe o endereço e transmitiu-o antes de se sentar. As cartas repousavam na secretária entre ele e o gerente de segurança.

– São uns cinco a dez minutos – disse Wisting, apontando com a cabeça para o computador.

– Posso oferecer-vos alguma coisa? – perguntou o gerente. – Café? Água mineral?

Stiller disse que não, obrigado, mas Wisting pediu um café, essencialmente para tirar o gerente da sala.

– Theo Dermann – disse Wisting, elevando a voz. – Acho que sei quem é.

– Quem é, então?

Wisting repetiu o nome.

– Parece alemão, não parece?

– Judeu, talvez – concordou Stiller.

– E se for inglês ou americano? – sugeriu Wisting, mas Stiller não percebeu. – Como é que pronunciavas isto com sotaque americano?

Stiller tentou, mas demorou um pouco até que a ficha lhe caísse.

– O outro homem – disse ele. – O Outro!

Wisting apontou para os dois envelopes em cima da secretária.

– Ou o conteúdo dessas cartas é aquilo que procuramos ou fomos enganados. Outra vez.

– Enganados? Em que sentido?

– No sentido de uma manobra de diversão, para nos fazer olhar numa direção diferente.

O gerente de segurança voltou com duas chávenas de café. Poisou uma à frente de Wisting e sentou-se com a outra no colo.

– Então, quem é esse Theo Dermann? – perguntou.

Wisting consultou o relógio.

– Verifique o seu *email* – pediu.

O homem bebeu um gole de café, poisou a chávena na secretária e consultou o ecrã do computador.

– Cá está, sim... – semicerrou os olhos para o ecrã enquanto lia o conteúdo da decisão formal. – Tudo em ordem aqui – concluiu, tirando um abre-cartas de uma prateleira atrás dele.

– Excelente – disse Wisting. Levantou-se, pegou nas duas cartas e dirigiu-se para a porta. – Obrigado pela sua ajuda – acrescentou.

As pernas da cadeira raspam no chão quando Stiller lhe seguiu o exemplo.

Dois minutos depois, estavam sentados no carro e Wisting tinha as cartas no colo.

Stiller passou-lhe um pequeno canivete.

– Luvas? – sugeriu.

Wisting assentiu. Parecia apropriado tratar o conteúdo dos envelopes como uma potencial prova. Tirou duas luvas finas de látex de um pacote que tinha na bolsa da porta e calçou-as. Depois, verificou os carimbos com a data e rasgou o primeiro envelope.

Umás quantas folhas de papel pautado encontravam-se no interior. Tirou-as e viu que estavam em branco.

Stiller gemeu no assento ao lado dele.

– Ele está a gozar connosco – disse, e praguejou.

Wisting abriu o segundo envelope. Também estava cheio de folhas de papel em branco.



– Não trouxe a sua câmara? – perguntou o homem atrás da secretária.

Line retribuiu-lhe o sorriso. Elias Wallberg era um dos dois psiquiatras que tinham examinado Tom Kerr. Tinha excesso de peso, cinquenta e poucos anos, rugas na cara, pelos grisalhos a sair-lhe das orelhas e um brilhozinho nos olhos. A sua aparência externa emanava autoridade, sugerindo experiência e posição profissional. Seria um perito convincente num processo judicial e também causaria a mesma impressão à frente de uma câmara.

– Pensei em não gravar nada hoje – respondeu ela. – Requer muita preparação: equipamento, iluminação, etc. Mas estou muito contente por ter podido receber-me em tão pouco tempo. – Sacou de uma pasta cheia de anotações. – No trabalho que consegui desenvolver até agora, fiquei com muita curiosidade a respeito do seu papel e daquilo que um psiquiatra forense é capaz de descobrir.

– Tem noção de que não posso falar sobre o caso específico do Tom Kerr – advertiu Wallberg.

– Entendo isso – disse Line. – O que eu preciso é de um especialista que me possa dizer o que é o mal. De onde vem e aonde pode levar.

Elias Wallberg inclinou-se para a frente.

– O mal é a escuridão interior – disse-lhe. – Uma ânsia de infligir dor a outros seres humanos.

Line começou a tomar notas. Gostava do que estava a ouvir. A voz daquele homem era roufenha e as suas palavras evocavam imagens. Perfeita para televisão.

– É mais difícil determinar de onde vem – continuou o psiquiatra forense. – Cheguei à ideia de que o mal é algo que não podemos compreender e, como tal, somos incapazes de nos proteger dele, de o controlar ou evitar. Tal como o amor. – Depois de um sorriso enviesado recostou-se de novo na

cadeira. – Não está provado que o mal seja um desvio psicológico – disse. – Na verdade, pode ter as suas raízes em processos físicos no interior do cérebro. A investigação mostra-nos que os psicopatas apresentam defeitos ou deficiências na parte do cérebro onde a personalidade é criada. Áreas do cérebro necessárias à capacidade de sentir vergonha e demonstrar empatia encontram-se danificadas. As células cerebrais necessárias estão simplesmente em falta. – Levou o dedo indicador à testa. – Não existe qualquer matéria cerebral onde a reação emocional ao mal daria origem ao arrependimento, vergonha, culpa, ansiedade e aversão.

Line reconheceu algumas destas ideias da dissertação de Maren Dokken.

– Mas os psicopatas entendem a diferença entre o certo e o errado, não? – perguntou.

– Os psicopatas podem adaptar-se – respondeu o psiquiatra. – Consoante a reação das outras pessoas, eles podem, por exemplo, compreender que é errado atormentar animais, mas não conseguem relacioná-lo com a sua própria compreensão do ato. Eles não sentem culpa. É uma falha inata. Assim sendo, não podem aprender a tornar-se pessoas melhores. Eles podem ser castigados. Podemos metê-los na prisão, mas o castigo não tem um impacto educativo, porque eles não possuem as células cerebrais que normalmente os levariam a arrepender-se dos seus atos. Os psicopatas não têm sentimentos. Desconhecem por completo as noções de responsabilidade e culpa.

– Mas os psicopatas não são necessariamente maus, pois não? – quis saber Line.

– Não. O tipo de maldade e sadismo de que está a falar é frequentemente levado a cabo por pessoas com transtornos de personalidade antissociais. A conclusão a que cheguei em relação ao Tom Kerr foi de que ele é um psicopata narcisista.

– Então é o cúmplice, o Outro? – perguntou Line. – Que tipo de pessoa é?

Elias Wallberg sorriu.

– Claro que não lhe posso dar um diagnóstico definitivo, mas deve obviamente ser uma pessoa com os mesmos traços sádicos e narcisistas do Kerr, mas, não obstante, diferente.

– E passou despercebido no radar da polícia?

– Penso que deve figurar algures nos documentos deles. Provavelmente, é uma pessoa muito respeitada.

– O que é que o leva a chegar a essa conclusão?

– O facto de não ter sido apanhado. Muito provavelmente, estamos a falar de uma pessoa que criou uma ilusão de altruísmo e modéstia, alguém especialista em esconder os seus motivos egoístas e egocêntricos e que, para todos os outros, parece ser honesto, bem-humorado e até mesmo nobre. Até agora, conseguiu fazer-se passar por uma versão mais simpática de si mesmo e está bem ciente de que, se a sua verdadeira natureza fosse revelada, não seria capaz de manter o respeito e o estatuto que conquistou.

– Então, a polícia devia estar à procura de um homem de estatuto elevado?

– Não necessariamente – respondeu Wallberg. – O facto de não ter sido exposto sugere que tem uma capacidade de adaptação extremamente elevada, mas os narcisistas funcionam melhor em enquadramentos caracterizados pelo controlo e pela previsibilidade. Na polícia ou nas forças armadas, por exemplo, onde sistema e estrutura são conceitos-chave.

– Está a dizer que o Outro pode até ser um polícia? – perguntou-lhe Line.

Elias Wallberg riu-se.

– Não, mas olhe que não é impensável. Normalmente, é o tipo de trabalho para o qual um sádico se candidataria. O sadismo contém um fascínio pelo exercício do poder e um desejo de punir e controlar os outros. Pelo menos, seria muito mais provável que o Outro fosse um cuidador, por exemplo.

Ele consultou o relógio. Line percebeu que estava na altura de acabar. Teve direito a mais algumas reflexões sobre o conceito de mal antes de Wallberg se levantar e a acompanhar à porta.

– Tive muitas conversas com o Kerr – disse-lhe ele, com a mão no puxador. – Certamente mais do que os investigadores que trabalharam com ele. Acredito que seja perigoso e errático. Um animal comporta-se de acordo com impulsos e instintos, ao passo que os seres humanos normais se comportam de acordo com a sua consciência. O Kerr não tem consciência. Nesse domínio, o Tom Kerr assemelha-se mais a um animal do que a um ser humano.



A chávena de café vazia ainda estava na ponta da mesa de reuniões, onde Wisting a deixara no início do dia. Levou-a para a *kitchenette*, lavou-a e voltou a enchê-la.

Um a um, os demais investigadores entraram na sala e sentaram-se nos seus lugares habituais. As cartas endereçadas a Theo Dermann estavam no de Mortensen, cada uma delas selada num saco de plástico transparente para provas.

– Consegues sacar alguma coisa delas? – perguntou-lhe Wisting.

Mortensen abanou a cabeça melancolicamente.

– Provavelmente, nada de útil – respondeu. – Não seria uma surpresa se encontrássemos as impressões digitais e o ADN do Tom Kerr.

Já todos conheciam o conteúdo dos envelopes, mas os sacos foram passados em redor da mesa para que os pudessem examinar.

– A verdade é que existe uma pessoa que se autodenomina Theo Dermann – informou Wisting, e descreveu-lhes a visita ao escritório de Claes Thancke.

Agora, já tinham falado com a rececionista, que lhes confirmara o encontro com Theo Dermann, tendo-o descrito em termos idênticos aos de Thancke. Segundo ela, por causa dos pensos, o homem devia ter ficado com cicatrizes no rosto que seriam fáceis de identificar.

O resto da discussão não trouxe novidades e a reunião foi breve. Tinham chegado a um impasse e agora não tinham mais nada que lhes permitisse continuar.

Wisting foi o último a sair da sala. Dirigiu-se ao seu gabinete para começar a despachar a pilha de relatórios e mensagens. Eram notas que Bjørg Karin, do escritório administrativo, lhe havia entregado, bem como impressões de *emails* e mensagens de texto, principalmente de jornalistas que

não tinham conseguido contactá-lo por telefone. A última delas tinha sido recebida durante a recente reunião e era de um jornalista da TV2 que procurava comentários sobre a investigação dos Assuntos Internos. Ele deixou-a sem resposta e estava a ler a mensagem seguinte quando o telefone tocou. Era Tim Skage.

– Alguma novidade? – perguntou-lhe Wisting.

– Não no que respeita ao Tallak Gleich – foi a resposta. – Já estivemos no endereço onde ele passou a noite com um amigo no centro da cidade, mas não mais do que isso. As granadas que encontrámos vieram de um arsenal militar, tal como pensava. Foi confirmado. – Wisting recostou-se na cadeira e passou a mão livre pela testa. – Apareceu mais uma coisa, uma coisa interessante – continuou Skage. – Queria que ficasse a par.

– Que coisa é essa?

Skage começou de maneira um tanto prolixa:

– Estará lembrado de que, durante muito tempo, considerámos o caso um incêndio accidental. Faz apenas um ou dois dias que foram detetadas substâncias anestésicas no sangue do Chris Paust Backe e chegámos à conclusão de que o incêndio foi intencional. O caso de homicídio só foi aberto há alguns dias.

Wisting percebeu que eles deviam ter deixado passar algo de importante.

– Muitos criminosos têm vários telemóveis – continuou Skage. – Um para uso diário e outro para negócios. Atividades duvidosas. Um branco e um preto, se quiser.

– Sim?

– No início, obtivemos os dados do telemóvel branco do Backe, mas este não nos deu muita coisa e não revelou nenhuma conversa com o Tallak Gleich.

– Quantos telemóveis encontraram nas ruínas depois do incêndio? – perguntou Wisting.

– Dois – respondeu Skage. – Ou, para ser mais exato, cinco, mas apenas dois associados a uma assinatura. Agora, os técnicos acabaram de os examinar. Já tínhamos os dados de um deles e o outro estava registado em nome da avó dele. Neste, encontrámos várias conversas com o Tallak Gleich, mas a última pessoa a quem ele ligou foi a Helene Norum.

Wisting sentiu um arrepio na coluna.

– Norum – repetiu.

– A mãe da terceira vítima do Tom Kerr – explicou Skage. – Taran Norum.

Wisting sabia muito bem quem ela era. Ocorreu-lhe toda uma série de perguntas.

– Há alguma outra conversa entre eles? – perguntou.

– Apenas uma. Teve lugar cerca de uma hora antes de o incêndio ser participado. Eles falaram durante quase um minuto.

– Eles terão alguma espécie de parentesco? Algum tipo de ligação?

– Não que tenhamos conseguido apurar. Não até agora, pelo menos.

Um pombo poisou no parapeito exterior da janela. Wisting levantou-se e foi até lá sem o afugentar. Fixou os olhos no arquipélago de Svenner e no farol do fiorde. O que acabara de saber apenas servira para aumentar a sua confusão. A ideia de que o homem que indiretamente ajudara na fuga de Kerr tivesse uma ligação com a mãe de uma das suas vítimas não fazia sentido, de maneira nenhuma.

– Vão ter de falar com ela – acabou por dizer.

– Vamos tentar obter mais informações e em seguida chamamo-la para lhe fazer umas perguntas amanhã. Depois digo-lhe como correu.

A chamada terminou.

O pombo bateu as asas e levantou voo. Wisting deixou-se ficar ali parado, considerando os muitos fios de uma meada que tinha de ser enrolada. Mas parecia que outra pessoa também estava a puxar por eles, alguém com vontade própria.



– Muito obrigada!

Line estava a receber uma chávena de chá da cozinha de brincar de Amalie. Levou-a aos lábios e fingiu beber. A filha sorriu de orelha a orelha antes de voltar para a pequena cozinha no outro extremo da sala, para mexer uma panela. Line poisou a chávena.

A televisão encontrava-se sintonizada num canal infantil, mas Amalie não lhe estava a prestar atenção.

– A mamã só precisa de fazer um telefonema.

Line baixou o som do aparelho e ligou a Maren Dokken.

– Oh, olá! – respondeu a polícia num tom afável.

– Como é que isso vai?

– Estou de saída – respondeu Maren. – Pensei em ir dar um passeio para apanhar um pouco de ar. Antes que recomece a chover.

Line podia ouvir sons que ecoavam e visualizou Maren a descer a escada.

– Só queria dizer que fui falar com o psiquiatra hoje – continuou Line, embora tivesse de se rir de si mesma. – Quero dizer, aquele que a ajudou com a sua dissertação.

– Elias Wallberg.

– O próprio. Pareceu-me bom – disse Line. – Ele aceitou participar do documentário.

– Isso é ótimo!

– Só queria agradecer a indicação.

– Quero ver isso quando estiver acabado.

Line ouviu uma porta bater.

– Falei com os produtores – acrescentou. – Gostávamos muito de contar consigo. Para que possa contar a sua história sobre o que se passou na terça-

feira.

– Eu não sei... – Maren começou.

– Não tem de decidir já – apressou-se Line a acrescentar. – Mas pense nisso.

– Provavelmente, não depende apenas de mim – disse Maren. – Teria de ser autorizado no trabalho.

– Claro – disse Line. – Mas não me passa pela cabeça que possam ter alguma coisa contra.

– Tenho um *debriefing* na esquadra amanhã de manhã, às nove – disse-lhe Maren. – Deve demorar uma hora. Podemos falar depois disso. Eu ligo-lhe.

– Fantástico.

Line desligou, sentindo-se otimista.

Amalie foi ter com ela com um prato de comida a fingir que Line teve de provar a fingir. Estalou os beijos de satisfação e mudou de canal para ver o noticiário na TV2.

A transmissão começou e a primeira peça mostrou a cara de Tom Kerr. O jornalista anunciou que a TV2 podia revelar imagens exclusivas do que acontecera quando o brutal assassino fugira. Passaram então às imagens de Tom Kerr a correr e da explosão que se seguira. As imagens dela. A gravação dela.

Line sentou-se no sofá, incrédula. Foram apresentadas três outras notícias antes de regressarem a Tom Kerr. Ainda não tinha sido capturado e a polícia não divulgara nenhuma informação nova, explicou o jornalista em estúdio. Em seguida, foi para o ar uma peça com imagens de arquivo do dia anterior. Um repórter repetiu os crimes pelos quais Tom Kerr tinha sido condenado e o que acontecera desde a sua fuga. Então, as imagens dela apareceram de novo. O repórter repetiu que a TV2 tivera acesso a imagens exclusivas. Eles sabiam que as grilhetas tinham sido retiradas das pernas de Tom Kerr, que ele depois descera a encosta íngreme e de repente desatara a correr. A polícia lançava-se atrás dele e o clipe terminava com a explosão.

– Mas que merda é esta!? – gritou Line.

A notícia prosseguiu e a cara do pai apareceu no ecrã. Era uma das conferências de imprensa, aquela em que ele aparecia com uma camisa emprestada. O repórter disse então que o departamento de Assuntos Internos da força policial abrira uma investigação sobre o que tinha corrido mal aquando da fuga de Tom Kerr.

– Avô! – gritou Amalie.

A menina correu direita ao televisor. Um inspetor-chefe dos Assuntos Internos confirmou o que o repórter acabara de dizer, mas não quis fazer mais comentários.

A forma como a peça tinha sido editada dava a impressão de que o ocorrido fora culpa do pai de Line, ficando subentendido que era ele o polícia sob investigação.

Amalie sorria de alegria enquanto trepava para o sofá.

– Avô! – exclamou novamente.

A notícia acabou. Line baixou o som e telefonou a Stiller. Na realidade, nada tinha a ver com a forma como a polícia usava o que ela tinha filmado. Aquele trabalho fora pago e as gravações pertenciam-lhes, mas ela teria apreciado um aviso prévio. Além disso, aquilo era totalmente desnecessário. A polícia não tinha nada a ganhar com a divulgação das imagens.

Ele atendeu quase de imediato.

– Vi o noticiário da TV2 – disse Line.

– Desculpa!? Estou no carro, de regresso a Oslo.

Parecia que ele não sabia de nada.

– Porque é que deste o meu filme à TV2? – perguntou ela.

– Como assim?

– A TV2 acaba de mostrar as imagens da fuga do Tom Kerr – explicou

Line.

Adrian Stiller aclarou a voz.

– Não sei nada disso.

– Onde é que as foram buscar, então?

– Não faço ideia. Vou ter de investigar isso.

– Então, só pode ser uma fuga? Quem mais teve acesso às filmagens?

– Vou ter de investigar isso – reiterou Stiller. – Mas, por acaso, até é um desenvolvimento positivo para ti.

– Como é que pode ser? A exclusividade foi-se.

– Agora, ser-te-á mais fácil conseguir autorização para usares as gravações. Já estão no domínio público. Não há razão para que as chefias as retenham. Não há razão para esperar até que a investigação esteja concluída.

Amalie estava cansada e começara a aninhar-se contra o peito de Line.

– Vais investigar isto como uma fuga? – perguntou Line enquanto fazia uma festa na cabeça da filha. – Quebra de confidencialidade, ou assim? Gostava de saber de onde veio a fuga.

– Nesse caso, seriam os Assuntos Internos que teriam de investigar – respondeu Stiller. – Mas não me parece que tenha prejudicado a investigação. Talvez até o contrário. Quanto mais a cara do Tom Kerr aparecer nos ecrãs, maior a probabilidade de alguém o reconhecer e denunciar.

– Quero estar presente quando o prenderem – disse Line.

– Como assim?

– Quero que me avises assim que tiveres algo de específico – disse ela. – Quando souberes onde ele está. Quero estar lá e filmar quando o apanharem.

– O teu pai está à frente do caso – protestou Stiller.

– Com ele, é escusado – queixou-se Line. – Tem pavor de um possível conflito de interesses. Foste tu que puseste isto em marcha. Tu é que o resolves.

Silêncio do outro lado.

– Vou ver o que posso fazer – acabou ele por dizer.

– Obrigada.

Stiller recebeu outra chamada.

– Tenho de atender isto – disse, desculpando-se, e encerrou a conversa.

O noticiário televisivo cobria agora os protestos contra novos projetos de estradas com portagem. Line puxou o programa para trás para ver novamente as imagens da fuga. Alguém na própria polícia queria que aquelas imagens fossem divulgadas. Ela não sabia quem estava na lista de distribuição, mas a única pessoa que ela pensava poder ter algum tipo de motivo era Adrian Stiller. Ele tinha razão ao dizer que aquilo facilitava o projeto do documentário.

– Avô! – gritou Amalie, apontando mais uma vez para o televisor.

Line interrompeu a reprodução. O rosto do pai preencheu o ecrã.

A menos que houvesse outro motivo, pensou ela. O uso das imagens estava relacionado com a notícia de que os Assuntos Internos estavam a analisar o caso e tinham o pai dela na mira. A fuga podia ser uma tentativa de atribuir culpas pela fuga de Tom Kerr.



Tinha recomeçado a chover.

O sistema de ventilação da esquadra desligava-se automaticamente à tarde, quando normalmente havia poucas pessoas ali a trabalhar. Wisting abria a janela do gabinete para respirar um pouco de ar fresco. Só podia ser aberta de lado e, como agora a chuva estava a entrar, ele tratou de a fechar.

A cidade parecia um anfiteatro abaixo dele, elevando-se sobre o pequeno braço do fiorde, envolvendo-o e espalhando-se em redor.

Ele vivera toda a sua vida ali e não tinha realmente conhecido muito mais do mundo. Pertencia àquele lugar e sentia-se parte da cidade. Sentia a responsabilidade de a guardar e defender.

Numa abertura entre dois edifícios, podia ver partes da Storgata, a rua principal. Um carro com luzes azuis a piscar passou a alta velocidade sem usar a sirene. Ele não conseguiu perceber que tipo de veículo de emergência seria, mas viu que se dirigia para oeste, e pouco depois as luzes apareceram de novo na estrada que conduzia a Stavern. Parecia-lhe um carro da polícia.

Wisting voltou para a sua secretária. Precisara de algum tempo para descarregar o sistema de dados de Idar Semmelmann para o seu computador. Uma enorme quantidade de informação havia sido recolhida no decurso da caça ao Outro. Quando Semmelmann lhes mostrara as funções de pesquisa no diagrama de relacionamentos e as possibilidades que elas ofereciam, tudo aquilo parecera impressionante. No entanto, os recursos efetivos eram complicados. Ele queria fazer uma busca simples com o nome da mãe de Thea Polden, mas a resposta foi uma mensagem de erro e um pedido para assinalar nas configurações os dados básicos aos quais a busca se referia. Wisting não conseguia perceber nada daquilo e tentara ligar a Semmelmann para lhe pedir ajuda, mas não tivera resposta. Quando tentou telefonar mais uma vez, acabou por ir parar ao correio de voz. Decidiu não deixar mensagem, mas presumiu

que ele lhe ligaria de volta quando visse as chamadas não atendidas.

Mudando para outra imagem no ecrã, começou a ler os documentos do caso relacionados com o homicídio de Chris Paust Backe. Normalmente, gostava de imprimir todos os relatórios e interrogatórios para sublinhar aspetos interessantes ou anotar comentários nas margens. Agora, contentava-se em tomar notas num caderno espiral.

Meia hora depois, o seu telefone tocou: uma chamada da central.

– Temos um incidente em curso para o qual talvez quisesse enviar um investigador – disse a operadora.

– O que é?

– As nossas patrulhas estão à procura de uma carrinha de entregas branca. Uma testemunha declarou ter visto uma mulher ser arrastada para o interior.

Wisting levantou-se da cadeira e dirigiu-se novamente à janela. Estava a escurecer lá fora.

– Quando é que foi isso?

– A participação foi registada aqui há cerca de três quartos de hora, mas aparentemente terá acontecido algum tempo antes.

– Onde?

– Na rua Gamle Stavern. Temos um carro-patrulha no local agora com a testemunha. Ainda não sei exatamente o que se passa, mas com o que aconteceu nos últimos dias...

Wisting já estava a caminho da porta.

– Eu trato disso – disse. – Vou sair agora.

Debateu-se com uma das mangas do casaco enquanto corria para o carro, saltava para trás do volante e arrancava debaixo de chuva.

A viagem não demorou mais de cinco minutos. Duas viaturas da polícia estavam estacionadas num dos lados de um longo trecho de estrada. Um oleado branco encontrava-se estendido entre eles.

Wisting parou à frente do veículo da frente, capô com capô. Um homem de fato de treino estava sentado no lugar do passageiro. O polícia ao volante, com um portátil nos joelhos, acusou a chegada de Wisting com um aceno de cabeça.

Wisting apeou-se e entrou para o banco de trás do carro-patrulha. Depois de uma apresentação breve, pediu à testemunha que descrevesse o que tinha visto.

– Eu vinha a correr para cá, no outro lado da estrada – explicou o visado, apontando para um ponto cerca de duzentos metros à frente. – Uma rapariga estava a andar junto à estrada; eu podia vê-la à distância. Então, a carrinha apareceu. Passou por mim, atravessou para o outro lado da estrada e parou. Uma porta da carrinha bateu, a carrinha arrancou a toda velocidade e a rapariga desapareceu.

– Foi levada na carrinha?

– Não posso dizer que vi acontecer. A carrinha estava pelo meio. Apenas

ouvi a porta do lado fechar. O som de uma porta de correr. Não houve nenhum grito nem nada de parecido, e aconteceu tudo muito depressa, mas só a podem ter levado.

– Temos a descrição da carrinha, mas não o número de matrícula – comunicou o homem ao volante. – Era uma espécie de carrinha de entregas, uma Citroën Berlingo ou uma Peugeot Partner, sem janelas no compartimento de carga.

A chuva batia com força no tejadilho do carro e a ventilação estava ligada no máximo, mas mesmo assim o interior das janelas estava embaciado. Quando um terceiro carro da polícia passou, o homem de fato de treino seguiu-o com os olhos.

– Não tenho a certeza de que tenha acontecido alguma coisa de mal – disse ele. – Para dizer a verdade, nem sei se teria telefonado se não fosse o ténis.

– O ténis?

– Havia um daqueles ténis de caminhada, tamanho 38, caído na estrada – disse o polícia. – Está debaixo do oleado.

A testemunha girou no seu lugar.

– Eu não tinha o telemóvel comigo, pelo que só pude telefonar quando cheguei a casa – disse ele num tom apologético. – Por essa altura, provavelmente já teriam passado cerca de dez minutos. Talvez um pouco mais. Não consegui deixar de pensar naquilo enquanto corria, que aquilo tinha sido estranho, e achei que era melhor ligar.

Wisting passou a mão pela janela e espreitou lá para fora. Aquela estrada não tinha muito trânsito. De um lado havia uma floresta densa e do outro nada senão campos. Ao longe viam-se algumas casas, mas naquele ponto em particular não havia construções. Nada de testemunhas.

Quando já estava a sair do carro, o seu telemóvel tocou. Era Semmelmann:

– Estou a ver que está a tentar falar comigo.

– Sim – confirmou Wisting.

Avançou e levantou o oleado para ver o ténis que ali ficara: cinzento com um desenho cor-de-rosa.

– Apareceu alguma coisa? – perguntou-lhe Semmelmann.

Wisting devolveu o oleado à sua posição original. A água da chuva encharcava-lhe o pescoço.

– Aconteceu outra vez – respondeu.



O motor estava ligado e Wisting encontrava-se sentado, de braços, com os braços apoiados no volante. As finas riscas escuras da chuva que caía eram realçadas pelos faróis do carro. Quatro polícias levantaram o oleado, cada um segurando uma ponta, enquanto um quinto tirava uma fotografia do ténis que ali ficara. A luz intensa do *flash* produziu sombras nítidas no asfalto.

– Devíamos enviar um boletim informativo para os *media*, por causa da carrinha – disse Wisting, erguendo a cabeça na direção do microfone do sistema de mãos livres.

– Não me parece – discordou a promotora da polícia. – Discutimos essa questão aqui. Há outros aspetos a ter em consideração. Não podemos ter certezas quanto ao que aconteceu.

– Precisamente por isso – argumentou Wisting. – Devíamos anunciar que estamos à procura da carrinha e pedir à rapariga que estava na estrada que nos contacte.

– Vamos esperar até termos mais informações. Pode ser apenas um mal-entendido. A testemunha pode ter percebido mal a situação. Os *media* estão cheios de notícias sobre os homicídios do Tom Kerr. Isso poder-lhe-ia muito bem ter influenciado a perceção. Ele deve ter pensado que viu uma coisa diferente do que realmente aconteceu. Precisamos de algo específico antes de avançarmos com isto.

À frente do carro, o ténis foi guardado num saco de papel pardo e o oleado dobrado.

– Então e o ténis? – perguntou Wisting.

– Talvez já estivesse ali.

– Exatamente no mesmo local onde a rapariga foi levada por uma carrinha branca?

A promotora da polícia soltou um suspiro sonoro.

– Eu li o depoimento da testemunha – disse ela. – Ele estava a duzentos metros de distância. Não podia dizer com alguma certeza se o ténis estava exatamente onde a carrinha parou. Ele só tirou essa conclusão quando o viu.

Recostando-se, Wisting olhou para o minúsculo microfone no tejadilho. A promotora da polícia parecia decidida. Muito provavelmente, estava apenas a defender uma decisão que já tinha sido tomada, pelo que seria uma perda de tempo tentar contrariar aqueles argumentos.

Ela chamava-se Stemstad, e o nome próprio era Gro ou Gunn. Pelo som da voz, teria metade da idade de Wisting. Nunca se haviam encontrado e não se conheciam, mas já tinham falado algumas vezes ao telefone noutros casos. Este método pouco prático de lidar com os casos era um resultado da reorganização e fusão dos distritos policiais.

– O Tom Kerr está a monte há mais de quarenta e oito horas – continuou a promotora da polícia. – Já há de estar bem longe por esta altura. Porque é que havia de ficar por aí? Não é lógico.

Wisting teve de admitir que ela tinha razão.

– Recebemos mais de uma centena de relatos, gente que afirma ter visto o Tom Kerr – salientou Stemstad. – Alguns insistem que o viram numa carrinha branca. Foi verificado. As pessoas veem o que querem ver. É importante não empolar a situação.

As escovas limpavam a água da chuva no para-brisas dianteiro. Por esta altura, os polícias já tinham regressado aos seus veículos. Um destes arrancou e partiu, os restantes seguindo-o pouco depois.

– Então, o que é que sugeres que façamos? – perguntou Wisting.

– Todas as patrulhas estão de olho na carrinha branca – lembrou-lhe a promotora da polícia. – Vamos esperar e ver o que é que acontece. Entretanto, mantemos os *media* fora disto. Não deves fazer nada que agite as águas.

Wisting deitou uma olhadela rápida ao espelho retrovisor e viu a expressão cética na sua cara.

– O que é que queres dizer com isso? Agitar as águas?

– Só estou a dizer que tudo o que está a acontecer agora é desnecessário. Poderia facilmente ter sido evitado. O Tom Kerr nunca devia ter tido a possibilidade de fugir. Nunca devia ter sido devolvido à sociedade.

Dito isto, a conversa foi encerrada abruptamente. Wisting ficou a olhar para o seu reflexo no espelho. Era assim que todos viam a questão? Que Tom Kerr estava a monte por culpa dele?

Deixou-se ficar ali, a matutar nisto. Deparou-se com uma sensação que lhe era estranha, uma sensação de culpa. Um sentimento de culpa implacável e impossível de controlar.

Para ele, uma eventual sensação de inadequação não seria uma novidade. Casos que se arrastavam ou que ficavam sem solução podiam deixá-lo abatido. Ele tinha sido nomeado para liderar investigações em casos importantes e complexos e era sua responsabilidade obter resultados. Tratava-se de uma responsabilidade à qual se acostumara com o passar do tempo, mas

sentir-se responsável era bem diferente de sentir-se culpado.

Passou um carro. Ele olhou para a área seca junto à estrada onde o oleado tinha sido aberto. A chuva estava a apagar tudo. Só esperava que a promotora da polícia tivesse razão, porque, caso tivesse sido cometido um crime, a culpa seria dele.



Não havia nada nas notícias da manhã que sugerisse que a polícia tinha feito algum progresso na perseguição de Tom Kerr. A cobertura era caracterizada pelas críticas à polícia. O nome do pai de Line não era destacado, mas, para o mundo exterior, tinha sido ele o rosto da polícia no dia em que Tom Kerr fugira, e essa era a imagem que eles continuavam a usar.

Bebendo o resto do sumo de laranja, Line poisou o telemóvel e olhou para a casa do pai. Ele não tinha voltado antes de ela se ir deitar na noite anterior, e o carro não estava lá quando ela se levantara.

Levantou a mesa, ajudou Amalie a vestir-se e arrumou as coisas dela para a creche.

Geralmente, faziam tudo com calma pela manhã, demorando-se bastante, e raramente tinham pressa para fazer fosse o que fosse. Ultimamente, tinha sido diferente. Ela estava com pressa de tirar Amalie de casa e levá-la para poder concentrar-se totalmente no projeto do documentário. Embora isso a deixasse com a consciência pesada, encontrou conforto na ideia de que era apenas temporário e de que, de qualquer forma, a filha estava feliz na creche.

Considerada isoladamente, a vida de um psicopata devia ser simples, pensou ela no carro depois de deixar Amalie. Sem problemas de consciência, sem arrependimentos, sem sentimentos de culpa.

Acontecia-lhe a mesma coisa ao fim do dia. Ela despachava o trabalho doméstico enquanto Amalie ainda estava acordada. Depois de a filha ir para a cama, ela podia dedicar toda a sua atenção ao trabalho que tinha em mãos.

Ainda estava a chover e, na verdade, ela devia ter saído para ir à procura de um impermeável e de botas novas para Amalie, mas isso podia esperar até sábado, quando a filha não tinha creche. Então, ela mesma poderia escolher as cores e provar as peças de roupa.

Line desceu ao seu escritório na cave. Gostava de estar ali: sentia-se confortável entre as velhas paredes de pedra e as distrações eram poucas. Tudo à sua volta estava relacionado com o trabalho de uma forma ou de outra, fazendo com que lhe fosse mais fácil arrumar as ideias e forçando-a a manter-se concentrada e ser produtiva.

Nas notas que tomara durante a reunião com o psiquiatra ele tinha enfatizado uma coisa. Que o mal era como apaixonarmo-nos: ninguém lhe conhecia a origem.

A sua reação imediata tinha sido que isto não era verdade. O amor vinha do coração, como algo que era natural e genuíno. Só que isto era apenas uma forma de dizer. Na realidade, o coração não tinha outra função senão bombear sangue.

Fez por se informar sobre outras teorias, para encontrar outras vozes que lhe pudessem dizer algo sobre a propensão para o mal.

O presidente da Associação Norueguesa de Psicologia tinha sido entrevistado a esse respeito num artigo publicado há já algum tempo. As suas ideias não estavam de acordo com aquilo que o psiquiatra forense lhe dissera sobre psicopatas e narcisistas. Ele considerava que a maior parte do mal neste mundo era infligida por pessoas comuns que cruzavam a fronteira – do bem para o mal. Começava com coisas pequenas e manifestava-se na indiferença. Quando não nos dávamos ao trabalho de verificar se o homem caído no chão estava a curar uma bebedeira ou a morrer. Quando deixávamos o taxista contar piadas racistas sem o mandar parar. Quando fazíamos vista grossa aos hematomas da mulher do nosso vizinho, ou nos limitávamos a ignorar e passar por uma mão estendida que nos pedia ajuda. Podia ser tentador forçar a verdade ou comentar o comportamento dos outros. Manter o silêncio a respeito de algo que nos pudesse deixar malvistos. Exagerar só um bocadinho. Dizer alguma coisa para nos protegermos a nós ou aos nossos entes queridos. No entanto, cada vez que mentíamos ou falávamos depreciativamente sobre terceiros era um passo que dávamos na direção do mal.

Uma rajada de vento atirou uma bâtega de chuva contra as paredes lá em cima. Ela sentiu uma breve vontade de subir e ir tomar um café, mas estava tão absorta que continuou a ler.

Era uma questão de distribuir responsabilidades. Tornava-se mais fácil tomar parte em alguma coisa quando não tínhamos de suportar o castigo sozinhos. Então, o nosso sentido do dever desintegrava-se, visto que não tínhamos de arcar sozinhos com o fardo da responsabilidade. As objeções morais eram corroídas. No artigo, era apresentada uma experiência psicológica na qual se pedira a um grupo de estudantes que desempenhasse o papel de prisioneiros e de guardas numa prisão. A dita experiência tivera de ser abortada antes do fim da primeira semana, quando se descobriu que os «guardas» estavam tão cegos pelo seu poder e pelo regime punitivo que humilhavam os «prisioneiros» a tal ponto que vários se foram abaixo por completo. Passara a ser um caso de «nós e eles». Os «outros» eram

considerados pessoas indignas de confiança, perigosas e más que ameaçavam o nosso modo de vida.

O abuso de autoridade, a subjugação e o controlo, bem como o domínio da vontade dos outros proporcionavam ao mal um solo fértil para florescer e, ao mesmo tempo, tanto a obediência cega como a lealdade acrítica às regras absolutas constituíam aquilo que podia transformar democracias pacíficas em ditaduras fascistas.

Uma grande parte do que este psicólogo defendia continha elementos que ela reconhecia, mas continuava a ser-lhe difícil entender como é que alguém podia encontrar satisfação ao mutilar e violar outro ser humano. Mas o mal existia, sem dúvida. Era tão real como o amor.

Um barulho repentino fê-la olhar para o teto. O vento devia ter aumentado. O que ela ouvira tinha sido a janela do quarto a bater.

Levantou-se e levou a chávena vazia para cima. Dirigiu-se à cozinha e ligou a máquina de café antes de ir fechar a janela do quarto. A chuva tinha entrado e o chão estava molhado. Ela teve de ir buscar um pano.

O projeto do documentário começava a ganhar uma direção diferente, pensou ela enquanto enxugava o chão. A assumir uma nova dimensão. Agora, não era apenas um relato das transgressões de Tom Kerr e do seu cúmplice, mas também uma exploração do que elas representavam. Para tal, ela também precisava de encontrar alguém que fosse capaz de ver a criminalidade do ponto de vista deles. Idealmente, isso significaria persuadir Tom Kerr a aparecer. Alternativamente, ela podia pedir ao advogado dele que participasse. Claes Thancke parecia gostar de estar sob os holofotes dos *media*.

O café estava pronto e ela viu que horas eram. Dez e meia e ainda não tivera notícias de Maren Dokken. O *debriefing* já devia ter terminado, mas se ela tivesse de falar com alguém para obter permissão para participar no documentário, poderia precisar de mais tempo.

De repente, Line já não sabia muito bem o que ficara combinado, qual delas tinha ficado de ligar.

Bebeu um pouco de café enquanto digitava uma mensagem de texto, distorcendo um pouco a verdade:

Estou na cidade. Posso passar por aí se já estiver despachada.

Não teve resposta. Por alguma razão, ficou preocupada.



A busca tinha sido reduzida por volta das 23h e encerrada à meia-noite, e não houvera qualquer outro desenvolvimento durante a noite. Ninguém tinha sido dado como desaparecido. Wisting teve de admitir que a promotora da polícia tinha razão e a sensação de culpa diminuiu um pouco.

Tinha começado a chover quando o incidente se dera. A testemunha não ouvira ninguém gritar. Muito provavelmente, alguém que ela conhecia tinha-a visto e oferecera-lhe boleia para casa, ao abrigo da chuva. O ténis podia ter aparecido ali antes, caído de um saco de desporto numa bicicleta ou poisado no tejadilho de um carro e esquecido quando o proprietário arrancara. Ele não estava acostumado a inventar desculpas em lugar de imaginar o pior cenário possível e agir a partir dessa hipótese. Mesmo assim, aquele incidente incomodava-o. Uma coisinha irritante que ele podia ter evitado se tivessem feito um anúncio público e pedido à rapariga e ao condutor da carrinha que contactassem a polícia.

Hammer apareceu à porta do gabinete.

– Eles estão prestes a começar – disse.

Wisting deixou a sua secretária e dirigiram-se os dois à espaçosa sala de reuniões no segundo andar, onde se sentaram bem no fundo, junto à parede. Todos os de alguma forma envolvidos no dia da fuga de Tom Kerr estavam ali reunidos para um *debriefing* geral. Além dos polícias, também estavam presentes alguns paramédicos.

Ocorreu-lhe que Line devia ter sido incluída. Ele devia ter pensado nisso. Mais especificamente, Stiller devia ter pensado nisso. Tinha sido ele a contratar os seus serviços e, para piorar a situação, ela não tinha colegas com quem partilhar aquela experiência brutal.

Frank Kvastmo, da secção de patrulha, deu as boas-vindas a todos e liderou os procedimentos. Não seria feita nenhuma avaliação direta, mas a

sessão pretendia reduzir o nível de stresse mental, eliminar qualquer reação negativa e, não menos importante, limitar os efeitos posteriores do que tinha acontecido. Todos os que quisessem partilhar sentimentos ou dizer alguma coisa podiam falar.

Era do vácuo que Wisting se lembrava melhor. Do que tinha acontecido imediatamente após a explosão. Do silêncio enquanto todo o oxigénio era violentamente deslocado, antes de a confusão se instalar e tudo ser posto em movimento. Durara apenas uma fração de segundo, mas na sua memória o tempo surgia muito prolongado. Mentalmente, ele via tudo em sequências isoladas e espasmódicas, e no meio de tudo aquilo, Line.

Wisting teve a oportunidade de falar no fim. Levantou-se, dirigiu-se ao estrado e examinou os colegas ali reunidos. Alguns dos agentes que tinham feito parte do cortejo estavam sentados na frente. Não conseguiu ver Maren Dokken entre eles, mas, antes de começar, acenou com a cabeça em sinal de reconhecimento a alguém que estava sentado com uma ligadura enrolada à volta da mão.

Não disse nada sobre a sua própria experiência, antes embarcando num relato da investigação em curso. Absteve-se de referir a troca de cartas com Theo Dermann e o papel que Claes Thancke desempenhara na mesma, mas falou em pormenor sobre o homicídio de Chris Paust Backe e o homem das granadas que estava a ser procurado.

O seu telemóvel tocou enquanto estava a falar e, ao tirá-lo do bolso, viu que a chamada era de Line, pelo que o passou para o modo silencioso antes de continuar.

Quando terminou, Kvastmo introduziu uma ronda de perguntas antes que a parte oficial do *debriefing* fosse concluída. Foram oferecidas bebidas quentes e bandejas com sanduíches e todos foram convidados a servir-se e ficar para uma discussão informal.

Wisting verificou o telemóvel. Line tentara ligar-lhe novamente. Foi até ao corredor para lhe devolver a chamada.

– Olá! – disse ela. – Sabes se o *debriefing* já acabou?

Wisting ficou espantado com esta pergunta.

– Acabou agora mesmo – respondeu. – Porque é que perguntas? Falaste com o Stiller? Ele não te disse que viesses?

– Não, nada disso. Eu queria encontrar-me com a Maren depois. Ela disse que isso devia demorar cerca de uma hora.

Wisting consultou o relógio. Tinham sido quase duas.

– Arrastou-se um pouco – disse ele. – Mas a Maren não esteve cá.

– Ela disse-me que ia.

– Quando é que falaste com ela?

– Ontem – respondeu Line. – Ela não está a responder às minhas mensagens e tentei ligar-lhe. O telemóvel dela não está ligado.

Nils Hammer e Frank Kvastmo surgiram no corredor. Wisting pediu a Line que esperasse e baixou o telemóvel.

– Tiveram notícias da Maren Dokken hoje? – perguntou.

Kvastmo abanou a cabeça. Era o responsável direto de Maren e quem tinha maior probabilidade de saber alguma coisa.

– Ela está de baixa médica, mas disse que vinha. Falei com ela ontem.

Kvastmo foi-se embora, mas Hammer ficou com Wisting, que regressou à conversa com Line.

– Pode ter ficado a dormir – sugeriu ela. – Está a tomar analgésicos bem fortes.

– Talvez – disse Wisting.

Tinha sido treinado para acreditar que o pior havia acontecido. Podiam ter surgido complicações relacionadas com os ferimentos sofridos. Uma hemorragia interna não diagnosticada no hospital ou recente. Ou podia ter acontecido qualquer coisa mais grave.

– Estou de saída para a cidade agora – continuou Line. – Pensei em passar pelo apartamento dela.

– Então, vemo-nos lá – disse Wisting, concluindo a conversa.

– O que é que se passa? – perguntou-lhe Hammer.

Wisting pô-lo a par da situação.

– Vou buscar o carro – disse Hammer com firmeza, já a caminho das escadas da cave. – Apanho-te lá fora.

Wisting passou pelo seu gabinete para procurar o endereço residencial de Maren Dokken e encontrou o nome do proprietário, uma grande empresa imobiliária com serviço próprio de porteiro. Tomou nota do número de telefone e vestiu o casaco.

No corredor, deu de novo com Frank Kvastmo.

– Estavas a perguntar pela Maren Dokken – disse este.

– Sim?

– Os pais dela tentaram ligar-me durante o *debriefing*. Eles voltaram de Singapura e vêm para cá agora. Têm estado a tentar ligar-lhe, mas não conseguem contactá-la.

– Nós também não – disse Wisting, dirigindo-se para a escada. – Vamos agora para lá – gritou por cima do ombro.

Uma equipa de filmagem da TV2 encontrava-se à porta da esquadra. Vários jornalistas com câmaras de vídeo tinham rondado o edifício nos últimos dias. Ao princípio da manhã a presença da imprensa não se fizera sentir, mas agora a TV2 estava de volta. Desde a transmissão exclusiva das imagens de Line, eram quem liderava a cobertura dos *media* e pretendiam assim continuar.

Se ainda estivesse a chover, eles teriam procurado abrigo nos seus veículos e Wisting não teria tido problemas para chegar a Hammer.

Agora, eles estavam prontos para atacar.

– Alguma novidade? – perguntou o repórter, antes mesmo que o operador de câmara estivesse pronto.

Wisting só queria meter-se no carro. Já não lhe cabia responder às

perguntas da imprensa. Essa função fora transferida para o promotor da polícia de serviço na delegação do Ministério Público em Tønsberg. Mesmo assim, algo o fez parar. Esperou até ter a certeza de que a câmara estava pronta e declarou primeiro que a polícia não tinha informações específicas a transmitir sobre o paradeiro de Tom Kerr nem sobre quem o ajudara a fugir. Em seguida, referiu o grande volume de denúncias que haviam chegado.

– Como tal, gostaria de pedir a ajuda do público para encontrar o proprietário de uma carrinha branca que recentemente deu boleia a uma jovem.

Indicou a hora e o local, enfatizando que as circunstâncias não eram claras, e repetiu que a polícia queria entrar em contacto tanto com o condutor da carrinha como com a mulher que seguia a pé.

O repórter fez-lhe algumas perguntas complementares sobre a nova investigação do homicídio de Taran Norum e a busca do Outro. Wisting deu uma breve resposta apontando que não podia comentar esses assuntos, uma vez que o grupo de Casos Arquivados da Kripos e o Distrito Policial de Oslo, respetivamente, estavam a investigar os casos em questão. Assegurou-o da existência de uma ampla coordenação, mas realçou que a sua principal missão era encontrar Tom Kerr. Encerrou a conversa com um aceno de cabeça e correu para o carro, onde Nils Hammer o esperava.

– O que é que lhes disseste? – perguntou este.

Wisting ignorou a pergunta com um gesto de mão.

– Vais ter de esperar pelo noticiário – foi tudo o que lhe disse.

La ser criticado por aquele interrogatório improvisado. Desafiara os seus superiores na hierarquia policial e seguiu o seu instinto enquanto polícia, fazendo o que achava certo, o que já deviam ter feito no dia anterior.

Deixou-se ficar a olhar pela janela lateral. Quando Hammer se dirigiu para a Storgata, Wisting vislumbrou o seu próprio reflexo no retrovisor exterior e percebeu que havia algo mais por trás daquela sua ação impulsiva. Já se tinham passado três dias desde a fuga de Tom Kerr. As críticas à polícia estavam a aumentar. Agora, ele havia dado aos *media* algo com que se entreterem.

Os semáforos adiante mudaram para vermelho. Hammer praguejou e ligou as luzes azuis e as sirenes até conseguir chegar ao outro lado.

– Vira à direita aqui – disse-lhe Wisting, apontando.

Avistaram o carro de Line ao longe e Hammer parou ao lado dele. Wisting abriu a porta antes mesmo de o veículo ter parado.

Line emergiu do bloco de apartamentos.

– Já estive lá em cima e toquei à campainha – disse. – Ela não responde.

Wisting telefonou para o serviço do porteiro enquanto seguia Line para o interior, explicando a situação à medida que subiam as escadas.

– Ele está aqui dentro de cerca de dez minutos – disse, desligando.

Hammer usou os punhos na porta, batendo três vezes, com tanta força que as paredes adjacentes tremeram. Uma das vizinhas do andar de baixo veio

à escada e olhou para eles. Wisting desceu alguns degraus direito a ela.

– Somos da polícia – disse, abrindo a carteira com a identificação policial. – Viu a mulher que mora aqui?

– A Maren?

– Sim.

– Não a vejo desde ontem.

– E isso foi quando?

– À noite. Ela estava de saída.

Hammer bateu outra vez à porta. Wisting desceu mais alguns degraus. A vizinha parecia ter a mesma idade de Maren Dokken.

– Falou com ela? – perguntou ele.

A mulher abanou a cabeça.

– Ela estava ao telemóvel.

Line interrompeu:

– Quando é que foi isso?

– Pouco depois das seis – respondeu a mulher, depois de pensar um pouco. – Por volta das seis e meia.

Line mostrou o telemóvel ao pai. O registo mostrava uma chamada às 18h23.

– Foi quando eu estava a falar com ela – disse. – Ela ia dar uma volta para apanhar um pouco de ar fresco.

Wisting engoliu em seco, incapaz de não imaginar uma teoria do pior cenário possível. Assentindo com a cabeça, virou-se novamente para a vizinha.

– O que é que ela tinha vestido?

– Vestido... – repetiu a mulher. – Não tenho a certeza...

– Calçado – esclareceu Wisting. – Lembra-se do tipo de calçado que ela tinha?

A mulher abanou a cabeça.

– Que tipo de calçado é que ela costumava usar? – insistiu ele, agora num tom mais alto. – É importante!

– Eu não sei mesmo – repetiu a mulher.

– Que se lixe – disse Hammer.

Recuando um passo, levantou um pé e assentou uma valente patada na porta. A moldura cedeu com a primeira tentativa, a porta escancarou-se e bateu contra a parede interior.

– Maren! – gritou Hammer enquanto entrava.

Wisting ficou no patamar com Line.

– O que era aquilo do calçado? – perguntou ela.

– Depois – respondeu Wisting.

O apartamento não era grande. Hammer não demorou mais de um minuto a percorrê-lo.

– Não está aqui – disse quando voltou.

Wisting cruzou a soleira e apanhou uma sandália que estava logo atrás

da porta. Tamanho 38.

Largou-a no chão.

A vizinha de baixo tinha-se chegado à porta e espreitava o interior do apartamento com curiosidade.

– Perguntou-me pelo calçado dela – disse, estendendo o telemóvel. – Tenho aqui isto, se puder ajudar em alguma coisa.

Era uma fotografia tirada à frente do edifício, aparentemente durante o verão, visto que o tempo estava bom e as folhas se apresentavam verdes e frescas nas árvores. Maren Dokken estava sentada de lado num banco com as pernas puxadas para o peito, a sorrir para a câmara. Tinha nos pés um par de ténis de caminhada cinzentos com desenho cor-de-rosa. Wisting reconheceu-os imediatamente. Já tinha visto um deles.



– Qual é o significado desses ténis? – perguntou Line.

O pai olhou para ela, depois para a vizinha de baixo e de novo para a filha. Os seus olhos tinham uma expressão séria e preocupada.

– Um ténis foi encontrado ontem na berma, junto à velha estrada de Stavern – disse ele. – Um ténis igual a este. Foi-nos comunicado que uma mulher tinha sido arrastada para dentro de uma carrinha lá.

Line recuou um passo. Demorou um pouco a digerir o que acabara de ouvir e uma sensação de horror tomou-lhe conta do corpo, deixando-a tonta. Teve de respirar fundo algumas vezes para conseguir pensar.

– O Tom Kerr? – perguntou.

– Muito provavelmente – concordou o pai.

Descrições do que as outras vítimas tinham sofrido passaram pela cabeça de Line. Ela engoliu em seco, fechou os olhos com força algumas vezes e fez um esforço para se concentrar noutra coisa qualquer.

A câmara, lembrou-se. Ela tinha a câmara no carro. Devia ir buscá-la e documentar o que estava a acontecer. Não obstante, ficou imóvel, quase chocada com o cinismo desta ideia.

Um telemóvel tocou – o do pai. Ele atendeu e deu uma resposta curta e profissional, sem tirar os olhos dela. A expressão neles havia-se alterado e agora mostravam-se resolutos, determinados.

Line girou nos calcanhares e desceu as escadas com velocidade crescente. Abrindo a porta, correu para o carro e tirou de lá a câmara. Não se tratava de ser cínica, disse a si mesma, mas de ter algo atrás do qual se pudesse esconder: um papel e uma função que lhe permitisse distanciar-se do caso em questão.

Um sinal eletrónico indicou que a câmara estava pronta. Ela apontou a lente ao edifício, filmando a entrada antes de localizar as janelas do

apartamento de Maren, no terceiro andar. Conseguiu distinguir uma sombra lá em cima, mas não lhe era possível perceber se era o pai ou Hammer.

O telemóvel dela tocou. O som podia ser editado depois, pensou ela enquanto segurava a câmara firmemente durante mais alguns segundos antes de agarrar no aparelho.

Era Adrian Stiller. Ela baixou a câmara e atendeu.

– Tudo bem da nossa parte – disse ele. – Posso falar com o teu pai, mas tenho a certeza de que não há problema.

Line não fazia ideia do que ele estava a dizer.

– Ter uma câmara a acompanhar a investigação – explicou Stiller. – Já esclareci tudo com as chefias aqui na Kripas e preciso de falar com o teu pai.

Line olhou para a janela do terceiro andar.

– Não falaste com ele? – perguntou.

– Ainda não.

– Sobre a Maren Dokken, quero eu dizer.

– O que é que se passa com ela?

– O Tom Kerr sequestrou-a – respondeu Line. – Arrastou-a para uma carrinha.

Teve de lhe explicar o pouco que sabia.

– Quando é que isso aconteceu?

– Ontem à noite. Falei com ela pouco antes das seis e meia. Ela estava de saída para ir dar uma volta.

Stiller praguejou.

– O registo – disse ele, murmurando mais qualquer coisa.

– O que é que isso quer dizer? – perguntou Line. – Qual registo?

– Vou ter de te ligar depois – disse Stiller, e desligou antes que ela tivesse hipótese de dizer fosse o que fosse.



Era Stemstad quem estava a ligar, a promotora da polícia da noite anterior. Ela estava novamente de serviço. E era Guro o nome dela, não Gro nem Gunn. O seu tom era duro:

– Mas que raio vem a ser isto? – perguntou. – A TV2 diz que prestaste uma declaração.

Wisting não a deixou continuar:

– É a Maren – disse, empurrando com a biqueira a sandália que estava no chão. – A Maren Dokken. Ele levou-a.

– Quem é essa Maren?

Wisting teve de explicar. A ansiedade agitava-se desagradavelmente dentro dele enquanto falava.

– A explicação é essa – disse. – É por isso que o Tom Kerr voltou para atacar novamente. Levou um dos nossos.

O silêncio instalou-se do outro lado da linha. Wisting calculou o tempo decorrido. Mais de doze horas – quase catorze, na verdade – haviam-se passado.

– Não tínhamos como prever isso – retorquiu a promotora da polícia. – Fizemos o que podíamos.

Wisting não quis entrar numa discussão a respeito do que poderiam ter feito. Agora, tinham de olhar em frente.

– Faz um comunicado – disse ele. – Um boletim informativo para todos os meios de comunicação.

A promotora da polícia não tinha mais nada a dizer. Wisting terminou a chamada e ligou a Frank Kvastmo para o pôr ao corrente, usando frases curtas sobre o que recebavam ter acontecido.

– Os pais dela devem estar a chegar – disse-lhe Kvastmo.

Wisting foi até à janela e olhou para a área diante do edifício, na qual viu

Line com a câmara na mão.

– Podes tratar disso? – perguntou. – Eles têm de ser informados antes de tornarmos isto público.

– Vou ligar-lhes imediatamente – concordou Kvastmo, e desligou.

Hammer encontrava-se a meio de outra conversa telefónica. Wisting percebeu que estava a organizar a vigilância do telemóvel de Maren Dokken.

O seu próprio telemóvel tocou novamente, desta feita era a chefe de polícia. A promotora da polícia devia tê-la posto a par da situação.

– Qual é o grau de certeza? – quis saber a chefe.

– Temos a certeza de que a Maren Dokken está desaparecida – respondeu ele. – Tudo o resto é incerto.

– Quais os efetivos necessários? Recursos?

– Tudo o que estiver disponível – respondeu Wisting. – Temos de fazer um esforço monumental e não dispomos de muito tempo. Todos os veículos que se enquadrem na descrição terão de ser rastreados. Vamos ter de verificar todos os que passaram pelas portagens e todas as câmaras dos radares. Todas as imagens de CCTV. Vai exigir uma mobilização de mão de obra colossal e, quando se tornar público, vamos ser inundados de denúncias.

– Vou certificar-me de que tudo o resto é posto de parte – disse a chefe de polícia. – Ninguém vai trabalhar noutra coisa senão nisto.

Wisting ouviu uma chamada em espera.

– Obrigado – disse. – Vou pôr as coisas a andar deste lado.

– Só uma coisa – acrescentou a chefe de polícia. – Vais ter de ficar longe da imprensa. Os Assuntos Internos estão a investigar uma possível acusação de má conduta relacionada com a fuga do Tom Kerr. Está a ser considerado se tu deves continuar ligado a este caso.

Wisting sentiu uma pontada de irritação. Não tinha nada contra evitar o contacto com os jornalistas, mas esta decisão estava contaminada pela desconfiança. Era uma indicação de que os *media* tinham razão ao insinuar que aquilo que tinha acontecido era da sua responsabilidade. Culpa sua.

– Muito bem – foi tudo o que ele disse, todavia.

Desligou e atendeu a chamada em espera, de Stiller.

– Eu devia ter sido informado disto ontem – queixou-se ele.

– Já sabes? – perguntou-lhe Wisting.

Stiller confirmou, antes de acrescentar:

– Talvez eu tenha qualquer coisa para ti.

– O quê?

– O registo de vigilância do Floyd Thue. Às 23h34 da noite passada, uma Ford Transit Connect cinzenta, registada na Polónia, chegou a casa dele. Ficou parada por um momento antes de as portas da garagem serem abertas. Então, entrou e as portas desceram. Cinco minutos depois, foi-se embora.

– Quem estava ao volante?

– Difícil de ver. Um homem. Estou à espera de uma resposta da Polónia a respeito do proprietário.

- Temos de entrar naquela casa – decidiu Wisting.
- Os motivos são um pouco frágeis para uma busca – objetou Stiller.
- Temos de entrar – insistiu Wisting.



Hammer estava ao volante. Wisting seguia no lugar do passageiro, estudando as fotografias que Stiller lhe tinha enviado. Ele imaginara que dois detetives teriam estado sentados num carro sem identificação a vigiar a casa de Floyd Thue, mas a vigilância era eletrônica. Dois policiais vestidos como eletricitas tinham subido aos postes de eletricidade mais próximos e instalado câmaras. Agora, sentados num escritório no interior do edifício da Kripos, em Oslo, eles podiam controlá-las, aumentando ou reduzindo o *zoom* e inclinando-as para cima ou para baixo. Todas as filmagens ficavam guardadas, mas, sempre que se registava um movimento, este também era capturado automaticamente sob a forma de uma imagem estática.

A localização das câmaras proporcionava uma vista ampla da fachada da casa, mas o ângulo inclinado não permitia ver quem estava sentado na carrinha.

Uma imagem mostrava o veículo a entrar na grande garagem por baixo da casa. Wisting usou dois dedos para aumentar o *zoom* no pequeno ecrã. Viu um par de pernas, como se Floyd Thue estivesse no interior, à espera.

Na imagem seguinte, o condutor tinha saído. Mais uma vez por causa do ângulo inclinado, a câmara apenas permitia uma imagem da cintura para baixo, mas tratava-se obviamente de um homem. As três imagens seguintes mostravam o homem a contornar o veículo, como se fosse abrir a porta lateral. Na última, as portas da garagem estavam a descer.

A imagem desapareceu do ecrã quando o telefone tocou. Desta vez, a chamada era do Ministério Público. Outro promotor da polícia, outro nome.

Wisting tratara de expor a questão assim que tinham partido, solicitando autorização para revistar a casa. Tinham-no informado de que o pedido seria considerado.

– As condições necessárias para um mandado de busca não foram

cumpridas – foi-lhe dito agora.

Wisting já calculava. O facto de Floyd Thue ter uma ligação com Tom Kerr e de uma carrinha de entregas ter sido avistada em sua casa era insuficiente para o acusar do sequestro de Maren Dokken, mas ele alimentara a esperança de que, para variar, os advogados pudessem estar dispostos a contornar as regras. Agora, cabia-lhe a ele e a Hammer.

Estavam a aproximar-se da casa. Wisting conhecia o caminho e deu a Hammer as instruções necessárias para chegar ao beco sem saída. Encontrando o portão aberto, entraram e estacionaram o carro no mesmo lugar da visita anterior de Wisting.

– O que é que fazemos? – perguntou-lhe Hammer.

– Entramos – foi a resposta de Wisting.

Ele foi direito à casa e tocou à campainha. Nenhuma reacção no interior. Estava prestes a tocar outra vez quando o seu telemóvel tocou. Era Adrian Stiller.

– Houve um movimento na janela quando vocês chegaram – disse ele.

Wisting virou-se e olhou para os postes de iluminação, mas não conseguiu localizar nenhuma câmara.

– Estás aí sentado a observar-nos? – perguntou.

– Janela dois-dois – acrescentou Stiller.

Wisting virou-se novamente e deu um passo atrás. Tratava-se de uma descrição militar que significava o andar superior, segunda janela à esquerda. As cortinas estavam fechadas.

– Ele só saiu de casa para ir verificar a caixa de correio e aceitar entregas de comida – continuou Stiller. – Ainda está aí dentro, a menos que se tenha escapulado pela porta das traseiras.

Hammer tocou de novo à campainha. O som do carrilhão no interior ouviu-se nos degraus da frente.

– Alguma novidade do veículo polaco? – perguntou Wisting.

– Registado em nome de uma polaca de Varsóvia – respondeu Stiller. – Eles estão a fazer mais averiguações.

– Excelente – respondeu Wisting. – Obrigado pela informação.

Terminou a chamada e desceu os degraus. Uma placa de uma empresa de segurança privada avisava que a casa estava equipada com alarme e que havia CCTV instalado. Ele não via câmaras, mas não tinha dúvidas de que estariam lá. Floyd Thue estava muito provavelmente sentado atrás de uma secretária a ver tudo num dos seus ecrãs de computador.

– Vamos pelas traseiras – disse ele.

Um caminho pavimentado contornava a casa. O jardim luxuriante estava bem cuidado, sem ervas daninhas à vista e com orlas bem definidas entre o relvado e os canteiros de flores. Três degraus largos conduziam a um terraço de lajes de ardósia e a uma quantidade substancial de mobiliário de exterior de ferro fundido.

Wisting aproximou-se de uma janela e encontrou uma fresta nas

cortinas. Espreitou a sala onde tinham estado com Floyd Thue. Encontrava-se às escuras e todas os ecrãs dos computadores estavam negros.

Hammer assobiou e fez-lhe sinal, apontando para a parede da cave à esquerda deles, onde duas janelas retangulares se apresentavam reforçadas com barras de metal.

– Não foram instaladas há muito tempo – comentou Hammer.

Wisting desceu do terraço em direção ao canteiro que ladeava a casa. Hammer tinha razão. Tinha sido abertos vários orifícios na antiga parede da cave para instalar quatro barras de aço. O reboco à volta das grades parecia relativamente recente, talvez com um ano.

Ele acorcorou-se ao lado de um arbusto para espreitar o interior. Apenas conseguiu ver partes de uma sala sem mobília, iluminada por uma luz forte e intensa. As paredes eram beges e completamente nuas e o chão apresentava uma cor mais escura. Diametralmente oposta à janela era visível uma porta cinzenta, sem puxador, mas com um postigo de inspeção. Como numa cela de prisão.

Hammer foi até à outra janela.

– Grande gaita, está alguém deitado ali dentro – disse ele.

Um galho estalou quando Wisting pisou um arbusto. Hammer deu espaço para ele poder espreitar. Alguém com algo que parecia uma bata de hospital estava deitado num banco corrido e estofado, com uma correia a prender-lhe cada tornozelo. Imediatamente acima dos joelhos, via-se outra correia. Wisting aproximou a cabeça das barras de metal, mas era impossível ver o resto do corpo daquela posição. Também era difícil identificar o sexo e a idade do corpo, ou sequer se aquela pessoa estava viva ou morta.

Hammer foi o primeiro a chegar ao terraço. Agarrou no puxador da porta e sacudiu-o ferozmente antes de bater com a palma da mão na vidraça. O vidro tremeu e vibrou, mas ninguém apareceu lá dentro.

Wisting pegou numa das cadeiras de jardim. O ferro raspou e deixou marcas nas lajes de ardósia enquanto ele arrastava a cadeira atrás de si. Levantou-a e, após um sinal de confirmação de Hammer, empurrou as pernas metálicas contra a porta de vidro num movimento rápido. Esperou que um alarme soasse, mas tudo o que se ouviu foi o tilintar do vidro partido.

– Polícia! – gritou Hammer enquanto avançava.

Wisting entrou logo atrás, passando à sala ao lado e ao corredor por onde havia entrado da última vez que ali estivera. Uma escada levava à cave.

– Polícia! – gritou Hammer mais uma vez.

Seguiram por um corredor e descobriram a porta de aço.

– Trancada – disse Wisting.

Ouviu-se um sonoro estrondo quando ele correu o ferrolho do postigo de inspeção. Um cheiro intenso a urina tornou-se evidente de imediato.

A figura no banco ergueu a cabeça.

– É ele! – exclamou Wisting, gritando o nome: – Floyd Thue!

A cabeça caiu para trás. Wisting começava a suspeitar do que se

passava.

– Está tudo bem, Thue?

A resposta foi débil:

– Sim.

– Sabe onde está a chave?

Não teve resposta. Wisting virou-se para Hammer.

– Dois-dois – disse, voltando a toda a velocidade para as escadas e para o andar superior.

Depressa se orientou e encontrou a divisão onde Stiller havia detetado algum movimento. Uma mulher afastou-se da porta quando esta se abriu.

– Somos da polícia – tranquilizou-a Wisting. – Quem é você?

Ela parecia hesitante, mas não respondeu. Wisting verificou se estava ali sozinha. A divisão assemelhava-se a um quarto de hotel, com televisão e uma pequena zona de estar. Ele abriu a porta de uma casa de banho privativa. Estava vazia.

– Como é que se chama? – perguntou-lhe ele novamente.

– Regina – respondeu ela. – Regina Babinski.

Com vinte e poucos anos, era magra, tinha cabelo preto e comprido e usava um robe de quarto. Aquele nome poderia provavelmente ser encontrado em algum relatório policial sobre profissionais do sexo.

– Polaca? – perguntou-lhe ele. – Fala norueguês?

A mulher assentiu duas vezes.

– O que é que se passa aqui? – perguntou Hammer.

– Ele quer isto – respondeu a mulher. – Durante vinte e quatro horas. Eu só vou ver como ele está, uma vez a cada quatro horas.

– Tem uma chave?

Ela olhou para uma mesinha perto da porta e eles viram a chave no tampo. Hammer agarrou nela.

– Quando é que chegou? – perguntou Wisting.

– Ontem à noite – gaguejou a mulher.

– Como é que veio?

Ela parecia não estar a perceber.

– Quem a trouxe?

– Um amigo.

Convenceram a polaca a contar-lhes como tinha sido levada até ali numa carrinha e deixada na garagem.

– Já estive cá antes? Fez a mesma coisa?

Ela anuiu em concordância.

– Ele paga-lhe por isto? – perguntou Hammer.

Quando a mulher assentiu novamente, Hammer abanou a cabeça consternado.

– Não saia daqui! – disse ele, apontando-lhe o dedo.

Desceram as escadas.

– Mas que coisa doentia vem a ser esta? – murmurou Hammer.

Wisting repetiu a sua conversa anterior com Thue. Sobre como estar amarrado devia ser a liberdade perfeita. Quando alguém era incapaz de fazer qualquer escolha e não tinha responsabilidade – tudo o que podia fazer era ficar ali, completamente à mercê dos outros.

Hammer resmungou enquanto inseria a chave na fechadura e a girava.

Floyd Thue ergueu a cabeça quando eles entraram. Hammer avançou e Wisting ficou à porta.

– Deixem-me em paz – disse Thue.

Hammer soltou a correia de uma das mãos.

– Temos de conversar – disse ele, despertando algumas das outras. – Não tem escolha.

– Não se passa nada de ilegal aqui – assegurou-lhes Thue. – É tudo voluntário. De ambas as partes, dela e da minha.

Hammer soltou o resto das correias.

– Sente-se!

Floyd Thue assim fez, sentando-se no banco com as pernas penduradas. O tecido fino da bata estava encharcado de urina que começara a secar.

– Vocês não percebem – disse ele, abanando a cabeça. – Isto é uma questão de meditação. Encontrar o nada. Alcançar as camadas mais profundas da consciência.

– Isso está tudo muito bem – disse Hammer. – Estamos a tentar encontrar o Tom Kerr. Você é a pessoa que falou mais com ele no passado recente. Faz alguma ideia de onde ele possa estar? – Encostou a ponta do dedo indicador à testa de Thue. – Algures aí dentro?

Floyd Thue virou a cabeça.

– Vão-se arrepender disto – disse ele com uma voz amarga.

– Quanto mais depressa nos disser o que queremos saber, mais depressa poderá voltar ao que estava a fazer – disse-lhe Hammer.

Thue dirigiu o seu olhar para Wisting.

– Já lhe contei o que sei sobre o Kerr – disse. – Não tínhamos conversas dessa natureza. Se a quinta não tivesse sido incendiada, provavelmente ele teria ido para lá. Ele estava a pensar em reconstruí-la. Mas agora não sei. Acho que deve estar apenas a apreciar a sua liberdade.

– De que maneira?

– Ao ar livre.

– Onde?

– No alto de uma montanha ou nas profundezas de uma floresta escura. Longe das pessoas.

Wisting deu um passo em direção a ele.

– Falaram sobre isso?

Floyd Thue começou a massajar um dos pulsos.

– Até certo ponto – respondeu. – Muitas das conversas na prisão são sobre os reclusos quererem estar num lugar completamente diferente. Ao ar livre, por exemplo.

– Alguma montanha ou floresta em particular?

– Não.

– Isso não nos ajuda muito – interrompeu Hammer.

– Lamento – disse Thue, engolindo em seco. – Já tinha dito isto. Não vos posso ajudar.

Hammer poisou as chaves daquela cela de isolamento caseira no banco.

– Vai ter de chamar um vidraceiro – disse. – A porta do seu terraço está partida.

Thue assentiu, sem protestar. Wisting já havia saído. Já tinham perdido tempo suficiente.



Um nome que Wisting não via há anos apareceu no ecrã do seu telemóvel. Holger Midthun. Era da polícia local em Revetal antes da reorganização, quando o seu escritório tinha sido encerrado, mas o número ainda estava guardado na memória.

Passou para a faixa da direita e atendeu a chamada. Enquanto o agente aposentado se apresentava, a conversa era transmitida pelos altifalantes do carro e Wisting fez-lhe saber que Hammer também estava a ouvir.

– Vou ser breve – disse Midthun. – Já deves ter bastante com que te entreter, mas tenho uma coisa que pode ser do teu interesse. As pessoas aqui ainda me procuram se e quando se passa alguma coisa.

– Fala-nos disso, então.

– Acabei de receber um telefonema de um homem que soube que vocês andam à procura de uma carrinha branca. Ele falou-me de um avistamento que pode muito bem corresponder ao que vocês querem, em termos de cronologia.

O interesse de Wisting aumentou. O ex-polícia explicou que havia ali nas proximidades uma antiga oficina de soldagem abandonada. Por volta das dez e meia da noite anterior, uma carrinha com aquela descrição tinha aparecido por lá. Fora levada para o interior da oficina, cujas portas depois tinham sido fechadas. A testemunha vivia mais adiante na mesma estrada, mas tinha ido à pesca e voltava para casa a pé na altura.

– A oficina é bastante isolada, mas os residentes da área são um pouco mais observadores do que o normal. Têm acontecido umas coisas naquela região. Carros descascados até ao osso, esse género de coisa. Há dois anos, bebidas contrabandeadas eram guardadas ali.

Wisting ficou à espera de que ele continuasse.

– A oficina fica no extremo de um beco sem saída – explicou Midthun. –

Pouco mais de uma hora depois, outro carro percorreu a mesma estrada. Desta vez, a testemunha viu-o da janela da sala. Pensou que devia ter vindo da oficina.

– Então, a carrinha ainda deve estar lá dentro?

– Não sei, mas estava a pensar ir até lá dar uma espreitadela.

Wisting e Hammer trocaram olhares e o segundo assentiu.

– Nós não estamos longe – disse ele. – Podemos encontrar-nos lá, dentro de meia hora.

– Sendo assim, espero – disse Midthun.

Deu-lhes orientações antes de desligar. Vinte minutos depois, eles estavam a estacionar à frente da oficina abandonada, uma feia construção de tijolo com telhado plano e situada ao lado de uma face rochosa desfeita. Ervas daninhas cresciam ao longo das paredes e no pátio de saibro.

Um Subaru com tração às quatro rodas estava estacionado na diagonal à frente de um barracão que servia de armazém. O polícia aposentado apareceu à porta. A barriga estava maior e a barba mais densa desde a última vez em que Wisting o tinha visto.

Todos os três trocaram apertos de mão.

– Alguma novidade da rapariga desaparecida? – perguntou-lhes Midthun.

– Ela é nossa colega – respondeu Wisting, passando a explicar-lhe o que tinha acontecido.

– Alguma pista? – quis saber Midthun, claramente abalado.

– Infelizmente, não temos nada – disse Wisting. – O telemóvel dela já foi localizado, mas está desligado desde ontem, mais ou menos à mesma hora e no local do sequestro.

Hammer dirigiu-se para a oficina abandonada.

– Quem é o dono? – perguntou.

– Um velho conhecido meu – respondeu o agente aposentado. – Peter Haugland. Tinha uma oficina de automóveis aqui, mas já a fechou há uns cinco anos, pouco antes de eu me reformar. Apanhámo-lo com carros roubados. Desde então, tem estado vazia. Há cerca de dois anos, ele foi detido outra vez, desta vez com 80 mil litros de bebida de contrabando. Está na prisão agora.

Aproximaram-se do edifício cinzento. As janelas da porta dupla tinham sido escurecidas.

– Está trancada – esclareceu Midthun. – Não é possível espreitar lá para dentro em lado nenhum.

– Podemos entrar de alguma maneira?

Holger Midthun assentiu.

– Respondemos a uma reclamação quando o antigo proprietário tinha uma oficina de soldagem aqui – começou ele. – Alguns rapazes tinham entrado pela janela da cantina nas traseiras. Tinha aberto um buraco na moldura, de um lado ao outro, no topo da janela, e usado um arame de aço

para levantar o puxador por dentro. Dei a volta e fui dar uma espreitadela. O buraco ainda lá está.

Seguiram Midthun até às traseiras do edifício. A janela não tinha sido escurecida como as que davam para a oficina, e eles podiam ver uma mesa no interior com seis cadeiras viradas ao contrário e poisadas em cima. Ao longo de uma parede havia uma bancada de cozinha com uma máquina de café e um frigorífico num canto.

O buraco na moldura da janela era suficientemente grande para introduzir uma esferográfica. Algum material de isolamento e uma bucha de madeira eram visíveis no chão. O buraco tinha obviamente sido tapado de novo e o polícia aposentado devia tê-lo reaberto antes de eles chegarem.

– Trouxe isto comigo – disse ele, tirando um longo arame de aço com uma laçada numa das pontas.

Hammer sorriu.

– Talvez seja melhor se for eu a tratar disto – sugeriu Midthun. – Assim, vocês não arranjam problemas.

Passou o arame pelo buraco e desceu-o pela face interna da janela. Depois de algumas tentativas, conseguiu passar a laçada pelo puxador. Puxou o arame de aço, soltou o trinco e a janela abriu-se.

– Está quase – disse Midthun.

Usando uma barra de ferro que devia ter encontrado nas proximidades, enfiou-a na abertura e usou-a para levantar a tranca.

– Já está – disse.

Hammer entrou primeiro e passou uma cadeira para os outros dois subirem. Wisting entrou em seguida, enquanto Holger Midthun voltava ao carro para ir buscar uma lanterna.

– A eletricidade foi cortada – explicou ele.

A porta da cantina dava diretamente para a oficina. Estava praticamente vazia, com apenas alguns pneus empilhados, uns em cima dos outros.

O agente aposentado estava obviamente desapontado.

– Só um minuto – disse Hammer, apontando. – Uma oficina de pintura.

Mais para o interior, contra a parede das traseiras, via-se um enorme contentor com tubos de ventilação que subiam pelo telhado e uma porta dupla fechada com cadeado.

Hammer encontrou um tubo de ferro e usou-o na fechadura, que a princípio se recusou a ceder; todavia, depois de mais algumas pancadas, a corrente quebrou-se. Segurando numa das portas duplas, Wisting puxou-a para trás e, de imediato, deu-se conta de um forte cheiro químico de tinta. Quando abriu a porta por completo, Midthun apontou o feixe de luz para o interior e lá estava: uma carrinha de entregas branca.

Wisting encontrou um par de luvas de látex no bolso. Calçou-as e entrou no contentor que fazia de oficina de pintura.

Midthun foi atrás dele com a lanterna. As janelas da cabina da carrinha pareciam estar cobertas por dentro.

Experimentou a porta do condutor e encontrou-a destrancada. Depois de a abrir, precisou de alguns segundos para perceber o que tinha acontecido. Toda a área da cabina tinha sido revestida com uma demão de tinta cinzenta. Via-se uma pistola de pintura no assento, e um acessório e várias outras peças estavam no chão junto aos pedais.

Wisting tivera experiência em casos nos quais extintores de incêndio haviam sido usados para eliminar provas em veículos de fuga após um roubo ou outro crime grave em que os criminosos não queriam despertar a atenção ao incendiar o veículo. Aquilo era uma abordagem mais avançada. O minúsculo bico da pistola garantia uma cobertura total de tinta e deixava uma camada que fazia com que se tornasse praticamente impossível encontrar impressões digitais ou vestígios de ADN.

– Há um compressor e um gerador a diesel na oficina – disse-lhe Midthun.

Contornaram a carrinha e ele abriu cautelosamente a porta lateral, sem saber o que ia encontrar.

O espaço de carga estava vazio, mas também completamente coberto de tinta.

As portas da garagem bateram atrás deles. Hammer abrira-as por dentro e agora a luz do dia entrava por completo.

– Acho que esta é a carrinha de que estávamos à procura – disse Wisting. – Temos de chamar os técnicos.



Não havia nada em toda a estrada que indicasse como se teria dado o ataque a Maren.

Line manteve a câmara baixa, diretamente acima da linha branca, e filmou enquanto um carro passava. O seu corpo estava tenso, cheio de ansiedade. Ela não tinha outra maneira de lidar com isto a não ser manter-se ocupada e fazer algo de natureza prática.

Sentou-se novamente atrás do volante e poisou a câmara no banco do passageiro ao lado dela. O telemóvel zumbiu. Uma mensagem de texto de Sofie, oferecendo-se para ir buscar as filhas à creche e ficar com elas em sua casa.

Line agradeceu com um *emoji* de coração e depois virou o carro. Tinha o endereço guardado no seu GPS e já há algum tempo fazia parte da sua lista de coisas a fazer. Ela queria visitar o local onde Tom Kerr mantivera as suas vítimas em cativeiro: a pequena propriedade em Østmarka.

A viagem até Oslo era relativamente longa, atravessando a cidade e entrando na área florestal mais além, mas ela estaria de volta a casa mais do que a tempo para deitar Amalie.

Na estrada, ouviu dois noticiários na rádio. No primeiro, ficou a saber que a polícia pedia que o condutor de uma carrinha branca de entregas e a sua passageira entrassem em contacto. O seguinte informava que uma mulher de 27 anos tinha sido dada como desaparecida, e relacionava este facto com a descrição de uma testemunha segundo a qual uma mulher fora levada pelo condutor de uma carrinha na noite anterior.

Passou duas vezes pela saída sem dar por ela. Não era mais do que um caminho de saibro com erva a crescer no meio e vegetação densa nas bordas. Depois de algumas centenas de metros, o caminho dividia-se em dois, apresentando-se o da direita fechado por um cabo de aço preso a duas árvores.

Uma placa estava pendurada no dito cabo: *Privado*.

Line pegou na câmara, filmou a placa e o caminho que continuava entre as árvores.

Como o cabo estava preso com um mosquetão simples, Line soltou-o e poisou-o no chão junto ao caminho. Depois, avançou alguns metros, saiu do carro e voltou a prendê-lo.

À sua frente, o caminho não passava de dois sulcos de rodas. A erva que crescia no meio era mais alta ali, mas em alguns pontos mostrava-se espalmada, como se um carro tivesse passado por lá há não muito tempo.

Antes de sair de casa, ela pensara que Tom Kerr poderia ter voltado, mas tinha posto essa ideia de parte. Não havia nada ali para o qual ele pudesse voltar. Era mais provável que alguém ali tivesse estado numa missão semelhante à dela, um jornalista interessado em recontar a história de Kerr ou simplesmente algum intrometido. Mesmo assim, ela trancou as portas do carro.

Passou por cima da grade de gado que fora retirada no passado, o que impedira o acesso dos bombeiros ao fogo quando a quinta tinha sido incendiada. Parou e voltou a sair do carro para fazer mais filmagens.

Duzentos metros adiante, a floresta abria-se numa clareira. Line ficara com a impressão de que toda a pequena propriedade tinha ardido, mas duas pequenas construções ainda estavam de pé. Uma era um anexo pintado de vermelho, imediatamente atrás de onde a casa da quinta em tempos se erguia, a outra era um outro anexo na orla da floresta.

O lugar estava completamente abandonado e o céu acima das árvores apresentava-se sombrio. Nuvens densas e anafadas, tingidas de um profundo azul-acinzentado, dariam um tom apropriadamente atmosférico ao filme.

A fechadura da porta saltou quando ela tocou no puxador e Line pegou na câmara enquanto observava a cena. Um carro estivera ali recentemente. O pátio entre as ruínas deixadas pelo incêndio estivera em tempos coberto de saibro, mas toda aquela extensão estava agora a ser reclamada pela Natureza. Viam-se poças de água da chuva e marcas de pneus deixadas por um veículo.

Uma chaminé rústica de tijolo era tudo o que restava da casa da quinta. Vigas carbonizadas e telhas quebradas jaziam no interior do perímetro das paredes da fundação. Urtigas e outras ervas daninhas brotavam por toda a parte, e algumas árvores que haviam criado raízes nas ruínas atingiam agora uma altura de um metro ou mais. Um grande arbusto com flores brancas enrolava-se em torno dos poucos restos da estrutura no canto mais distante.

O celeiro encontrava-se igualmente devastado. Um trator enferrujado e carbonizado via-se no interior, restando-lhe apenas os filamentos metálicos dos cabos de aço dos grandes pneus de borracha.

Uma parte do celeiro estava equipada com uma cave e Line aproximou-se da borda para olhar lá para baixo. Dois pássaros pretos levantaram voo e afastaram-se para longe.

Uma diversidade de plantas havia criado raízes nas cinzas e um arbusto

de folhas grandes trepava pela parede de tijolo. Uma abertura nesta parede dava para as traseiras, onde antes existira uma porta. Line usou-a para espreitar a traseira do celeiro. Teve de abrir caminho através de um matagal cheio de espinhos e proteger a cabeça com os braços para não ficar arranhada.

Atravessou a cave e entrou numa divisão adjacente menor, onde viu uma banheira no meio do chão, sem qualquer canalização. Era do tipo antigo, daquele que por vezes era usado nas quintas para dar de beber aos cavalos ou às vacas. Em vários pontos, eram visíveis manchas de esmalte descascado e estava cheia de folhas secas.

Junto à parede, uma bancada de aço estava enegrecida de fuligem e correntes pendiam de vários ganchos. No canto, viu uma cadeira virada com quatro pernas tubulares de metal, mas sem assento nem encosto.

Line recuou e o seu corpo foi percorrido por um arrepio involuntário ao dar-se conta de que aquele poderia ser o quarto no qual Tom Kerr havia desmembrado e mergulhado as suas vítimas em cloro antes de as enterrar na floresta. Ficou ali paralisada por um tempo antes de conseguir levantar a câmara e começar a filmar. Fê-lo de vários ângulos antes de subir e filmar pela abertura no chão.

Decidiu que também precisava de algumas imagens gerais e tirou o carro para ter a certeza de que este não aparecia no filme. Deixou-o no caminho já virado para a saída, pronto para voltar para casa.

Ver aquele lugar teve um efeito poderoso nela. Dava-lhe a proximidade e a intimidade que esperava transmitir no seu documentário.

Ajustou manualmente a abertura do diafragma para obter uma maior profundidade de campo. As nuvens escuras e a densa floresta em fundo naquele lugar ermo reforçavam a impressão sombria.

À direita do que restara do celeiro ela podia ver um caminho na erva alta que agora, à distância, se tornava mais fácil de distinguir. Duvidava que tivesse sido feito por animais. Havia um trilho distinto que seguia até ao anexo, como se alguém ali tivesse andado repetidamente de um lado para o outro.

Levantou a câmara e fechou o *zoom* no anexo. A madeira estava cinzenta e desgastada pelo tempo e, no lado voltado para ela, havia uma janela de treliça e uma porta que parecia trancada.

Uma rajada de vento soprou entre as árvores, fazendo com que as folhas farfalhassem. Line estremeceu. Estava com roupa leve, apenas uma camisola e calças de ganga e, embora tivesse um casaco no carro, não lhe ocorrera levá-lo consigo. Dirigindo-se novamente às ruínas danificadas pelo fogo, seguiu o trilho de cerca de trinta metros até ao anexo.

Um dos pequenos vidros estava partido. Ela espreitou, mas era difícil distinguir qualquer coisa na escuridão. Decidida, puxou o ferrolho da porta e ouviu as dobradiças protestarem quando a abriu.

O anexo estava cheio de velhas colmeias e equipamentos de apicultura, e as tábuas do pavimento rangeram quando ela entrou. A poeira elevou-se no ar

seco e abafado.

Ela olhou em volta em busca de sinais que lhe pudessem dizer por que motivo alguém estivera ali, mas, não vendo nada, deu meia-volta para sair.

Imediatamente antes da porta viu uma pá apoiada na vertical, com restos de terra no chão à sua frente. Levou-a consigo para a luz e percebeu que não podia ter sido usada há muito tempo, visto que terra escura e húmida ainda estava agarrada à lâmina.

Line sentiu um aperto no peito. O caminho que ela acabara de seguir acompanhava o anexo e entrava na floresta, em direção ao local onde os corpos de Thea Polden e Salwa Haddad tinham sido desenterrados.



Aquilo não augurava nada de bom. A secretária da chefe de polícia telefonara para o avisar a ele e a Hammer de que se deviam apresentar para uma reunião no gabinete dela. Serem convocados daquela maneira só podia significar más notícias. Wisting já tinha recebido algumas reprimendas, inclusive na última vez que Terje Nordbo e os Assuntos Internos o haviam colocado sob investigação. Nessa altura, fora informado de que estava suspenso do serviço.

Tinham deixado a oficina assim que os técnicos do local do crime haviam chegado. Hammer descobrira entretanto que a carrinha branca estava registada em nome de uma construtora em Asker.

– As matrículas foram comunicadas como roubadas – disse ele, sem tirar os olhos do telemóvel.

– Roubadas e usadas num veículo semelhante – comentou Wisting.

Hammer concordou.

– O mesmo quando a Thea Polden e a Salwa Haddad foram raptadas.

Wisting virou para as ruas do centro, em Tønsberg. Alguns jornalistas rondavam diante da entrada principal da grande esquadra.

Hammer praguejou baixinho.

– Não temos tempo para isto – disse ele.

Wisting era da mesma opinião, mas não o verbalizou. A carrinha e a oficina podiam representar o progresso que esperavam. Havia muita coisa que tinha de avançar agora e, com toda a franqueza, eles não tinham tempo a perder.

Nenhum dos lugares reservados à porta da esquadra estava vago e ele viu-se forçado a estacionar a um quarteirão de distância. Alguns repórteres tiraram fotografias quando eles entraram.

Assim que o fizeram, puderam ver que não tinham sido poupadas

despesas para equipar uma sala onde a polícia pudesse receber a imprensa, incluindo cabos de fibra ótica especialmente instalados para transmissões de TV, iluminação apropriada e uma parede com o logótipo da polícia. A porta estava aberta e viam-se copos e jarros de água a postos.

O elevador levou-os ao último andar e a rececionista levantou-se quando chegaram.

– A chefe Kiil está à vossa espera – disse ela dirigindo-se à porta, à qual bateu antes de a abrir e os convidar a entrar.

Sentaram-se os dois.

– Já sei que encontraram a carrinha – disse a chefe de polícia, apontando para o ecrã do computador.

– Muito provavelmente – respondeu Wisting. – Acabámos de vir de lá.

Assentindo, a chefe de polícia mudou de assunto:

– Considerámos ser necessário proceder a algumas alterações na organização do trabalho – disse ela. – Não nos serve de nada uma investigação que seja conduzida em várias frentes.

Wisting concordou, entendendo o que ela queria dizer. Nestes casos estava envolvido um total de cinco equipas de investigação diferentes que se intersetavam e, além disso, Adrian Stiller e o seu grupo de Casos Arquivados da Kripos ainda mantinham um interesse.

– O aspeto mais urgente é a Maren Dokken – destacou Hammer.

– Discuti o caso com os outros chefes e procuradores públicos nos distritos relevantes – continuou ela. – Concordámos que o trabalho tem de ser coordenado de uma forma diferente e mais eficaz. Como tal, decidimos criar um grupo de investigação separado, abrangendo os vários distritos. – O seu olhar fixou-se em Wisting. – Seria normal nomear-te para liderar e coordenar o trabalho, mas, infelizmente, estás a ser investigado pelos Assuntos Internos.

– O que é apenas uma formalidade, certamente – interrompeu Hammer.

– Infelizmente, também surgiu outro problema – acrescentou a chefe de polícia. – Um advogado chamado Henden entrou em contacto connosco, com uma queixa de um Floyd Thue. Trata-se de acesso injustificado à casa dele, além de má conduta.

– As medidas tomadas foram totalmente justificadas – protestou Hammer, lançando-se numa explicação.

A chefe de polícia interrompeu-o:

– Ele enviou-nos imagens do seu sistema de CCTV – disse ela. – É perfeitamente possível que tenham agido de boa-fé, mas quebrar uma janela para obter acesso parece um tanto precipitado. De qualquer forma, a denúncia foi encaminhada para os Assuntos Internos, aos quais caberá avaliar se as vossas ações foram repreensíveis.

Hammer gemeu. Wisting chegou-se para a frente, ficando praticamente empoleirado na beira da cadeira.

– Quem é que vai ficar à frente da investigação? – perguntou.

– Idar Semmelmann – foi a resposta da chefe de polícia.

– O Semmelmann? – repetiu Hammer. – Ele já anda à procura do cúmplice há cinco anos. Sem resultados. Tudo o que conseguiu foi formulários e bases de dados.

– É quem melhor conhece o caso – disse a chefe de polícia com firmeza.
– Está envolvido desde o início.

– Ele foi informado? – perguntou Wisting.

A chefe de polícia assentiu.

– Eu disse-lhe que vos avisava.

Arrumando alguns papéis na sua secretária, ela olhou para o relógio.

– A promotora responsável do nosso lado será a Guro Stemstad – continuou. – Vou anunciar esta reorganização numa conferência de imprensa dentro de trinta minutos, ao mesmo tempo que anunciamos que a mulher desaparecida é a agente Maren Dokken.

– O que é que vamos fazer agora? –perguntou-lhe Hammer. – Onde é que nos encaixamos nesta reorganização?

– Estão ambos dispensados das vossas funções – respondeu a chefe de polícia.

– O que é que quer dizer com isso? Que fomos retirados do caso?

Agnes Kiil poisou uma mão em cima da outra.

– Surgiu um problema de imparcialidade – respondeu ela. – Além de os dois estarem sob investigação dos Assuntos Internos, estão emocionalmente envolvidos. As ações na residência do Floyd Thue demonstram-no claramente. É especialmente importante que as regras do processo penal sejam seguidas à risca quando se aplicam a um dos nossos.

Hammer levantou-se.

– Quer dizer que temos de ficar de braços cruzados sabendo que uma colega nossa foi raptada?

– Estão dispensados das vossas funções neste caso – repetiu ela. – Fizeram muitas horas extraordinárias nestes últimos dias. Sugiro que tirem uma folga, já a partir de hoje.

Wisting também se levantou. Por dentro, era dominado por um tumulto de pensamentos e emoções e teve de se controlar para evitar trair os seus sentimentos.

– É tudo? – perguntou.

A chefe de polícia presenteou-o com um breve aceno de cabeça.



Vários jornalistas tinham chegado e ficado diante da esquadra, reunidos em pequenos grupos, à conversa, à espera de que os deixassem entrar a qualquer momento. Um homem com o logótipo da TV2 no blusão ergueu a câmara e apontou-a a eles. Um dos repórteres que estava mais perto da porta dirigiu-se a Wisting, perguntando-lhe se tinha havido algum desenvolvimento.

– Há uma conferência de imprensa às quatro da tarde – respondeu Wisting, transferindo toda a sua atenção para o telemóvel.

Tinha perdido duas chamadas enquanto estavam reunidos com a chefe de polícia. Ambas de Line. Devolveu a chamada assim que teve a certeza de que não podiam ser ouvidos.

– Estou em Lerketvedt – disse-lhe a filha. – A propriedade do Tom Kerr em Østmarka.

Wisting sentiu-se de imediato pouco confortável.

– Mas que raio é que tu estás a fazer aí?

– Estou a filmar – foi a resposta. – Essencialmente, a fazer um reconhecimento do terreno e alguma investigação para o meu documentário.

Eles já tinham chegado ao carro.

– Alguém esteve aqui há pouco tempo – continuou ela.

Wisting instalou-se atrás do volante.

– Ah, sim?

– Parece um pouco... suspeito – acrescentou Line. – Alguém andou a cavar por aqui.

– A cavar?

– A pá estava no barracão – explicou Line. – Tem lama. Segui um trilho entre as árvores nas traseiras e encontrei um local a alguma distância, na floresta. Está coberto com galhos e entulho, mas parece que alguém enterrou alguma coisa ali.

- Tens a certeza?
- Posso mandar-te uma foto.
- Faz isso – respondeu Wisting enquanto ligava o motor.
- Liguei ao Stiller quando não atendeste – acrescentou Line. A conversa estava agora em alta-voz. – Ele está a caminho.

Os pensamentos de Wisting estavam acelerados. Ele tinha sido afastado do caso, mas isto era um desenvolvimento da investigação e dizia respeito também à sua filha. Ninguém lhe podia negar a oportunidade de a ajudar.

– O Hammer e eu também estamos – disse ele enquanto engatava a primeira.



O motor trabalhava ruidosamente depois do esforço da viagem rápida e o calor fazia o capô vibrar.

Wisting saltou do carro e correu direito a Line e Stiller, que o esperavam junto às ruínas do celeiro.

– Será que devias estar aqui? – perguntou-lhe Stiller. Obviamente, já sabia da reestruturação da equipa de investigação.

– Estamos a gozar uma folga – respondeu-lhe Hammer.

– Por mim, tudo bem – disse Stiller, encolhendo os ombros. – A Kiil não é minha chefe.

– Falaste com o Semmelmann? – perguntou-lhe Wisting.

– Tentei telefonar-lhe. Não está a atender.

– Provavelmente, a conferência de imprensa ainda não acabou – disse-lhe Hammer.

Abrindo o porta-bagagens do seu carro, Stiller tirou duas pás e entregou-lhe uma delas.

– Devíamos ter um técnico connosco, ou pelo menos alguém que pudesse documentar o que estamos a fazer – observou Wisting.

– A Line pode tratar disso – sugeriu Stiller. – Já trabalhou para nós antes.

Depois de ele tirar um oleado, luvas e fatos-macaco brancos do carro, seguiram Line enquanto ela os conduzia à floresta.

A erva alta estava bem pisada. Outrora terra de pasto, tudo se apresentava agora coberto de vegetação e a floresta começava lentamente a fazer incursões, avançando pelas orlas. Wisting fechava a retaguarda. Era visível um trilho nítido, como Line havia dito. Ele não tinha como saber quantas vezes a filha teria ali andado para a frente e para trás, mas era claro que estava a formar-se um caminho entre as árvores.

Line avançou cerca de duzentos metros até a uma área pantanosa. Seguiram um riacho durante os últimos trinta metros, até darem com um remanso.

A sepultura era mais fácil de ver na realidade do que na fotografia. Três dos galhos que a cobriam tinham sido afastados. A camada superior havia sido revirada segundo um padrão quadriculado e depois reposta. A terra que sobrara teria provavelmente sido despejada no riacho. Dentro de algumas semanas, seria praticamente impossível ver que alguma coisa existira ali.

– Foi neste local que os outros corpos foram encontrados? – perguntou Hammer.

Stiller abanou a cabeça.

– Não, isso foi mais adiante, mas fora isso é muito parecido. Terra macia sem raízes nem quaisquer outros obstáculos. Um manto de galhos.

Line estava ocupada com a câmara enquanto Hammer e Stiller se equipavam com luvas e fatos protetores. Ninguém falou enquanto começaram a trabalhar. Os galhos restantes foram retirados e amontoados. Então, começaram a cavar. Primeiro as secções de erva, depois a terra solta.

Cerca de meio metro abaixo da superfície, avistaram algo e Stiller deu ordem para parar. Hammer passou as costas da mão pela testa para enxugar o suor e Line aproximou-se com a câmara.

– Saco de plástico preto – comentou Stiller.

Desdobrou o oleado que Wisting levava, um rolo grosso de plástico branco com dois metros quadrados. Depois, estendeu-o no chão ao lado do buraco.

Escorreu terra dos lados enquanto ele levantava o saco e o depositava no meio do plástico. Wisting podia ver que havia mais plástico preto no buraco. Olhando para Line, fitou diretamente a lente da câmara e desejou que ela estivesse a cem quilómetros dali. Todos sabiam o que estavam prestes a descobrir, e ele só queria que ela não estivesse presente para o ver.

O saco estava amarrado com um nó simples, e não muito cheio.

– Precisamos de uma faca – disse Hammer.

Ninguém tinha nada que pudesse usar para cortar o saco. Por fim, Stiller usou a chave do carro para rasgar o plástico e depois os dedos para o abrir.

Hammer praguejou. Wisting aproximou-se e viu o que estava lá dentro: uma perna e um pé.



– Certo – disse Adrian Stiller, endireitando-se. – Temos de deixar que os técnicos do local do crime tomem conta disto agora.

– Também vais ter de avisar o Semmelmann – disse-lhe Hammer.

Line manteve a câmara firme. Dedos pálidos projetavam-se do rasgão no saco preto. Uma minhoca cinzenta arrastava-se pelo oleado. Ela esperou até que saísse do enquadramento e ampliou a imagem até o rasgão no plástico preencher todo o ecrã.

Stiller recuou e começou a falar ao telemóvel. Line inclinou a cabeça para o lado para lhe permitir ver sem que a sua visão fosse filtrada pelas lentes.

Viu o pé e partes da perna. A pele marmoreada estava coberta de bolhas claras. Todavia, o que a impressionou foi o tamanho do pé. Era comprido e largo.

– É um homem? – perguntou, um tom hesitante na sua voz.

O pai dela assentiu. Enquanto Line se movia para encontrar um ângulo diferente, um cheiro de cloro atacou-lhe as narinas.

– E não está aqui há muito tempo – comentou Hammer. – Não mais do que vinte e quatro horas. Isto são queimaduras cáusticas, não decomposição.

– Mas quem é? – perguntou Line.

O pai abriu a boca para lhe responder, mas decidiu não o fazer, como se não quisesse partilhar os seus pensamentos com ela ou à frente da câmara.

– Só pode ser uma de duas pessoas – disse Hammer. – Ou o próprio Tom Kerr ou o cúmplice.

Line baixou a câmara, com dificuldade em imaginar o que teria acontecido. Como tudo aquilo se poderia encaixar.

– Isso quer dizer que um deles matou o outro? – perguntou ela.

Hammer anuiu.

– Bem, na minha humilde opinião, essa é a explicação mais provável.

A conversa telefônica de Stiller tinha terminado.

– Os técnicos estão cá daqui a uma hora – disse ele. – Provavelmente, há uma cabeça algures por aí também. Mãos com impressões digitais. Devemos ter uma resposta quanto à identidade ainda esta noite.

Line verificou a carga da bateria. Restava-lhe pouco mais de uma hora e ela tinha outra completamente carregada no carro.

No entanto, ela ainda se sentia confusa. Teria Tom Kerr assassinado o seu cúmplice, a pessoa que o ajudara a fugir, ou teria sido o cúmplice quem matara Kerr?

– É o Tom Kerr – disse Wisting, apontando para o buraco no chão. – É a única explicação plausível.

Line apontou a câmara para ele.

– Porque é que dizes isso?

O pai escusou-se a dar mais pormenores. Line tentou seguir a mesma linha de raciocínio. Tom Kerr era a única pessoa que podia expor o Outro. Kerr dera a entender que estava disposto a fazer uma confissão, a pôr todas as cartas na mesa com a esperança de, assim, evitar uma vida inteira de reclusão. Provavelmente, não passara de um estratagema. Uma impressão que ele queria causar, para criar uma oportunidade de fuga. Mas a polícia sabia quem ele era. A probabilidade de acabar por ser recapturado, mais cedo ou mais tarde, era grande. Ele estaria disposto a manter o silêncio sobre a identidade do seu cúmplice ou daria com a língua nos dentes a troco de uma pena reduzida? Enquanto estivesse vivo, Tom Kerr representaria um risco para o seu companheiro.

Ela não conseguia pôr os seus pensamentos todos em ordem, mas o aspeto mais significativo naquele momento, no que lhe dizia respeito, era que o corpo que tinham encontrado não pertencia a Maren Dokken.

O pai dela aproximou-se da beira do buraco que tinham aberto e agachou-se, apoiando os cotovelos nos joelhos e cruzando as mãos. Deixou-se ficar assim durante algum tempo antes de virar a cabeça para os outros dois polícias.

– Qual a profundidade provável? – perguntou.

– Porque é que perguntas? – perguntou-lhe Stiller em resposta.

– Estou aqui a pensar quantos sacos estarão ali em baixo – respondeu Wisting, levantando-se. – E se teremos um corpo ou dois.



O telemóvel de Wisting começara a tocar enquanto Hammer e Stiller cavavam. Ele tirara-lhe o som, mas continuara a sentir a vibração constante no bolso. Ao verificar o aparelho, viu que tinha treze chamadas perdidas, da imprensa e de vários números que não tinha na memória. Apenas uma das pessoas tinha deixado uma mensagem de voz. Ao ouvi-la, soube que era Terje Nordbo, dos Assuntos Internos, deixando uma breve mensagem para que o contactasse.

Recostando-se no capô do carro, olhou para o trilho que se entranhava na floresta e começou a ver os jornais *online*, começando pelo *VG*, onde viu uma fotografia de Maren Dokken em uniforme policial. Era dada como desaparecida sem quaisquer vestígios. A peça também incluía uma fotografia de Idar Semmelmann, tirada na conferência de imprensa. Descrito como responsável pela investigação coordenada, assumira a responsabilidade pela caçada a Tom Kerr, que passados três dias se revelara bastante ineficaz.

Semmelmann declarara que já tinham identificado a granada usada aquando da fuga de Kerr – tinha sido roubada de um arsenal de armamento militar. Em ligação com isto, a polícia também estava à procura de Tallak Gleich, de 32 anos. Uma fotografia dele tinha sido igualmente divulgada, a mesma imagem dos registos policiais que lhe fora mostrada antes da rusga em casa. Um homem careca e com pera, fácil de reconhecer se alguém se cruzasse com ele.

Mais adiante na história, deu com o seu próprio nome e fotografia, bem como a explicação para todas aquelas chamadas perdidas. Leu que havia sido afastado do caso e estava a ser investigado pelos Assuntos Internos, suspeito de má conduta oficial, permitindo a fuga de Kerr. Era certamente verdade que não respondera ao pedido de declarações do jornal. Guro Stemstad, a promotora de polícia responsável, abster-se de responder quando lhe fora

perguntado se ele tinha sido suspenso.

Enquanto devolvia o telemóvel ao bolso, os seus pensamentos regressaram aos acontecimentos aquando da fuga de Tom Kerr. Já passara bastante tempo a pensar nisso, tentando identificar algo que pudesse ter feito, dito ou pensado de forma diferente, mas tudo isto apenas resultara em autocensura. Normalmente sólido na sua rejeição de qualquer pensamento circular negativo, Wisting estava consciente de que esta situação em particular estava a afetá-lo.

O barulho de vários veículos fê-lo abandonar o capô do carro. Um carro-patrolha da polícia fez a curva, seguido pela volumosa carrinha usada pelos técnicos do local do crime da Kripas.

Stiller cumprimentou-os e apresentou-lhes Line. Wisting e Hammer limitaram-se a assentir com a cabeça para os recém-chegados.

O equipamento foi descarregado e levado para a floresta, e já estava a escurecer quando ficaram prontos para prosseguir com a escavação. Uma tenda fora erguida e holofotes instalados. As lâmpadas potentes lançavam uma luz forte sobre o buraco no chão, e as conversas entre os técnicos eram abafadas pelo barulho do gerador.

Houve um único *flash*, seguido de uma salva de luzes brilhantes. O saco de plástico preto já retirado foi transferido para uma caixa de cartão, marcado e posto de parte. O saco seguinte foi retirado e fotografado. Um dos técnicos usou um x-ato para fazer uma incisão e um braço apareceu.

Os técnicos continuaram com a sua laboriosa tarefa. Tudo o que faziam era documentado com fotografias. Além disso, tinham a câmara de Line apontada diretamente a eles.

O terceiro saco, mais pesado do que os anteriores, tinha um formato que sugeria tratar-se do tronco, desprovido de braços e pernas.

Um dos técnicos abriu-o para confirmar a suspeita.

Alguém com uma lanterna surgiu no trilho, dirigindo-se a eles: Semmelmann, acompanhado por outros dois detetives que Wisting não conhecia. Os técnicos fizeram uma pausa enquanto Stiller os atualizava. Assim que foram informados da situação, Semmelmann virou-se para Wisting.

– Lamento que as coisas tenham corrido desta maneira – disse ele, referindo-se à mudança de comando. – Tenho total confiança em si. A decisão foi tomada sem meu conhecimento.

Olhou diretamente para Hammer antes de se voltar para Wisting:

– Vocês foram ambos retirados do caso – lembrou-lhes. – Não deviam mesmo estar aqui.

– Vamos ficar até sabermos o que há naquela cova – disse Wisting, apontando para os técnicos e para o buraco no chão.

Por um momento, pareceu que Semmelmann ia fazer um comentário, mas desistiu.

– O que é que têm para nós até agora? – perguntou enquanto se

aproximava das três caixas.

– Uma perna, um braço e um tronco – respondeu Stiller.

Semmelmann levantou uma tampa e usou uma caneta para alargar a abertura no plástico e ver com os próprios olhos.

– Isso tem de ir para o laboratório para exames e análises – alertou um dos técnicos.

Semmelmann não pareceu registar a ligeira repreensão.

– Não podem examinar os dedos aqui e agora? – perguntou. – E depois confrontar com os registos de impressões digitais e ter uma resposta imediata?

– Primeiro, vamos retirar todos os sacos – respondeu o técnico.

– Entendo – respondeu Semmelmann com um assentir de cabeça.

Recolocou a tampa na caixa de evidências e fez-lhes sinal para que continuassem. Um dos técnicos saltou de novo para o buraco e tirou outro saco. A forma sugeria que era a cabeça.

– Só falta este saco – disse ele, levantando-o.

Esta informação fez com que os ombros de Wisting relaxassem. Apenas um corpo.

O saco de plástico foi fotografado de vários ângulos antes de ser aberto. Tudo o que Wisting viu foi cabelo. Cabelo preto comprido. O técnico abriu a incisão que fizera no saco e virou a cabeça para o lado, para que o rosto ficasse à vista. Estava coberto de bolhas e queimaduras causadas por um líquido corrosivo. Os olhos estavam fechados e a boca contorcida e aberta de esguelha, mas não havia dúvidas quanto à identidade do cadáver. Tom Kerr estava morto.



Wisting entrou com o carro no acesso e avançou lentamente até casa. Deixou-se ficar sentado com as mãos no volante enquanto os faróis banhavam a fachada e a entrada com uma luz forte. A porta estava a precisar de uma demão de verniz. Ele não se conseguia lembrar da última vez que o fizera.

O pensamento passou. Desligou a ignição e foi envolvido pela escuridão.

Isto nunca lhe tinha acontecido. Nunca deixara um trabalho por acabar. Alguns casos tinham acabado por ser arquivados quando não conseguiram avançar, mas ele nunca se afastara de uma investigação em curso. Aquela sensação de resignação deixava-o inquieto.

Saindo para o fresco da noite, olhou para a casa da filha antes de entrar e acender a luz exterior.

A casa estava escura e silenciosa e o vazio dominou-o, reforçando aquela profunda sensação de impotência que o engolia. Algo semelhante a fome, algo que o roía e desgastava.

Foi para a cozinha, onde abriu o frigorífico e tirou de lá uma caixa meio cheia de salada de batata e um pouco de carnes frias. Comeu metade antes de afastar o prato e pegar no seu portátil de trabalho.

A descoberta do corpo em Østmarka estava em todas as notícias. Uma fotografia de Tom Kerr acompanhava a manchete que dava a saber que ele tinha sido encontrado morto.

No meio do texto da peça, Idar Semmelmann surgia retratado sob a luz intensa do *flash* de uma câmara. Apenas algumas horas desde que assumira a responsabilidade pela investigação e já podia mostrar resultados.

Wisting não se deu ao trabalho de ler a peça, mas concordou com a decisão de divulgar o facto de que Tom Kerr estava morto. A ideia daquele homem à solta gerava medo e não havia motivos para reter a informação.

Fechou a imagem no ecrã e acedeu ao programa de gestão de casos. Ao procurar o caso de Tom Kerr, percebeu que já não lhe tinha acesso. A pasta apresentava-se agora com um sinal vermelho de «proibido». Quando passou o cursor sobre ele, surgiu uma caixa de diálogo que lhe fez saber que os ficheiros do caso eram de acesso restrito. Guro Stemstad ou Idar Semmelmann tinham direitos de administração e podiam ser contactados se alguém tivesse motivos profissionais para lhes aceder.

Procurou o caso de desaparecimento referente a Maren Dokken e descobriu que estava marcado de forma idêntica.

A sua posição e trabalho profissional significavam que ele tinha direitos de utilizador mais vastos do que os seus outros colegas. Normalmente, tinha acesso a todos os casos, inclusive aqueles em que não estava envolvido, e outros que continham informações sensíveis e estavam protegidos para evitar fugas. Agora, estava completamente barrado.

O sistema informático tinha uma função de mensagem direta, com a qual os funcionários podiam enviar mensagens curtas entre si fora do sistema de *email*. Estava a piscar, indicando que alguém lhe havia enviado uma. Abriu-a e viu que era de Tim Skage, o investigador de Oslo Vest. A mensagem era breve. Apenas um nome, Helene Norum, e um *link* para uma entrevista com ela em vídeo.

Ele clicou no *link* e teve acesso à imagem de uma sala insípida na qual duas mulheres se encontravam sentadas em lados opostos de uma mesa. A da direita apresentava-se vestida formalmente e sentada com uma pasta à sua frente, enquanto a da esquerda tinha um rosto redondo e ligeiramente interrogativo, e cabelos de um preto brilhante. Esta era Helene Norum, a mãe da terceira vítima, aquela que nunca tinha sido encontrada.

O tempo no canto direito indicava que se tratava de uma entrevista curta, com apenas vinte e quatro minutos de duração.

Wisting premiu o ícone *play* e observou enquanto a investigadora cumpria algumas formalidades. Ela anunciou a hora e o local e explicou que se tratava de uma entrevista com uma testemunha, relacionada com a investigação da morte de Chris Paust Backe, sem dar a saber à mulher à sua frente que provavelmente fora Backe quem fornecera a granada de mão a quem ajudara Tom Kerr a fugir, nem que a morte estava a ser investigada como homicídio.

– Como é que conheceu Chris Paust Backe? – começou a entrevistadora.

Era uma abordagem proativa, dando a entender que a polícia já tinha chegado à conclusão de que eles se conheciam e tornando difícil à entrevistada negar uma ligação entre eles.

No entanto, Helene Norum abanou a cabeça.

– Não sei quem é – foi a resposta dela.

A polícia à paisana assentiu e folheou o seu bloco de notas, como se estivesse a passar para um plano alternativo.

– Que tipo de telemóvel tem? – perguntou.

– Um iPhone.

A polícia leu o número e Helene Norum confirmou que era o seu.

– Há mais alguém que use o seu telefone?

– Não.

– Alguém mais poderia ter acesso a ele?

– Como assim?

– Tem-no sempre consigo ou às vezes deixa-o em casa, pelo que outra pessoa o poderia atender por si?

– Geralmente, levo-o comigo – respondeu Helene Norum. – Vivo sozinha.

A agente assentiu.

– Na terça-feira, 25 de agosto, às 21h53, Chris Paust Backe telefonou-lhe – explicou. – Falaram sobre o quê?

Helene Norum abanou a cabeça.

– Isso deve ser um engano – respondeu. – Só tenho um número não identificado. Deve ter sido um engano. Não conheço ninguém com esse nome.

– Isso acontece-lhe às vezes? Que lhe liguem por engano?

– Já aconteceu.

A polícia empurrou uma folha sobre a mesa.

– Esta conversa durou quase um minuto – disse ela, com o dedo indicador firmemente poisado no papel. – É muito tempo para um número errado.

Helene Norum estudou o papel sem dizer palavra. Parecia desnorteada. A reação não parecia de forma alguma simulada, antes como se estivesse à procura de uma explicação ou de uma resposta que lhe estivesse a escapar.

– Lembra-se de quem lhe ligou? – perguntou a polícia.

– Não...

Helene Norum pegou no telemóvel, obviamente para verificar o registo de chamadas.

– Não vai atrás assim tanto – disse.

A polícia repetiu a data da chamada.

– Lembra-se de onde estava nessa noite?

A mulher consultou o calendário e abanou a cabeça veementemente quando não foi capaz de encontrar nada.

A entrevista assumiu um outro rumo.

– Tem algum contacto com o seu ex-marido? – perguntou a polícia.

– Estamos divorciados há vinte anos – respondeu Helene Norum.

– Mas ainda tem o mesmo apelido?

– É o meu nome de solteira. Ele ficou com ele quando nos casámos, uma tentativa de começar uma nova vida. Eu não sabia disso na altura, mas o nome dele trazia muita coisa atrás.

– Como assim?

– Deve ter isso aí nos seus papéis, não? – perguntou Helene Norum. – Ele esteve dentro. Antes de nos conhecermos, foi acusado de diversas

agressões no lugar de onde veio. Eu não sabia de nada disso. Mais tarde, ele foi condenado pelo mesmo tipo de coisa. Depois de nos separarmos. Só estivemos casados três anos.

– Teve contacto com ele quando a Taran desapareceu?

Helene Norum assentiu.

– Teve de ser – respondeu. – Afinal, tivemo-la juntos. Nenhum de nós tinha outros filhos. Ele reagiu mal, embora a Taran se recusasse a ter qualquer coisa a ver com ele nestes últimos anos. Ele tinha estado na prisão por violação, sabe.

Uma expressão tensa tomou conta dela, como se uma ideia vaga tivesse começado a ganhar forma. Levantou a cabeça e olhou para o teto. A polícia deve ter percebido. Deixou-se ficar em silêncio para não lhe perturbar a linha de raciocínio.

– *Houve* um telefonema estranho – acabou ela por dizer. – Pensei que talvez tivesse alguma coisa a ver com o Johannes.

– Quando é que foi isso?

– Deve ter sido há três ou quatro semanas. Já era noite avançada, de um número oculto... sabe, daquele tipo que não aparece quando nos ligam.

Ela poisou o dedo na folha de papel com a impressão das chamadas:

– Deve ter sido ele. Era um homem. Ele telefonou e disse que tinha conseguido as coisas que queríamos.

Wisting esticou o pescoço para a frente, concentrando-se para ouvir com mais clareza.

– Quais coisas? – perguntou a polícia.

– Foi o que eu lhe perguntei também – respondeu Helene Norum. – Mas não recebi nenhuma explicação. Ele limitou-se a repetir que tinha conseguido o que queríamos. Achei que ele devia ter ligado para o número errado, mas ele insistiu que não.

– Não?

– Não, ele perguntou se tinha ligado para os Norum e leu o meu número. Estava certo.

– Como é que foi a conversa?

– Não houve mais conversa. Perguntei quem é que estava a ligar e ele pediu-me que esperasse um minuto. Ouvei alguns ruídos do outro lado da linha, como se ele estivesse a poisar o telemóvel enquanto verificava uns papéis ou qualquer coisa assim. Passado meio minuto, ele voltou e pediu desculpa, e a chamada foi interrompida. Como se ele tivesse percebido que tinha ligado para o número errado e simplesmente desligado.

– Porque é que achou que tinha alguma coisa a ver com o seu ex-marido?

– Acho que ele falou nisso. Disse «você e o seu marido». Falou sobre as coisas que nós, plural, queríamos.

A agente continuou durante mais algum tempo a tentar extrair o máximo de pormenores possível sobre o que havia sido dito durante a conversa

telefônica, antes de começar a resumir o conteúdo do depoimento da mulher.

Wisting recostou-se. Algo não batia certo ali. Não tinha motivos para duvidar do que Helene Norum dissera, mas mesmo assim não conseguia encontrar-lhe qualquer nexo.

Apenas uma hora depois desta conversa telefônica com Helene Norum, Chris Paust Backe tinha sido morto e o seu apartamento incendiado. Wisting pensou em vários cenários. Gostava de ter alguém com quem discuti-los, mas tinha sido afastado do caso. As informações resultantes daquela entrevista não se destinavam aos seus olhos e ouvidos. De qualquer forma, era tarde demais para telefonar a Tim Skage, visto que já passava bastante da meia-noite.

A entrevista tinha terminado e o ecrã ficou negro antes de o programa de reprodução se fechar.

Na pasta havia outro ficheiro para o qual ele tinha recebido um *link*, o interrogatório com Tallak Gleich. Tivera lugar há apenas meia hora. Ele devia ter sido detido durante aquela noite.

Wisting clicou duas vezes no ícone e o reproduzidor reabriu-se automaticamente. Era a mesma sala. Desta feita, Tim Skage estava sentado à direita da mesa. O homem à sua frente era careca, mas não tinha a pera. Havia também uma terceira pessoa na sala, com um fato cinzento de bom corte e camisa de colarinho desabotoado, folheando uma série de documentos do caso. Um advogado de defesa.

Tallak Gleich deu o seu nome e endereço. O investigador explicou-lhe que estava acusado de posse de estupefacientes e de violação da legislação sobre armas. Facultou a Gleich a informação de que, durante a busca à sua casa, tinham sido encontrados 123 gramas de anfetaminas e 28 gramas de haxixe, além de diversos medicamentos sujeitos a receita médica e de três granadas de mão.

– As drogas são minhas – admitiu Tallak Gleich de moto próprio. – Mas não sei nada de granadas de mão. Alguém as deve ter deixado em minha casa. Alguém de visita.

– Elas estavam num armário no seu quarto – referiu Skage. – As suas impressões digitais estão nelas.

Tallak Gleich encolheu os ombros.

– Não faço ideia de onde elas vieram – insistiu.

– Elas vieram de um roubo a um arsenal de armas militares – disse Skage. – Mas não está a ser acusado disso. Não é disso que se trata.

Gleich olhou para o seu advogado de defesa.

– Do que é que se trata, então? – perguntou o advogado.

– Acho que vocês os dois já perceberam sozinhos – respondeu Skage. – Estas granadas são embaladas em conjuntos de quatro por caixa. Restavam três na caixa que encontrámos em sua casa. Temos informações de que entregou a quarta granada ao Chris Paust Backe. O que queremos saber é se ele lhe disse o que pretendia fazer com ela.

O advogado folheou os documentos e inclinou-se para a frente.

– O que é que o próprio Backe diz sobre isso? – perguntou.

O cliente respondeu antes que Skage tivesse hipótese de dizer alguma coisa:

– Ele está morto – disse laconicamente. – Queimado até à morte num incêndio.

Tim Skage assentiu.

– O Chris Paust Backe morreu há três semanas – confirmou. – Quando foi a última vez que falou com ele?

Tallak Gleich hesitou. A boca de Wisting estava seca. Olhou em volta à procura de algo para beber, mas não foi capaz de largar o ecrã.

– Preste atenção – prosseguiu Skage. – Estou a tentar pôr todas as minhas cartas na mesa. Nos dias anteriores à morte do Backe, ele perguntou a algumas pessoas se lhe poderiam arranjar uma granada de mão. Temos razões para acreditar que essa granada foi usada quando o Tom Kerr fugiu. Isso quer dizer que ele provavelmente se encontrou com o Outro.

Tallak Gleich ia dizer alguma coisa, mas foi interrompido pelo advogado:

– Espere um minuto – disse este, levantando a mão. – Como é que o Backe morreu? Foi num incêndio?

– Está a ser investigado como morte suspeita – respondeu Skage.

– Homicídio? – perguntou o advogado.

– Essa é a nossa hipótese principal – verificou Skage.

O advogado olhou para o cliente.

– Podemos fazer uma pausa? – perguntou. – Precisamos de conversar.

Skage deu-lhes uma hora exata e anunciou a suspensão do interrogatório. O ecrã ficou negro. Wisting pôs a reprodução em pausa. Levantou-se, foi até à bancada da cozinha e encheu um copo com água. Esvaziando-o de uma assentada, encheu-o de novo antes de agarrar no portátil e o levar para a sala, onde poderia estar mais confortável.

A pausa acabou. Quando a entrevista foi retomada, o advogado foi o primeiro a falar:

– O meu cliente admite que entregou uma granada de mão e uma arma ao Chris Paust Backe, mas não tinha conhecimento do fim a que se destinavam.

– Ele disse alguma coisa a respeito de quem as queria? – perguntou Skage.

Tallak Gleich abanou a cabeça.

– Só que não as queria para si. Eram para outro tipo. O Chris era um desenrasca, alguém que era capaz de te conseguir qualquer coisa. O tipo de pessoa que procuras se precisas de alguma coisa.

– Quando é que foi isso?

– Uma semana antes de ele morrer.

Skage encorajou-o a fornecer mais pormenores sobre como Backe estabelecera o contacto e a descrever os trâmites da entrega.

– Falei com ele depois de entregar a mercadoria – disse. – Estava stressado. Muito nervoso.

– Então porquê?

– Talvez fosse mais como se estivesse confuso, como se se arrependesse de uma coisa que tinha começado. Ele estava diferente, de qualquer maneira, e não era só a barba. Parecia paranoico. Nem era capaz de parar sentado. Estava sempre a olhar para todo o lado, como se achasse que estava a ser seguido.

Wisting parou novamente a gravação. Algo no que Tallak havia dito estava a incomodá-lo. Recuou e passou a gravação mais uma vez.

– *Ele estava diferente, de qualquer maneira, e não era só a barba...*

Isto podia dar a entender que Chris Paust Backe adotara uma barba e alterara a sua aparência. Era um fragmento de informação que correspondia a outro. O homem que fingira ser Theo Dermann tinha barba. Claes Thancke pensara que fosse alguma espécie de disfarce. Que ele deixara a barba crescer antes de visitar o escritório com a carta que o advogado fora forçado a levar para a prisão.

Reiniciou a reprodução e esperou que Tim Skage continuasse, que lhe perguntasse pela barba, mas Skage não dispunha dos pontos de referência de Wisting e, como tal, não tinha motivos para atribuir qualquer importância a estas palavras. A entrevista simplesmente continuou.

– Quando foi isso?

– Alguns dias depois. Eu recebi o meu dinheiro. Foi a última vez que o vi.

Tim Skage inclinou-se para a frente como se quisesse esclarecer alguma coisa.

– Então, voltou a falar com ele, depois de ele entregar a granada de mão e a arma? – perguntou.

– Sim.

– Isso quer dizer alguns dias antes de ele morrer? – Tallak Gleich assentiu. – E tem a certeza de que ele entregou essas duas coisas?

– Sim. Senão, eu não tinha recebido o meu dinheiro.

Pelo canto do olho, Wisting apercebeu-se dos faróis de um carro na rua. Esticou o pescoço e viu o carro parar diante da casa de Line. Eram quase duas da manhã.

No ecrã, Tim Skage e Tallak Gleich tinham chegado à conclusão de que este devia ter entregado a granada de mão e a arma pelo menos três dias antes da morte de Backe.

Ele percebia por que motivo Skage estava preocupado com datas precisas. Não batia certo com o telefonema para Helene Norum. Wisting também presumira que as *coisas* que Backe dizia ter obtido seriam a granada de mão e a arma.

Bebeu do copo e ficou sentado com ele na mão até Skage anunciar que eram 23h17 e declarar o interrogatório encerrado. Wisting recostou-se com a

sensação de que havia algo ali que não batia certo. A informação tinha apenas algumas horas. Ele precisava de algum tempo para absorver e analisar tudo aquilo. Estritamente falando, já não era o seu papel nem a sua missão, mas simplesmente não conseguia ignorar.



Wisting adormecera na cadeira e foi acordado pelo toque do telemóvel. Faltava um quarto para as sete e o dia começava a nascer lá fora.

A chamada era de Hammer.

– Encontrei uma coisa interessante – disse ele.

Wisting aclarou a voz.

– Não conseguia dormir e passei a noite toda aqui sentado às voltas com os documentos do caso – continuou Hammer.

– Não tens o acesso barrado?

– Sim, mas isto está na base de dados do Semmelmann. Ainda podemos entrar nela.

– O diagrama dos relacionamentos?

– Os dados das telecomunicações – respondeu Hammer. – Estás em casa?

– Sim.

– Então, vou aí mostrar-te.

Wisting tomou um duche rápido e preparou um bule de café antes de Hammer chegar.

Sentaram-se juntos à mesa da cozinha. Hammer tinha levado o seu portátil, no qual arrumara sistematicamente os dados obtidos junto das diversas empresas de telecomunicações. Todas as conversas de telemóvel e mensagens de texto dentro da área de cobertura da pequena propriedade de Tom Kerr durante o período anterior ao incêndio. Perfaziam mais de um milhão de resultados, distribuídos por um período de três meses. A pequena propriedade situava-se num local isolado, mas dentro da mesma área de cobertura da autoestrada E6 e dos subúrbios orientais de Oslo.

– Ele e o cúmplice devem ter comunicado de alguma forma – começou Hammer. – O Semmelmann e a sua equipa verificaram todas as pessoas com

quem o Tom Kerr teve contacto por telefone, e não encontraram nada. – Wisting assentiu. – O que quer dizer que ele – ou ambos, aliás – deve ter usado telemóveis que não estavam registados em nome deles.

– Uma agulha num palheiro – observou Wisting.

– O grupo do Semmelmann também mapeou os movimentos do Tom Kerr no período anterior à detenção, cinco anos antes. Eles sabem onde ele estava a trabalhar, por exemplo. Às vezes passava dias a fio sem ir a casa. Ele esteve envolvido na construção de um novo complexo de piscinas em Mosjøen. Ficou lá duas semanas. Eliminei todos os números que estavam ativos durante o período em que sabemos que o Tom Kerr *não estava* em casa e apaguei-os por completo dos dados.

– Isso não tinha sido feito antes?

Hammer pegou numa caneca e ergueu-a enquanto Wisting lhe servia um pouco de café.

– Bem, tudo o que eu sei é que não há nenhuma lista revista no material que recebemos do Semmelmann – respondeu, antes de levar a caneca à boca e beber um pouco. – Isso ainda nos deixa com muitas conversas e mensagens, mas a maioria das outras pessoas que vivem naquela vizinhança ou frequentam regularmente a área foi eliminada. O material restante é muito mais fácil de tratar.

– O que é que encontrei? – perguntou-lhe Wisting.

– O meu ponto de partida foi a ideia de que o Outro também teria condenações anteriores. Separei todos os telefones registados em nome de criminosos.

– O grupo do Semmelmann também viu isso – objetou Wisting.

– Exato, mas pensei que seria interessante dar-lhes mais alguma atenção, mesmo assim. Os telefones emprestados têm o hábito de ir dar uns passeios entre a comunidade criminosa.

Assentindo, Wisting bebeu da sua caneca.

– Estamos a falar de 122 telefones diferentes registados em nome de indivíduos com antecedentes criminais – prosseguiu Hammer –, trinta e quatro deles condenados por agressão sexual. – Virou o ecrã do computador para Wisting. – Estes dois são os mais interessantes – disse ele, apontando.

O ecrã apresentava um quadro geral das comunicações entre dois números. Conversas e mensagens listadas por ordem cronológica, acompanhadas de data e hora.

– Steffen Skjeberg e Tormod Jahren – leu Wisting em voz alta. – Quem são?

– Presos por crimes sexuais – respondeu Hammer. – O Steffen Skjeberg foi condenado por agressão e violação no Parque Tøyen. O Tormod Jahren por incesto e distribuição de pornografia infantil.

Pela expressão dele, Wisting percebeu que havia mais. Hammer apontou para a coluna da data no ecrã.

– A questão é que ambos estavam na prisão naquela altura – disse ele –,

o Skjeberg em Ullersmo e o Jahren em Ila. Eles receberam penas pesadas. O Steffen Skjeberg morreu há dois anos, com sessenta e dois anos. O Jahren está com vinte e nove e foi posto cá fora no ano passado. Tem um número de telemóvel diferente agora. Eles são de partes diferentes da cidade e não há nada que sugira que se conhecessem.

– Alguém deve ter pago para usar o telemóvel? – propôs Wisting.

– Podiam ser daqueles débitos diretos automáticos que continuam até que a assinatura seja cancelada – disse Hammer. – Ou daqueles contratos que se aplicam apenas a um cartão SIM... recarregados com um cartão pré-pago que podes comprar em qualquer loja. Qualquer um pode fazer isso.

Wisting percebeu. Na altura em que aquelas subscrições apenas para cartão SIM tinham sido feitas, não era necessário registar dados pessoais, embora as regras se tivessem tornado mais rigorosas mais recentemente. Quem quisesse manter a sua assinatura pré-paga ou adquirir uma nova, agora tinha de apresentar um documento de identidade. Desde que a assinatura não fosse bloqueada, em princípio, qualquer um podia pagar os custos de operação sem ser identificado.

– Isto foi há mais de cinco anos – continuou Hammer. – Todos os outros dados do utilizador presentes nas assinaturas foram apagados. Só temos o que foi recolhido na altura para mapear o uso do aparelho nas redondezas da propriedade do Tom Kerr. – Puxou a lista para cima no ecrã antes de prosseguir: – A última vez que os dois telemóveis estiveram em contacto foi oito horas antes da tentativa de sequestro da Freja Bengtson – disse então. – Antes de tudo dar para o torto e o Tom Kerr acabar detido.

– Encontrei o ponto em comum entre eles – disse Wisting.

Eles estavam mesmo a fechar o cerco agora, algo que poderia representar um progresso significativo. Ao mesmo tempo, a inquietação de Wisting tinha voltado, a sensação torturante de que havia algo ali que não batia certo. Não o abandonara durante o sono na noite anterior. Agora estava de volta e com toda a força, com uma intensidade acrescida. Havia algo de gravemente errado ali.

Hammer virou o portátil para si.

– Temos de dizer ao Semmelmann que preste atenção a isto – disse.

Wisting levantou-se e foi até à janela. O carro de Line ainda estava à frente da casa.

– Acho que devíamos guardar isso para nós – disse ele.

– Como assim?

Wisting virou-se para ele.

– De onde vêm os telemóveis? – perguntou, mas depois reformulou: – Onde é que são guardados os telemóveis quando o proprietário é preso?

Wisting podia ver que Hammer tinha percebido o que ele queria dizer. Os telemóveis eram retidos como prova, especialmente no caso de crimes sexuais. Fotografias e outros conteúdos eram vasculhados em busca de uma eventual documentação dos crimes. Depois disso, ficavam armazenados no

armazém da polícia destinado ao material apreendido. Se tivessem sido usados em ligação com algum ato criminoso, eram confiscados e destruídos. Alguns telemóveis eram entregues a familiares ou enviados para a prisão juntamente com outros pertences pessoais, onde eram guardados até à libertação do proprietário, mas a maioria ficava nas mãos da polícia.



Já era dia no quarto quando Line acordou. Ela tinha-se esquecido de baixar a persiana quando se deitara na noite anterior. O céu lá fora estava cinzento-escuro, as nuvens carregadas de uma chuva iminente.

Estendendo a mão para agarrar no telemóvel que deixara na mesa de cabeceira, desligou-o do carregador. Eram sete e quarenta e nove. Nenhuma mensagem. Os jornais *online* tinham poucas notícias. Os artigos apresentavam títulos diferentes, mas eram uniformes no seu conteúdo. Limitavam-se a recontar o que acontecera quando Tom Kerr tinha fugido e descreviam a fuga como um erro policial cuja investigação estava em curso. Fotografias do pai dela, da altura da comunicação à imprensa em Eftang, eram usadas como ilustração.

A TV2 era o único meio de comunicação que conseguira obter um comentário de Claes Thancke. O advogado de defesa mostrava-se taciturno, limitando-se a confirmar que fora informado de que o seu cliente tinha sido encontrado morto e que não se ia entregar a especulações. O artigo vinha acompanhado de uma imagem extraída do vídeo que ela fizera aquando da fuga de Tom Kerr, mas os créditos não eram atribuídos a ela nem à polícia.

Idar Semmelmann recusara-se a fazer mais comentários após a conferência de imprensa improvisada da noite anterior.

Da forma como a polícia reorganizara a investigação, o seu papel era fundamental na narrativa do que tinha acontecido. Se o caso fosse resolvido, ele seria o herói do momento. Ao mesmo tempo, Line provavelmente teria de dar uma perspetiva negativa à história no que respeitava aos preparativos feitos pela polícia para a visita durante a qual Tom Kerr tinha fugido. O pai dela não sairia bem visto.

De momento, o que acontecera ainda lhe parecia irreal e difícil de compreender. Ela sentia-se desorientada por causa de toda a incerteza que

rodeava Maren Dokken.

Afastando a colcha, sentou-se, fazendo por não pensar no que aquela agente poderia ter passado. Já na casa de banho a tomar um duche, deixou a água correr durante muito tempo e tentou concentrar-se no trabalho. Aquilo era muito diferente de cobrir uma notícia em curso. A diferença era simplesmente que ainda ia demorar muito até que ela pudesse apresentar o material que tinha reunido.

IA ter de tentar convencer Claes Thancke a falar com ela, pensou. O dever praticamente o obrigava a aparecer. Agora que o seu cliente estava morto, seria o único capaz de falar em nome dele.

A água começa a arrefecer. Ela acabou de se lavar, enrolou uma toalha em volta do corpo e prendeu-a sob as axilas antes de ir para a cozinha. Sentou-se e procurou o número do escritório jurídico de Thancke, mas a chamada foi diretamente para um atendedor e só então ela se deu conta de que era sábado. O escritório estava fechado e foi-lhe indicado um número para usar em caso de emergência.

Na página *online* não havia nenhum número direto dos advogados do escritório. Era provável que ela pudesse obter o número pessoal de Thancke junto do pai ou de Stiller, mas não havia de ser a única a tentar falar com ele.

Em vez disso, optou por escrever um *email* no qual se apresentava a si e ao seu projeto, referindo-se ao facto de se terem conhecido durante a visita ao local e solicitando uma reunião sem qualquer compromisso. Para ser franca, não esperava ter resposta. Ele ia provavelmente ser inundado com perguntas dos *media*, mas uma abordagem inicial sempre facilitaria um posterior desenvolvimento.

Livrando-se da toalha molhada, voltou ao quarto para se vestir. O telemóvel zumbiu para indicar a receção de uma mensagem de texto, mas ela ignorou-o até estar vestida e pronta. Era de Sofie, perguntando-lhe se poderia ficar com as filhas de ambas enquanto ela resolvia uns assuntos.

Não lhe dava mesmo jeito nenhum. Tinha muito em que pensar, mas não tinha como recusar.



O motor do frigorífico arrancou, um zumbido ligeiro.

Wisting e Hammer encontravam-se sentados em lados opostos da mesa da cozinha. Nenhum dos dois falava. Ambos estavam a considerar as implicações da descoberta que tinham acabado de fazer.

– Telemóveis pretos – disse Wisting. – Não seria a primeira vez.

Tratava-se de uma prática cujas raízes podiam ser encontradas na investigação de crimes relacionados com drogas e no tratamento de informadores. Tornara-se uma expressão que eles usavam. Um telemóvel preto era um que havia sido apreendido como prova relacionada com uma investigação, mas que os investigadores da brigada de narcóticos subtraíam indevidamente do depósito da polícia e usavam para manter o contacto com os seus informadores. Deste modo, reduziam o risco de outros associados no mundo da droga poderem expor uma fonte. As suas conversas não podiam ser rastreadas até à polícia, mas, aparentemente, as chamadas eram feitas para outros criminosos. Era uma prática que se situava nos extremos da Lei. Tudo o que fosse utilizado em ligação com atividades criminosas era confiscado em benefício do erário público. Um veículo contrabandeado podia ser vendido num leilão de carros usados. Um telemóvel usado não tinha valor de revenda significativo e era destruído se o proprietário não tivesse o direito de o reaver.

– Vamos ter de analisar estes casos antes de podermos fazer qualquer coisa – disse Hammer. – Descobrir se os telemóveis foram apreendidos como prova. Ver se foram devolvidos ou confiscados.

– Mas os casos não pertencem ao nosso distrito – observou Wisting. – Não temos acesso a eles.

Puxou o seu portátil para si e procurou-os mesmo assim no sistema de dados, conseguindo localizar os números dos respetivos casos, mas, se quisesse consultar os documentos eletrónicos, alguém teria de os transferir. O

sistema de dados tinha uma capacidade limitada. Cada investigador individual dispunha apenas de acesso de leitura aos casos do seu distrito policial. Além disso, estes casos em específico tinham mais de cinco anos e possivelmente estavam armazenados em ficheiros eletrónicos. Muito provavelmente, teriam de recorrer ao departamento informático se quisessem extraí-los.

– O Stiller – sugeriu Hammer. – O pessoal do grupo dos Casos Arquivados, como o próprio nome indica, está sempre a ir buscar casos aos arquivos.

– Mas não estamos a falar de casos sem solução – referiu Wisting.

– Mas ele deve ter acesso a todo o país – disse Hammer. – Pode obtê-los num instante. Liga-lhe!

Wisting pegou no telemóvel e encontrou o número.

– Onde é que estás? – perguntou assim que Stiller atendeu.

– Em casa. Há novidades?

– Em certa medida. Precisamos da tua ajuda com uma coisa.

Explicou-lhe o que tinham descoberto e o que precisavam.

– Dá-me vinte minutos – disse Stiller.

Haviam passado dezoito minutos quando ele ligou de volta.

– Tens razão – disse. – Há várias questões: quando foram interrogados, o Steffen Skjeberg e o Tormod Jahren deram os números de telefone que vocês encontraram. Os dois estavam na prisão quando os aparelhos foram usados em Østmarka, mas isso já tu sabes.

– Os telemóveis foram levados como prova? – quis saber Wisting.

– Sim. Foram examinados pelo centro de crimes informáticos, mas não confiscados.

Nos crimes sexuais, quaisquer telefones eram verificados rotineiramente com o intuito de encontrar material comprometedor. O facto de os aparelhos não terem sido apreendidos queria dizer que nenhum dos arguidos tinha nos seus telemóveis fotografias ou filmes relacionados com os seus crimes.

– Os aparelhos estão listados como tendo sido devolvidos aos respetivos proprietários – disse Stiller.

Wisting abanou a cabeça. Não podia ser.

– Os cartões SIM podem ter sido retirados – sugeriu Hammer. – Usados noutro aparelho.

Stiller não havia terminado:

– Nem o Skjeberg nem o Jahren os levantaram – acrescentou.

Isto não era invulgar. Uma vez pronunciada a sentença, todas as provas materiais tinham de ser organizadas antes que o caso pudesse ser arquivado. Isto geralmente terminava com os objetos pessoais a serem colocados num envelope e, a menos que houvesse dinheiro envolvido, ou joias ou outros objetos de valor, o envelope era enviado pelo correio. O investigador que encerrava o procedimento probatório era a única pessoa que assinava a declaração.

– Quem é que os levantou? – perguntou Wisting.

– O telemóvel do Skjeberg era acompanhado de um molho de chaves – respondeu Stiller. – Isto foi tratado pela Lina Streif, que agora está à frente dos Crimes Sexuais. – Parou por um momento antes de continuar: – O do Tormod Jahren foi levantado pelo Inspetor-Chefe Idar Semmelmann. Cinco dias antes de ser usado.



O silêncio reinava nos corredores da esquadra. A investigação fora transferida para Oslo, mas a grande sala de reuniões ainda estava preparada para a busca de Tom Kerr. O diagrama de relacionamentos de Semmelmann continuava pendurado na parede e os dossiês cheios de dicas e denúncias dispostos sobre a mesa.

Stiller havia chegado de Oslo. Hammer fechou e trancou a porta atrás de si.

– Devíamos ir falar com a chefe de polícia – disse Wisting.

Stiller sentou-se na ponta da mesa de reuniões e pegou no seu portátil.

– Vocês foram retirados do caso – disse ele. – Tenho uma reunião com ela às quatro da tarde. Temos de compilar os factos para lhes podermos apresentar.

Wisting queria perguntar-lhe que tipo de reunião tinha agendada com a chefe de polícia, mas não disse nada.

– Por onde é que começamos? – perguntou Hammer.

– Temos de encontrar algum ponto de intersecção – respondeu Stiller. – Um ponto de partida. O Tom Kerr foi condenado três vezes, mas no início da década de 2000 o Claes Thancke safou-o de uma acusação de violação. Por causa de um erro técnico, mau trabalho policial.

Abriu o caso no ecrã do portátil. Os documentos estavam listados por número, descrição e nome do detetive que redigira o relatório. Um nome aparecia constantemente: Idar Semmelmann.

Hammer agarrou num marcador que viu em cima da mesa. Livrando-se do seu boné vermelho, levantou-se e foi até ao diagrama de relacionamentos na parede.

– Está incompleto – declarou.

Pretendia ser uma visão geral de todas as pessoas que de uma forma ou

de outra estavam ligadas a Tom Kerr. Pessoas com quem ele tivera vários tipos de relacionamento. Ligações próximas e distantes. No entanto, não incluía nenhum polícia.

O marcador chiou quando Hammer desenhou um novo círculo à volta dos mais próximos de Tom Kerr. Ele hesitou em escrever qualquer coisa e acabou por deixá-lo em branco. Nenhum deles verbalizara a ideia de que um polícia pudesse ser o Outro.

– A Helene Norum tem um número de telefone oculto – disse Wisting em apoio a esta teoria implícita. – Ela disse-o na entrevista. Alguém lhe telefonou na noite em que o Chris Paust Backe morreu. Alguém que tinha acesso ao número dela.

Outro pormenor veio à tona.

– A barba – disse ele. – Tenho de telefonar ao Tim Skage.

Sem mais explicações, pegou no telemóvel e ligou para o investigador de Oslo Vest.

Skage lançou-se num longo pedido de desculpas sobre o modo como a investigação se encontrava agora organizada.

– Isto não passa de uma grande treta, tudo – disse. – E, com tanta gente, foram logo nomear o Semmelmann como responsável.

– Conseguiu falar com o Tallak Gleich – observou Wisting.

– Sim, enviei-lhe um *link* para o vídeo dos interrogatórios com ele e com a Helene Norum – confirmou Skage. – Não lhes conseguimos sacar muito coisa, é um facto, mas fiquei com a nítida impressão de que o Chris Paust Backe estava envolvido em qualquer coisa que de alguma forma se descontrolou.

– Eu vi o interrogatório – disse Wisting. – Ele diz qualquer coisa a respeito de uma barba. O Backe tinha barba?

– Normalmente não, e não quando morreu. Tinha-a rapado na altura, suponho, mas estivemos a monitorizar-lhe os movimentos e temos alguns vídeos dele com barba. – Wisting pediu-lhe mais pormenores. – Estava relacionado com o uso do cartão – explicou Skage. – Temos uma lista de todos os lugares onde ele usou o cartão do banco.

Wisting percebeu. Tratava-se de um procedimento de rotina em todas as investigações importantes.

– Também recolhemos imagens de vídeo das caixas automáticas para clientes que estavam equipadas com CCTV – continuou Skage. – Praticamente todas, para dizer a verdade.

– Pode enviar-me isso? – perguntou Wisting.

– Mas já não está no caso, pois não?

– Tenho uma agente novata que desapareceu – respondeu-lhe Wisting. – Não vou largar isto enquanto ela não for encontrada.

– Vou pôr tudo numa pasta e enviar um *link* – disse Skage. – Mas não há lá nada. Ele aparece sempre sozinho.

– De qualquer forma, obrigado – respondeu Wisting.

Skage resmungou algo incompreensível.

– O Semmelmann nunca devia ter ficado à frente disto – repetiu. – Fizeram-no só para se livrarem dele. Ele nunca devia ter recebido este tipo de responsabilidade.

– Quem é que se queria livrar dele?

– As chefias – respondeu Skage. – Ele trabalhou durante anos nos Crimes Sexuais, sabe? Foi subindo até chegar ao cargo de inspetor-chefe e depois chefe de secção, mas isso tornou-se um problema passado algum tempo.

– Como assim?

– Apenas um boato, mas o pessoal achava que ele próprio era um tarado. Dizia-se que demorava demasiado tempo a examinar o material apreendido como prova. Guardava para si a análise dos filmes de abuso sexual. Também se dizia que ele gostava que as vítimas de violência sexual lhe descrevessem tudo aquilo a que tinham sido submetidas. Até ao mais ínfimo pormenor. Houve algumas reclamações, mas nunca conseguiram apanhá-lo em nada. Quando o Tom Kerr foi detido, eles aproveitaram para transferir o Semmelmann, puxaram-no para o lado e puseram-no à frente de um grupo encarregado de tentar encontrar o cúmplice. Há cinco anos que ele anda nisso. Talvez consiga agora, mas tenho as minhas dúvidas. Já o disse antes e volto a dizer: ele nunca devia ter ficado com aquele trabalho.



Tinha começado a chover de novo. Wisting foi até à janela, levantou um pouco a persiana e espreitou lá para fora. Um homem com um guarda-chuva vermelho atravessava a rua apressadamente.

O computador deu um sinal. Tim Skage enviara-lhe a impressão da conta bancária de Chris Paust Backe e as fotografias das câmaras das caixas automáticas. Stiller e Hammer estavam um de cada lado enquanto ele abria cada uma das imagens. Viram Backe à frente da máquina em várias lojas, com diversas roupas. A barba ia ficando maior e mais densa em cada imagem e acabava por lhe cobrir toda a parte inferior do rosto.

Numa das últimas imagens, ele também apresentava um penso na face direita e sob o olho esquerdo. O carimbo da data indicava que tinha sido tirada no dia 20 de agosto às 14h37.

– Onde foi isso? – perguntou Stiller.

Wisting verificou o nome do ficheiro.

– Deli de Luca em Akersgata – leu ele em voz alta. – Centro da cidade de Oslo, a poucos passos do escritório do Claes Thancke.

– Foi ele quem lá esteve, sem dúvida – disse Stiller. – Ele é o Theo Dermann.

– Não passa de um mensageiro – interrompeu Hammer. – Um peão que foi usado. Alguém que podia obter armas e fazer recados.

– Alguém de quem ele tinha de se livrar, mais precisamente – acrescentou Stiller. – Uma frigideira esquecida no fogão. Todos os polícias já viram incêndios desses. É uma das primeiras coisas que os técnicos procuram. Raramente fazem qualquer investigação adicional depois disso.

Levantando-se de novo, Wisting voltou à janela e abriu-a ligeiramente. O ar que entrou era fresco, mas húmido.

– Precisamos de mais – disse.

– Não podemos esperar – insistiu Hammer. – Se ele tem a Maren Dokken, então, cada hora conta. Cada minuto, na verdade.

Stiller encontrara o endereço de Semmelmann.

– Ele é divorciado e vive sozinho. Não tem filhos.

– Deve ter um lugar que possa usar – disse Hammer. – Um lugar que não seja dele, mas ao qual tenha livre acesso. É o mesmo que saber que a oficina de soldadura onde encontrámos a carrinha estava vazia.

– Podemos pô-lo sob vigilância? – perguntou Wisting.

Stiller abanou a cabeça.

– Não posso enviar uma equipa sem lhes dizer o que estão a fazer.

– Onde é que ele está agora? – perguntou Hammer.

– Provavelmente no trabalho – respondeu Stiller. – No escritório dele. Posso descobrir. Invento uma desculpa para lhe ligar.

– Podias perguntar-lhe se investigou a dependência da segurança social em Sagene – sugeriu Wisting. – A chamada para o Claes Thancke veio de lá, de um telefone usado por quem está à procura de emprego. Ele devia ver o que se passa, verificar se alguém se lembra de um homem com barba no dia 20 de agosto.

Hammer estava a ficar impaciente.

– Podíamos segui-lo – disse. – Usar os nossos carros. Não se passaram mais de quarenta horas desde que a Maren desapareceu. Ele reteve as outras durante pelo menos três dias. Poderia muito bem levar-nos a ela.

– Ele é um investigador experiente – lembrou-lhe Wisting. – Havia de reconhecer os nossos carros e percebia num instante que estava a ser seguido.

– Posso instalar um rastreador se encontrarmos o carro dele – sugeriu Stiller. – Assim, podemos manter-nos à distância.

Hammer, já de casaco na mão, olhou para Wisting.

– Estás comigo? – perguntou.

Havia algo de precipitado nesta sugestão, mas continha ao mesmo tempo uma lógica simples.

– Sim, estou contigo – concordou Wisting.

Foi o último a abandonar o pátio traseiro da esquadra e já perdera Hammer de vista antes sequer de chegar à autoestrada. Bátegas de água castigavam o para-brisas, reduzindo a visibilidade.

Depois de uma hora ao volante, Stiller telefonou, colocando todos os três veículos em teleconferência:

– Falei com ele. Estava no escritório. Combinámos uma coisa. Eu vou até lá. Ele encontrou uma ligação entre o Chris Paust Backe e o Johannes Norum. Eles cumpriram pena juntos na prisão em Oslo. O telefonema para a ex-mulher do Norum na noite em que o Backe foi morto dá a entender que ele pode estar envolvido.

– Isso faz parte do faz-de-conta – disse Hammer. – A chamada para a Helene Norum foi uma cortina de fumo, uma distração para o caso de ser aberta alguma investigação.

– Vou até lá para dar uma olhadela – disse Stiller. – Eles estão a trabalhar com a teoria de que foi alguma espécie de ataque de vingança.

Wisting saiu da estrada e entrou numa bomba de gasolina.

– Isso dá-nos algum tempo, então – disse, dirigindo-se a Hammer: – Tens o endereço do Tormod Jahren? Precisamos de falar com ele sobre o telemóvel que foi confiscado.

– Fica em Stovner – respondeu Hammer. – Mando-te o endereço e o novo número de telemóvel dele.

Wisting parou à frente das bombas de gasolina, esperou até que a teleconferência terminasse e saiu para atestar o depósito. Depois, voltou à estrada, saindo na circular 3 e seguindo as direções até aos blocos de apartamentos que rodeavam o centro da cidade de Stovner. A chuva fazia-se ouvir no tejadilho. Deixou-se ficar dentro do carro no enorme parque de estacionamento, procurou a mensagem de Hammer e ligou para o número que este lhe enviara. Sem realmente esperar uma resposta, ficou espantado quando Tormod Jahren atendeu imediatamente e se apresentou com o seu nome completo.

Wisting apresentou-se também e explicou que era da polícia.

– Estou a investigar uma suspeita de apropriação indevida de itens que se encontravam no depósito de provas da polícia – começou. – Há uma coisa sobre a qual gostaria de falar consigo.

– Que tipo de investigação? – perguntou Jahren. – Já faz muito tempo que não tenho nada a ver com a polícia.

O ceticismo na sua voz era óbvio.

– Estou em Stovner de momento – continuou Wisting. – Poder-nos-íamos encontrar?

– Não estou em casa – respondeu Jahren apressadamente.

Wisting olhou para os blocos de apartamentos à sua frente. Não tinha uma ideia exata de onde Jahren morava, mas pensou que poderia muito bem estar em casa.

– Para ser mais específico, existe a suspeita de que um polícia possa ter roubado itens apreendidos como prova – disse. – Existem alguns objetos pessoais que não conseguimos explicar. Esperava que me pudesse ajudar a esclarecer alguns pormenores.

– Não podemos tratar disso pelo telefone? – perguntou Jahren.

Normalmente, Wisting ter-se-ia empenhado mais em assegurar a oportunidade de falar cara a cara com o homem, mas desta vez decidiu não o fazer.

– Foi detido há seis anos e meio – começou. – Entre os pertences que a polícia lhe confiscou estavam o seu equipamento informático e o seu telemóvel. – O homem do outro lado permaneceu em silêncio. – Consegue lembrar-se do tipo de telemóvel que tinha na altura?

– Era um Sony Xperia. Agora também tenho um, mas é o modelo mais recente.

– Lembra-se do número?

Tormod Jahren hesitou. Começou a recitar um número, mas depois percebeu que afinal não se lembrava.

– E lembra-se do tipo de assinatura que tinha?

– Era um pré-pago, um cartão recarregável.

Wisting assentiu.

– E sabe onde é que esse telemóvel está agora?

– Não faço a mínima ideia.

Wisting percebeu que tinha feito mal a pergunta.

– Foi-lhe devolvido?

– Sim, mas não faço ideia do que foi feito dele. Ficou tão desatualizado enquanto eu estava dentro. Acho que o deitei fora e comprei um novo.

– Então, foi-lhe devolvido, garantidamente?

– Estava entre as minhas coisas quando saí. Acho que deve ter estado sempre no depósito da prisão, juntamente com outros pertences pessoais de que eu não precisava ou que não podia ter comigo na cela.

– Então, podemos dizer que, definitivamente, o recebeu quando foi libertado?

– Isso, a minha carteira e as minhas chaves, embora eu já não tivesse aquele apartamento. Havia algumas outras coisas também... cartões de memória e uns CD. Não faltava nada quando saí. Acho que não o posso ajudar.

No entanto, Wisting não estava pronto para dar a conversa por encerrada:

– Então, enquanto cumpria pena, os seus pertences foram transferidos da polícia para a prisão?

– Imagino que sim. Pelo menos, estavam lá quando saí.

– Lembra-se de quando foi isso?

– Não faço a mínima. Vai ter de perguntar na prisão.

As respostas de Tormod Jahren não eram tão inequívocas quanto ele esperava, mas deram-lhe uma ideia inesperada.

– Esteve em Ila? – perguntou Wisting.

– A princípio, sim. No último ano, trancaram-me em Berg, no distrito de Vestfold. Foi lá que recebi as minhas coisas quando saí, mas provavelmente tinham sido transferidas quando me levaram para lá.

– Quem era o seu guarda de contacto em Ila? – tentou Wisting.

– Tive vários – foi a resposta. – Alguns deles foram-se embora ou foram substituídos. – Mencionou alguns nomes. – E depois houve aquele chamado Molander – acrescentou.

As sobranceiras de Wisting quase saltaram ao imaginar aquele guarda prisional arrogante, com a camisa do uniforme amarrotada, que estivera presente enquanto revistavam a cela de Tom Kerr.

– Fredrik Molander? – perguntou.

– Sim, mas ele candidatou-se ao centro de detenção e começou a

trabalhar lá.

Wisting inclinou a cabeça e olhou pela janela. Algo começava a ganhar forma, a princípio apenas um delgado e modesto raio de luz, mas que se abria para lhe revelar uma possibilidade. A possibilidade de uma explicação alternativa. Não seria mais difícil para um funcionário da prisão apropriar-se indevidamente de um telemóvel do que para um detetive. Muito pelo contrário. Ele não estava familiarizado com o sistema nem com as rotinas, mas o acesso seria, no mínimo, mais fácil e o risco menor.

Encerrou a conversa. Os limpa-para-brisas corriam o vidro e livravam-se da chuva. Ele ficou ali sentado durante mais alguns minutos antes de sair e ligar a Hammer.

– O Stiller está na esquadra agora – disse-lhe ele. – Estou aqui fora à espera. Pode demorar um bocado. Falaste com o Jahren?

Wisting descreveu-lhe a conversa com Tormod Jahren, mas absteve-se de partilhar o que pensava a respeito do resultado da dita.

– Vou até Ila – concluiu. – Quero saber quando é que o telemóvel lá chegou.

Eles sabiam quando é que a polícia tinha entregado o telemóvel. Fora três semanas antes de Tom Kerr e o seu cúmplice sequestrarem a primeira vítima. Mas não sabiam quando é que o telemóvel tinha chegado à prisão. A hora era o cerne da questão, apontando para onde as suspeitas os poderiam levar.



O enorme edifício da prisão estava envolto numa névoa cinzenta. Uma mulher com dois filhos pequenos, uma menina e um menino, ambos com cerca de dez anos, aguardava na entrada dos visitantes. Wisting apresentou a sua identificação policial e seguiu-os pela porta de segurança de metal quando esta se abriu.

Estavam a contar com ele. Tinha telefonado com antecedência e dito ao que ia. O diretor da prisão não se encontrava de serviço naquele dia, mas um guarda prisional superior recebeu-o num gabinete pouco espaçoso. De ombros largos, estava sentado inclinado para a frente, com os antebraços apoiados na secretária e as mãos cruzadas.

Wisting explicou que estivera ali três dias antes e revistara a cela de Tom Kerr.

– Falámos com o guarda de contacto dele – acrescentou. – Fredrik Molander. Ele está cá hoje?

O outro abanou a cabeça.

– Não, lamento. Está a tirar uma folga – disse ele. – Convém-nos que o faça agora que o Kerr não está na secção.

– Mas ele já tinha estado de baixa, não? – lembrou Wisting.

– Sim. Voltou pouco depois de o Kerr fugir. – O guarda mudou de posição na cadeira. – Mas fiquei com a ideia de que se tratava de outra coisa. Um ex-recluso? Tormod Jahren?

– Sim – confirmou Wisting, percebendo que ia ter de explicar por que motivo queria ver aquela pasta. – Parece que a polícia de Oslo cometeu um erro no tratamento das provas no caso dele – disse, para se certificar de que o outro percebia que não suspeitava de que os funcionários prisionais tivessem feito algo de censurável. – Uma confusão – acrescentou. – Só se descobriu agora.

O guarda parecia longe de estar convencido, mas não fez comentários. Virando-se para a direita, pegou numa pasta e empurrou-a sobre a secretária.

Continha o nome e o número de recluso de Tormod Jahren.

– Onde são guardados os pertences pessoais dos prisioneiros enquanto eles cumprem a pena? – perguntou Wisting.

– No depósito de pertences – respondeu o guarda, sem mais explicações quanto à localização do mesmo ou a quem lhe tinha acesso.

Wisting abriu a pasta. Os papéis no topo diziam respeito à transferência para a prisão de Berg. Continham uma lista de objetos de valor e pertences que o transporte havia entregado na nova prisão. Um funcionário tinha assinado contra a receção dos mesmos. O nome era quase ilegível. A lista em si era uma impressão de computador com um registo preciso de filmes em DVD, CD, livros e revistas, tudo mencionado pelo respetivo título. Vários cartões de memória com a respetiva capacidade de armazenamento aproximada. Sapatos, botas, calças, casacos e outras peças de vestuário listadas por marca. Uma carteira sem dinheiro, mas com uma descrição precisa dos cartões bancários e documentos de identificação, um molho de chaves com o número exato indicado e um telemóvel Sony Xperia.

No fim da pasta havia uma lista mais pequena da altura em que Jahren iniciara a sua pena de prisão. Havia menos filmes, livros e CD, e nenhuma chave, cartão de memória ou telemóvel. O próprio Jahren assinara os itens que havia entregado para armazenamento. A descrição extremamente pormenorizada de cada item era um recurso prático para evitar que os reclusos posteriormente alegassem que algo estava em falta.

Wisting folheou os papéis. Cada vez que Jahren trocava CD ou roupas, a transação era registada sob a forma de um novo documento numerado e datado. Parecia que o guarda de contacto era o responsável pela lista. O nome de Fredrik Molander aparecia repetidamente no campo destinado à receção.

Depois do Natal, a lista tornava-se maior. Vários filmes em DVD, CD e livros. Wisting examinou-a até encontrar o que procurava. Os seus olhos percorreram o texto mais de uma vez enquanto uma sensação lhe começava a crescer dentro do peito.

Três itens. Carteira, chaves e telemóvel. *Transferidos da polícia* era o que Fredrik Molander tinha escrito. Os três itens tinham sido assinados seis dias após a detenção de Tom Kerr.

– Encontrou o que procurava? – perguntou o guarda.

Quando Wisting ergueu os olhos, percebeu que era a segunda vez que o outro lhe perguntava isto.

– Sim – respondeu, retirando a folha de papel. – Esta data é gerada automaticamente?

Apontou para o campo à direita e o outro esticou o pescoço.

– Sim – foi a resposta.

Wisting detetou uma hesitação.

– Mas...? – perguntou.

– Pode ser substituída – acrescentou o guarda. – Muitas vezes, os itens podem ser deixados durante algum tempo na sala de serviço antes de serem transferidos para o depósito. O registo pode apresentar uma data anterior para bater certo com o que está factualmente correto.

– O sistema policial funciona da mesma maneira – disse Wisting, para evitar dar a impressão de que estava a atribuir culpas.

Agitou a página no ar.

– Posso ter uma cópia disto, por favor?

O guarda parecia cético, como se já tivesse ido longe demais ao permitir-lhe que inspecionasse aqueles registos sem um mandado. No entanto, levantou-se e levou a página consigo. Estava de volta pouco tempo depois; entregou uma cópia a Wisting e devolveu o original à pasta. Wisting teve de olhar mais uma vez para ter a certeza de que era como tinha pensado. De que tinha lido bem. Depois, dobrou a folha em duas e guardou-a no bolso interior. Estava em ânsias para se ir embora, mas uma ideia súbita deteve-o.

– Poder-me-ia verificar mais uma coisa? – perguntou.



Eram várias as chamadas perdidas no telemóvel quando este foi devolvido a Wisting após a visita à prisão, duas delas dos Assuntos Internos. Provavelmente, queriam que ele fosse a um segundo interrogatório. Por esta altura, já deviam ter alterado o seu estatuto de testemunha para suspeito.

Ele ainda não tivera oportunidade de verificar as outras chamadas quando Stiller lhe telefonou:

– Não desligues – pediu Wisting –, para eu poder incluir o Hammer também.

Wisting meteu-se no carro e já se dirigia para a estrada antes de retomar a chamada:

– Eles decidiram chamar o Johannes Norum para um interrogatório – disse-lhe Stiller.

– Vão transformá-lo num bode expiatório – aventou Hammer.

– É possível que sejam capazes de cozinhar alguma coisa que faça parecer que ele ajudou o Tom Kerr a fugir para depois se vingar dele, mas não conseguem transformá-lo num cúmplice – disse Stiller.

– Isso não tem lógica nenhuma – afirmou Hammer. – Porque é que ele havia de matar o Tom Kerr antes de ele nos mostrar onde a tinha enterrado? O Kerr ia dizer-nos onde estava a filha do Norum e o que se tinha passado.

– Conseguiu colocar o rastreador? – perguntou Wisting.

– Na pasta do portátil – respondeu Stiller. – Recebo uma mensagem se ele se deslocar mais de dez metros.

– Mais alguma novidade? – perguntou Hammer.

– Os técnicos acabaram de analisar a carrinha que vocês encontraram na oficina de soldagem em Revetal – respondeu Stiller. – O veículo foi originalmente registado na Suécia e dado como roubado há seis meses. As matrículas foram retiradas de uma carrinha idêntica em Asker.

Wisting assentiu. Já sabia das matrículas.

– Basicamente, é a mesma manobra que foi usada quando o Tom Kerr e o ajudante levaram as outras raparigas – continuou Stiller. – A nossa hipótese é que a oficina seria incendiada algum tempo depois, quando já não fosse provável associarmos o incêndio ao sequestro da Maren Dokken.

Wisting passou para o centro da estrada e ultrapassou uma motocicleta.

– Alguma notícia da Maren? – perguntou.

– Não – foi a resposta de Stiller. – Eles acreditam que o Tom Kerr foi morto e desmembrado na oficina e que isso aconteceu antes de a Maren ser levada.

Wisting pediu mais pormenores.

– Aconteceu no interior da oficina de pintura – esclareceu Stiller. – Todos os vestígios foram pintados por cima depois. Há toda uma nova demão de tinta nas paredes e no chão. Os técnicos encontraram grandes quantidades de sangue por baixo. Já se sabe o tipo, mas ainda não foi analisado para sabermos o ADN. Entretanto, tudo o que sabemos é que é o tipo sanguíneo do Tom Kerr, e não da Maren Dokken.

– Como é que eles podem ter a certeza de que o Tom Kerr foi morto antes de a Maren ser levada? – questionou Hammer.

– Tem a ver com o endurecimento da tinta – foi a resposta de Stiller. – A tinta no interior da carrinha não era tão antiga como a encontrada no contentor da oficina de pintura. Isso leva-os a crer que o Kerr foi morto ali ainda na primeira noite da fuga. A testemunha mencionada pelo ex-polícia local foi formalmente interrogada e confirma que havia ali alguém.

– Isso explica porque é que a Maren não deu o alarme – disse Hammer. – Ele estava sozinho quando a levou. Era uma cara conhecida. Alguém em quem ela confiava.

Wisting imaginou como Maren Dokken teria começado a debater-se quando uma mão com um pano embebido em anestésico lhe tinha coberto a cara.

– E quanto à autópsia? – perguntou. – Diz-nos alguma coisa sobre a hora do homicídio?

– A autópsia do Tom Kerr está a acontecer agora – respondeu Stiller. – Não sei como é que se examina um corpo desmembrado que foi banhado em cloro, mas imagino que seja difícil estabelecer a hora precisa da morte.

– Onde é que teve lugar? – perguntou Wisting. – O banho de cloro, quero eu dizer.

– Na oficina – respondeu Stiller. – Há uma banheira no interior da oficina de pintura que foi pintada à pistola.

Wisting tentou reconstituir a cronologia:

– Então, o Tom Kerr foi assassinado, desmembrado e guardado em sacos. Seguiu-se um trajeto de cem quilómetros até ser enterrado na sua propriedade em Østmarka, antes que o Outro voltasse e pintasse o local do crime.

– Eles acreditam que a carrinha foi usada para transportar o corpo – disse Stiller. – O número da matrícula foi registado nas portagens ao longo daquele percurso. Passou por Oslo por volta das duas da manhã e voltou duas horas depois.

– Ele podia ter aberto o buraco com antecedência, claro – sugeriu Hammer.

Wisting começou a pensar em voz alta:

– Como é que isso se encaixa nos movimentos do Semmelmann? Falei com ele ao telefone cerca das três da tarde, quatro horas depois de o Kerr ter fugido. Ele chegou aqui por volta das seis e meia.

– Podia ter tido tempo para ir buscar o Kerr a Ringshaugstranda antes disso, onde o barco foi encontrado – interrompeu Hammer. – Depois, levou-o até à oficina de soldagem, que usou como esconderijo, ou então matou-o imediatamente. E voltou em seguida, depois de se registar no hotel.

– Ele saiu da esquadra e foi para o hotel por volta da meia-noite – lembrou Wisting. – E estava de regresso para a reunião da manhã, por volta das oito.

– Podia ter conseguido tudo isso – concluiu Hammer. – Sem problemas. Vamos ter de...

Stiller interrompeu-o abruptamente:

– Movimento – disse. O seu tom era seco e as palavras sincopadas. – O Idar Semmelmann está em movimento.



As meninas estavam na sala, entretidas com uma cozinha de brincar e algumas bonecas. Line encontrava-se no seu espaço de trabalho na cave, a indexar as gravações de vídeo do dia anterior. Tinha deixado a porta aberta no topo da escada e conseguia ouvir o fluxo constante de vozes naquelas brincadeiras de faz-de-conta.

No ecrã, Idar Semmelmann chegou ao local da descoberta. O pai dela semicerrou os olhos quando o feixe da lanterna o atingiu na cara. Sob a luz forte, as rugas pareciam mais profundas e as sombras sob os olhos tornaram-se mais distintas. O cabelo estava espetado em todas as direções e o casaco caía-lhe torto sobre os ombros. Parecia velho e tenso, e pela primeira vez ela deu-se conta de que um dia ele já não seria um polícia. O seu trabalho como investigador estaria sujeito a um limite de idade. Perguntou a si mesma que efeito isto teria nele. Agora, ele não tinha nenhuma interação além dos seus colegas de trabalho, nem *hobbies* ou outros interesses. Praticamente nenhuma família. Ela não conseguia imaginá-lo noutro trabalho, como investigador de fraudes numa companhia de seguros, onde muitos detetives aposentados acabavam.

Semmelmann referiu que o pai dela e Hammer tinham sido retirados do caso. A resposta do pai não se percebeu e Line ajustou o som. Stiller explicou o que tinham encontrado enquanto os técnicos faziam uma pausa. Era uma descrição completa e resultaria como um bom resumo, mas ela só tinha usado o microfone da câmara e a qualidade do som não era a melhor.

A câmara focou-se em Semmelmann. O cabelo denso e grisalho aparentava ter sido cortado há pouco tempo. Ele parecia stressado e tinha uma expressão irritada, como se estivesse desagradado com a situação.

Levantando a tampa de uma das caixas onde tinham sido colocadas as partes do corpo, tirou uma caneta do bolso interior do casaco e usou-a para

afastar e desdobrar o plástico preto para obter uma melhor visão, revelando uma mão.

Um dos técnicos avisou-o de que ainda não tinham acabado de examinar o conteúdo. Ignorando-o, Semmelmann inclinou a cabeça e perguntou se poderiam verificar as impressões digitais. A resposta que recebeu foi que teria de esperar, e depois atrapalhou-se de novo com a tampa e lançou um olhar à câmara antes de se endireitar.

Line voltou ao ponto onde Semmelmann chegava ao local da descoberta e usou um indexador para não ter dificuldade em encontrá-lo mais tarde.

Uma mensagem no canto superior direito do ecrã fez-lhe saber que tinha recebido uma resposta ao *email* que enviara a Claes Thancke. Ele dizia que ia passar o fim de semana na sua cabana em Holmestrand, a preparar trabalho para um próximo processo judicial, mas que se podia encontrar com ela lá.

Line virou-se e olhou para cima. Sofie ia buscar a filha dali a uma hora. Ela não tinha cara para lhe pedir que ficasse de novo com Amalie. Em vez disso, ia levar a filha consigo.



Saíram de Oslo no encalço de Semmelmann, apanhando a E18 em direção a Vestfold. Wisting ia atrás; o carro de Semmelmann não lhe era visível. Os telemóveis estavam ligados entre si, mas ninguém dizia nada. Tudo o que se ouvia era o silvo da linha telefónica aberta e o barulho dos pneus no asfalto molhado. Os seus pensamentos corriam em todas as direções, sem restrições. Considerou factos concretos, argumentos razoáveis e interpretações alternativas. Fez um esforço para pôr de parte pressupostos profundamente enraizados. Reorganizou suposições e recorreu a outras inferências como possíveis pontos de partida. Procurou confirmações e novas respostas.

Um pequeno camião passou por ele. Wisting olhou para o velocímetro e percebeu que se tinha deixado ficar para trás.

– A sair em Tønsberg – comunicou Stiller.

Wisting estava agora quase dez minutos atrasado. Acelerando, passou pelo camião que o tinha ultrapassado e saiu da autoestrada quando Stiller avisou que estava a dirigir-se para o centro da cidade.

– Ele vai para a esquadra – decidiu Hammer. – Alguma reunião ou assim.

– A minha reunião – disse Stiller. – Tenho uma marcada com a chefe de polícia dentro de vinte minutos. Faria sentido se ela também tivesse convidado o Semmelmann.

– De que tipo de reunião é que estamos a falar? – perguntou Hammer.

Stiller absteve-se de responder, optando por dizer que Semmelmann estava a estacionar num dos lugares reservados à porta da esquadra.

Wisting desviou-se para uma paragem de autocarro, parou, virou-se para o banco de trás e pegou no seu portátil.

– Não comecem a reunião sem mim – disse.

Stiller hesitou.

– A reunião é por causa desta investigação interna – disse ele. – É sobre ti.

Wisting ignorou-o. Os seus pensamentos estavam acelerados. Desde que deixara a prisão não parara de puxar pelas suas teorias estagnadas, num esforço para encontrar algum espaço para novas ideias. Precisava de mais tempo, mas estava a caminho de abrir uma possibilidade inédita.

– Estou aí às quatro – disse ele, e terminou a chamada.



Hammer aguardava à porta do gabinete da chefe de polícia. Era sábado e não havia mais ninguém na sala de espera. Na parede atrás da secretária vazia, o relógio indicava que eram quatro da tarde.

– Eles já entraram – disse ele, apontando para a sólida porta de carvalho.

Wisting bateu, mas não esperou por uma resposta antes de abrir a porta e entrar.

Eles estavam sentados à volta da mesa de reuniões logo adiante da porta. Agnes Kiil, a meio de uma frase, parou e olhou interrogativamente para Stiller. Idar Semmelmann, que estava sentado de costas para Wisting, virou-se com uma expressão contrariada.

Wisting avançou sem hesitar e puxou uma cadeira. A chefe de polícia soergueu-se apenas. Parecia não saber o que dizer.

– Temos alguma coisa marcada? – acabou por perguntar.

– Tenho informações novas e importantes – respondeu Wisting.

– Não pode esperar? – perguntou por sua vez Semmelmann.

Wisting abanou a cabeça.

– Sabemos quem é o Outro – foi a resposta de Wisting, usando a mão para indicar Hammer, que entrara atrás dele.

– O caso já não é seu – protestou Semmelmann. – Está a ser investigado. A chefe de polícia deixou-se cair na cadeira.

– Quero ouvir o que tens a dizer – disse ela.

Wisting sentou-se e esperou até que Hammer também ocupasse um lugar à mesa.

– Theo Dermann – começou Wisting. – Há qualquer coisa na visita dele ao Claes Thancke que me faz sempre voltar atrás.

Semmelmann interrompeu-o:

– Era o Chris Paust Backe – disse. – A secretária do advogado

reconheceu-o nas fotografias que lhe mostrámos.

Assentindo, Wisting olhou para Stiller. Já tinham chegado a essa conclusão, mas havia algo mais que não lhe saía do subconsciente.

– A primeira chamada veio de um telefone destinado a quem está à procura de emprego, na dependência da segurança social em Sagene, Oslo – continuou ele. – Mas o Chris Paust Backe morava em Asker. Ele não tinha nenhuma relação com Sagene. Além disso, já recebia um subsídio de invalidez há oito anos.

– O Johannes Norum está desempregado – interrompeu Semmelmann. – E pertence a Sagene. Isso é uma coisa que estamos a analisar agora. Ele vem cá para um interrogatório esta noite.

Wisting ignorou estes comentários.

– O mesmo telefone foi usado noutro caso – explicou. – Num caso de chantagem há quatro anos. Não me conseguia lembrar dos pormenores e tive de perder algum tempo à procura. Um guarda prisional foi levado a cair numa armadilha amorosa e acabou num quarto de hotel com uma rapariga. Foi filmado secretamente e o vídeo usado numa tentativa para o convencer a ajudar um recluso a fugir. O chantagista usou o mesmo telefone em Sagene. O guarda prisional era casado, mas o fim do casamento já era previsível. Ele entrou em contacto com a direção e montou-se uma operação. Um jugoslavo foi preso e condenado. O caso não chegou aos *media*, mas foi apresentado num seminário sobre corrupção e a sua influência nos funcionários públicos.

– Um método bem conhecido, claro – disse Semmelmann. – Qual é a relevância?

Nem Hammer nem Stiller pareciam estar a ver a ligação.

– Já lá vou – respondeu Wisting.

Deixou que Hammer falasse dos telemóveis que Tom Kerr e o seu cúmplice tinham usado para comunicar antes da detenção de Tom Kerr.

– O Tormod Jahren foi condenado por incesto e distribuição de pornografia infantil – concluiu, dirigindo-se agora a Semmelmann. – Essa investigação estava a seu cargo.

Semmelmann assentiu hesitantemente, como se se lembrasse vagamente do caso.

– O que é que fez com o telemóvel quando foi retirado do depósito de provas? – perguntou-lhe Wisting.

Semmelmann abanou a cabeça.

– Isso foi há anos – respondeu. – Já tratei de muitos casos entretanto.

– Qual é o protocolo?

– Se não for apreendido como prova, é devolvido ao proprietário.

– Isso mesmo – concordou Wisting. – Mas não foi isso que você fez. Entregou-o ao advogado de defesa. E ele só o entregou à prisão vários meses depois.

– O Claes Thancke! – exclamou Semmelmann. – Agora me lembro. O advogado era o Claes Thancke. Eu dei-lhe o telemóvel.

A chefe de polícia inclinou-se para a frente.

– O que é que isso quer dizer? – perguntou. – O Claes Thancke deixou que o Tom Kerr usasse o telemóvel de outro cliente?

Wisting abanou a cabeça.

– Não. Quer dizer que o Claes Thancke é o Outro.



A chefe de polícia recostou-se na sua cadeira.

– Isso é uma afirmação que vais ter de fundamentar com mais pormenor – disse.

Stiller também parecia desejoso de dizer mais alguma coisa, mas aparentava estar sem palavras. A conversa assumira um rumo que o apanhara completamente desprevenido.

– Então é o outro telemóvel que estava no depósito da polícia? – perguntou.

– O Steffen Skjeberg foi representado por um advogado júnior do escritório de advocacia do Thancke – respondeu Wisting. – Mas foi o próprio Thancke quem devolveu o telemóvel à prisão.

Apresentou-lhes cópias dos registos do depósito de pertences de Ila e da Prisão Distrital de Oslo. Obtivera a impressão deste último com a ajuda do guarda de Ila. Tinha sido fotocopiada e enviada por *fax*. Em ambos os casos, Claes Thancke era indicado como a pessoa que entregara os telemóveis.

Wisting virou-se para Semmelmann.

– Onde é que colocaria o Thancke no seu diagrama de relacionamentos? – perguntou.

– Ele não está na base de dados.

– Mas que classificação, em termos de índice, lhe daria? Onde é que o colocaria em relação ao Tom Kerr?

– Seria o mais próximo de todos – admitiu Semmelmann.

– Isso não chega – objetou a chefe de polícia.

– O Thancke também defendeu o Chris Paust Backe num caso há três anos. O Backe foi acusado de ameaçar alguém com uma arma. Era a pessoa certa a quem pedir uma granada de mão.

– Mas não deixava de ser arriscado – observou Stiller. – Ele ia ao

escritório. Outros funcionários podê-lo-iam ter reconhecido.

– A secretária trabalha lá há apenas seis meses – explicou Wisting. – A anterior teve de sair depois de apresentar queixa por assédio sexual. O encontro foi marcado para um dia em que a maioria dos outros funcionários do escritório estava ocupada em tribunal ou ausente. Não havia ninguém por perto que o pudesse reconhecer.

– Mesmo assim, o Thancke tinha de se livrar dele assim que o trabalho estivesse feito – disse Hammer.

Wisting prosseguiu:

– O chantagista que usou o telefone de Sagene... o Claes Thancke também era advogado dele. Quanto ao uso de pensos na cara, em 2013, o Thancke defendeu um violador que se disfarçava com óculos escuros e pensos pouco antes de atacar as suas vítimas. Fácil de aplicar e fácil de retirar – e isto são pormenores que ficam na memória das vítimas. Durante as primeiras semanas, a polícia procurou um criminoso que tivesse cortes na cara.

– Mas qual era o objetivo disso tudo? – perguntou a chefe de polícia. – Para quê inventar uma situação na qual ele acaba por ter de admitir que levou mensagens para a prisão?

– Como solução de recurso – explicou Wisting. – Para o caso de as suspeitas recaírem sobre ele. Uma pura manobra de diversão, do tipo que ele tem usado muitas vezes em tribunal. Quando os seus clientes confessam algo que é menos grave, parece mais convincente quando mais tarde são apanhados numa mentira. E resultou. Nunca duvidámos do que ele nos disse.

A chefe de polícia assentiu em resposta.

Wisting tinha mais a dizer, todavia:

– O telefonema para a Helene Norum. O Claes Thancke tinha acesso ao número dela nos documentos do caso. O dono da oficina de soldagem onde o Tom Kerr foi morto é cliente do escritório de advocacia do Claes Thancke. Ele sabia que a oficina estava vazia e provavelmente tinha acesso a uma chave. Em 2010, ele defendeu um pintor de veículos acusado de engatar trabalhadoras do sexo e depois violá-las nas traseiras da sua carrinha. Antes de a polícia o apanhar, ele tinha pintado o compartimento de carga à pistola e eliminado todos os vestígios de provas.

– Encaixa-se no perfil – admitiu Semmelmann. – Estratega e criativo, nível superior de inteligência, capacidade de pensar muito à frente e antecipar consequências. Um homem respeitado que estabeleceu uma imagem de si próprio como altruísta e que parece ser honesto, bondoso e abnegado.

A descrição estivera sempre ali, mas ninguém o tinha reconhecido.

– O Claes Thancke é como um jogador de xadrez – acrescentou Wisting. – Ele pensa várias jogadas à frente. Se encontrarmos o ADN ou as impressões digitais dele na oficina de soldagem ou em qualquer outro lugar, ele já terá encoberto tudo, apresentando um motivo diferente e legítimo para a sua presença lá. Ele está constantemente atento à posição relativa das peças. Isto fez dele um advogado de defesa competente, mas também um criminoso

calculista. A sua experiência significa que ele sabe como é que a polícia pensa e é capaz de antecipar as nossas ações, como quando soube que havíamos de tirar as grilhetas ao Kerr se ele lhe dissesse para tropeçar.

– Aquela conversa no carro dele. – Hammer teve uma ideia repentina: – Ele devia estar a transmitir as últimas instruções ao Kerr, talvez até a mostrar-lhe fotos de onde a granada e a arma estavam escondidas.

– Tentei virar tudo ao contrário – disse Wisting. – Ver tudo de um ângulo diferente e evitar esta linha particular de raciocínio, mas a conclusão continua a ser a mesma, por mais voltas que lhe possamos dar. Tudo neste caso aponta para o Claes Thancke.

A chefe de polícia levantou a mão direita e ergueu o dedo, indicando que tinha uma pergunta:

– Onde é que o Claes Thancke está agora?



A névoa pairava imóvel no ar. A maioria dos barcos presentes na marina já haviam sido recolhidos para a temporada e apresentavam-se perfilados, cobertos por oleados. Ondas suaves quase nem rebentavam na praia e duas gaivotas levantaram voo de uma velha grua.

Claes Thancke encontrava-se ao lado da consola de direção de um barco grande e aberto que se entranhava lentamente na enseada. Line ergueu a mão numa saudação. Thancke retribuiu com um gesto semelhante e manobrou em direção ao cais. Apresentava-se com roupa desportiva e boné e parecia muito diferente de quando ela o vira antes.

Line puxou o fecho de correr do casaco de Amalie e olhou para as nuvens baixas. Nem ela nem a filha estavam vestidas adequadamente para um passeio no mar, e não restavam muitas horas de luz do dia. Ela podia ter sugerido encontrar-se com o advogado noutro dia, noutro lugar. Sozinha. Não havia urgência em discutir o projeto do documentário com ele, mas a verdade é que havia outro motivo para ela estar ali. Maren Dokken. Claes Thancke fora a pessoa mais próxima de Tom Kerr durante os últimos anos, a pessoa mais capaz de ter alguma ideia de onde ele poderia ter um esconderijo no qual Maren Dokken pudesse ser mantida em cativeiro.

Aproximando-se da beira do cais, ela agarrou-se ao barco quando Thancke atracou.

– Tive de trazer a minha filha – explicou. – Estou sozinha com ela. Não é fácil conseguir uma *babysitter* com tão pouca antecedência.

Uma contração no canto da boca de Thancke revelou que ele estava longe de agradado.

– Não tenho colete salva-vidas de tamanho infantil – disse.

– Trouxe um comigo – disse-lhe Line com um sorriso.

Claes Thancke assentiu.

– Como é que ela se chama?

– Amalie.

– Subam, então!

Line ergueu o saco com o seu equipamento fotográfico. Não pretendia fazer nenhuma filmagem, mas decidira levá-lo de qualquer maneira.

– Posso deixá-lo estacionado ali? – perguntou, apontando para o seu carro.

Além do Mercedes de Thancke, não havia outros veículos no terreiro de saibro.

– Fica aí muito bem – respondeu o advogado.

Line ajudou Amalie a subir para bordo e a vestir o colete. Thancke empurrou o barco para longe do cais.

– São apenas dez minutos – disse, apontando na direção de um grupo de ilhas no horizonte brumoso.

Enquanto o barco avançava pela água escura, Line abraçou a filha e lambeu a água salgada dos lábios. A brisa puxou pelo boné de Thancke, que teve de recorrer a uma das mãos para o segurar. O cabelo apresentava-se cinzento nas têmporas e Line demorou alguns segundos a perceber que se tratava de tinta. Ele tinha manchas da mesma cor na mão que segurava a cana do leme.

– Tem andado a fazer pinturas? – perguntou.

– Como!?

Com um movimento de cabeça, Line apontou para as manchas de tinta na mão.

– Está a fazer alguma remodelação?

Ele limitou-se a um sorriso fugaz.

– É tinta de carro – corrigiu, sem entrar em mais pormenores.

Ela retribuiu-lhe o sorriso.

– Obrigado por encontrar algum tempo para me receber.

Claes Thancke respondeu com um breve assentir de cabeça. Line falou-lhe nos seus planos para uma série de programas.

– Penso que foi você quem o encontrou – disse Thancke, sem tirar os olhos da água adiante. – O que é que a levou a ir a Østmarka?

– Eu queria ver como aquilo era e fazer algumas filmagens.

– Ainda não faz muito tempo que eu mesmo estive lá – disse-lhe Thancke. – O caminho não estava fechado?

– Havia um cabo perto do cruzamento, sim – confirmou Line. – Quando é que esteve lá, então?

– Na semana passada, parece-me. O seguro do incêndio ainda não está resolvido e tive de ir até lá por causa disso.

– Havia um trilho que se entranhava na floresta, atrás do barracão – explicou Line.

Thancke assentiu, mas manteve-se em silêncio durante alguns minutos. Por fim, disse:

– Tudo o que encontrei foi um corvo morto. Estava nas lajes de pedra à frente do barracão e usei uma pá para o atirar para o mato.

Eles já tinham abandonado a enseada e, quando Thancke mudou de rumo, o barco começou a rasgar as ondas.

– Estava presente quando os técnicos do local do crime estavam a trabalhar? – perguntou Thancke.

– Sim. Só acabaram por volta das duas da manhã.

– E eles encontraram alguma coisa? – insistiu Thancke.

– Como assim? Que tipo de coisa?

– Alguma pista? Alguma coisa que explique o que se passou? Quem esteve por trás daquilo?

– Não me parece. Afinal, ainda tem de ser tudo examinado com mais cuidado. Provavelmente, voltaram com luz do dia.

Não havia outros barcos na água. Thancke dirigia-se para uma ilha coberta por árvores de folha caduca que cresciam até à beira da água.

– Havia ovelhas aqui – explicou Thancke. – Agora, está tudo coberto de vegetação. É quase impossível vermos a cabana do mar.

Estavam a aproximar-se de um cais. Dali, um caminho largo subia ao encontro de uma casa pintada de branco, praticamente ocultada pelas árvores. Thancke tinha estado a desimpedir o caminho e viam-se galhos e gravetos cortados e enfeixados, alguns dos quais já tinham sido desfeitos num triturador e reduzidos a um monte de lascas de madeira.

– É o único que vem cá? – perguntou ela.

Claes Thancke assentiu.

– A minha família é proprietária desta ilha desde antes da guerra. Posso ter paz e tranquilidade absoluta. Mais ninguém atraca aqui.

Line informara-se sobre o seu passado. Ele era a terceira geração de uma família de advogados de defesa, mas a linhagem provavelmente extinguir-se-ia com ele, visto que era solteiro e não tinha filhos. Nenhum dos pais era vivo. O único membro restante da família era um irmão que trabalhava nos transportes marítimos.

Atracaram e Thancke amarrou o barco. Line avançou e depositou Amalie em terra antes de agarrar no seu saco e saltar atrás dela. Enquanto fazia isto, o barco afastou-se do cais, o cabo de amarração esticou-se e ela ficou com o pé preso nele. Ao tropeçar, percebeu que estava prestes a cair à água e conseguiu atirar o saco com o equipamento fotográfico para o cais, mas então o seu ombro foi contra a borda, seguindo-se a anca quando ela mergulhou. Conseguiu agarrar numa corda com uma das mãos e segurou-a com força para evitar que a cabeça submergisse.

Claes Thancke correu direito a ela e ajoelhou-se para lhe agarrar no braço. Dando impulso com as pernas, Line conseguiu içar-se para um dos postes do cais.

Amalie via tudo, alarmada. Line não lhe podia dar um abraço para a acalmar porque estava toda molhada. Em vez disso, sorriu e desatou às

gargalhadas para não a assustar.

– Tem uma muda de roupa consigo? – perguntou Thancke, olhando para o saco.

– Não, eu...

– Não pode andar por aí assim – disse Thancke com firmeza. – Tenho alguma roupa na cabana. Pode trocar-se lá. E também tenho lá um armário de secagem. Talvez seja possível ter a sua roupa seca antes de eu a levar de volta.

Acima de tudo, Line sentia-se envergonhada. Bateu com as mãos nos bolsos e extraiu o telemóvel de um deles. Ainda estava a funcionar, mas as cores apresentavam-se desbotadas no ecrã.

– É à prova d'água? – perguntou-lhe Thancke.

– Sim, mas tem uma racha no vidro. Não sei quanto tempo é que se vai aguentar.

Ele estendeu a mão para lhe dar uma vista de olhos.

– Nunca uso o meu telemóvel quando estou aqui – disse. – Desligo-o, mas verifico os *emails* de vez em quando.

Quando ele o virou ao contrário, escorreu um pouco de água.

– Vamos metê-lo numa tigela de arroz – sugeriu, retirando-o da capa de proteção. – Absorve a humidade. Tenho arroz na cabana.

Puseram-se a caminho, com Line a segurar a filha pela mão e Thancke atrás com o saco. Assim que entraram, ele mostrou-lhes onde ficava a casa de banho, apoderou-se do telemóvel de Line e foi à procura de algumas roupas que ela pudesse vestir.

Line descalçou os sapatos, as meias, livrou-se do casaco e da camisola, sempre fazendo por tranquilizar Amalie e dizendo-lhe que estava tudo bem.

Thancke voltou com um par de calças de pijama xadrez, uma *T-shirt*, meias de lã e uma camisola grossa.

– Não me parece que as calças tenham sido usadas – disse ele, entregando-lhe o monte de roupa.

Line agradeceu e fechou a porta quando ele saiu. Despiu o resto da roupa e perguntou a si mesma se poderia ficar com o sutiã, mas este também estava encharcado.

Nua à frente do grande espelho, torceu-se e virou a cabeça para examinar os estragos. A anca e a coxa esquerdas estavam doridas e ela soube que ia acabar com uma nódoa negra enorme.

Ficou coberta de pele de galinha enquanto estava ali parada. Olhou em volta à procura de algo que pudesse usar para se secar.

– Há toalhas no armário por baixo do lavatório – gritou Thancke do outro lado da porta, como se lhe tivesse lido os pensamentos.

– Obrigada! – gritou ela em resposta.

A água salgada deixara-lhe a pele pegajosa.

– Também pode tomar um duche, se quiser – sugeriu Thancke.

Ela deitou um olhar à cabina de chuveiro revestida de azulejos. Teria

sido bem-vindo, mas decidiu esperar até estar em casa. Vestiu-se e apanhou as roupas molhadas. Thancke estava à porta quando ela a abriu.

– Posso ficar com isso – disse ele, agarrando na trouxa de roupa molhada. – O armário de secagem fica na copa.

Abriu uma porta do outro lado do corredor e premiu um interruptor, ao que o aquecedor começou a zumbir no interior do armário.

– Talvez prefira tratar do assunto – sugeriu, devolvendo-lhe as roupas.

Line assentiu e pendurou as calças antes de prender o sutiã num gancho. Amalie assistia, cheia de curiosidade. Thancke desapareceu e voltou com os sapatos. Esperou até que ela terminasse antes de os poisar numa grade no fundo do armário.

– Tem as chaves do carro consigo? – perguntou.

Ela tinha guardado as chaves no bolso de trás das calças. Quando verificou, descobriu que ainda estavam lá. Tirou-as e deixou-as entre os sapatos, para ter a certeza de que não se esquecia delas.

Thancke fechou a porta e premiu um botão para deixar o armário com o aquecimento no máximo.

– Vamos para a cozinha – disse ele.

No caminho, parou diante de uma porta e olhou para Amalie.

– Talvez tenha alguma coisa para ti aqui dentro – disse.

A chave estava do lado de fora. Ele girou-a e escancarou a porta. Era um quarto de dormir e as cortinas estavam fechadas. Ele acendeu o interruptor da luz. Nos pés da cama via-se uma coleção de coloridos cavalos de plástico com toda a respetiva parafernália.

– O My Little Poney – disse Line, sorrindo.

Amalie tinha alguns em casa. Line pegou na mão da filha e entrou com ela, que escolheu um pônei com uma longa crina lilás antes de se sentar no chão com ele.

– Da minha sobrinha – explicou Thancke. – Ela cresceu entretanto. Não vem cá há anos.

– A mamã está ali – disse Line à filha, apontando na direção da cozinha.

Thancke pôs a chaleira ao lume.

– Tem água canalizada? – perguntou Line. – Aqui na ilha?

– Há um poço mais para o interior, com bomba própria – explicou Thancke. – E tenho a minha própria fossa séptica junto ao cais. O serviço do arquipélago esvazia-a todos os outonos. A eletricidade chega através de um cabo submarino.

Pegou numa tigela e encheu-a com arroz para secar o telemóvel.

– Foram os alemães que instalaram tudo durante a guerra – continuou. – Tinham uma base de artilharia aqui.

Ouviu-se um baque surdo de repente, como se alguém tivesse caído no chão. Line virou-se e espreitou pelo corredor até ao quarto de hóspedes onde Amalie estava a brincar.

Thancke ligou o rádio. A chaleira começou a ferver e ele tirou chávenas

e saquinhos de chá.

– Earl Grey? – perguntou.

Line assentiu.

– Açúcar? Adoçante?

– Duas pastilhas, por favor.

O chá ficou na bancada da cozinha a repousar enquanto Thancke tirava um pacote de bolachas com pepitas de chocolate. Despejou-as num prato que poisou na mesa juntamente com as chávenas.

– Qual é a sua impressão do Tom Kerr? – perguntou-lhe Line, enrolando as mãos em torno da grande chávena.

– A confidencialidade entre mim e o Kerr continua a aplicar-se – advertiu-a Thancke. – Mesmo que ele esteja morto. Se vou participar nesta série de documentários, tem de entender que tenho de ter em conta os supostos interesses e intenções do meu cliente.

– Más intenções – deixou Line escapar.

– O que é que quer dizer com isso?

– É assim que o psiquiatra o descreve – disse Line. – Como uma necessidade interior de infligir dor aos outros.

Puxou a chávena para si e bebeu um gole. O chá tinha um sabor amargo.

Claes Thancke assumira uma expressão pensativa. Girou a chávena lentamente entre os dedos anafados. Os olhos pareciam distantes, mas o olhar estava assente nela, fixo pela altura do peito.

Enquanto projetava os ombros para a frente, Line pensou que devia ter tomado um duche. Ainda estava com frio.

2. *Tørkeskap*, em norueguês, *airing cupboard* na tradução inglesa. Nome dado a um armário (geralmente aquecido) onde se guardam as roupas depois de lavadas, para garantir que estas ficam completamente secas. (*N. do T.*)



Foi a própria chefe de polícia quem finalmente decidiu que Claes Thancke devia ser detido. Assinou o documento formal e empurrou-o sobre a mesa.

– Façam-no tão discretamente quanto possível – disse ela. – Sem uniformes, luzes azuis ou sirenes.

A folha de papel ficou ali por um momento ou dois. Semmelmann inclinou-se para a frente e empurrou-a na direção de Wisting, que só a puxou para si depois de a chefe de polícia anuir. Era ele quem ia ficar à frente da operação.

Dividiram-se em dois grupos. Semmelmann e Stiller iam ao escritório do advogado no centro, enquanto Hammer e Wisting seguiam para casa dele no extremo oeste da cidade.

Hammer estava a acabar uma conversa telefónica quando saíram da autoestrada.

– Não é possível rastrear o telemóvel dele – disse.

– O que é que isso quer dizer?

– Que não está a ser usado. Ou está desligado ou não tem rede.

As mãos de Wisting cerraram-se no volante enquanto ele avançava pelas tranquilas ruas residenciais de Frogner. Dois carros-patrolha encontravam-se posicionados num cruzamento. Wisting acenou-lhes quando passaram, e Hammer ligou-lhes pelo canal designado e pediu que ficassem a postos.

Estacionaram na rua diante do endereço que tinham. Uma densa sebe delimitada por uma alta cerca de ferro forjado não permitia ver o interior da propriedade. O portão estava trancado e apresentava uma placa que dava a saber que o local estava equipado com CCTV. A chuva tinha deixado poças no saibro à frente da casa e não havia carros estacionados. A hera verde subia pela fachada de pedra, enroscando-se em redor das janelas escuras e vazias.

Hammer tentou a campainha do portão. Esperaram alguns minutos antes que ele escalasse a cerca, saltasse por cima e se esgueirasse pelo meio da sebe.

Wisting seguiu-lhe o exemplo. Dirigiram-se à porta e usaram a aldraba, mas ninguém apareceu.

– Alarme – comentou Wisting, apontando para um autocolante.

Hammer ligou para a empresa de alarmes e pediu-lhes que fizessem um telefonema de verificação através da central telefónica da polícia. Contornaram a casa enquanto ele explicava onde estavam e que pretendiam entrar na propriedade. O funcionário da central telefónica da empresa de segurança desativou o alarme remotamente.

Escolheram uma porta com pequenas vidraças nas traseiras da casa. Hammer quebrou o vidro mais próximo do puxador, introduziu o braço e abriu-a.

Wisting passou por cima dos cacos de vidro e olhou em redor. A sala estava cheia de móveis com um ar pesado e dispendioso e o tapete era espesso e macio.

– Polícia! – gritou Hammer para dentro de casa. Tudo o que teve em resposta foi um silêncio ressonante.

Revistaram a casa, dependência por dependência. Dois andares e uma cave. Demoraram dez minutos a verificar se estava vazia. Todo o mobiliário interior era antigo e imponente. Tetos altos, lustres e janelas enormes. Pinturas com molduras largas de talha. O espaçoso casarão teria provavelmente sido herdado, tal como o escritório de advocacia.

Numa parte da casa havia uma sala de trabalho com entrada independente. As paredes apresentavam-se completamente revestidas por estantes. Os livros eram tomos grossos com o nome do autor e o título em letras douradas nas lombadas. Junto à janela via-se uma secretária sem computador na qual tudo parecia ter um lugar específico, incluindo um candeeiro de mesa em latão com quebra-luz retangular de vidro verde. No centro da sala, um sólido conjunto de três peças em couro antigo – duas poltronas profundas e uma mesa de centro bem polida que parecia ser de mogno ou teca. Atrás, quatro arquivos de madeira, também eles de aspeto antigo. Uma das portas corrediças estava entreaberta e Wisting foi até lá e puxou-a. Elevando-se sem qualquer dificuldade, permitiu-lhe ver que o arquivo continha antigas pastas de clientes, organizadas por ordem alfabética de S a Å. Hammer fez o mesmo à porta adjacente. O conteúdo era idêntico, mas desta feita as pastas iam de K a R. Na terceira, iam de A a J. O armário no extremo esquerdo estava trancado.

Semmelmann telefonou. Wisting dirigiu-se à secretária e atendeu.

– Ele estava em casa? – perguntou o primeiro.

Wisting abriu uma gaveta e vasculhou alguns papéis.

– Não. Estamos cá dentro agora. Nenhum sinal dele.

– O mesmo aqui – relatou Semmelmann. – A secretária dele deixou-nos entrar. Fomos buscá-la a casa. Ela acha que pode estar na cabana. Tem lá ido

muitas vezes ultimamente, diz ela.

Wisting olhou para Hammer. Eles tinham verificado. Thancke não tinha uma cabana de verão.

– Está registada em nome da firma – explicou Semmelmann. – Fica imediatamente depois de Holmestrand.

Wisting viu que horas eram. Seria pouco menos de uma hora de carro, mas teriam de sair imediatamente. Fechou a gaveta com força. O movimento foi tão brusco que uma caneta saltou e caiu no espaço entre a gaveta e a secretária. Voltou a abrir a gaveta e estava prestes a fechá-la quando viu uma chave.

– A cabana fica numa ilha – continuou Semmelmann. – O Stiller vai buscar um carro sem identificação à esquadra mais próxima para irmos ver se ele poderá estar lá. Um helicóptero está fora de questão por causa do nevoeiro, mas vão requisitar um barco e ficam a monitorizar a área até chegarmos.

– Muito bem – disse Wisting.

Pegou na chave e examinou-a. Parecia pertencer a um baú antigo.

– Encontrámos outra coisa interessante – prosseguiu Semmelmann. – Uma transferência de propriedade. O Thancke criou uma empresa para comprar a pequena propriedade do Tom Kerr em Østmarka, incluindo todas as dívidas pendentes. Isto quer dizer que, se ele chegar a acordo com a seguradora, o dinheiro será dele. Estamos a falar de um valor na ordem dos cinco milhões. Provavelmente, é um acordo celebrado para evitar que o seguro fosse incluído no valor da indemnização que o Kerr foi condenado pelo tribunal a pagar às famílias das raparigas que matou, mas isto também dá um motivo financeiro ao Thancke.

Wisting deitou um olhar ao quarto armário de arquivo. A chave talvez fosse de lá.

– Estamos de saída agora – concluiu Semmelmann. – Seguimos para Holmestrand.

– Também não tardamos a ficar despachados – disse Wisting, concluindo a chamada.

Contornou a secretária e dirigiu-se à fiada de arquivos. A chave entrou na fechadura do mais à esquerda e girou sem dificuldade.

Hammer puxou a porta de correr para cima. O conteúdo parecia ser igual ao dos outros arquivos, mas desta feita não se encontrava por ordem alfabética. Havia apenas maços de documentos e pastas. Wisting extraiu uma delas. Nela, o nome e a data estavam escritos a caneta esferográfica. *Tanner 2012*. A pasta estava gasta e tinha os cantos revirados, como se tivesse sido dali retirada várias vezes.

Ele abriu-a e deu com a fotografia de uma mulher nua amarrada a uma cama e com uma fronha enfiada na cabeça. Havia diversas fotografias na pasta, da mesma mulher, tiradas de vários ângulos. Mais para trás, havia um grande plano de marcas de queimaduras de cigarro nos seios. O corpo estava tenso e contorcia-se de dor. Outras fotografias mostravam a pele a ser cortada com uma faca e a vagina e ânus a serem penetrados, primeiro com os dedos e depois com toda uma variedade de objetos. As fotografias finais mostravam o corpo ferido e ensanguentado da mulher, caído numa poça de urina.

– Mas que porra... – foi tudo o que Hammer conseguiu dizer.

Wisting pegou noutra pasta. *Krüger 1998*. As fotografias eram de qualidade inferior, mas mostravam o mesmo tipo de cena. Uma mulher amarrada a uma árvore na floresta, com uma corda bem apertada sobre os seios e a barriga, cravando-se-lhe na pele macia. As pernas estavam afastadas com uma engenhoca de metal, e ela tinha uma bola na boca presa com uma correia à volta da cabeça. Nas imagens seguintes ela apresentava vergões vermelhos de chicote no corpo, e noutras estava a ser brutalizada com bastões de madeira. O sangue escorria-lhe pelas pernas.

A pasta seguinte era mais grossa do que as outras e tinha escrito *Loch-Hansen 2014*. Uma mulher nua estava estendida num sofá, obviamente inconsciente. Numa mesa à sua frente viam-se copos meio cheios, cinzeiros e garrafas vazias. As roupas estavam empilhadas ao lado dela. A fotografia

seguinte era encenada. Desta vez, ela aparecia sentada com as pernas em cima da mesa, abertas à sua frente. A cabeça pendia para trás nas costas do sofá. Várias fotografias mostravam-na penetrada por diferentes objetos. Um pénis ereto era-lhe enfiado na boca, mantida aberta com dois dedos. A última fotografia mostrava o rosto manchado de sémen, e o agressor a usar uma colher para o recolher dos lábios e da face para lho despejar na boca aberta.

Outras fotografias da mesma pasta eram tiradas na mesma sala, com o mesmo sofá, mas com mulheres diferentes. As idades variavam, mas todas elas eram abusadas da mesma forma.

– Fredrick Loch-Hansen – disse Wisting. – Foi condenado por drogar e abusar de mais de dez mulheres. Juntava comprimidos para dormir às bebidas que lhes oferecia. Nenhuma delas tinha qualquer recordação do que havia acontecido. O Claes Thancke foi o advogado de defesa. Isto é uma parte do material probatório. Fotos do telemóvel do Loch-Hansen. Algumas das raparigas nunca foram identificadas.

Hammer retirou outra pasta e folheou fotografias de duas crianças nuas.

– São dos casos dele – concluiu. – Remontam há muito tempo.

Entregou a pasta a Wisting e tirou outra. Esta continha fotografias de abusos sexuais que um dos clientes de Thancke devia ter descarregado da Internet.

Wisting deu um passo atrás e deixou-se ficar imóvel durante algum tempo para digerir tudo aquilo.

Exteriormente, Thancke parecia ser um advogado de defesa pouco convencional. Alguém que considerava ser seu dever para com a sociedade assumir casos impopulares e que defendia pessoas que de outra forma seriam evitadas. Na realidade, procurava aqueles casos para satisfazer a sua luxúria, os seus próprios desejos. Ao defender agressores e violadores perversos, reunira um grande portfólio de fotografias desviantes, alimentando assim as suas fantasias pessoais. Então, conhecera Tom Kerr, e essas fantasias haviam começado a concretizar-se na vida real. Ele deixara de ser um observador. Tornara-se o cúmplice, o Outro.



– Está gelada – disse Thancke, olhando para ela. – Vamos para a sala. Posso acender a lareira.

Afastou a cadeira da mesa e Line também se levantou. Ela ouviu aquele barulho de novo, uma série de pancadas ténues.

– Vou só ver como está a Amalie – disse.

– Acha que ela gostava de alguma coisa para beber?

Line abanou a cabeça.

– Mas posso levar-lhe umas bolachas – disse, servindo-se do prato.

Amalie estava a meio de uma brincadeira. Deitada de bruços com um cavalinho em cada mão, mantinha uma conversa entre eles.

– Estás bem? – perguntou Line, entregando-lhe as bolachas.

Amalie olhou para ela e agarrou nas bolachas.

– Essas roupas são esquisitas – disse.

Line sorriu, deu-lhe um abraço e voltou para a sala. A lareira era de gás e as chamas já lambiam o vidro. Nas paredes, estavam expostos vários prémios e diplomas, juntamente com diversas fotografias emolduradas de Thancke com políticos e outros VIP.

Duas janelas panorâmicas davam para sul. A neblina havia-se transformado em nevoeiro, mas o mar ainda era visível. Lá fora, havia um terraço pavimentado e uma pequena piscina com telhado de vidro. O vapor da piscina aquecida formava gotas de condensação na superfície inferior.

No chão, as tábuas de um alçapão rangeram quando ela se aproximou da janela para ver melhor. No verão aquilo devia ser idílico, mas num dia como aquele apenas parecia frio e sombrio.

– Lindo – comentou ela, não obstante.

Thancke aproximou-se dela e usou o pé para devolver um tapete de trapos ao seu lugar.

– É uma piscina de água salgada – disse ele, sorrindo. – Como tal, não tenho de lhe acrescentar cloro.

Thancke levava as chávenas consigo. Line sentou-se onde ele tinha poisado a dela, mais perto do fogo.

– Não me pode dar uma ideia de como era o Kerr? – perguntou.

Thancke limpou um pouco de algodão da perna das calças.

– Bem, ele era mais do que a soma dos seus atos – respondeu. – Na minha experiência, ele era, em muitos aspetos, uma pessoa enérgica e engenhosa. Um homem de muitos interesses.

– Tem muitos clientes desse tipo – observou Line.

– E que tipo é esse?

– Criminosos sexuais. Violadores e desviantes. Como é defender pessoas assim?

Thancke aclarou a voz.

– Eu nunca defendi, e nunca defenderei, os crimes deles. Defendo, isso sim, os direitos dos meus clientes. Entendo perfeitamente que as pessoas fiquem indignadas com os casos que levo a tribunal, mas cabe-me examinar as provas e verificar se são suficientes. Garantir que, onde houver um elemento de dúvida, essa dúvida resulte em benefício do acusado. Nunca tive nenhum problema com isso. Não uso os meus sentimentos pessoais no exercício do meu papel enquanto advogado de defesa, mas dedico todo o meu esforço e empenho a cada caso.

Ele era um excelente entrevistado, pensou Line. As respostas eram bem formuladas e abrangentes, mas tratava-se, naturalmente, de perguntas que lhe tinham sido feitas muitas vezes antes – as respostas estavam bem ensaiadas. No entanto, parecia ser um homem altruísta e dado à reflexão.

– Mas isso não tem impacto em si?

– Será que me entorpece os sentidos? É isso que estás a pensar? – Ele abanou a cabeça. – Neste trabalho, não nos podemos deixar dissuadir pelo quão horrível uma coisa pode ser. O mesmo se aplica aos médicos, claro. É minha tarefa ver além do que é angustiante e triste e concentrar-me no meu trabalho de defesa. Tenho de tirar tudo o resto da cabeça.

– Então, não pensa nas vítimas dos homens que defende?

Ele parecia não ter entendido inteiramente esta pergunta.

– Torna-se mais fácil passado algum tempo – respondeu. – Endurecemos com o correr dos anos. O que no início parecia difícil de engolir acaba por se tornar uma ocorrência diária. Não acho que isso queira dizer que me tornei emocionalmente atrofiado.

O som tinha voltado. Três pancadas regulares e surdas.

– Que barulho é este? – perguntou ela.

– Qual barulho?

– As pancadas.

– Ah – disse ele com um sorriso. – É a central de filtragem da piscina. Há ar nos canos. Estou tão habituado que já nem dou por isso.

Line olhou para além dele. Um pássaro poisara no telhado da piscina.

– Não fazia ideia de que ele pretendia fugir? – perguntou.

Thancke abanou a cabeça.

– Achei que ele tivesse chegado a um acordo consigo mesmo – respondeu. – Que queria confessar e seguir em frente. Fui enganado. Ele enganou toda a gente.

– Onde é que ele se poderia ter escondido? Até à altura em que foi morto.

– Não sabemos quando é que ele foi morto – respondeu Thancke.

– Estou a pensar na Maren Dokken – disse Line. – Onde poderá ela estar escondida.

O barulho dos canos de água era quase inaudível, mas a vibração que causava estava a criar círculos na superfície da chávena dela. Com cada pancada, o chá quente tremia, como se um animal grande e pesado andasse por ali.

– Eles estão a partir do pressuposto de que foi o Tom Kerr quem sequestrou a Maren Dokken – objetou o advogado. – Não sabemos nada a esse respeito, para dizer a verdade. Não foi provado de maneira alguma.

– De certa forma, é você quem mais sabe sobre ele – disse Line. – Se ele tivesse um esconderijo, como faríamos para o encontrar? Sei que pode não ser do interesse do seu cliente, mas a Maren Dokken continua desaparecida. Pode ser uma questão de vida ou de morte. Isso certamente deve sobrepor-se ao seu dever de confidencialidade?

– Não será uma questão secundária em relação ao tema da sua série de documentários? – perguntou-lhe por sua vez Thancke.

Line envolveu de novo a chávena de chá com as mãos e olhou para ela.

– Peço desculpa – disse. – É só que eu a conheci no dia em que o Kerr fugiu. Falei com ela no miniautocarro. Só de pensar no que ela está a passar...

Pancadas. Círculos na chávena de chá. Ouviam-se a um ritmo regular agora. Primeiro três curtas com espaços entre elas, depois três longas e depois três curtas novamente antes de uma pausa.

– Eu também a conheci – disse Claes Thancke. – Falei com ela e, se soubesse o que lhe aconteceu, é claro que já o teria dito. Mas estou tão às escuras quanto a polícia.

Line não tirava os olhos da chávena. Concentrou-se no que estava a ouvir. Três pancadas curtas, três longas e três curtas novamente. S.O.S. Aqueles intervalos não eram aleatórios. Alguém estava a tentar enviar um sinal.

Ela olhou para o alçapão de acesso à cave, perto da janela. Ouviu mais três pancadas. Alguém estava a bater nos canos de água por baixo da cabana.

– Mal tocou no chá – observou Thancke. – Algum problema?

– Não, claro que não – respondeu Line.

Forçou um sorriso e bebeu um pouco da chávena e, ao mesmo tempo, uma possibilidade desagradável começou a ganhar forma na sua cabeça. As

peças encaixavam-se. A comunicação para dentro e para fora da prisão, o planeamento, a preparação: Claes Thancke era a pessoa que teria menos dificuldade em ajudar Kerr a fugir. Enquadrava-se em todos os aspetos do perfil do criminoso traçado pelo psiquiatra.

O chá já não estava quente, mas ela obrigou-se a engoli-lo.

– Como é que entrou em contacto com o Tom Kerr? – perguntou. – Pela primeira vez, quero eu dizer.

– Foi há muito tempo – respondeu Thancke. – Fiquei com o gabinete jurídico do meu pai. Ele tinha defendido o pai do Tom Kerr. A primeira vez que o Tom precisou de assistência jurídica, foi apenas natural que recorresse ao meu escritório.

– O que é que o pai dele tinha feito?

Thancke presenteou-a com um sorriso condescendente.

– Muito provavelmente poderá descobrir por si mesma, mas não é correto que seja eu a dizer-lho.

Ela bebeu mais um gole de chá, simplesmente para preencher o silêncio. Tinha os pensamentos a rodopiar e não conseguia pô-los em ordem.

– Vou só ver como está a Amalie – desculpou-se e poisou a chávena na mesa.

Ao passar pela cozinha e sair pelo corredor, podia ouvir a filha a brincar. Perguntou a si mesma se devia agarrar nela e fugir, mas não tinha para onde ir. O barco estava trancado e amarrado e, de qualquer maneira, ela não tinha sapatos.

Podia ver o cais pela janela ao lado da porta da frente. O barco estava preso apenas pela amarração da popa e, se o mar ficasse mais agitado ou o vento mudasse de direção, poderia facilmente soltar-se. Thancke devia ter-se esquecido da outra amarração ou não acabara quando Line caíra à água.

– O barco não está bem amarrado – gritou ela, lançando um olhar ao cais.

Thancke murmurou algo que ela não entendeu ao mesmo tempo que agarrava no casaco e saía disparado.

Line correu de volta para a sala. O tapete de trapos continuava no mesmo sítio. Empurrando-o para o lado, abriu o alçapão e espreitou. Havia uma luz acesa lá em baixo. Uma escada íngreme levava a uma sala com pavimento de betão. Ela olhou para a cozinha e para o corredor antes de descer.

Line provavelmente não tinha mais do que alguns minutos, talvez nem isso.

A sala estava vazia. Duas portas davam para outras salas, as quais também se encontravam vazias. Na outra extremidade havia uma abertura na encosta, semelhante à galeria de uma mina. Uma coisa do tempo da guerra, talvez, quando os nazis tinham ocupado a ilha.

Um cabo estendia-se de uma luminária a outra e pendia em arcos sob o teto. Paralelamente à instalação elétrica havia dois tubos de metal. Line levantou o braço e agarrou num deles enquanto esperava por uma vibração. Estava prestes a largá-lo quando surgiram três pancadas em rápida sucessão. O som era mais nítido ali em baixo e vinha de algures à sua frente.

Ela resolveu avançar. Passados dez metros, a galeria infletia noventa graus para a direita e terminava numa porta, trancada e ferrolhada, embutida na encosta.

Ela agarrou num dos canos de metal e esperou pela próxima série de pancadas, mas nenhuma se concretizou. Queria gritar, mas conteve-se. Em vez disso, arrancou uma pedra da parede rochosa e bateu três vezes no cano para enviar um sinal a quem quer que estivesse do outro lado da porta.

A resposta surgiu imediatamente. Três pancadas rápidas e um grito abafado.

Ela sentiu uma pontada de pânico, subindo como uma onda quente desde o diafragma ao alto da cabeça, dificultando-lhe a respiração.

Deu alguns passos para trás e tropeçou nalguma coisa, mas conseguiu manter o equilíbrio. Então, virou-se e correu de volta, subiu as escadas e olhou em redor, à espera de encontrar Claes Thancke na sala – mas viu que ainda estava sozinha. Tratou de fechar o alçapão e cobriu-o com o tapete de tapros. Depois, correu para a cozinha, foi até à bancada e enfiou a mão na

tigela de arroz. Revirou-o, à procura do telemóvel. Os grãos de arroz espalharam-se pela bancada e pelo chão. Não estava lá. Ele devia tê-lo levado.

Quando ouviu um barulho vindo da porta da frente, devolveu um pouco do arroz à tigela e fez um esforço para controlar a respiração. Obrigando-se a expirar e inspirar lentamente, acabou por encontrar um ritmo mais regular e foi ter com ele.

– Acho que seria melhor se a Amalie e eu fôssemos para casa agora – disse. – Daqui a uma hora ela tem de estar na cama.

Thancke encontrava-se no corredor, posicionado entre ela e o quarto onde Amalie estava a brincar.

– Mas as suas roupas ainda nem estão secas – objetou.

– Não há nada que se possa fazer.

Ele olhou para além dela, para a cozinha.

– Mas nem acabou de beber o chá – disse.

– Isso não tem importância.

Ele recuou um passo e uma das mãos procurou a porta do quarto de hóspedes. Num movimento rápido, fechou-a, girou a chave e retirou-a da fechadura.



A confirmação chegou antes que eles estivessem sequer a meio do caminho. O carro de Claes Thancke encontrava-se estacionado na marina. Ele estava na cabana.

Um carro desportivo chegou-se à berma para deixar passar as luzes azuis e as sirenes. A chefe de polícia tinha-lhes pedido discrição, mas isso fora enquanto ainda restavam dúvidas de que tinham o homem certo. Essa dúvida desaparecera.

– Temos de chamar alguns homens – disse Wisting. – Homens que estejam mais perto do que nós.

– Já estão a caminho – garantiu-lhe Hammer. – Mas não devem chegar lá antes de nós.

O nevoeiro ia aumentando à medida que se aproximavam do mar. A estrada estreitava-se e ia-se tornando mais tortuosa, até terminar numa pequena marina privada. Três carros da polícia já lá estavam estacionados. Agentes uniformizados preparavam-se para saltar para um barco equipado com um grande motor de popa.

Wisting deixou-se ficar ao volante, com os olhos fixos num quarto veículo. Um medo pegajoso apoderou-se dele enquanto os limpa-para-brisas corriam o vidro de um lado para o outro. Era o carro de Line.

Fez um esforço para recusar os pensamentos que vinham à tona, mas, lentamente, percebeu o que aquilo queria dizer.

O carro de Stiller e Semmelmann parou ao lado do dele. Wisting abriu a porta e poisou um pé no chão. O barco estava pronto para partir e o agente que segurava a corda de amarração chamou-os.

– Não vens? – perguntou Stiller.

– A Line está lá – respondeu Wisting. Bateu a porta do carro e foi até ao carro dela. Encontrou-o trancado.

– Liga-lhe! – sugeriu Hammer.

Wisting já estava com o telemóvel na mão. Tentou o número dela, mas em vão.

O homem que segurava a corda de amarração gritou mais uma vez. Hammer puxou Wisting e ele finalmente saltou e encontrou um lugar na proa do barco. Ao afastarem-se da praia com um solavanco, o vento contrário revirou-lhe o cabelo crespo. A brisa do mar em redor estava saturada de nevoeiro e água salgada. Ele limpou uma gota no lado do nariz e baixou os olhos.



– Agora, vai fazer exatamente o que eu disser.

Claes Thancke enfiou a chave no bolso. Do outro lado da porta, Amalie gritou pela mãe.

Line assentou um pontapé no meio das pernas de Thancke. Ele fez um barulho e dobrou-se em dois com a dor. Teria sido mais eficaz se ela estivesse calçada.

Ela passou por ele, direita à saída, mas deu por si agarrada pela cintura, o que a fez perder o equilíbrio antes de ser atirada contra a parede.

Line conseguiu conter um grito, mas encolheu-se e ficou sem fôlego. Thancke agarrou-a de novo e empurrou-a brutalmente contra a parede. A cabeça dela voou para trás, batendo na madeira e voltando para a frente. A voz de Thancke soou-lhe nos ouvidos, mas não conseguiu perceber o que estava a dizer. Esbracejava às cegas enquanto tentava usar as pernas e os joelhos. Era a força e o tamanho de Thancke contra o desespero dela. Ele usou todo o peso do corpo contra ela, apertando-lhe o antebraço esquerdo contra a garganta com uma das mãos e agarrando-lhe o pulso com a outra. A testa tocou na dela e Line sentiu aquele hálito quente na face. Virando a cara, baixou a cabeça sobre o ombro dele e aplicou-lhe uma valente dentada. Os dentes furaram a pele e ela sentiu o gosto do sangue.

Claes Thancke gritou, apenas largando-a para a agredir. O golpe atingiu-a no lado da cara e atirou-a de novo contra a parede. Ele agarrou-a pelos cabelos, fê-la girar e atirou-a ao chão. Line conseguiu levantar-se e cambalear, tentando dirigir-se para a porta da frente, mas ele atacou de novo e puxou-a de volta. Outro golpe acertou-lhe na maçã do rosto, logo abaixo do olho direito. Ela rodopiou e foi contra a porta da despensa, que se escancarou, fazendo-a cair de costas. Conseguiu sentar-se e deslizar para um canto, derrubando um balde e agarrando-se a uma vassoura. Usou-a como arma, mas Thancke

arrancou-lha das mãos, atirou-a para o lado e lançou-se direito a ela. Tinha agora as duas mãos à volta da garganta e batia-lhe com a cabeça contra o chão de cerâmica, uma e outra vez. Line esbracejava descontroladamente, tentando arranhá-lo, mas não encontrava nada além do ar, e podia sentir Thancke apertar-lhe a laringe com mais força, recorrendo aos polegares para aumentar a pressão.

Line resistia com todo o seu corpo, mas estava ciente de uma dor ardente atrás dos olhos enquanto as paredes dançavam à sua volta. Ouviu-se fazer barulhos gorgolejantes enquanto tentava em vão afastar aqueles dedos para conseguir respirar um pouco. O aperto apenas se tornou mais forte. Tudo começou a girar diante dos seus olhos. Conseguiu fincar uma mão sob o olho esquerdo dele, as unhas furando-lhe a cara numa tentativa desesperada de o afastar. O outro braço batia desvairadamente contra o corpo e ela conseguiu agarrar qualquer coisa e usou-a para bater em Thancke. Teve um relance daquilo que tinha agarrado: um borrifador azul.

Alterando a posição da mão, poisou dois dedos na bomba e apontou o bocal diretamente para a cara dele. Não aconteceu nada quando premiu o botão, apenas um jato de ar. Ela tentou de novo e, desta vez, a resistência foi maior. Uma súbita borrifadela atingiu Thancke no queixo. O cheiro pungente a cloro espalhou-se de imediato. Ela premiu de novo o botão e saiu outro esguicho, que desta feita lhe acertou em cheio no olho direito. A reação foi imediata. Thancke largou-a com um sonoro grito de dor e afastou o braço que empunhava o borrifador.

Line levantou-se enquanto ele esfregava os olhos. Correu aos tombos pelo corredor até à porta atrás da qual Amalie estava e puxou freneticamente a maçaneta.

Thancke avançou a cambalear atrás dela. Um dos olhos estava inchado e completamente fechado. Ele rugiu e Line cambaleou para trás. Foram os dois aos tropeções até à cozinha e a luta continuou ali. Line agarrou-o pela cabeça, arranhando-lhe a cara e puxando-lhe o cabelo. Ele forçou-a a entrar na sala e empurrou-a contra a parede.

Ela esbracejou e conseguiu agarrar num diploma emoldurado, brandindo-o na direção dele e acertando-lhe com a moldura na cara. O vidro partiu-se e cortou-lhe a face. Um grande bocado de pele pendia-lhe agora da boca, estremecendo sempre que ele respirava.

Line recuou até à porta do terraço, debatendo-se com o puxador. Thancke agarrou numa cadeira de madeira, fê-la girar no ar e acertou-lhe com ela no corpo. Ela sentiu as costelas partirem-se. Ele levantou a cadeira para mais uma pancada, e desta feita com tanta força que uma das pernas da cadeira se partiu. Line caiu de joelhos. O sangue pingava no tapete à sua frente. Estava a ficar sem forças. Ele estava em vantagem e sabia-o.

Empurrando o tapete para o lado, ele abriu o alçapão. Line cerrou os dentes com grande esforço, lutando desesperadamente para encontrar forças. Se ele conseguisse levá-la lá para baixo, o mais provável era que não voltasse

a sair dali. Não viva, pelo menos. E nunca mais veria a filha.



As defensas raspavam contra a borda do cais quando o barco se aproximou. Wisting foi um dos primeiros a saltar para terra. Os agentes uniformizados espalharam-se enquanto avançavam em direção à cabana por todos os lados, de armas em punho. Wisting escolheu o percurso mais curto, com Hammer a seu lado.

Podiam ouvir ruídos vindos do interior, ruídos indistintos. Ruídos inquietantes.

Aproximaram-se da porta da frente e espreitaram pela janela lateral. O capacho no corredor estava enrugado e uma fotografia emoldurada jazia quebrada no chão. Manchas de sangue levavam ao interior da cabana.

Wisting tentou o puxador, mas a porta estava trancada.

Contornaram rapidamente a cabana até a um terraço com piscina exterior e deram com duas enormes janelas panorâmicas. Line estava de joelhos no chão da sala, com sangue na cara e nos cabelos. Thancke avançava direito a ela, prestes a agarrá-la de novo, quando parou e se virou para os encarar. Tinha um olho completamente fechado e a boca de esquelha. A sua expressão era de incredulidade.

Um agente uniformizado aproximou-se de Wisting e apontou a arma a Thancke.

Line levantou-se com dificuldade, sem se dar conta do que estava a acontecer lá fora. Tinha a perna de uma cadeira nas mãos e ergueu-a como se fosse um bastão. A pancada atingiu Thancke no lado do pescoço e fê-lo cair de joelhos. Wisting já chegara à porta, mas viu-se empurrado para o lado e impedido de avançar. Um polícia usou a coronha da sua metralhadora para partir o vidro e entraram num tropel. Empurraram Claes Thancke para o chão, arrastaram-no para o meio da sala e algemaram-no.

Wisting pegou na filha pelos braços, segurando-a e abraçando-a. Sentiu

que ela estava a tremer.

– A Amalie – sussurrou ela. – A Amalie está no quarto. – Ele afastou-a ligeiramente e fitou-a enquanto a ouvia: – Ele tem a chave no bolso – disse Line, apontando para Thancke.

Wisting largou-a.

– Espera – disse Line. – Eu vou buscá-la. Vocês têm de... a Maren... – Virou a cabeça e olhou para o alçapão aberto. – A Maren está ali em baixo – sussurrou.

– Viva? – quis saber Wisting.

– Penso que sim.

Ele gritou a chamar Hammer e desceu pela abertura no chão. Hammer apareceu com um dos agentes uniformizados.

– Ferramentas! – gritou Wisting, já ao lado da porta trancada. – Precisamos de ferramentas.

Hammer correu de volta e transmitiu a mensagem para a sala de estar. A sala acima deles ganhou vida, plena de atividade. Portas a abrir e a bater. Stiller desceu com o que tinham conseguido encontrar: um pé-de-cabra e um martelo. Wisting usou o primeiro e arrancou os ferrolhos da parede. Pedacos de reboco e de betão caíram no pavimento. As fixações da tranca afrouxaram e Hammer livrou-se dela enquanto Wisting abria a porta.

A sala era oblíqua e estava mal iluminada. As paredes e o teto tinham sido forrados com espuma de borracha e tresandavam a mofo e humidade. O feixe da lanterna empunhada por um dos agentes saltava de um lado para o outro, percorrendo o chão, a luz destacando algodão e poeira cinzenta.

Acotovelaram-se enquanto passavam pela porta. Quando dobraram uma esquina, encontraram-na deitada numa cama junto à parede. Nua. Tinha os braços levantados e abertos, acorrentados a cada uma das colunas da cabeceira da cama com duas algemas.

Os tornozelos estavam amarrados com cordas. Uma destas soltara-se, deixando um pé livre. Manchas de sangue revelavam o esforço que ela tinha feito para conseguir bater no cano que estava na parede.

Levantou a cabeça e semicerrou os olhos sob o brilho da lanterna. Um grande pedaço de fita plástica cobria-lhe a boca e dava-lhe duas voltas à cabeça. Os olhos rolaram para trás antes de se fecharem por completo.



A escuridão apoderava-se do nevoeiro denso e cinzento. Line estava no cais com um cobertor pelos ombros, os olhos postos na cabana. Maren Dokken e Claes Thancke ainda estavam lá dentro. Uma embarcação de resgate tinha sido chamada e a tripulação estava agora na cave, preparando-se para trazer Maren para fora.

Amalie adormecera entre a mãe e Wisting, na cama do quarto de hóspedes. Ele levava-a depois para bordo do barco de resgate e estava agora sentado com ela na casa do leme. Ficara resguardada de presenciar grande parte do ataque, mas Line teria de passar muito tempo a falar com a filha e a explicar-lhe o que tinha acontecido.

A porta da cabana abriu-se. Stiller apareceu e avançou direito a ela. Trazia o seu saco de equipamento fotográfico.

– Vão trazê-lo agora – disse ele, entregando-lhe o saco.

A princípio, Line não percebeu o que ele queria dizer.

– Eles vão trazê-lo agora – repetiu Stiller, apontando para a cabana. – O Claes Thancke. Eles querem-no fora daqui antes de trazerem a Maren.

Line pegou no saco e poisou-o no cais. A dor percorreu-lhe as costelas quando se baixou e tirou a câmara. Poliu a lente com uma ponta do cobertor, afixou o *flash* e avançou alguns metros pelo caminho antes de o ligar.

Quando a porta da cabana se voltou a abrir, Line verificou o ecrã e ajustou a focagem. Um agente saiu primeiro, seguido por Claes Thancke, com dois outros agentes logo atrás, que avançaram e o agarraram cada um por um braço assim que passaram a porta.

Thancke caminhava com a cabeça baixa. Arrastava os pés e tinha as mãos atrás das costas, algemadas. Aproximou-se, ficando sob a luz da câmara. Line estava a fazer um esforço para manter a câmara firme. Os agentes que o escoltavam recuaram um pouco e Thancke ergueu a cabeça. Tinha um penso

quadrado num olho. O corte profundo no lábio tinha sido fechado com pontos. Parte do sangue havia-lhe sido limpo do rosto, mas as roupas estavam manchadas de sangue e o cabelo apresentava-se emaranhado com resíduos secos da luta.

Ele passou por ela a uma distância de um metro, um olho fixando-a através da lente. O conjunto era tão escuro que Line não conseguia distinguir a transição entre a íris e a pupila, como se não pudesse conter ou refletir a luz. Então, ele virou a cabeça e foi levado para bordo do barco que o esperava.



– Estão a trazê-lo neste preciso momento.

Stiller concluiu uma conversa telefónica e apontou para a entrada do hotel. Wisting inclinou-se para a frente entre os bancos dianteiros enquanto Line pegava na câmara e saía do carro.

Passaram-se alguns minutos e, então, as portas abriram-se. O investigador dos Assuntos Internos saiu, escoltado por dois polícias à paisana do grupo de Casos Arquivados de Stiller, na Kripos.

Line avançou ainda mais.

Ele não tinha sido algemado, mas as fotografias não deixariam dúvidas sobre a situação. Terje Nordbo foi conduzido a um carro com vidros escuros que o aguardava. Os dois polícias seguravam-no bem por cada um dos braços. Um deles abriu a porta de trás e ergueu a mão para proteger a cabeça de Nordbo enquanto este entrava. Ao ver Line, ele parou por um instante, curvado sobre si mesmo, antes de elevar um braço à frente da cara e virar costas à câmara.

Wisting considerava que a reação estava a ser excessivamente dramática e que uma detenção era desnecessária.

– Trata-se de muito mais do que uma fuga – disse-lhe Stiller. – Não estamos a falar apenas de uma quebra de confidencialidade. Ele induziu os seus superiores em erro para apoiar uma falsa acusação contra ti e contribuiu ativamente para uma precipitada condenação tua na imprensa.

Wisting estava sentado com a prova fotográfica no colo. Eram capturas de ecrã dos noticiários da TV2. Várias das imagens eram dele e tinham sido usadas em artigos que criticavam a operação policial aquando da fuga de Tom Kerr, afirmando que Wisting estava a ser investigado e tinha sido afastado do caso.

Stiller distribuía quatro cópias do vídeo de Line com a visita de Kerr ao

local. Uma para os seus oficiais superiores da Kripos, uma para a chefe de polícia Agnes Kiil e seus colegas, e outra para Wisting e respetivo grupo de investigação. Além disso, tinha feito uma cópia a pedido dos Assuntos Internos. Cada cópia havia sido marcada. Ele tivera o cuidado de inserir uma marca d'água quase invisível em cada filme. Na orla da fotografia, Wisting conseguia distinguir os contornos das letras AI – Assuntos Internos. As gravações exibidas na TV2 só podiam ter vindo de uma fonte, de um homem.

As portas do carro da polícia sem identificação foram fechadas. Um dos investigadores estava sentado atrás com o detido. O outro ocupava o lugar do condutor.

– O caso contra ti vai ser arquivado ainda hoje – disse Stiller. – Vou certificar-me de que a TV2 o dá a saber e com mais do que uma pequena referência.

Wisting assentiu. O resultado da investigação interna nunca o preocupara. Não era a primeira vez que aquilo acontecia, embora, desta feita, tivesse sido diferente. Ele havia de continuar a acreditar que a viagem com Tom Kerr poderia ter sido conduzida de outra forma. Os preparativos poderiam ter sido mais meticulosos e a operação em si menos arriscada. A fuga e o que acontecera depois poderiam ter sido completamente evitados. Ao mesmo tempo, não teriam obtido as respostas que agora tinham. O Outro ainda estaria algures, ainda à solta.



Havia neve no ar. Os flocos delgados derretiam-se ao tocar no chão, mas a geada não se fez esperar.

Wisting tinha as lapelas do casaco levantadas. A busca estava a ser liderada por Maren Dokken. Haviam-se passado três meses e ela estava de volta ao serviço. As lesões nos ombros sofridas aquando da explosão da granada nunca haviam de sarar por completo. Ela nunca mais poderia regressar à secção de patrulha, mas tinha sido destacada para o departamento de investigação criminal. O seu corpo também sofrera outros danos, mas o trauma mental tinha sido o mais sério.

Chegou um carro. Entrou pela erva seca do prado estival, deu meia-volta e imobilizou-se. Adrian Stiller saiu, juntamente com Idar Semmelmann. Depois de um aceno de cabeça a Wisting e Hammer, postaram-se ao lado deles, ao abrigo da velha serração.

Três polícias estavam a postos com pás. Também tinham estado presentes no dia da fuga de Tom Kerr. Line começou a filmar quando eles lançaram mãos à obra, atacando o monte de serradura velha e cinzenta. Espen Mortensen equipara-se com um fato-macaco branco e mantinha-se a alguma distância, pronto para assumir o comando caso alguma descoberta de monta fosse feita.

Nils Hammer introduziu uma saqueta de rapé sob o lábio.

– Os cães de cadáveres deviam ter dado com o cheiro quando estivemos aqui com eles em setembro – disse.

Wisting não tinha assim tanta certeza. Já se haviam passado vários anos desde o desaparecimento de Taran Norum.

– O caso Gjervan – comentou Stiller.

Quase vinte anos antes. Um lavrador tinha violado e matado uma jovem cocheira. O cadáver havia finalmente sido encontrado num bidão cheio de

aparas de madeira. Os cães não tinham reagido porque a serradura isolara o cheiro.

– O Claes Thancke era advogado dele – acrescentou Stiller. – Deve ter tirado a ideia daí.

– E o Tom Kerr estava familiarizado com esta área – acrescentou Semmelmann. – Quase metade das cabanas de verão que aqui existem tem uma banheira de hidromassagem ou piscina.

A camada superior foi removida. Por baixo, a serradura tinha-se transformado em composto – escuro, granuloso e húmido.

Os trabalhos de escavação avançaram rapidamente. Não havia pedras, raízes nem quaisquer outros entraves. Quando chegaram a meio metro de profundidade, Maren Dokken ordenou uma paragem. Wisting aproximou-se, juntamente com os outros. Um pedaço de plástico preto projetava-se da terra.

Mortensen avançou com a sua câmara.

– Ele não devia ter usado plástico – comentou.

– Mas é prático para o transporte – observou Hammer.

Maren pegou ela própria numa das pás e retirou mais um pouco de terra. Localizou o nó numa das extremidades do saco e levantou-o após a aprovação de Mortensen.

Um oleado branco havia sido aberto entretanto e Maren Dokken depositou nele o saco de plástico. Mortensen entregou-lhe um x-ato. Usando-o cuidadosamente para cortar um círculo abaixo do nó, ela criou uma abertura.

Caíram alguns ossos pequenos, seguidos de outros, maiores. Maren alinhou-os na folha de oleado, retirou mais algumas partes do esqueleto e também as poisou de tal modo que, no seu conjunto, deram forma a um braço, antebraço, mão e dedos.

Um cão ladrou algures nas proximidades. Maren Dokken levantou-se e olhou de relance, mas diretamente, para a lente da câmara de Line. Então, o seu olhar encontrou Wisting e os cantos da boca elevaram-se um pouco. Não era um sorriso, mas uma expressão de satisfação. Ele conseguiu retribuir-lhe o olhar antes que ela pegasse na pá e continuasse.

Ela ia ficar bem, pensou. Estava marcada para o resto da vida, mas seria capaz de dar a volta. Tinha uma vontade forte e haveria de sair-se bem na vida. Wisting olhou para os outros investigadores – Hammer, Stiller, Mortensen e Semmelmann. Precisavam de gente como ela. Ainda havia mais outros à solta. Uns quantos.

Table of Contents

1.	Capa
2.	Ficha Técnica
3.	1
4.	2
5.	3
6.	4
7.	5
8.	6
9.	7
10.	8
11.	9
12.	10
13.	11
14.	12
15.	13
16.	14
17.	15
18.	16
19.	17
20.	18
21.	19
22.	20
23.	21
24.	22
25.	23
26.	24
27.	25
28.	26
29.	27
30.	28
31.	29
32.	30
33.	31
34.	32
35.	33
36.	34
37.	35
38.	36
39.	37

40. [38](#)
41. [39](#)
42. [40](#)
43. [41](#)
44. [42](#)
45. [43](#)
46. [44](#)
47. [45](#)
48. [46](#)
49. [47](#)
50. [48](#)
51. [49](#)
52. [50](#)
53. [51](#)
54. [52](#)
55. [53](#)
56. [54](#)
57. [55](#)
58. [56](#)
59. [57](#)
60. [58](#)
61. [59](#)
62. [60](#)
63. [61](#)
64. [62](#)
65. [63](#)
66. [64](#)
67. [65](#)
68. [66](#)
69. [67](#)
70. [68](#)
71. [69](#)
72. [70](#)
73. [71](#)
74. [72](#)
75. [73](#)
76. [74](#)
77. [75](#)
78. [76](#)
79. [77](#)
80. [78](#)
81. [79](#)
82. [80](#)
83. [81](#)

84. [82](#)

85. [83](#)

86. [84](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Table of Contents](#)